EDUARDO HENRIK AUBERT

Virgílio

Eneida

Tradução, introdução e anotações de
Carlos Ascenso André

Livros Cotovia

Título: *Eneida*
Autor: Virgílio
Tradutor: Carlos Ascenso André
Paginação: Gráfica 99
Revisão: Livros Cotovia
Capa e sobrecapa: Silva! designers

© Livros Cotovia e Carlos Ascenso André, Lisboa, 2020

Todos os direitos reservados.

ISBN 978-972-795-398-1

À memória de
Walter de Medeiros

Índice

Introdução 11
Bibliografia 33

ENEIDA
Livro I 39
Livro II 71
Livro III 103
Livro IV 133
Livro V 161
Livro VI 195
Livro VII 231
Livro VIII 263
Livro IX 291
Livro X 323
Livro XI 359
Livro XII 395

Introdução

No momento em que se abalançou à escrita da *Eneida*, a epopeia de Roma, depois de ter composto, por esta ordem, as *Bucólicas* e as *Geórgicas*, ambas de registo bem diferente, Virgílio (70 a.C.-19 a.C.) assumiu, deliberadamente ou não, um enorme risco: o de incorrer em incoerência, ao compor uma obra que os seus princípios, de alguma forma, rejeitavam.

Expliquemo-nos: Virgílio era um epicurista; essa foi a doutrina a que aderiu com mais acentuado empenho, em especial depois de ter frequentado, em Nápoles, a escola filosófica de Siro, seguidor de Epicuro. Ora, os epicuristas enjeitavam a participação na vida pública, eram avessos a lutas de poder, preferiam o sossego, o recato, o alheamento, tudo quanto se traduzia no seu ideal de felicidade que o conceito de *ataraxia* espelhava.

Acontece que uma epopeia era justamente o oposto de tudo isso. Mais ainda, a epopeia de Roma, desenhada como a desenhou, ou seja, um canto tendente à glorificação de Augusto, através da sua identificação com o passado mítico, a apologia do regime que ele edificou, o Império, e bem assim de tudo quanto significava, das guerras travadas para o alcançar, das intrigas, as urdidas e as vencidas e as fracassadas, tudo isso podia representar uma renúncia a tais princípios do alheamento epicurista. Ou, pelo menos, deixava o poeta num perigoso percurso semeado de contradições.

A grandeza da *Eneida* resulta, em grande parte, dessa sua natureza de canto que quase parecia assumido a contragosto: generais que triunfam, mas que não saem endeusados, um herói que rejeita o seu papel, um anti-herói que parece ter a simpatia do narrador.

Comecemos pelo desígnio inicial: a epopeia de Roma, escrita na Roma do tempo de Virgílio, era, teria de ser, a epopeia de uma estirpe e uma pessoa: a *gens* de César e, no cume, Octávio, ao tempo do poeta já entronizado no trono imperial, com o nome de Augusto.

O plano era claro: enraizar a origem de Augusto no passado mítico de Roma, por forma a atribuir-lhe a divindade, o passo que lhe faltava para a apoteose total. Herdeiro de Júlio César, o qual ia buscar a sua raiz a Ascânio, antes Iulo, o filho do troiano Eneias, um dos muitos que lograram escapar de Tróia e sobreviver à destruição da cidade.

Mas, ao mesmo tempo e por esta mesma via, filiar Roma, ela mesma, em Tróia, assim fazendo renascer a velha e mítica cidade destruída pelos Gregos e, dessa forma, atribuindo a essa mesma Roma a grandeza imperial que legitimamente lhe cabia, por direito de pertença histórica, e de que os Gregos a haviam desapossado pela força.

Tudo isso era grandioso e merecedor de um canto épico, em sentido técnico e no sentido que a linguagem comum atribui à palavra.

Mas Virgílio, repita-se, era discípulo da filosofia de Epicuro e, para mais, era um homem de feição intimista, mais dado a olhar o ser humano nas indagações e angústias do seu quotidiano e nas sombras que o povoam, do que a pensar as linhas mestras com que se tecia ou devia tecer a história universal. Não prescindiu de deixar as marcas dessa sua personalidade no seu canto das grandezas da cidade e de quem a governava e de quem lha legara por herança e de quantos a fizeram, assim, imensa e poderosa. Foi dessa forma que semeou o seu poema daquilo a que a crítica chamará contradições, mas que fez desse poema uma epopeia única, por ser, em si mesma, a epopeia de Roma e, com o risco de isso parecer contraditório ou, mesmo, inalcançável,

a epopeia da condição humana, tão luminosa quanto sombria, tão alicerçada no passado mítico e, ao mesmo tempo, no futuro, o acontecido e o por acontecer, quanto perpassada de um pessimismo teimoso e quase militante.

E foi igualmente assim que o poeta desenhou um Eneias que, sem deixar de ser divino, que era, por filiação, nascido que fora de Vénus, a deusa do amor, era também humano, por ter sido gerado por Anquises, um mortal. Um humano que sentia como humano e que — esse é o toque de mestria do poeta — se queria a si mesmo como humano.

É por isso que o primeiro quadro do poema onde Eneias surge, logo após a abertura, nos mostra um herói desesperado, em lágrimas (um herói em lágrimas não é, manifestamente, um exemplo épico, muito menos na primeira aparição), vencido por uma tempestade no mar, a desejar, antes, ter morrido em Tróia, bem mais do que ter de padecer todas as agruras de uma viagem errante que parece não ter fim.

Como é também por isso que lhe coloca no caminho Cartago e Dido e, com Dido, o amor. E que o faz ali permanecer, por vontade própria e sem contrariedade, mais propenso ao aconchego da rainha tíria do que a ter de fazer-se, de novo, ao mar, enfrentar a viagem e rumar ao seu destino em Itália, ainda que soubesse, por revelação repetida, ser esse destino grandioso. Porque preferia mil vezes o sossego de uma pátria de muralhas já erguidas, por mais modesta que fosse, do que aquela, com as fronteiras do mundo, que os fados lhe destinavam. E só viria a partir de Cartago, a contragosto, porque a ordem imperiosa e inapelável do pai e senhor dos deuses, Júpiter, por interposto mensageiro, Mercúrio, assim lho determina, sem margem para a deserção.

Desertou, isso sim, do amor. Um amor condenado à partida, valha a verdade, já que Dido, a rainha e amante, se apaixonara por um Eneias do passado que ele tinha que matar, antes de construir o futuro; o passado de Tróia já morta, o passado de viagem. Esse Eneias tinha que

morrer, para dar lugar ao Romano, que virá a ser anunciado na passagem pelos Infernos. Esse era, por isso mesmo, repita-se, um amor condenado. Além de que o amor, para os epicuristas, não era sinal de sabedoria e em circunstância alguma poderia ser aceite e praticado como rumo avisado para a felicidade. Rejeitá-lo, ainda que por imposição dos deuses, seria sempre — e foi — a melhor solução.

Pelo caminho ficava, pois, Dido, num abandono dificilmente justificável; para mais, um abandono que não era, assumidamente, de vontade — «foi contra a vontade, ó Rainha, que deixei as tuas praias». E ficava o germe da maldição de Cartago e, por esse motivo, a semente daquela que viria a ser, no futuro, uma das maiores ameaças que Roma veio a enfrentar ao longo da sua história — as Guerras Púnicas.

Um percurso de errância, primeiro, um percurso de guerras, depois. Aí, Eneias será, uma vez mais, humano, no bom e no mau sentido da palavra. Humano nos afectos, nas emoções, nas lágrimas — e, como tal, pouco heróico, de acordo com o paradigma homérico. Humano no lado negro ou, pelo menos, sombrio, das mesmas emoções, a fúria, a crueldade, a raiva incontida, o desvario, a irracionalidade, filha do ódio.

Mas Eneias é Augusto; ou, por outra, Augusto era Eneias. E Augusto, no seu percurso para o poder supremo, foi fértil nesses actos de crueldade, implacável para com os adversários, determinado, até alcançar o momento da vitória e o poder supremo. Os caminhos de um e de outro, de Eneias, como de Augusto — ou de Augusto, como de Eneias — ficaram atapetados de cadáveres.

Mesmo no momento derradeiro, Eneias não logrou escapar às suas fragilidades humanas, quando, sem que nada o justificasse, matou, implacável, apenas por a fúria lhe toldar o espírito, o seu adversário, prostrado diante dele, impotente e desarmado e a estender as mãos suplicantes, no jeito inequívoco de quem assume a derrota e, só por isso, mereceria clemência. Ao invés da clemência, o herói desferiu

o golpe final, inútil e bárbaro, que nada justificava, a não ser isso mesmo — a raiva.

Esse o gesto que sempre encheu de perplexidade os leitores de Virgílio, ao longo dos séculos.

O gesto, afinal, de um herói de origem divina e rosto e coração humanos, forte e corajoso, quando necessário, embora de uma valia, não raro, irracional, com a grandeza dos heróis antigos, mas com as fragilidades de um ser humano, igual a tantos outros.

Eneias ficou conhecido como *pius Aeneas*; este epíteto, *pius*, é, aliás, o mais recorrentemente utilizado pelo narrador quando se lhe refere. Mas esta é mais uma, entre tantas, das contradições virgilianas. Porque Eneias é *pius* nos momentos de veneração aos deuses ou de manifestação de uma exemplar piedade filial em relação a Anquises, é *pius*, ainda, em algumas ocasiões em que revela uma alma magnânima e sabe perdoar, mas também lhe é atribuído o epíteto de *pius* quando comete actos de tremenda barbaridade ou crueldade. O que levou um reputadíssimo virgilianista a declarar em entrevista, há muitos anos, que *il pio Enea non era pio* («o piedoso Eneias não era piedoso»)[1].

Não foi de uma leitura deste tipo, decerto, mas podia ter sido de alguma intuição semelhante, que nasceu uma das várias lendas ligadas à biografia de Virgílio:

O poeta, um perfeccionista assumido, viajou, já depois de composta a *Eneida*, para a Tróade, com vista a visitar os lugares onde aconteceram passos importantes da acção narrada no poema e, dessa forma, nele introduzir melhorias e conseguir um relato o mais realista possível. Não logrou concluir a viagem; a sua compleição frágil, como é próprio dos poetas intimistas, não resistiu e morreu em Brindisi, em

[1] M. J. PUTNAM, em entrevista ao *Corriere della Serra*, 25/09/1981.

19 a.C., com 51 anos, antes de levar a cabo o seu projecto. Deixara instruções — conta-se — para que o seu poema fosse destruído. Porque o seu perfeccionismo lhe dizia que não estava concluído e, portanto, que não podia ser preservado? Por causa do pessimismo que é tão intenso ao longo da obra? Por ter encerrado o poema com aquele gesto final de Eneias, absurdo, bárbaro, cruel, quase assassino? Pelas contradições que perpassam ao longo dos doze livros? Pelo excesso de sombras? Jamais o saberemos. Temos, apenas, o que diz a lenda — que deixou ordens para que a *Eneida* fosse entregue às chamas.

Não o permitiu Augusto, não o consentiram os que lhe eram próximos. E ainda bem. Porque isso possibilitou que nos chegasse uma das obras primas da literatura ocidental, que faz da fragilidade a sua grandeza, das contradições a sua beleza, do enlace entre luz e sombras, entre optimismo e pessimismo, a semente da sua perenidade.

O desafio neotérico

Com outras dificuldades, porventura de menor monta, se deparava Virgílio. Uma delas tinha a ver com a sua simpatia pelos poetas *neóteroi*, uma tendência da poesia latina, na peugada dos poetas alexandrinos, que advogava a simplicidade e a concisão.

O modelo que ao poeta se impunha era, como é bom de ver, o modelo homérico. Ora, a *Ilíada* e a *Odisseia* têm, cada um desses poemas, vinte e quatro livros (ou cantos, na terminologia posterior), num total de quarenta e oito. A *Ilíada*, o poema da guerra de Tróia, todo ele vivido no teatro de operações, como hoje se diz, entre batalhas sangrentas, derrotas e vitórias; a *Odisseia*, poema de viagem e errância, narrativa do longo percurso de Ulisses, um dos reis da coligação grega, depois de terminada, vitoriosamente, a guerra e no seu regresso à tão desejada Ítaca, sua pátria.

Acontece que a *Eneida* reúne ambas essas características: é um poema de viagem e errância, de Eneias, um sobrevivente da mesma guerra de Tróia, mas, neste caso, do lado, não dos vencedores, mas dos derrotados, um troiano, rumo à pátria do futuro, que lhe estava predestinada pelos fados, em Itália; e, também, um poema de guerra e batalhas, de mortes e, não raro, de massacres, os combates travados por Eneias contra os povos do Lácio, até ao triunfo que lhe permitiria vir a estabelecer ali a sua morada e cumprir o destino que lhe estava reservado e do qual haveria, um dia, de nascer Roma.

Virgílio, fiel ao espírito de concisão neotérico, «arrumou» ambas as dimensões dos dois poemas homéricos nas duas metades do seu poema, num total de doze livros, seis em cada uma delas. Daí chamar-se, habitualmente, à primeira metade do poema, os primeiros seis livros, a *Eneida* odisseica, e à segunda metade, os últimos seis livros, a *Eneida* iliádica. O facto é que isso resultou na redução para um quarto da dimensão do conjunto dos textos homéricos; uma opção de concisão, bem ao jeito dos poetas neotéricos, habilmente concretizada e que não deixa de surpreender.

Essa concisão, entretanto, permitiu tornar mais rico, vivo e dinâmico o poema e, em resultado disso, também mais denso e mais sentido na expressão das suas emoções, por via de regra extremas.

As personagens

No entrecruzar de deuses, heróis e humanos, o poema é rico e variado. Nem cabe nesta breve introdução abordar a longa lista de personagens, onde sobressaem, desde logo, Eneias, Turno, Camila e Dido, mas também Latino, Amata, Anquises, Ascânio, Lavínio, personagem central, mas a quem se não ouve uma única palavra, e outras, menores, se é que esta designação «menores» aqui pode usar-se,

Drances, Palinuro, Ana, Acates, Heleno, Palante, Lauso, Laocoonte, Sinão, num sem fim de figuras e actantes, cada um com um lugar preciso na urdidura narrativa, cada um a acrescentar um traço mais, nunca redundante, à densidade da história.

E, ainda, as divindades, todas elas com papel determinante. Juno e Vénus, acima de tudo, antagonistas do primeiro ao último momento: Juno contra o projecto de Eneias (chamemos-lhe assim), por ser a herança de Tróia, ou seja, da raça que a ofendera, na figura de Páris, o príncipe troiano que menosprezara a sua beleza e dera o troféu a Vénus, assim originando, como se sabe, a guerra de Tróia; e Vénus, defensora persistente e incansável de Eneias, seu filho, do seu futuro e do seu projecto. Uma e outra protagonizam episódios de violento conflito, mas também outros de pouca elevação, se assim pode dizer-se, reveladores de como os deuses manipulam os humanos a seu bel prazer, na prossecução dos seus interesses «privados».

Júpiter, além das duas antagonistas, pai e senhor dos deuses, árbitro dos conflitos e gestor do destino, garante do equilíbrio do «sistema», para usar uma expressão muito actual e bem pertinente.

E, ainda, outras divindades, umas menores, outras nem tanto, não menos actuantes, como Éolo, Neptuno, Mercúrio e Alecto, Íris, Juturna.

Todos eles e todas elas evoluem num encadear narrativo que pode sintetizar-se em não muitas palavras.

A acção

Eneias, um troiano que escapara da guerra de Tróia, devido ao apoio divino, viaja rumo a Itália, onde os fados lhe predestinaram fundar uma nova cidade, que seria berço de uma raça grandiosa e de um império sem fim.

Colhido por uma tempestade quando está prestes a atingir costas de Itália, é, com sua frota, lançado pela fúria dos vendavais para o outro lado do Mediterrâneo e aporta a Cartago, onde reina a rainha Dido, princesa líbia que fugira de seu país, temerosa da ameaça de seu irmão, que lhe matara o marido.

É a Dido que narra, num banquete, as vicissitudes da sua história: a noite troiana, ou seja, a queda de Tróia, com alguns dos episódios narrados também por Homero (o cavalo de madeira, por exemplo), os combates travados, a morte de Príamo, a perda de Creúsa, sua esposa, a partida com seu pai, Anquises, e seu filho, Ascânio, e um largo número de sobreviventes, numa frota por ele comandada. E também as peripécias da viagem, com a passagem pela ilha dos Ciclopes, por Delos, por Butroto, por vários outros lugares, sucessivamente confundidos com a pátria a que estava destinado, numa sucessão de ilusões.

Em Cartago vive, depois, uma história de amor com a rainha Dido, o que o leva à suspensão da viagem e do projecto, até que Júpiter intervém e lhe ordena, peremptoriamente, a partida. Em resultado dessa decisão, Dido tudo faz para o convencer a ficar, mas em vão; perante a recusa de Eneias, amaldiçoa-o e suicida-se na fogueira, com uma espada por ele oferecida.

A frota ruma, de novo, a Itália. Tem uma paragem na Sicília, onde, um ano antes, isto é, antes de Cartago, morrera Anquises; aí são celebrados jogos fúnebres em honra do pai de Eneias.

Já a chegar ao destino, param em Cumas, para Eneias consultar a Sibila e descer aos Infernos, onde, guiado por Anquises, seu pai, que ali reencontra, lhe será dado a conhecer o futuro: os seus descendentes, almas que aguardam o tempo de regressar ao mundo dos vivos, entre eles Augusto; e também para lhe serem revelados alguns dos notáveis feitos da raça que dele virá a descender e de Roma, a cidade que esses descendentes hão-de fundar.

Toda a segunda metade do poema se passa em Itália, na foz do Tibre. Aí reinava o rei Latino, cuja filha, Lavínia, estava predestinada, segundo a leitura dos oráculos, a desposar um príncipe estrangeiro. Esse príncipe seria Eneias, obviamente; essa foi a interpretação do rei, ante a chegada do herói sobrevivente de Tróia.

Tal decisão, no entanto, enfrentou a oposição de Turno, rei dos Rútulos, povo vizinho, que de há muito ambicionava a mão da princesa, no que tinha o apoio da mãe dela, a rainha Amata.

Foi obra de um instante até se terem desencadeado as hostilidades, em parte por acção de Juno, através de uma das Fúrias, Alecto, a cuja intervenção a rainha dos deuses apelou.

Livro a livro se sucedem os combates, com vitórias e derrotas de parte a parte, com a balança, ora a pender para um lado, ora para o outro, com Eneias e Turno, alternadamente, a rivalizarem em proezas, a fazerem massacres e carnificinas, a consumarem atrocidades de toda a ordem ou a alcançarem vitórias em combates singulares, sempre sem nunca se encontrarem frente a frente, que Juno, mais do que Vénus, tudo ia fazendo para os furtar a esse encontro, que se sabia ser derradeiro.

Pelo meio, vão-se alinhando partidários de um e outro lado, e estabelecem-se alianças, a mais significativa das quais a que se firmou entre Eneias e Evandro, o rei árcade dos Etruscos, um grego, portanto, com toda a simbologia que tal aliança carrega, reforçada pela recusa de um outro grego, Diomedes, em posicionar-se do lado de Turno.

Sucedem-se, igualmente, episódios mais marcantes:

A morte de Palante, o filho do rei Evandro, que, por ser ele de idade avançada, enviara em seu lugar a acompanhar Eneias na guerra, morto por Turno em combate; episódio determinante no desenlace final e responsável, já antes, por uma das mais irracionais atitudes de fúria da parte de Eneias.

As mortes de Lauso e Mezêncio, filho e pai, respectivamente, às mãos de Eneias, contraponto, a primeira, da morte de Palante.

As façanhas de Camila, uma amazona, rainha dos Volscos e aliada de Turno, autora de proezas sem conta e de considerável massacre no campo troiano, até sucumbir a uma flecha disparada por um atirador furtivo.

O suicídio de Amata, a rainha esposa de Latino, já no livro final, acaba por ser a perda, por parte de Turno, da última aliada que ainda lhe restava dentro do palácio.

Até que, finalmente, a contenda se decide em duelo singular entre Turno e Eneias. Duelo desigual, diga-se, pois de há muito se vinha percebendo que Turno perdera todos os apoios e estava condenado à derrota.

E acontece, no momento derradeiro, o triunfo de Eneias, há muito esperado, e a morte de Turno. Ferido, prostrado, indefeso, impotente, ainda suplicou clemência, depois de se declarar vencido e implorar o fim do ódio, de mãos estendidas, em sinal de derrota e súplica. Mas Eneias, lembrado de Palante morto por Turno — e cujo boldrié, despojo de guerra que Turno envergava naquele duelo, trazia cruamente à sua lembrança — não perdoou e, toldado pela raiva, ao pedido de clemência respondeu com a espada, que enterrou, implacável, no peito do adversário. «E a vida, com um gemido, se esvai, revoltada, para o mundo das sombras» — é o último verso do poema.

Breve relance, livro a livro

Livro I

Início *in medias res* — em meio da acção —, como é de norma nas epopeias clássicas.

Em viagem para Itália, a frota de Eneias é surpreendida por uma tempestade. Eneias cai em desespero e declara preferir ter morrido em Tróia.

Vénus intervém junto de Júpiter, que lhe confirma o que os fados reservam a Eneias — a fundação de uma nova cidade, semente de um grande império.

Por acção de Neptuno, a armada acaba por aportar a Cartago. Resguardado numa gruta, Eneias contempla as paredes, decoradas com pinturas de cenas que evocam a guerra de Tróia e comove-se.

Surge a rainha de Cartago, Dido, que acolhe Eneias e os marinheiros e organiza um banquete em sua recepção.

Vénus faz substituir, no banquete, Ascânio, filho de Eneias, por Cupido, o qual fere com suas flechas a rainha e gera nela a paixão por Eneias.

Livro II

Tem lugar o banquete em honra de Eneias.

O herói narra a queda de Tróia: o cavalo, a noite troiana e a ruína de Tróia.

Evoca os vários sinais que o levaram a partir: a derrocada da cidade, o aparecimento de Heitor que a declara perdida, o conselho do sacerdote Panto, prodígios que envolvem Ascânio.

Prepara-se a partida. No caminho da fuga, acontece a perda de Creúsa, esposa de Eneias.

Livro III

Tem início a viagem, rumo ao destino indicado pelos oráculos.

Passam por Butroto, pela Trácia, por Delos, pelas Estrófades, com sucessivos oráculos deficientemente interpretados e a consequente frustração do engano, em cada destino aonde aportam e que vêm a verificar não ser a meta que procuram e que os fados determinam.

Finalmente, rumam até Drépano, na Sicília, já próximo de Itália: o Etna, Polifemo e a ilha dos Ciclopes.

É aí que morre Anquises, o pai do herói.

Livro IV

Eneias permanece em Cartago, afeiçoado à tranquilidade daquela paragem e à rainha que lha proporciona, até que tem lugar uma tragédia de amor.

Dido alimenta uma paixão por Eneias, favorecida por Vénus e Juno. Unem-se, fisicamente, numa gruta, em ambiente furtivo e sinistro. Eneias parece suspender a viagem e o projecto de futuro.

Júpiter envia a terra Mercúrio, para ordenar ao herói que parta. Prepara-se a partida, às escondidas.

Dido reage com fúria e despeito, ante a iminência da partida. Perante a decisão inabalável de Eneias, ameaça-o e suicida-se, enquanto a armada se faz ao mar.

Livro V

Regressam, de novo, à Sicília, onde a armada aporta, após Cartago, um ano volvido sobre a morte de Anquises.

Celebram-se jogos fúnebres em honra de Anquises.

Por influência de Juno, as mulheres troianas deitam fogo aos navios; a custo a maior parte consegue preservar-se. Uma vez mais a armada se faz ao mar, agora perto de Itália e deixando na Sicília uma parte dos passageiros; quase à beira do destino, com a meta à vista, morre o piloto Palinuro.

Livro VI

Conforme lhe fora indicado, Eneias deve descer aos Infernos.

A armada aporta a Cumas, onde fica a gruta da Sibila. O objectivo é a descida do herói ao mundo dos mortos, onde deverá reencontrar Anquises.

São impostas condições para a descida.

Gradualmente, Eneias encontra-se com os fantasmas do além, com a sombra de Palinuro, com Dido, que estanciava no «campo das lágrimas», lugar dos que morreram por amor (mas não consegue que ela lhe dirija a palavra), com Deífobo, guerreiro morto em Tróia. Ou seja, vê o seu passado, na ordem inversa.

Depois de homenagear Prosérpina, chega aos Campos Elísios, onde estão os bem aventurados, e encontra-se com Anquises, que lhe mostra e desvenda a parada dos futuros heróis romanos que aguardam o tempo de nascer.

Sai, depois, pela porta do Sono.

Livro VII

É a segunda metade da *Eneida*, anunciada como *opus maius* — «obra mais grandiosa».

Desembarcados em Itália, os Troianos são acolhidos pelos latinos e celebram com o rei Latino uma aliança, que envolve a mão da princesa Lavínia, destinada a desposar um estrangeiro.

Por acção de Juno, com recurso à Fúria Alecto, é desencadeada a guerra, liderada, do lado latino, por Turno, que ambicionava a mão de Lavínia.

É feito o catálogo dos guerreiros itálicos, uma verdadeira coligação local.

Livro VIII

O deus do Tibre aparece a Eneias e recomenda-lhe que busque uma aliança com Evandro, rei dos Árcades.

Eneias assim faz e parte para Palanteu. Obtém de Evandro a aliança, selada com a participação de Palante, seu filho, no exército.

A pedido de Vénus, que deita mão das armas da sua sensualidade, Vulcano forja armas especiais para Eneias. No escudo estão gravadas cenas da história de Roma, com o centro ocupado por Augusto e pela batalha de Áccio.

Livro IX

No Lácio, os Latinos, com os Rútulos (povo de Turno), cercam o campo troiano, que a custo se defende.

Turno ameaça incendiar os navios, mas a deusa mãe, Berecíntia, metamorfoseia-os em ninfas, que se fazem ao mar e escapam ao fogo.

Niso e Eurílalo assumem a missão de ir avisar Eneias do cerco; saem do campo a coberto da noite e fazem tremenda chacina nas hostes inimigas, adormecidas. São capturados e mortos.

O campo troiano é assaltado de novo; Turno penetra nas muralhas e faz um massacre; foge, antes de ser encurralado.

Livro X

Júpiter convoca o concílio dos deuses e anuncia a sua decisão, ante o conflito insanável entre Vénus e Juno: os fados hão-de encontrar o seu caminho.

Eneias, entretanto, regressa, depois de ter sido avisado pelas Ninfas (barcos) e desembarca. Tem lugar uma batalha diante do campo troiano, com sucesso alternado, ora de Eneias, ora de Turno.

Turno mata Palante, e Eneias, tomado pelo desvario, desencadeia um massacre. Juno suplica a Júpiter que poupe Turno e obtém dele permissão para o afastar para longe do campo de batalha. Eneias mata Lauso e, depois, o pai deste, Mezêncio.

Livro XI

São acordadas tréguas para enterrar os mortos e prestar-lhes a devida homenagem.

Organizam-se os funerais, entre eles o de Palante, levado para Palanteu. Desespero de Evandro.

No campo latino, tem lugar um conselho de guerra, onde fica a saber-se que Diomedes, cuja aliança e reforços lhe haviam sido pedidos, recusa participar na contenda.

Drances e Turno têm um confronto verbal violentíssimo.

Eneias ataca a cidade. Turno tenta uma cilada, mas sem sucesso.

Camila, uma amazona, rainha dos Volscos, faz tremenda chacina no campo troiano, mas é morta por uma seta disparada por atirador furtivo, quase anónimo, o qual cai, logo a seguir, à mãos de Ópis, ninfa enviada por Diana, por vingança.

Livro XII

Firma-se novo acordo entre troianos e latinos, acordo que logo é, uma vez mais, rompido.

Turno, Latino, Amata e Lavínia encontram-se pela última vez: o ambiente é de tensão.

São feitos os preparativos para o duelo. Juno tem nova intervenção, por mão de Juturna, deusa irmã de Turno. Eneias é ferido.

Aproveitando o afastamento de Eneias, Turno volta a fazer uma chacina entre os Troianos.

Mas Eneias é alvo de cura miraculosa, por intervenção de Vénus, e apronta-se para regressar ao combate.

Turno é levado para longe por Juturna. Amata, supondo Turno morto, suicida-se.

Turno regressa e tem lugar o duelo final entre os dois heróis. Júpiter ordena a Juno que se afaste da contenda. A deusa impõe condições: que vença Eneias, sim, que nasça Roma e uma nova raça; mas que seja uma nova cidade, não uma nova Tróia; esta terá de morrer em definitivo. Júpiter concede.

Eneias fere Turno, que fica prostrado, indefeso, impotente, e estende as mãos, suplicante, a declarar-se vencido e a pedir clemência — «não leves mais longe o teu ódio». Momento de suspensão, em que cabem todos os desfechos. Mas Eneias, ao avistar o boldrié de Palante, que Turno ostentava como adorno de guerra, fica toldado pela fúria e mergulha a espada no peito do adversário.

«E a vida, com um gemido, se esvai, revoltada, para o mundo das sombras.»

A tradução

Mal vai o tradutor, mormente se tradutor literário, como é o caso, se não assume convictamente o frustrante princípio que a máxima italiana tão bem exprime — *traduttore... traditore.* O tradutor é um traidor. Vale para toda a tradução literária, vale com bem maior pertinência para a poesia.

Esse quase aforismo, que pode ser semente de frustração, é, também, um desafio. Desafio que foi aqui assumido por inteiro.

É impossível verter para português a imensa riqueza e beleza dos versos de Virgílio, um dos maiores poetas de sempre. Não o consente, desde logo, a enorme diferença entre as línguas, pese embora o facto de a nossa se filiar no Latim. Mas é inalcançável em português a concisão da língua latina, como é inalcançável, por isso mesmo, todo o poder de sugestão que as palavras latinas, muitas vezes, contêm. Somemos a tudo isso as características prosódicas da poesia latina, a estrutura rítmica, a arquitectura do verso e da frase; e, como se já não fosse pouco, a diferença da massa fónica e da potencialidade imagética, determinantes, uma e outra, em poesia.

Mesmo assim, houve um esforço de respeitar o mais possível o texto original virgiliano, essa mesma estrutura do verso, a arquitectura da frase, a sequência das palavras.

Optou-se pela tradução em verso, para manter a proximidade ao original e para permitir, especialmente a quem disponha de um mínimo de conhecimentos para isso, cotejar a tradução com o texto virgiliano.

E respeitou-se, sempre que possível, o código retórico: quiasmos, anáforas, repetições, ênfases posicionais, e, até, projecções de um para outro verso (aquilo a que os franceses chamam, com uma palavra de péssimo gosto para o Português, *enjambement*), para referir somente alguns dos elementos estilísticos a que se foi dando atenção. Quando estes elementos do código retórico são utilizados na versão portuguesa é, em princípio, porque já estavam presentes no texto latino.

Mesmo em casos em que as sonoridades são determinantes, houve um esforço de aproximação ao original (aproximação impossível, bem entendido, mas que nem por ser irrealizável deixou de ser tentada). Exemplo disso é a tradução do episódio de Laocoonte, no livro II.

Nem sempre se conseguiu, nomeadamente porque o texto nos deixa, por vezes, perante enigmas insolúveis para o tradutor. Refira-se o caso de *pius*, na expressão *pius Aeneas*, a que acima se faz referência. O contexto, em algumas situações, dificilmente avaliza a tradução por «piedoso». Perante a incapacidade de saber o que ia na alma do poeta, quando decidiu adoptar este epíteto, optou-se por traduzir, sempre, por «piedoso». Com a consciência do risco, mas por ser a solução mais adequada.

Uma observação indispensável, neste ponto, a respeito das anotações.

Depois de aturada reflexão, a decisão tomada foi a da busca de parcimónia nas anotações ao texto. É uma opção discutível, mas conscientemente assumida, por várias razões.

Esta tradução, por um lado, pretende ser um compromisso entre um trabalho de qualidade e rigor e uma obra ao alcance do grande público. Ora, a abundância de notas num trabalho com tais características pode vir a resultar num efeito perverso: ao invés de suscitar a adesão do público, assusta-o e afugenta-o.

Mas, por outro lado, tais anotações, que, em outros tempos, eram de fundamental utilidade, tendem hoje, em boa parte dos casos, a ver essa utilidade francamente reduzida. Isso é especialmente válido no tocante à identificação dos nomes, grande parte deles nomes míticos. Hoje, o leitor tem ao seu dispor meios que lhe permitem rapidamente saciar a sua curiosidade em relação a tais nomes. E, quanto a notas interpretativas que orientam a leitura, é discutível que seja legítimo exagerar o seu uso. Como acontece com qualquer narrativa, deve ser deixada ao leitor alguma liberdade no sentido de construir a sua própria leitura e interpretação.

Duas opções feitas nesta tradução merecem, ainda, menção especial.

A edição seguida mais de perto foi a de Jacques Perret, referida na Bibliografia. À semelhança do que ali se faz (e em muitas outras edições utilizadas), optou-se por considerar os versos ou passos que para a maior parte dos críticos são de autenticidade duvidosa. Ao contrário, porém, do que faz aquele editor, que os apresenta no texto latino, mas os não considera na tradução, a decisão aqui tomada foi de os traduzir. Quando isso acontece, no entanto, são colocados entre

parênteses rectos [...], como forma de assinalar a dúvida sobre a autenticidade.

A segunda opção que importa referir tem a ver com a forma de apresentação do texto. Como é sabido, o verso utilizado na *Eneida* é o hexâmetro dactílico, como é de norma nos poemas épicos. Mas não há nas epopeias clássicas divisão em estrofes. Isso vale por dizer, para os leitores menos informados, que o texto, em cada livro, é «corrido», desde o primeiro ao último verso, sem quebras, o que origina uma «mancha» densa e «pesada».

Por esse motivo e depois de aturada ponderação, decidiu-se aligeirar visualmente essa mancha, com recurso pontual à duplicação do espaço entre linhas. Tais quebras, portanto, se assim podemos chamar-lhes, são da exclusiva responsabilidade do tradutor.

Agradecimento

É publicada esta tradução num momento particularmente difícil da vida de todos nós. Difícil em todos os domínios, entre eles o da actividade económica. A edição neste contexto, mormente para uma empresa pequena, comporta, portanto, acrescidos riscos. Mas quis, mesmo assim, a Cotovia levar por diante este projecto, fiel à sua opção, vinda de longe, de continuar a editar os clássicos. Só por isso seria já credora da minha e da nossa gratidão, que deixo expressa na pessoa de Fernanda Mira Barros.

Mas devo a Fernanda Mira Barros mais do que isso: abalançou-se a uma leitura paciente, aturada e minuciosa do texto, com lima e lupa apuradas. De tal leitura resultaram múltiplas sugestões, não menos interrogações, abundantes dúvidas. Grande parte dessas interrogações e dúvidas só um olhar atento, mas de leigo, como ela própria se intitulou, seria capaz de as sentir e formular como ela fez. A todas fui atento e sensível, fiel à convicção de que as dúvidas e interrogações de um leitor que se diz leigo são as dúvidas e interrogações do leitor a quem a obra se destina. E muito se alterou em resultado de tão fecundo diálogo. Também por isso fica expresso aqui o meu reconhecimento, que estendo ainda a Paulo Caraças, da Gráfica 99, pelo cuidado posto na paginação.

Uma nota final, que é também uma homenagem

Quem assina esta tradução aprendeu a ler Virgílio com um saudoso mestre, a quem muito deve no exigente ofício de tradutor e na procura da beleza que existe, escondida, em cada palavra — o Professor Walter de Medeiros. O contacto mais intenso com Virgílio aconteceu em um seminário com o nome de «Epopeia virgiliana» do Mestrado em Épica Novilatina em Portugal, nos longínquos anos oitenta do século passado.

As opções de tradução do saudoso professor, em cada caso concreto, eram, para os alunos, uma lição que a maioria jamais esqueceu. Guardo comigo esses momentos, nas notas de aula.

Cheguei a pensar reproduzir aqui, sempre, essa tradução; tais passos, apesar de serem em número razoável, não são muitos, em boa verdade; e solicitei, para tanto, o consentimento da sua viúva, a Dr.ª Maria Luísa Braga, a quem agradeço o ter acedido ao meu desejo.

Acontece que nenhuma tradução resiste à usura do tempo; quase quarenta anos depois, há várias situações — não tão poucas como isso — em que a tradução do Mestre já não logra suscitar inequívoco aplauso e adesão. Assim, em vez de reproduzir acriticamente os passos traduzidos por Walter de Medeiros, a opção foi um pouco diferente: seguir de perto essas traduções, mas não *pari passu*; em boa parte dos casos (não poucos, importa reconhecê-lo) foi mesmo adoptada a solução por ele proposta, *ipsis uerbis*; em outros, a maioria, ajustou-se essa solução ao gosto pessoal do agora tradutor e ao gosto dos dias de hoje.

Deixo aqui, em primeira pessoa, por uma questão de honestidade da minha parte, mas, mais do que isso, em homenagem ao grande Mestre, a lista dos passos em que a sua tradução influenciou claramente aquela que é aqui apresentada, quando não, como sucede em alguns casos, esta a reproduz integralmente.

Como digo, é, também, uma homenagem a Walter de Medeiros, a quem, por essa razão, é dedicada, no local próprio, esta tradução da *Eneida*.

São estes os passos:

Livro I

94-101; 254-296; 304-309; 402-409; 437; 459-465.

Livro II

324-326; 353-354; 557-558; 789.

Livro III

8-12; 493-505.

Livro IV

189-194; 215-217; 259-263; 393-396; 449; 642-647.

Livro VI

10-11; 14-33; 697-702; 788-805; 847-853; 863-866; 868-871; 882-885.

Livro VII

411-414.

Livro VIII

704-713; 729-731.

Livro IX

741-742.

Livro X

628-630.

Livro XI

360-373.

Livro XII

645-649; 665-668; 791-842 948-952.

Bibliografia[2]

Edições

VIRGILE, *Énéide*. Ed. J. PERRET. Paris, Les Belles Lettres, 5.ª ed., 2008-2013 (3 vols.).

VIRGILIO, *Eneide*. Trad. L. CANALE, Introd. E. PARATORE. Milano, Oscar Mondadori, 1985.

VIRGIL, *Aeneidos*. Ed. R. G. AUSTIN. Oxford, Clarendon Press, 1964... (12 vols.).

P. VERGILII MARONIS *Opera*. Ed. R. A. B. MYNORS. Oxford, Oxford University Press, 1969.

VIRGIL, *Aeneid*. Ed. H. R. FAIRCLOUGH. Cambridge (Mass.). London, Harvard University Press, (Loeb Classical Library), 1978 e 1999.

Comentários

VIRGIL, *Aeneidea*. Ed. J. HENRY. Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1969 (4 vols).

R. D. WILIAMS, *The «Aeneid» of Virgil*. London, Bristol Classical Press, 2009.

[2] A lista bibliográfica que se apresenta a seguir está longe de pretender ser exaustiva. Nem isso seria adequado numa publicação mais virada para o grande público. A bibliografia virgiliana, de facto, é imensa e cresce de ano para ano, entre edições, comentários, estudos de conjunto, apreciações parcelares. Indicam-se, tão-somente, algumas edições. Além da que foi seguida mais de perto na tradução, a de Jacques Perret, um dos maiores virgilianistas do século XX, referem-se outras, mas sem preocupações de exaustividade; apenas porque foram tidas em conta. O mesmo se dirá de comentários. Quanto a estudos, mencionam-se os que influíram, de algum modo, na leitura que o tradutor fez, ano após ano, da obra cuja tradução dá, agora, à luz. Comete-se, desde logo, a injustiça de não citar artigos de revista ou trabalhos sobre assuntos parcelares, onde, muitas vezes, acontecem os passos mais significativos para o estudo dos autores antigos e modernos. Assim, a lista circunscreve-se a livros, sejam eles monografias de autores individuais, sejam obras de natureza colectiva. Proceder de outro modo seria, uma vez mais, elaborar uma lista infinda, incompatível com o objectivo desta tradução, voltada, diga-se uma vez mais, para o grande público.

Estudos

W. S. Anderson, *The Art of the «Aeneid»*. London, Bristol Classical Press, 1989.

H. Bloom, *Virgil's «Aeneid»*. New York — Philadelphia, Chelsea House Publishers, 1987.

J. P. Brisson, *Virgile: son temps et le nôtre*. Paris, Maspero, 1966.

K. Büchner, *Virgilio*. Brescia, Paideia, 1963.

W. A. Camps, *An introduction to Virgil's «Aeneid»*. Oxford, Oxford University Press, 1969.

W. Clausen, *Virgil's «Aeneid» and the tradition of Hellenistic Poetry*. Berkeley — Los Angeles — London, University of California Press, 1987.

X. Darcos, *Virgile, notre vigie*. Paris, Fayard, 2017.

M. A. Di Cesare, *The altar and the city. A reading of Vergil's «Aeneid»*. New York — London, Columbia University Press, 1974.

S. Farron, *Vergil's «Aeneid»: a poem of Grief & Love*. Leiden — New York — London, 1993.

S. J. Harrison (ed.), *Oxford Readings in Vergil's «Aeneid»*. Oxford — New York, Oxford University Press, 1990.

C. Kallendorf, *The other Vergil: Pessimistic readings of the «Aeneid» in early modern culture*. Oxford, Oxford University Press, 2007.

W. F. J. Knight, *Roman Vergil*. Harmondsworth, Penguin Books, 2.ª ed. 1966.

R. O. A. M. Lyne, *Further Voices in Vergil's «Aeneid»*. Oxford, Clarendon Press, 1987.

R. Martin (ed.), *Énée & Didon: naissance, fonctionnement et survie d'un mythe*. Paris, Éditions du Centre National de le Recherche Scientifique, 1990.

C. Martindale (ed.), *The Cambridge Companion to Virgil*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

W. Medeiros, C. A. André, V. S. Pereira, *A «Eneida» em contraluz*. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1992.

B. Otis, *Virgil. A study in civilized poetry*. Oxford, Oxford University Press, 1964.

E. Paratore, *Virgilio*. Firenze, Sansoni, 3.ª ed., 1961.

J. Perret, *Virgile*. Paris, Hatier, 2.ª ed., 1967.

V. Pöschl, *The art of Vigil. Image and symbol, in the «Aeneid»*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1962.

M. C. J. Putnam, *Virgil's «Aeneid»: interpretation and influence*. Chapel Hill and London, The University of North Carolina Press, 1995.

M. C. J. Putnam, *The poetry of the «Aeneid»*. Ithaca and London, Cornell University Press, 1988.

K. Quinn, *Virgil's «Aeneid». A critical description*. London, Routledge & Kegan Paul, 1968.

D. R. Slavitt, *Virgil*. New Haven and London, Yale University Press, 1991.

Y. Syed, *Vergil's «Aeneid» and the Roman Self: Subject and nation in literary discourse*. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 2008.

G. Williams, *Technique and Ideas in the «Aeneid»*. New Haven and London, Yale University Press, 1983.

Eneida

Livro I

Canto as armas e o guerreiro,[1] o primeiro que, de terras de Tróia,
em fuga aos fados, alcançou Itália e as praias
de Lavínia, sem tréguas baldeado por terra e por mar,
por obra de deuses,[2] em razão da fúria sempre viva da terrível Juno;
e que também muitas tormentas em guerras padeceu, até fundar a cidade
e introduzir os deuses no Lácio, de onde vêm a nação latina
e nossos pais albanos e as altas muralhas da grande Roma.

Tu, ó Musa, traz-me à lembrança as razões por que se ofendeu a deusa
ou por que dor a rainha dos deuses lançou na convulsão de tantos infortúnios
e no confronto com tantos padecimentos varão de tão grande piedade.[3]
Tamanha é a raiva no coração dos deuses do alto?
Havia uma cidade antiga (colonos tírios[4] a habitaram),

---

[1] *A Vida de Virgílio*, de Donato, apresenta quatro versos a antecederem este. Não é essa a lição que a tradição consagrou, mas justifica-se que sejam referidos aqui, embora em nota:

Eu que, em tempos idos, foi em delicada flauta que modulei
o meu canto e, ao deixar os bosques, levei os campos vizinhos
a porem-se de feição para a ambição de quem os cultiva,
obra bem grata aos camponeses, eis que, agora, canto as horrendas armas de Marte
e um guerreiro.....

[2] No percurso imposto a Eneias, combinam-se, afinal, os fados e a vontade dos deuses: Juno e Vénus, antes de mais, as duas antagonistas ao longo de toda a narrativa. Mas outros deuses intervêm.

[3] Refere-se a Eneias, cujo nome só adiante será dito.

[4] Tírios: o mesmo que Fenícios.

Cartago, frente a Itália, mas longe da foz do Tibre,
rica em posses e deveras intratável nas artes da guerra;
Juno a acalentava, diz-se, a ela mais que a qualquer terra,
menosprezando, até, Samos;[5] ali as suas armas,
ali o seu carro; este reino havia de dominar povos,
se os fados assim consentissem; desde então, a deusa para tanto porfia e trabalha.
Mas era certo que uma estirpe chegaria, com origem em sangue troiano,
ouvira ela dizer, para arrasar, um dia, as muralhas tírias;
e daqui um povo, rei de vastos domínios e altivo na guerra,
iria surgir, para destruição da Líbia;[6] assim o tinham fiado as Parcas.

Temerosa disso, a Satúrnia,[7] e lembrada da velha guerra,
que primeiro contra Tróia sustentara em favor da sua amada Argos...
e, mais ainda, vinham-lhe à mente os motivos de suas cóleras
e as terríveis dores, e continua enraizado no fundo do coração
o julgamento de Páris[8] e a injúria e desprezo de sua beleza
e a raça odiosa e as honras concedidas ao raptado Ganimedes;
inflamada por tudo isto, aos Troianos, sacudidos por sobre o mar
inteiro, destroços dos Dánaos[9] e da crueldade de Aquiles,
mantinha-os longe do Lácio, e por muitos anos
eles vagueavam, ao sabor dos fados, a voltear em todos os mares.
Tão alto era o preço da fundação da raça romana!

[5] Ilha onde nascera Juno (segundo algumas versões) e onde desposou Júpiter.
[6] Líbia é o Norte de África. Neste caso, confunde-se com Cartago.
[7] Juno, filha de Saturno.
[8] O julgamento de Páris está na origem da guerra de Tróia: Páris, príncipe troiano, foi chamado a dirimir a contenda entre três deusas e decidir qual delas era a mais bela: Juno, Minerva e Vénus. As três lhe prometeram presentes; a prenda prometida por Vénus foi o amor da mulher mais bela, e nela recaiu o veredicto dele. A mulher em causa era Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta, na Grécia. Seduziu-a Páris e levou-a com ele para Tróia, assim desencadeando a guerra.
[9] Dánaos: o mesmo que Gregos.

Mal perderam de vista a terra da Sicília, soltavam as velas rumo ao mar alto,
cheios de alegria, e faziam esvoaçar com o bronze das proas flocos de espuma salgada,
quando Juno, que guardava no fundo do coração uma ferida sem cura,
disse para consigo: «Então hei-de eu desistir do meu intento, vencida
e sem ser capaz de arredar de Itália o rei dos Teucros?
É certo que os fados mo proíbem; mas não teve Palas poder para incendiar
a armada dos Argivos e os afogar, a eles, no mar,
graças ao crime de um apenas, Ájax, filho de Oileu?
Ela mesma fez atear, a partir das nuvens, o fogo voraz de Júpiter
e dispersou os navios e revolteou o mar à força dos ventos
e a ele, que, de coração trespassado, vomitava chamas,
despedaçou-o num turbilhão e pregou-o na ponta de um penedo.
Mas eu, que sou, na precedência, rainha dos deuses e sou de Júpiter
irmã e esposa, com esta gente apenas, por tantos anos,
vou travando uma guerra. Haverá quem venere o poder divino de Juno
a partir de agora, ou que venha, suplicante, a meus altares, prestar-me honras?»

Enquanto tais coisas consigo revolvia no coração em chamas,
ruma à pátria dos temporais, lugar abarrotado de Austros em fúria,
a Eólia. Aqui o rei Éolo, em imensa gruta,
os ventos impetuosos e as retumbantes tempestades
com seu mando os domina e com cadeias e numa prisão os sustém.
Eles, revoltados, com imenso sussurro fazem ressoar
em volta as paredes da montanha; Éolo tem seu trono na alta cidadela,
de ceptro na mão, e amansa-lhes os corações e suaviza suas fúrias.
Se o não fizesse, por certo mares e terras e as profundezas do céu
os arrebatariam com eles no seu ímpeto e os espalhariam pelos ares.
Mas o pai todo poderoso os recolheu em cavernas sombrias,
por isso temer, e uma mole imensa e altas montanhas
lhes pôs em cima e lhes deu um rei que, às ordens de leis ajustadas,
lhes soubesse refrear ou afrouxar as rédeas.

A ele se dirigiu, então, Juno, suplicante, deitando mão destas palavras:
«Ó Éolo, pois que a ti o pai dos deuses e rei dos homens
te concedeu amainar as ondas ou encrespá-las à força do vento:
um povo que é meu inimigo navega o Mar Tirreno,
carregando para Itália Ílion e os Penates vencidos;
dá força aos ventos, afunda e destrói os navios
ou fá-los naufragar e junca de corpos o mar.
Tenho comigo duas vezes sete Ninfas, de corpo esbelto;
de entre elas, a de linhas mais formosas, Diopeia,
em casamento duradouro a unirei a ti e hei-de fazê-la tua
para, em razão de tais merecimentos, todos os seus anos
os passar contigo e te fazer pai de uma formosa descendência.»

Éolo assim lhe retorquiu: «É teu, ó rainha, o mister de desvendar
o que queres; a mim, cabe-me o dever de acatar tuas ordens.
Tu, este reino, seja ele o que for, tu, o mando e os favores de Júpiter
tu mos granjeias, tu me concedes sentar-me à mesa dos deuses
e me fazes senhor de tormentas e tempestades.»
Depois de assim falar, volteou a lança e golpeou o flanco
da cavernosa montanha; logo os ventos, como em esquadrão ordenado,
pela porta que lhes fora franqueada largam em correria e varrem as terras com
a força de seu sopro.
Abatem-se sobre o mar e, das mais fundas profundezas, todo ele
o sacodem, juntos, Euro e Noto e, com espessos vendavais,
o Afro, e rolam sobre a praia imensas vagas;
sucede-se a gritaria dos soldados e os silvos do cordame.
Roubam de súbito as nuvens céu e luz
dos olhos dos Teucros;[10] sobre o mar se alonga uma noite de negrume.
Estouram os polos e relampeja com milhares de faíscas o ar
e por toda a parte se desvenda aos soldados a presença da morte.

[10] Teucros: Troianos

De pronto se desfaz em tremores o corpo de Eneias;
solta um gemido e, estendendo para o céu ambas as mãos,
tais palavras profere: «Oh, três e quatro vezes ditosos
aqueles que, diante dos olhos de seus pais, sob as altas muralhas de Tróia,
a sorte concedeu que baqueassem! Ó tu, que foste o mais bravo da estirpe dos Dánaos,
filho de Tideu! Ah, porque não pude eu tombar nos campos de Ílion
e exalar esta alma aos golpes da tua mão,
lá onde, indomável, jaz, abatido pelo dardo do Eácida,[11] Heitor, lá onde jaz o gigantesco
Sarpédon, lá onde o Simoente arrasta e revolve em suas águas tantos
escudos de heróis e seus capacetes e seus corpos poderosos!»[12]

Enquanto tais clamores lançava, o silvo de um vendaval do Aquilão
embate-lhe contra a vela e faz subir as ondas até aos céus;
despedaçam-se os remos, volteia a proa e às vagas
oferece o flanco, sobrevém, escarpada, uma imensa montanha de água;
ficam uns suspensos no cimo de uma onda, a outros uma fenda na água
desvenda a terra em meio das ondas, ferve de fúria o mar revolto sobre a areia.
Arrebata três naus o Noto e lança-as contra penedos que mal se vêem,
rochedos no meio das ondas, que os povos de Itália chamam Aras,
um dorso monstruoso no cume do mar; três outras o Euro arrasta do alto
e empurra-as contra escolhos e dunas — coisa triste de ver! —,
despenha-as nos baixios e enfaixa-as num montão de areia.
Uma outra, que transportava Lico e o fiel Orontes,
diante de seus próprios olhos uma gigantesca maré se ergue a pico
e desaba-lhe sobre a popa; é projectado para diante o piloto
e rola de cabeça; e a nau, três vezes a onda ali mesmo
a amassa e faz rodopiar e engole-a o mar em súbito remoinho.

[11] Aquiles, o mais forte guerreiro grego. (Heitor, o mais forte guerreiro troiano.)

[12] Eneias é um herói de grandeza épica, sobrevivente de Tróia e fundador da raça romana. É, no mínimo, estranho este retrato inicial, na sua primeira aparição no poema: em lágrimas, mergulhado no desespero e a preferir ter sucumbido em Tróia, em vez de enfrentar e assumir o destino grandioso que o espera. O herói que preferiria não o ser, no fim de contas.

Surgem, dispersos, a boiar na imensidão do oceano em fúria,
armas de guerreiros e madeirame e os tesouros de Tróia, ondas fora.
Já a robusta nau de Ilioneu, já a do valente Acates
e aquela onde seguia Abante e aquela onde viajava o velho Aletes,
a invernia as destroçou; pelas juntas lassas de seus flancos, todas
deixam entrar água, a sua inimiga, e, cheias de rombos, abrem rachas.

Entretanto, o imenso murmurar da convulsão do oceano
e a invernia que desabara, sentiu-os Neptuno; e que das profundezas
dos abismos as águas se revolviam; deveras abalado e olhando
do alto mar, ergueu a cabeça acima das ondas.
Vê, dispersa na imensidão das águas, a armada de Eneias
e, esmagados pelas ondas, os Troianos, e pelo desabar do céu.
Não lograram esconder-se do irmão os truques e a fúria de Juno.
O Euro e o Zéfiro, chama-os até si e tais palavras lhes dirige:
«Tamanha é a fé na vossa natureza de que estais possuídos?
Já céu e terra, sem minha ordem, ó ventos,
ousastes baralhar e arrancar coisas de tão grande porte?
Eu vos... mas é melhor, primeiro, pôr ordem na convulsão das ondas;
depois, com castigo em nada parecido vos farei pagar o mal que fizestes.
Andai daqui e levai esta mensagem ao vosso rei:
não foi a ele que o domínio do mar e o terrível tridente
foram dados, mas a mim; ele é dono de penedias agrestes,
que são a vossa morada, ó Euro; que se pavoneie nesse palácio
Éolo e, depois de cerrada a prisão dos ventos, exerça o seu mando.»
Assim falou; e, mais depressa do que disse, amaina o mar encapelado,
faz desaparecer o amontoado de nuvens e traz de volta o sol.
Cimótoe, junto com o esforçado Tritão, desviam
as naus dos penhascos; ele mesmo as levanta com seu tridente
e rasga os imensos baixios e amaina as águas
e, com as rodas ligeiras de seu carro, voga à flor das ondas.

Tal como, numa grande nação, quando, não raro, irrompe
a discórdia e se encarniça de fúria o coração da gente anónima,
e rolam já tochas e pedras, e a raiva empunha armas,
então, se há alguém com o peso da piedade e merecimentos
em quem põem o olhar, emudecem e, de orelhas atentas, sustêm o passo;
ele comanda com palavras as almas e apazigua os corações:
assim se desmorona, de uma vez, o fragor do mar, depois que sobre o oceano
lançou seu olhar o pai e, levado sob um céu sem nuvens,
faz voltar os cavalos e, para o voo de seu carro, solta rédeas à vontade.

Exaustos, os homens de Eneias, as praias ali perto de que em sua rota
se acercam, para lá se dirigem e encaminham-se para as costas da Líbia.
Há um lugar muito isolado; uma ilha faz ali um porto,
resguardado dos lados, nos quais se quebra toda a onda
vinda do alto mar e em cujas enseadas escusas ela se desfaz.
Aqui e ali enormes escarpas e dois penedos se erguem, ameaçadores,
apontados ao céu; na base da falésia, ao longe,
o mar, em seu abrigo, é só silêncio. Nesse ponto, uma plateia de bosques de copas agitadas,
vinda de cima, e uma floresta escura tudo adensa de sombra sinistra;
sob a fachada em frente, por baixo de rochedos suspensos, uma gruta,
e lá dentro água doce e bancos de pedra viva,
moradia de Ninfas. Aqui as naus estafadas, sem precisão de correntes,
se resguardam, e sem âncora alguma de pontas dentadas as prender.

Para ali, Eneias, depois de juntar os navios, encaminha sete
do número total, e, por tanto ansiarem por terra,
ao desembarcarem, os Troianos deitam mãos à tão desejada areia
e os corpos gretados de salitre estendem-nos na praia.
E desde logo Acates faz saltar de uma pedra uma faísca
e resguarda o lume com folhas e põe-lhe à volta alimentos secos
e ateia com gravetos a chama.

Então, os dons de Ceres, ainda que estragados pelas ondas, e os recursos de Ceres,
preparam-nos, cansados de tanto infortúnio, e o grão que salvaram
aprontam-se para torrá-lo na chama e moê-lo nas pedras.
Eneias, entretanto, sobe a uma falésia e todo o alcance
de seu olhar, lança-o sobre a imensidão do oceano, a ver se avista
Anteu, balançado pelo vento, e as birremes frígias
ou Cápis ou, por sobre as proas altaneiras, as armas de Caíco.[13]
Não vislumbra em seu olhar nau alguma, apenas três cervos
a vaguear na praia; segue-os a manada inteira
no seu encalço, e vai pastando pelos vales o longo bando.
Susteve aqui o passo, deitou mão do arco e das setas velozes
e dos dardos que o fiel Acates trazia,
e os três chefes da manada, que erguiam alto a cabeça
com chifres que pareciam árvores, abate-os primeiro; depois, o bando
e toda a manada, põe-nos em debandada, à custa de setas, por entre o arvoredo
do bosque;
e não pára, antes de sete corpos enormes ter prostrado
por terra, triunfante, e de ter igualado em número o dos navios.

Daqui dirigiu-se ao porto e partilhou com todos os companheiros.
A seguir, o vinho com que o bom Acestes tinha enchido as ânforas
nas praias da Trinácria,[14] em oferenda a quem ia partir, o herói
repartiu-o e com estas palavras aliviou a tristeza nos corações:
«Ó companheiros, é verdade que não ignoramos os males vividos;
oh! bem duros são os que passámos! Um deus lhes há-de pôr ainda fim.
Vós, a fúria de Cila[15] e as grutas turbulentas, bem perto delas

[13] Navios que haviam desaparecido na tempestade.
[14] Trinácria: Sicília.
[15] Cila era uma das provações a que estavam sujeitos os marinheiros (também presente na *Odisseia*). Cila era o resultado de uma metamorfose, por vingança da feiticeira Circe, que a transformou num monstro marinho, no estreito de Messina, com cabeça e dorso de uma formosa donzela, mas com serpentes na cintura e rodeada de cães, pavor dos marinheiros.

vos acercastes; vós, a penedia do Ciclope,
foi o que experimentastes; trazei de volta a coragem! E a tristeza e o medo
mandai embora! Talvez a lembrança de tais feitos vos dê um dia prazer.
Por entre padecimentos sem conta, por entre tantos golpes do infortúnio,
caminhamos para o Lácio, onde os fados morada e repouso
nos anunciam; ali é consentido fazer renascer o reino de Tróia.
Resisti e guardai-vos para tempos mais propícios.»
Tais palavras profere e, atormentado por tamanhos cuidados,
esperança é o que finge no rosto; a dor, esmaga-a no fundo do coração.
Eles abeiram-se dos despojos da caçada e do banquete já próximo;
arrancam a pele aos corpos e limpam a carne;
uns cortam-na em pedaços e, ainda a tremer, espetam-na em paus,
outros colocam caldeirões na praia e tomam conta do lume.
Então, recuperam com o alimento as forças e, estendidos na erva,
enfartam-se com o velho Baco e com a carne suculenta da caça.
Depois de aliviada a fome no banquete e levantadas as mesas,
em longas conversas se questionam sobre os companheiros perdidos,
incertos entre a esperança e o medo; ora cismam que estão vivos,
ora que padeceram o derradeiro golpe e que os não podem ouvir já, se por eles
chamarem.
Mais que todos, o piedoso Eneias chora em silêncio a sorte,
ora do impetuoso Orontes, ora de Âmico, e o cruel destino
de Lico e o valente Gias e o valente Cloanto.

E era já o fim, quando Júpiter, do alto do céu,
ao olhar o mar de velas a adejar e as terras que se alongam
e as praias e os povos lá longe, assim, do cume do céu,
susteve o olhar e firmou a vista nos reinos da Líbia.
E quando tais cuidados revolvia no coração,
com enorme tristeza e lágrimas a embaciar-lhe o brilho dos olhos,
a ele se dirigiu Vénus: «Ó tu, que os rumos dos homens e dos deuses

com eterno poder governas e com teu raio impões respeito,
que pecado tamanho pôde o meu Eneias contra ti cometer,
que pecado os Troianos? Depois de tantas mortes sofrerem,
a eles se fecha, por causa de Itália, o mundo inteiro?
É certo que desta gente, um dia, viriam a surgir os Romanos, no volver dos anos,
que desta gente viriam a surgir generais, do sangue renascido de Teucro,
que o oceano, que toda a terra viriam a subjugar com seu poder;
assim estava prometido; que disposição, ó pai, te fez mudar de ideias?
Era com tal esperança, podes crer, que da derrocada de Tróia e suas tristes ruínas
costumava consolar-me, a compensar com fados fados adversos;
agora a mesma Fortuna, a guerreiros que tantos padecimentos suportaram,
continua a persegui-los; que fim destinas, ó grande rei, a tais trabalhos?
A Antenor[16] foi possível, esgueirando-se do meio dos Aqueus,[17]
penetrar as enseadas da Ilíria e, em segurança, os recônditos
reinos dos Liburnos e passar além da fonte do Timavo,
de onde, por nove bocas, sob imenso rugido da montanha,
ele sai, um mar à solta, e alaga os campos com o fragor da corrente.
Aqui, porém, fundou a cidade de Pádua e morada
dos Teucros e deu o nome a esse povo e pendurou as armas
de Tróia; agora, em sossego, é numa paz tranquila que descansa.
Nós, tua descendência, a quem atribuis morada no céu,
perdidos os navios (oh, crime nefando!), graças à fúria de uma só,
somos entregues à sorte e rechaçados para longe das praias de Itália.
É esta a paga da piedade? É assim que me restituis o ceptro?»

Sorriu para ela o criador dos homens e dos deuses
com aquele rosto com que desanuvia céu e tempestades,
beijou ao de leve os lábios da filha; depois, é nestes termos que fala:
«Deixa-te de receios, Citereia! Perduram inabalados, acredita,

[16] Também um sobrevivente de Tróia.
[17] Aqueus: os Gregos.

os fados de tua gente; hás-de ver a cidade e as prometidas muralhas
de Lavínio e, grandioso, hás-de elevar às constelações do céu
o magnânimo Eneias; e nenhuma disposição me desviou.
Este homem que te é caro (vou dizer-te, já que tal cuidado te vem roendo,
e desenrolar mais longe os arcanos dos fados)
uma guerra enorme vai travar em Itália e povos indomados
há-de quebrar e para os habitantes vai estabelecer instituições e muralhas,
até que um terceiro Estio o veja a reinar no Lácio,
e três Invernos decorram sobre os Rútulos subjugados.
Então, seu filho Ascânio, a que se junta agora o cognome
Iulo (Ilo se chamava, enquanto subsistiu o poder de Ílion),
trinta longos ciclos,[18] com o rolar dos meses,
há-de preencher com seu governo, e transferir a capital de sua sede, em Lavínio,
e há-de, à custa de muito esforço, fortificar Alba Longa.
Aí, por trezentos anos inteiros há-de firmar-se a realeza
sob a casa de Heitor, até que uma princesa sacerdotisa,
grávida por obra de Marte, de nome Ília, dará à luz dois gémeos.[19]
Depois, radiante sob o manto fulvo da loba, sua ama,
Rómulo há-de acolher o seu povo e assentar as muralhas
de Marte e Romanos, a partir de seu nome, há-de chamar os habitantes.
A tal povo, limites, nem no espaço nem no tempo, eu vou impor-lhe;
um império sem fim é o que lhes concedi. Mais ainda, a brutal Juno,
que atormenta, agora, mar e terra e céu com seu terror,
mudará para melhor sua atitude e comigo há-de favorecer
os Romanos, senhores do mundo e nação vestida de toga.
Assim está decidido. Um tempo virá, no volver dos lustros,

[18] As voltas da terra (trinta anos).
[19] Duas notas vale a pena reter: 1. O ciclo 3 — 30 — 300; ou seja, Eneias, chegado a Itália, terá o poder por três anos; Ascânio reinará por trinta; os seus descendentes directos governarão trezentos anos, até ao nascimento de Rómulo e Remo, o primeiro dos quais fundará Roma. 2. Fica claro que Eneias atingirá o seu destino, em Itália, mas não lhe será dado fundar Roma, a nova Tróia.

em que a casa de Assáraco,[20] a Ftia e a gloriosa Micenas
as forçará à servidão e dominará sobre os Argivos já vencidos.
Há-de nascer um Troiano, de nobre origem, César,
que há-de impor como limite do império o Oceano e, da sua fama, os astros;
é Júlio, nome que provém do glorioso Iulo.
A ele, um dia, carregado com os despojos do Oriente, no céu
o hás-de receber, apaziguada; também a ele se hão-de dirigir orações.[21]
Então, a agrura dos séculos se irá suavizando com o findar das guerras;
a encanecida Lealdade e Vesta, e, com seu irmão Remo, Quirino
hão-de promulgar as leis; sinistras, com ferro e barras apertadas,
serão fechadas as portas da guerra; lá dentro, a Loucura ímpia,
sentada sobre as armas temíveis e amarrada por cem nós
de bronze atrás das costas, há-de urrar, eriçada, de sua boca sangrenta.»[22]

Assim falou; e ao filho de Maia[23] mandou descer lá do alto,
para que se franqueiem as terras e os novos fortins de Cartago,
a fim de acolher os Troianos, e para que Dido, por desconhecer os fados,
lhes não vede as fronteiras. Voa ele na imensidão dos ares
a bater as asas e, num ápice, poisa nas praias da Líbia.
E de pronto cumpre as ordens, e os Púnicos amansam
seus corações bravios, por vontade do deus; mais que todos, a rainha
sente no espírito brandura para com os Teucros e coração benigno.

Mas o piedoso Eneias, revolvendo pensamentos sobre pensamentos noite fora,
apenas a luz criadora despontou, determinou sair e explorar

[20] Antepassado de Eneias.

[21] Júlio César, tio-avô de Augusto e em cujo legado político este viria a assentar o seu poder. Sublinhe-se a sua divinização neste passo.

[22] O templo da guerra era o Templo de Jano. As suas portas permaneciam abertas em tempo de guerra, para o deus proteger a cidade, e somente podiam ser fechadas em tempo de paz. Durante todo o longo período da república romana, as portas apenas foram fechadas por duas vezes. Viriam a ser fechadas já com Augusto, depois da batalha de Áccio, em 29 a.C. É esse momento que é aqui profetizado por Júpiter.

[23] Mercúrio.

aqueles lugares desconhecidos, indagar as paragens aonde foram lançados pelo vento,
quem as habitava (sem cultivo, é o que vê!), se homens, se feras,
e aos companheiros transmitir a informação em detalhe.
A armada, resguarda-a numa enseada de bosques, talhada na base de um penedo,
tapada por árvores a toda a volta e por sombras assustadoras;
ele avança, apenas acompanhado de Acates,
as mãos crispadas em duas lanças de longa haste.
Saiu-lhe ao encontro a mãe, em meio de um bosque,
rosto e porte em jeito de donzela, armas ao modo de donzela
de Esparta, ou qual Harpálice da Trácia a fustigar os cavalos
ou a superar na corrida o alado Hebro.
Certo é que trazia suspenso do ombro, à maneira delas, o arco ligeiro,
qual caçadora, e soltara o cabelo ao sopro da brisa,
de joelho a descoberto e com um nó a prender a túnica que esvoaçava.

E primeiro falou ela: «Olá, jovens! Dizei-me se acaso vistes
a vaguear por aqui uma de minhas irmãs,
de aljava aperreada, revestida da pele malhada de um lince,
ou a perseguir com seus gritos um javali em fuga a espumar.»
Assim falou Vénus; assim lhe respondeu de volta o filho:
«Nenhuma de tuas irmãs foi de mim ouvida ou vista,
ó — como te hei-de chamar? donzela? — pois não possuis rosto
de mortal, nem a tua voz tem timbre humano. Ó... deusa, por certo!
Acaso irmã de Febo? Acaso uma do sangue das Ninfas?
Sê-nos propícia e aligeira, quem quer que sejas, nossos tormentos
e, enfim, debaixo de que céus ou em que praias deste mundo
estamos lançados, explica-nos; sem conhecer gente e lugares,
vagueámos até aqui ao sabor do vento e trazidos por ondas gigantes;
sem conta serão as vítimas que em teus altares te há-de imolar nossa mão.»

E então Vénus: «Não sou merecedora, em verdade, de tais honrarias;
as donzelas tírias têm mais o costume de trazer aljava
e com coturno cor de púrpura ligar até acima suas coxas.
Púnicos são os reinos que avistas, os Tírios e a cidade de Agenor;
mas são territórios da Líbia, gente que nunca se verga na guerra.
O poder detém-no Dido, que partiu de cidade tíria
para fugir ao irmão. Longa foi a ofensa, longos
seus meandros; mas contarei os mais importantes dos factos.
O marido dela era Siqueu, o mais rico em terras
de toda a Fenícia, e querido da pobre rainha, com amor infindo;
o pai lha concedera, intacta, e os unira nos votos
primeiros. Mas o reino de Tiro possuía-o o irmão dela,
Pigmalião, por seus crimes mais selvagem que todos os outros homens.
Entre eles se instalou, no meio, a raiva. Ele, a Siqueu,
diante dos altares e cego pela cobiça de ouro,
às escondidas e à traição o abateu de um golpe, sem cuidar do amor
da irmã; por largo tempo escondeu seu acto e com malvadez,
sempre a fingir, foi iludindo com vãs esperanças a dor da amante;
mas apareceu-lhe a ela, em sonhos, a própria imagem do marido,
sem sepultura e a exibir um rosto de espantosa palidez;
os altares do crime e o peito trespassado pelo ferro,
pô-los a nu e o crime a recato no palácio por completo desvendou.
Persuade-a, então, a precipitar a fuga e a deixar a pátria;
para ajudar o caminho, põe-lhe à vista, debaixo do chão, velhos
tesouros, somas incalculáveis de prata e ouro.
Agitada por tais visões, Dido aprontava fuga e companheiros.
Juntam-se-lhe os que contra o tirano tinham ódio implacável
ou os que dele tinham um medo atroz; os navios que, por acaso, estavam aparelhados,
deles se apoderam e carregam-nos com o ouro. São levadas para o mar
as riquezas do avaro Pigmalião; comanda a empresa uma mulher.
Chegaram às paragens onde agora avistas grandes

muralhas e vês erguer-se a cidadela da nova Cartago,
comprando o solo — e daí o nome Birsa —
tanto quanto conseguissem cercar com a pele de um touro.[24]
Mas quem sois vós, afinal? Ou de que paragens vindes a chegar? Para onde fazeis caminho?»

Às suas perguntas, com tais palavras respondeu,[25]
entre suspiros e arrancando a voz do fundo do peito:
«Ó deusa, se vou por diante e remonto ao começo de tudo,
e vagar tiveres para escutares o rol de meus padecimentos,
antes há-de Vésper pôr termo ao dia e encerrar o Olimpo.
Nós, da Tróia antiga, se acaso a teus ouvidos
chegou o nome de Tróia, arrastados por mil mares,
por obra do acaso uma tempestade nos lançou nas praias da Líbia.
Eu sou o piedoso Eneias, que os Penates arrebatados ao inimigo
transporto comigo em minha armada; por minha fama sou conhecido além dos céus.
Demando Itália, terra de meus avós, e a minha raça vem de Júpiter supremo.
Com duas vezes dez naus subi o mar frígio,
com a deusa, minha mãe, a apontar-me o rumo, a prosseguir as ordens que os fados me haviam dado;
apenas sete, baldeadas pelas ondas e pelo Euro, me sobram;
eu mesmo, desconhecido,[26] indigente, os desertos da Líbia eu os percorro,
expulso da Europa e da Ásia.»[27]
Incapaz de suportar mais seus queixumes,

[24] Diz a lenda que Dido negociou a compra de toda a terra que pudesse circundar com a pele de um touro (*byrsa*, em grego). De seguida, cortou em tiras finas a pele do animal, o que lhe permitiu ser senhora de um vasto domínio.

[25] Eneias.

[26] Sublinhe-se a deliberada contradição: no v. 379, dizia Eneias ser «conhecido além dos céus»; no v. 384, diz-se «desconhecido» (*notus... ignotus*).

[27] Eneias insiste no seu estranho auto-retrato: indigente, exilado, em penúria, a suscitar comiseração. Estranho, para um herói de um poema épico.

Vénus, em meio dos lamentos, assim o interrompeu:
«Quem quer que sejas, não é, creio eu, o ódio dos deuses do alto
que te faz respirar o ar de que vives, a ti, que alcanças uma cidade tíria.
Segue em frente, apenas isso, e, daqui, dirige-te ao palácio da rainha.
Em verdade, vais recuperar teus companheiros e reaver a armada,
eu to anuncio, posta por Aquilões revoltos em lugar seguro,
se não foi em vão que a arte dos áugures ma ensinaram meus pais.
Vê duas vezes seis cisnes alegres em seu bando;
descida das paragens do alto, a ave de Júpiter em céu aberto
os espalhava em desordem; agora, em longa fila parecem
ou conquistar terras ou olhar do alto as que conquistaram:
tal como eles, reagrupados, rejubilam com o bater das asas
e cingem em seu abraço o polo e se entregam ao canto,
não de outro modo as tuas popas e os teus jovens soldados
ou um ancoradouro os guarda ou de vela panda entram no porto.
Segue em frente, apenas isso, e para onde o caminho te levar dirige teus passos.»

Assim falou; e, ao partir, uma luz fulgiu na nuca cor de rosa
e do alto da cabeça os cabelos de ambrósia exalaram
um divino perfume; a veste descera até à base dos pés,
e pelo andar se revelou a deusa de verdade. Ele, quando reconheceu
a mãe, com este brado veemente acompanhou o seu desaparecer:
«Porque tantas vezes iludes teu filho com enganosas imagens,
cruel que és também? Porque não há-de poder unir-se a minha mão
à tua mão e ouvir e responder palavras de verdade?»
Com tais palavras a interpela e os passos encaminha para as muralhas.
Mas Vénus envolveu numa espessa nuvem quem assim caminhava,
e a deusa espalhou à volta deles um largo manto de névoa,
para que ninguém pudesse vê-los, para que ninguém pudesse tocá-los
ou retardá-los ou indagar deles as razões de ali virem.
Ela mesma partiu para Pafos e de novo voltou, feliz,

para seus paços, onde possui um templo, e em cem altares arde
incenso de Saba, e exalam o perfume de frescas grinaldas.

Venceram, entretanto, o caminho por onde um trilho se lhes desvenda
e rápido subiam à colina que se ergue, altaneira, sobre a cidade
e vigia lá do cimo os baluartes que lhe ficam defronte.
Admira Eneias toda a imponência, grutas em outro tempo,
admira os portais e o tumulto e o pavimento das vias.
Dão nas vistas, no ardor de seu esforço, os Tírios; uns a alinhar muralhas,
a construir a cidadela e a rolar, à força de braços, pedregulhos,
outros a escolher sua morada e a fechá-la com um fosso coberto;
escolhem leis e magistrados e um senado que impõe o respeito.
Aqui, uns abrem portos; ali, lançam outros os fundos
alicerces de teatros e talham nas rochas
enormes colunas, grandiosos enfeites de futuros cenários.
Qual abelha no alvor do Verão, pelos campos em flor
trabalha à torreira do sol, quando os rebentos de seu enxame,
já crescidos, os trazem para fora ou quando de límpido mel
abastecem os favos e os enchem de um doce néctar
ou recebem o fardo das que chegam ou, em formação cerrada,
expulsam do cortiço o bando ocioso das vespas,
fervilha o trabalho e rescende a perfume de tomilho o mel...

«Oh, afortunados aqueles cujas muralhas se elevam já!»
Eneias assim fala e contempla do alto os tectos da cidade.
Envolto na neblina — coisa prodigiosa! — mergulha
no meio dos homens e com eles se mistura, sem de nenhum ser visto.

Havia um bosque no meio da cidade, pródigo em sombras;
assim que ali foram lançados pelas ondas e pela procela, os Púnicos
desenterraram desse lugar um sinal que a rainha Juno

lhes havia anunciado, a cabeça de um cavalo fogoso; pois assim viria a ser
o seu povo séculos fora — famoso na guerra e rico em recursos.
Aqui, um templo a Juno o vinha edificando Dido, de Sídon,
sumptuoso pelas dádivas e pela majestade da deusa;
portais de bronze se erguiam no cimo dos degraus,
traves unidas por cadeias de bronze, e as portas de bronze rangiam sobre os gonzos.
Foi neste bosque, pela primeira vez, que uma novidade lhe surgiu diante
e lhe sossegou o medo; aqui, pela primeira vez, ousou Eneias ter esperança
de salvação e, em meio das aflições, ter mais confiança.
Foi destarte: estava ele à espera da rainha sob a imensa abóbada
do templo; ao apreciar cada pormenor, ao admirar a riqueza da cidade
e a obra dos artesãos e o esforço concertado de seu trabalho,
contempla a sequência dos combates de Tróia
e as batalhas apregoadas já pela fama no mundo inteiro,
os Atridas e Príamo e Aquiles, que para ambos foi terrível.[28]

Parou e disse, por entre lágrimas: «Haverá algum lugar ainda, ó Acates,
alguma região na terra, que não esteja cheia de nosso infortúnio?
Aqui mesmo está Príamo. Mesmo aqui, as homenagens devidas ao valor.
Há lágrimas para o infortúnio, e o destino dos mortais comove os corações.
Apaga o teu temor! A nossa fama, ainda presente, há-de trazer-te, de algum modo,
salvação.»
Assim fala e vai pascendo o coração naquela pintura vã;
e soltava fundos gemidos e banhava de largo rio a face.
Porque ali podia ver como, de entre os que combatiam em volta de Pérgamo,
a um lado debandavam os Gregos, e os repelia a juventude troiana,
a outro os Frígios, e os ameaçava, em sua quadriga e de elmo espetado, Aquiles;
não longe daqui, as tendas de panos cor de neve de Reso,

[28] Refere-se a pinturas murais, que retratavam a guerra de Tróia. Aquiles foi, de facto, cruel para com Príamo, a quem matou o filho, Heitor, e para com Agamémnon, um dos Atridas, a quem reivindicou a cativa Briseida.

reconhece-as entre lágrimas; entregues à traição no primeiro sono,
o filho de Tideu as devastava com imensa chacina e sedento de sangue,
para logo voltar os fogosos cavalos para seu campo, antes que
provassem o pasto de Tróia e bebessem do Xanto.[29]
Em outra banda, Troilo em fuga, perdidas as armas,
pobre mancebo e contendor desigual de Aquiles,
é arrastado pelos cavalos e por um carro vazio,
as mãos, mesmo assim, nas rédeas; cabeça e cabeleira rasam
a terra, e, de pés para o ar, deixa um rasto na poeira a lança.
Entretanto, para o templo de uma Palas sem clemência se dirigiam
as Troianas, cabelos em desalinho, e trajavam seus mantos,
suplicantes, cobertas de tristeza e a flagelar o peito com as mãos;
a deusa, de costas voltadas, mantinha os olhos fixos no chão.
Três vezes em volta dos muros de Ílion arrastara Heitor
e o seu corpo sem vida o vendia, a troco de ouro, Aquiles.

Então, solta [Eneias] um imenso gemido bem do fundo do peito,
quando vê os despojos, quando vê o carro, quando vê o corpo do amigo
e também Príamo, as mãos estendidas e impotentes.
A si mesmo, ainda, ele se reconheceu, misturado com os príncipes aqueus
e os esquadrões da Aurora e as armas do negro Mémnon.
Comanda a legião das Amazonas de escudos em forma de crescente
Pentesileia, desvairada, e é fogo em meio de mil outras,
o boldrié de ouro amarrado sob um seio desnudo,
em ar de combate, e ousa competir com os homens, ainda que mulher.

Enquanto tudo isto parece encher de espanto o dardânio Eneias,
enquanto fica pasmado e quedo, preso apenas à sua contemplação,
entra no templo a rainha de formosíssima beleza, Dido,

[29] Xanto: o rio de Tróia.

rodeada de enorme multidão de jovens.
Qual nas margens do Eurotas ou pelos cumes do Cinto
dirige os coros Diana e, seguindo atrás dela,
mil Oréades se juntam vindas daqui e dali; traz ela ao ombro
a aljava e sobressai no seu andar acima de todas essas divindades,
um silencioso prazer invade o coração de Latona;[30]
tal era Dido, tal avançava, leda,
pelo meio dos seus, a estimular trabalho e reinos que hão-de vir.
Então, às portas da deusa, no meio da nave do templo,
rodeada de armas e altiva no cimo de um trono, toma ela assento.
Direito e leis ela ditava aos homens e a quota parte nos trabalhos
repartia em partes iguais ou tirava-a à sorte;
quando, de súbito, Eneias vê aproximar-se, em grande ajuntamento,
Anteu e Sergesto e o valoroso Cloanto
e outros de entre os Teucros que a negra tempestade
dispersara no mar e lançara longe, em outras praias.
Ficaram tolhidos de espanto, à uma, ele e também Acates, feridos
de alegria e de medo; ardiam em desejo por lhes apertar as mãos,
mas a estranheza do momento turvava-lhes o coração.
Resguardam-se a recato e, envoltos no fundo da nuvem,
vão especulando que fortuna coube aos soldados, em que praia terão deixado a armada,
a que vêm ali, pois era uma embaixada do conjunto dos navios que vinha
pedir guarida e para o templo se dirigia, no meio de altos brados.

Depois de terem entrado e de lhes ser consentido falar diante da multidão,
o mais destacado deles, Ilioneu, com coração sereno assim começou:
«Ó rainha, a quem Júpiter concedeu fundar nova cidade
e conter nos limites da justiça povos arrogantes,
nós, pobres troianos, baldeados pelos ventos por todos os mares,

[30] Latona é Diana.

te suplicamos: arreda de nossos navios o fogo nefasto,
poupa uma gente piedosa e olha mais de perto a nossa desventura.
Nem foi para arrasar com ferro os Penates líbios
que viemos, nem para roubar e levar para o mar os despojos;
não temos tal destemor no coração nem é tamanha a soberba dos vencidos.
Há um lugar — Hespéria é o nome que lhe dão os Gregos —,
terra antiga, poderosa pelas armas e pela fertilidade do solo;
Enótrios são os homens que a povoaram; agora, corre a fama de que os descendentes
chamam ao povo Itália, do nome de um chefe.
Era este o nosso caminho,
quando, de súbito, se ergueu em vagas o chuvoso Oríon
e nos lançou em abismos de negrume e no fundo dos Austros à solta
e por ondas, em meio da força do mar, e por ínvias penedias
nos fez naufragar; até aqui nadámos uns quantos, até às vossas praias.
Que raça de homens é esta? Que pátria tão bárbara consente
tais costumes? É-nos vedada a hospitalidade de um areal;
fazem-nos guerra e proíbem-nos de ficar numa ponta de terra.
Se menosprezais a raça humana e as armas de mortais,
estai certos de que os deuses se não esquecem do bem e do mal.
O nosso rei era Eneias; mais justo do que ele nenhum outro havia
nem mais piedoso nem mais valente no combate e nas armas.
Se os fados preservam tal guerreiro, se colhe alento nas brisas
do alto e não repousa já nas trevas cruéis,
não nos tolhe o medo, nem tu te arrependerás de por ele, desde logo,
teres porfiado. Há ainda, em terras da Sicília, cidades
e armas e, nascido de sangue troiano, o ilustre Acestes.
A armada flagelada pelos ventos, seja-nos consentido abrigá-la
e nos bosques reparar o madeirame e talhar remos;
se, depois de recuperados companheiros e chefe, nos for dado
prosseguir para Itália, pois que em alegria busquemos Itália e o Lácio;
se, ao invés, esta salvação nos for negada, e a ti, ó bom pai dos Teucros,

o mar da Líbia te possui e nem resta já a esperança de Iulo,
busquemos, ao menos, os mares de Sicânia e as moradas
que nos esperam, de onde até aqui fomos trazidos, e o rei Acestes.»
Com tais palavras falou Ilioneu; e todos, a uma voz, assentiam, entre murmúrios,
os Dardânidas.

Então Dido inclinou o rosto e, em breves palavras, diz:
«Eliminai do coração o medo, ó Teucros, expulsai os cuidados!
Factos penosos e a novidade que é este reino tais medidas me forçam
a tomar e a pôr guarda longe de minhas fronteiras.
Quem não conhece a raça dos Enéades, quem não conhece a cidade de Tróia
e as façanhas e os guerreiros e as chamas de tamanha guerra?
E nem temos o coração tão rude, nós, os Púnicos,
nem o Sol atrela os cavalos para se afastar assim tanto da cidade tíria.
Quer seja a Hespéria e os campos de Saturno
a vossa escolha, quer os confins de Érix e o rei Acestes,
com minha ajuda vos hei-de encaminhar em segurança e com meios vos hei-de apoiar.

Mas preferis ficar comigo, com iguais direitos, neste reino?
A cidade que acabo de fundar é vossa; recolhei os navios;
troiano ou tírio, não haverá de minha parte discriminação.
E oxalá até o vosso rei, arrastado pelo mesmo Noto,
aqui estivesse, Eneias! Podeis crer que enviarei homens de confiança
praias fora e os confins da Líbia vou fazer vasculhar,
a ver se, expelido pelo mar, está perdido em algum bosque ou cidade.»

De coração animado por tais palavras, o valoroso Acates
e o pai Eneias largo tempo iam ardendo de vontade de se lançarem
para fora da nuvem. Primeiro, é Acates que demanda Eneias:
«Filho de uma deusa, que desígnio perpassa agora em teu espírito?
Tudo vês em segurança, a armada e os companheiros em bom porto.

Um só falta ali, que nós mesmos vimos afogar-se,
no meio das ondas; o demais corresponde ao que anunciou tua mãe.»

Mal dissera tais palavras, quando, de súbito, a nuvem que os envolve
se desfaz e se desvanece na limpidez do ar.
Logo irrompeu Eneias e refulgiu numa luz resplandecente,
semelhante a um deus no rosto e no porte, pois a mãe, ela mesma
o havia ornado, de um sopro, com formosa cabeleira e a luz púrpura
da juventude e com nobreza venturosa no olhar,
qual beleza que as mãos acrescentam ao marfim ou quando prata
ou pedra de Paros são recobertas do fulvo ouro.

Então, assim se dirige à rainha e, de repente,
sem ninguém esperar, diz: «Diante de ti, que por mim perguntas, aqui estou,
o troiano Eneias, arrancado às ondas da Líbia.
Ó tu, que foste a única a ter pena dos infandos trabalhos de Tróia,
tu, que, connosco, restos dos Dánaos, consumidos já
por todas as desventuras em terra e no mar, em total penúria,
connosco partilhas cidade e casa, dar-te as graças que mereces
não está ao alcance de nós, ó Dido, nem de quanto resta, em toda a parte,
do povo dardânio, disperso agora pelo mundo.
Os deuses, se as divindades algum apreço têm por gente piedosa, se em algum lugar
há justiça e um espírito desperto para o que é recto,
os deuses te dêem o justo prémio. Que tempos tão venturosos
te trouxeram? Que pais tão grandiosos geraram tal filha?
Enquanto para o mar correrem os rios, enquanto nos montes as sombras
povoarem as grutas, enquanto o céu for pastagem das estrelas,
sempre tua nobreza e teu nome e tua glória hão-de permanecer,
seja qual for a terra que por mim chame.» Assim falou, e o amigo
Ilioneu, buscou-o a mão direita e Seresto a esquerda,
e depois os outros e o valoroso Gias e o valoroso Cloanto.

Ficou transida de espanto, ao primeiro olhar, a sidónia Dido
e, logo depois, ante tamanho infortúnio daquele homem, assim falou de viva voz:
«Que sorte, ó filho de uma deusa, por tamanhos tormentos
te persegue? Que força te arremessa para praias inóspitas?
Não és tu Eneias, que do dardânio Anquises
a mãe Vénus gerou junto às águas do Simoente da Frígia?
Bem me lembro eu de um Teucro a chegar a Sídon,
banido dos confins da pátria, em busca de um novo reino,
com ajuda de Belo; meu pai, Belo, devastava, então,
a faustosa Chipre e dominava-a, triunfante, com seu poder.
Desde esse tempo já era de mim conhecida a queda da cidade
de Tróia e o teu nome e os reis dos Pelasgos.
Ele próprio, apesar de inimigo, com enormes louvores enaltecia os Teucros
e desejava ter nascido da antiga raça dos Teucros.
Por isso, vamos, ó jovens!, acolhei-vos a nossos tectos!
Também a mim igual fortuna me arrojou por mil tormentos
e quis, enfim, que nesta terra assentasse.
Não é por desconhecer a desventura que aprendo a acudir a desventurados.»
Assim conta e logo conduz Eneias para o palácio
real e logo determina nos templos dos deuses acções de graças.
Mais ainda, manda, entretanto, levar à praia, aos companheiros,
vinte touros, cem porcos enormes, de pelo espetado,
cem borregos bem nutridos, com suas mães,
dádiva e gáudio deste dia.

O interior do palácio é aprontado com esplendor de luxo real
e no meio dos salões prepara-se o banquete;
panos trabalhados com arte e tingidos da altivez da púrpura,
largueza de prata sobre as mesas e, talhados no ouro,
os altos feitos dos avós, a extensa lista de proezas
alcançadas por tantos guerreiros desde a origem do velho povo.

Eneias, pois o amor de pai lhe não consentia sossego
ao coração, enviou à pressa Acates aos navios
para a Ascânio dar conta de tudo isto e o trazer para a cidade;
em Ascânio se concentram todos os cuidados de pai extremoso.
Mais manda trazer como oferendas o que salvou das ruínas
de Tróia: um manto enrijecido de tantos bordados e ouro,
um véu lavrado com folhas de acanto cor de açafrão,
adereços da argiva Helena, que ela havia trazido de Micenas,[31]
quando partiu para Pérgamo e para casamento ilícito,
presente deslumbrante de sua mãe Leda;
e também um ceptro que Ilíone usara um dia,
a mais velha das filhas de Príamo, e uma gargantilha de pérolas
para o pescoço e uma coroa dupla, de gemas e de ouro.

Para depressa aprontar tudo isto, fez caminho para os navios Acates.
Mas a Citereia[32] novas manigâncias e novos planos vai urdindo
no coração: que Cupido, de figura e rosto disfarçados,
vá em lugar de Ascânio e com os presentes incendeie
a rainha, já de si desvairada, e lhe entranhe os ossos de chamas.
Verdade seja que receia as intrigas do palácio e os Tírios de palavras dúbias,
deixa-a em brasa a perversa Juno e, à beira da noite, a aflição retorna.
Portanto, com estas palavras fala ao Amor alado:
«Ó meu filho, tu, só, és a minha força, tu o meu grande poder,
ó meu filho, tu, que desdenhas os dardos tifeios, do pai supremo,[33]
para ti me volto e imploro, suplicante, a tua graça divina.
Como Eneias, teu irmão, é balouçado pelo mar e anda às voltas
por todas as praias por força do ódio da malvada Juno,

[31] Em boa verdade, Helena partira de Esparta, de que era rei Menelau, e não de Micenas.
[32] Citereia: Vénus, com santuário em Citera.
[33] Dardos tifeios: os dardos que Júpiter desferiu contra Tifeu, um dos gigantes, que assim abateu e colocou sob o Etna. É tradição que Cupido desdenhava tais dardos.

tu bem o sabes e muitas vezes penaste com o meu penar.
Acolhe-o agora a fenícia Dido e com meigas conversas
o entretém, e tenho medo do resultado em que vai dar
a hospitalidade de Juno; ela não desistirá em momento tão crucial.
Daí que eu pense apanhar, antes, a rainha em meus ardis,
cercá-la de uma chama, a ponto de não mudar por acção de deus algum,
mas ficar do meu lado, possuída de grande amor por Eneias.
Sobre o modo como podes alcançá-lo escuta agora o meu plano:
o régio menino, ante o chamado de seu querido pai, prepara-se
para partir para a cidade sidónia — a minha preocupação maior —,
levando as prendas que sobraram do mar e do incêndio de Tróia;
vou mergulhá-lo num sono e escondê-lo nos altos cumes
de Citera ou nos altos cumes de Idálio,[34] em lugar sagrado,
para que não possa vir a saber de tais ardis e intrometer-se no meio.
Tu, a figura dele assume-a ardilosamente, por não mais de uma noite,
e tu, que és menino, põe ares de menino, o que bem sabes fazer,
para quando, cheia de contentamento, te acolher em seu colo Dido,
em meio das mesas régias e das libações de Lieu,
quando te envolver em abraços e te pregar beijos de meiguice,
às escondidas lhe atiçares o fogo e a desvairares com teu veneno.»

Sujeita-se Amor às palavras de sua querida mãe e despe
as asas e caminha, contente, com a passada de Iulo.
Por seu lado, Vénus introduz no corpo de Ascânio um manso torpor
e a deusa leva-o no aconchego de seu regaço para os altos
bosques de Idália, onde a suave manjerona o cobre de flores
e sobre ele espalha a doçura de sua sombra.

Ia já a caminho Cupido, em obediência às ordens, e as oferendas
régias as levava para os Tírios, guiado por Acates.

[34] Lugares onde existiam santuários dedicados a Vénus.

Quando chegou, já a rainha tinha tomado assento, sob magníficas tapeçarias,
em leito de ouro, e ocupara lugar central;
já o pai Eneias, já a juventude troiana
para ali convergem, e recostam-se sobre colchas de púrpura.
Servem água para as mãos os criados e distribuem em cestas
os dons de Ceres e trazem toalhas de pelo raso.
Lá dentro, cinquenta criadas, a quem cabe dispor por ordem
a longa série de manjares e assegurar o odor das chamas aos Penates;
outras cem e outros tantos criados de igual idade,
para cobrirem as mesas de iguarias e encherem as taças.
Por festivos portais acorreram também os Tírios, em massa,
a quem foi dito que se recostassem nos leitos bem decorados;
admiram os presentes de Eneias, admiram Iulo,
o rosto afogueado do deus e as palavras fingidas
e o manto e o véu com um acanto bordado, cor de açafrão.
Em especial a desventurada, toda entregue à desgraça que ali vinha,
não consegue satisfazer o coração e inflama-se só de olhar,
a Fenícia, e é tocada, à uma, pelo menino e pelas prendas.
Ele, depois que se pendurou nos braços e no pescoço de Eneias
e satisfez o enorme amor do pai iludido,
correu para a rainha. Ela, nos olhos, ela, no coração inteiro
fica pasmada; e Dido, entretanto, acalenta-o no colo, sem saber
que um deus de grande poder pousava na desventurada. Mas ele, sem esquecer
a mãe Acidália,[35] começa, pouco a pouco, a apagar Siqueu
e procura inverter com vivo amor
um ânimo já há tempo em sossego e um coração desacostumado.

Depois da primeira pausa no repasto e de levantadas as mesas,
colocam enormes vasos e coroam de grinaldas o vinho.

[35] Vénus recebe também o nome de Acidália, em razão da fonte Acidália, na Beócia, onde se banham as Graças, a ela consagradas.

Ergue-se um alarido no palácio e as vozes rodopiam ao longo
dos amplos salões; pendem de cimalhas de ouro lâmpadas
acesas, e a noite, tochas em chamas sobre ela triunfam.
Aqui a rainha pousou uma pesada taça, recamada a pedras preciosas
e ouro, e encheu-a de vinho; costumava usá-la Belo
e todos os descendentes de Belo; fez-se, então, silêncio no palácio:
«Júpiter, pois és tu que determinas o direito devido a hóspedes, segundo se diz,
seja este dia de alegria para os Tírios e para os que de Tróia partiram,
assim tu o queiras e que isso perdure na memória de nossos filhos.
Que nos favoreça Baco, que é quem dá a alegria, e a boa Juno;
e vós, ó Tírios, celebrai e apoiai esta união.»
Assim falou e aspergiu sobre a mesa as gotas da libação
e ela, em primeiro lugar, depois da libação, elevou o vinho até aos lábios;
então, deu-o a Bítias, incitando-o; ele, despejou, de um fôlego,
a taça coberta de espuma e encharcou-se com o vaso de ouro, cheio até acima;
depois, os demais chefes. Iopas, de longa cabeleira,
faz soar a cítara de ouro, ele a quem o grande Atlas havia ensinado.
Canta o peregrinar da lua e os trabalhos do sol,
de onde vem a raça dos homens e os animais, de onde a chuva e o fogo,
Arcturo e as chuvosas Híades e os dois Triões,
porque tanta pressa tem de mergulhar no Oceano o sol
de Inverno ou que demora faz estorvo às noites tardias.
Desdobram-se em aplausos os Tírios, acompanham-nos os Troianos.

Por seu lado, arrastava a noite em conversas várias
a pobre Dido e ia bebendo de um amor sem fim,
enquanto muitas perguntas fazia sobre Príamo, muitas outras sobre Heitor;
ora com que armas tinha aparecido o filho da Aurora,
ora quais os cavalos de Diomedes, ora qual a valia de Aquiles.
«Acima de tudo, vamos!», diz ela, «conta-me, ó meu hóspede, desde o primeiro
começo,

as ciladas dos Dánaos e as desgraças dos teus
e o teu peregrinar; pois te traz já em peregrinação
por toda a terra e todo o mar o sétimo ano.»

Livro II

Todos emudeceram e mantinham bem atento o semblante;
então, do cimo de seu leito, o pai Eneias assim começou:
«Infanda, ó rainha, é a dor que me mandas reviver;
como o poderio de Tróia e um miserando reino
os arrasaram os Dánaos, desfecho bem triste que eu mesmo vi
e de que fui parte importante. Perante tal história, quem,
entre os Mirmidões ou os Dólopes ou, até, soldado do duro Ulisses,
poderá conter as lágrimas? E mais, já o orvalho da noite tomba
do céu e as estrelas que vão caindo convidam ao sono.
Mas, se tamanho é o teu desejo de conhecer nossas desventuras
e em breve tempo ouvir contar o supremo padecimento de Tróia,
por muito que o coração tenha pavor a lembrá-lo e fuja de tal amargura,
vou começar. Quebrados da guerra e rejeitados dos fados,
os chefes dos Dánaos, depois de tantos anos já volvidos,
constroem um cavalo do tamanho de um monte, fazendo jus à arte
da divina Palas, e cobrem-lhe o dorso com pranchas de abeto;
que é um voto pelo regresso é o que fingem; essa a notícia que corre.
Ali, uns quantos guerreiros tirados à sorte, os fecham
às escondidas no flanco espesso e enchem por inteiro
o bojo e o ventre com soldados armados.
Ali diante, ao alcance do olhar, fica Ténedos, ilha de grande fama,
farta em riquezas enquanto durou o reino de Príamo,

agora apenas uma enseada e cais pouco fiável para barcos:
para aqui se fazem transportar e escondem-se na praia;
que tinham partido, assim pensámos, e que ao sabor do vento rumaram a Micenas.

Toda a terra dos Teucros, portanto, se libertou da longa agonia;
escancaram-se as portas; apetece sair e ver o campo dos Dóricos
e os lugares desertos e a praia abandonada;
aqui as legiões dos Dólopes, ali tinha tenda o cruel Aquiles,
aqui o ancoradouro da armada, ali costumava ser a linha da frente.

Há quem pasme ante a funesta oferenda à virgem Minerva
e os que admiram a grandeza do cavalo; à frente, Timetes
incita a que o levem para o interior das muralhas e o ponham na cidadela,
fosse por traição, fosse por já assim destinarem os fados de Tróia.
Mas Cápis e aqueles de entre eles de coração mais avisado
ou mandam lançar ao mar a armadilha e suspeito presente
dos Dánaos e chegar-lhe o fogo e queimá-la,
ou escavar-lhe o bojo e indagar-lhe os esconsos do ventre.
Divide-se e hesita entre opiniões contrárias o povo.

Logo ali, à frente de todos e acompanhado de enorme multidão,
Laocoonte, inflamado, desce a correr do alto da cidadela
e grita de longe: "Ó desgraçados! Que tamanha loucura é a vossa, ó cidadãos?
Acreditais que o inimigo partiu? Ou julgais que há alguma dádiva
dos Dánaos que não contenha uma cilada? É assim que é conhecido Ulisses?
Ou estão fechados e escondidos neste pedaço de madeira os Aqueus
ou este engenho foi fabricado contra nossas muralhas
para vigiar nossos palácios e nos invadir do alto a cidade
ou algum logro aqui se esconde; não confieis no cavalo, ó Troianos!
Seja como for, receio os Dánaos, mesmo quando trazem presentes!"
Assim falou; e com força destemida lançou pesada lança

contra o flanco do bicho e contra o bojo encurvado nas juntas.
Ele aguentou e estremeceu; e, no ventre assim sacudido,
as fundas profundezas ressoaram e soltaram um gemido.
E, não foram os fados dos deuses, não fora o desvario no coração,
ele nos teria impelido a desfazer à espada o covil dos Argólicos,[36]
e Tróia estaria agora de pé, e tu, ó alta cidadela de Príamo, perdurarias.

Eis que, entretanto, um jovem, mãos atadas atrás das costas,
o traziam até junto do rei, entre enorme gritaria, pastores
dardânios; um desconhecido que se tinha atravessado no seu caminho
para levar a cabo este mesmo plano e franquear Tróia aos Aqueus,
fiado na sua coragem e preparado para ambos os desfechos:
ou urdir a cilada ou morrer de morte certa.
De toda a parte, no desejo de o ver, a mocidade troiana
corre e espalha-se em volta dele e disputa por troçar do prisioneiro.

Escuta agora o ardil dos Dánaos e da crueldade de um só fica a conhecê-los a todos.
Assim que estancou no meio de todos os olhares, confundido e desarmado,
e lançou os olhos em redor a ver o ajuntamento de Troianos, disse:
"Ai!... Que terra, agora, que mares poderão
acolher-me? Ou que me espera ainda, pobre de mim,
que não tenho já lugar algum entre os Dánaos, e, mais até, os próprios
Dardânidas, de tão agastados, reclamam uma punição de sangue?"

À força de tais queixumes revolveram-se os corações e desvaneceu-se
o furor. Exortamo-lo a dizer de que sangue nascera
e a que vinha; e a lembrar a esperança com que se tinha feito capturar.
Ele, por fim, vencido o medo, esta história vai desfiando:
"Toda a verdade, ó rei, eu te asseguro, suceda o que suceder,

[36] Argólicos é o mesmo que Gregos. É o nome dos habitantes de Argos, muitas vezes tomada por toda a Grécia.

eu te vou contar; e não vou negar que pertenço ao povo de Argos;
isso, primeiro que tudo; e se um desgraçado é o que a Fortuna
fez de Sinão, não fará dele, também, um impostor e mentiroso.
Se acaso algum rumor fez chegar a teus ouvidos
o nome de um filho de Belo, Palamedes, e a sua fama de ilustre
glória, que, a pretexto de uma falsa traição, os Pelasgos,
com acusações horríveis, por ser contra esta guerra, condenaram
à morte, sendo inocente, e agora, que está privado da luz, pranteiam-no;
como seu companheiro de armas e por ser parente próximo,
para aqui me enviou o meu pobre pai, nos primores da idade.
Enquanto ele ocupava, intocável, o seu lugar no reino e detinha poder
no conselho dos reis, também eu algum nome e honra
possuía. Depois que, por força da inveja do pérfido Ulisses
(não é de coisas não sabidas que falo), ele saiu da terra para as alturas,
eu, prostrado, arrastava a minha vida em sombras e luto
e vivia em revolta pela ruína de meu amigo inocente.
Não me quedei em silêncio, desvairado; e, se a sorte aí me guiasse,
se um dia eu volvesse, triunfante, à Argos de meus avós,
jurei vingança e, por palavras, ódios terríveis pus em marcha.
Desde então comecei a resvalar para a desgraça, desde então, Ulisses, sem parar,
me aterroriza com novas acusações, desde então difunde no povo
rumores desencontrados e busca com determinação uma contenda.
E não descansou, portanto, até obter o apoio de Calcas...[37]
Mas para que revolvo eu em vão estas penosas lembranças?
Para quê gastar tempo? Se tendes numa só conta todos os Aqueus
e o que acabais de ouvir vos basta já, de pronto aplicai a punição:
isso é o que há-de querer o rei de Ítaca e por bom preço o pagarão os Atridas."

Então ardemos em viva vontade de o interrogar e indagar as causas,
sem conhecer o tamanho de seus crimes e a manha dos Pelasgos.
Ele prossegue a tremer e fala de coração fingido:

[37] O adivinho.

"Muitas vezes desejaram os Dánaos partir, abandonar Tróia
e pôr-se a caminho e retirar, de cansaço, de tão longa guerra;
oxalá o tivessem feito! Muitas vezes a aspereza do Inverno
lhes fechou o mar e o Austro lhes deu medo de partirem.
Em especial quando se erguia já, travejado de vigas de bordo,
este cavalo, pelo ar inteiro trovejaram tempestades.
Hesitantes, enviámos Eurípilo a interrogar o oráculo de Febo
e ele, do santuário, traz de volta estas tristes novas:
'Com sangue amainastes os ventos e com a imolação de uma donzela,
no momento primeiro, ó Dánaos, em que partistes para as costas ilíacas;
com sangue haveis de demandar o regresso e com o sacrifício de vida
argólica.' Quando tal sentença chegou aos ouvidos do povo,
os corações paralisaram e um tremor gélido nos trespassou
até aos ossos mais fundos: quem estavam os fados a aprontar, quem reclamava
Apolo?

Aqui, o rei de Ítaca arrasta o profeta Calcas, ante o burburinho geral,
para o centro; que vontade é aquela dos deuses?
— insiste. E já muitos me anunciavam o terrível crime
do artesão das manhas e viam em silêncio o que ia acontecer.

Duas vezes cinco dias ele se queda em silêncio e, com cautela, enjeita
denunciar, com palavras suas, seja quem for e entregá-lo à morte.
A custo, enfim, movido pela enorme gritaria do rei de Ítaca,
solta a sua voz, conforme o plano, e é a mim que destina ao altar.
Todos assentiram; e aquilo que cada um receava para si mesmo,
aceitaram que redundasse na perdição de um só desgraçado.
E já o malfadado dia chegava; para o meu sacrifício preparam-se
farinhas salgadas e, a envolver a fronte, grinaldas.
Arranquei-me, confesso, à morte e rompi as cadeias
e nas águas lamacentas, a coberto da noite, misturado com as algas

me escondi, até eles soltarem as velas, se acaso viessem a soltá-las.
E já nem tinha esperança alguma de voltar a ver a pátria antiga
nem os doces filhos e o pai saudoso,
a quem eles, quem sabe?, hão-de infligir castigo, em razão de minha
fuga, e farão expiar esta culpa com a morte daqueles infelizes.

Por isso, pelos deuses do alto e pelos poderes divinos, sabedores da verdade,
e pela fé sem mácula, se alguma existe ainda entre os mortais,
eu vos suplico, tende piedade de tamanhos
tormentos, tende piedade de um coração que tanto padeceu, sem o merecer."

Perante este pranto, concedemos-lhe a vida e, mais ainda, tivemos compaixão.
O próprio Príamo começou por mandar que aliviassem das algemas
o homem e das pesadas cadeias e assim lhe fala com palavras amigas:
"Sejas quem fores, esquece, desde já, os Gregos, a quem perdeste;
vais ser um dos nossos; e a verdade, conta-ma em pormenor a mim, eu te peço:
Para que construíram eles este cavalo desconforme e monstruoso? Quem foi o autor?
O que pedem eles? Que devoção é esta? Ou que máquina de guerra é?"

Assim tinha falado. Ele, industriado nas traições e nas manhas dos Pelasgos,
ergueu ao céu as mãos libertas das cadeias e disse:
"A vós, ó fogos eternos, e ao vosso poder inviolável,
eu tomo por testemunhas, a vós, altares e espadas odiosas
a que escapei, e grinaldas dedicadas aos deuses, que usei, feito vítima:
se lícito me é romper as sagradas juras para com os Gregos,
se lícito é ter ódio a tais homens e tudo pôr a descoberto
quanto escondem, não me detêm leis da pátria ou quaisquer outras.
Mas tu honra as tuas promessas e, depois de salvares Tróia,
mantém a palavra, se for verdade o que digo, se for grande o preço que pago.
Toda a esperança dos Dánaos e toda a fé na guerra que encetaram
sempre residiram no apoio de Palas. Mas, desde o instante em que o ímpio

filho de Tideu e o inventor de atrocidades, Ulisses,
planearam arrebatar do templo sagrado o fatal
Paládio[38] e, depois de chacinarem os guardas no alto da fortaleza,
roubaram a sagrada imagem e, com sangue nas mãos,
ousaram tocar as virginais fitas do cabelo da deusa,
desde então começaram a esvair-se e a sumir-se, desvanecidas,
as esperanças dos Dánaos, as forças quebradas, o coração da deusa voltado do avesso.
E não foram dúbios prodígios os sinais que deu a Tritónia:[39]
mal acomodaram no campo a imagem, atearam-se cintilantes
chamas em seus olhos inertes, e corpo abaixo corre
um suor salgado, e três vezes — coisa assombrosa de contar! — ao chão
se atirou, as mãos no escudo e na lança que tremia.

De imediato, proclama Calcas que deve arriscar-se a fuga e o mar
e que não seria possível às lanças argólicas arrasar Pérgamo,
a menos que busquem novos auspícios em Argos e façam retornar a divindade
que por mar e em côncavas naus arrastaram consigo;
e então, quando a pátria Micenas tiverem buscado, com a ajuda do vento,
aprestam armas e deuses por companhia e, tendo voltado a percorrer o mar,
ali estarão de novo, de surpresa. É assim que Calcas interpreta os sinais.

Esta estátua,[40] construíram-na após tal advertência, em desagravo da ofensa feita
ao Paládio, em honra da deusa, para expiar o triste crime.
Mas esta imensa enormidade, mandou Calcas fazê-la

[38] Paládio era uma estátua de Palas (Minerva) existente num templo em Tróia. Apolo tinha profetizado – e os Gregos sabiam-no – que Tróia não seria vencida enquanto o Paládio estivesse no interior das muralhas. Por isso, Ulisses e Diomedes decidiram fazer uma incursão dentro de Tróia e roubar a estátua. As consequências desse acto, porém, seriam nefastas para os Gregos, que passaram a estar impossibilitados de regressar a casa até que a estátua fosse devolvida ao lugar. É àquela tradição ou lenda que estes versos aludem, acrescentando este último elemento por forma a dar credibilidade à história de Sinão.

[39] A Tritónia era Minerva ou Palas. O nome vir-lhe-ia do pântano Tritónide, que lhe era caro.

[40] Refere-se ao cavalo.

de pranchas enlaçadas e estendê-la até ao céu,
para não ser possível recolhê-la dentro de portas ou levá-la para dentro das muralhas,
nem proteger o povo a coberto da sua antiga religião.
Pois, se por vossas mãos tivessem violado a oferenda feita a Minerva,
então, grande razia (que os deuses, antes disso, virem contra si
o presságio) cairia sobre o império de Príamo e os Frígios;
mas se por vossas mãos viesse a subir para dentro da vossa cidade,
a Ásia, pelo contrário, havia de vir com enorme guerra sobre os muros
de Pélops e tais fados esperariam nossos vindouros."

Graças a tal ardil e à manha do mentiroso Sinão,
demos crédito à história, e foram conquistados por uma cilada e por lágrimas
forçadas
aqueles que nem o filho de Tideu nem Aquiles de Larissa
nem dez anos subjugaram, nem mil navios.

Aqui, um outro caso de maior espanto e bem mais temível
surge pela frente aos infelizes e abala os corações desprevenidos.
Laocoonte, investido por sorte nas funções de sacerdote de Neptuno,
sacrificava com solenidade um touro, junto ao altar.
Eis, porém, que de Ténedos, pelo sossego do mar — é com horror
que o conto — duas serpentes de imensos anéis
se alongam águas fora e lado a lado deslizam para a praia;
subiam o peito alçado no meio das ondas e as grimpas
cor de sangue sobressaíam nas vagas; a parte sobrante varre
atrás o mar e volteia a imensa vastidão do dorso.
Fazem soar com estrondo a espuma; e logo subiam a terra
e de olhos ardentes injectados de sangue e fogo
lambiam a boca a silvar com as línguas que vibram sem cessar.
Pomo-nos em fuga, o rosto pálido. Elas, em rumo firme,
dirigem-se a Laocoonte; e logo os corpos franzinos
dos dois filhos, cada uma das serpentes os estrangula

num abraço e abocanha e devora as pobres carnes;
depois, a ele que vinha em seu socorro de lança em riste,
arrepanham-no e enlaçam-no com enormes espirais; e já
duas vezes pelo meio o abraçam, duas vezes em volta do pescoço
lhe passam as escamas do dorso e erguem acima dele a cabeça e as altas grimpas.
Ele, ora porfia com as mãos por libertar-se dos nós,
as faixas[41] encharcadas de baba e negro veneno,
ora lança horrendos gritos aos céus,
qual touro a mugir, quando escapa, ferido, do altar
e sacudiu de seu pescoço o machado pouco certeiro.
Mas as duas serpentes esgueiram-se, fugidias, para os templos cimeiros
e dirigem-se para a cidadela da implacável Tritónide
e acolhem-se aos pés da deusa e às voltas do seu escudo.

Então, um novo pavor se instala em todos, nos corações
já de si transtornados; merecia expiar seu crime
Laocoonte, é o que dizem, pois com o gume de sua arma golpeou
a madeira sagrada e cravou no dorso sua lança criminosa.
É preciso dar morada à estátua e suplicar
os favores da deusa, assim apregoam.

Rompemos as muralhas e escancarámos os baluartes da cidade.
Todos se dispõem ao trabalho; debaixo dos pés colocam-lhe rodas
para a fazer rolar e amarram-lhe ao pescoço cabos
para a rebocar; trepa a máquina fatal as muralhas,
prenhe de armas. Em volta, rapazes e raparigas por casar
entoam cantos sagrados e regozijam-se ao tocar com a mão os cabos;
ela vai subindo e desliza, ameaçadora, para o meio da cidade.

[41] As faixas rituais do sacerdote.

Ó pátria! Ó Ílion, morada de deuses, e muralhas dos Dardânidas,
tão famosas na guerra! Quatro vezes, mesmo no limiar da porta,
encravou, e no bojo quatro vezes as armas tilintaram;
insistimos, apesar disso, desatentos e cegos por desvario,
e o monstro maldito instalámo-lo na cidadela.

Então, insiste Cassandra em desvendar os fados que estão para vir;
palavras em que, por divina decisão, jamais os Teucros acreditam.[42]

Nós, os templos dos deuses, pobres de nós, para quem este seria
o dia derradeiro, cobrimo-los de folhagem festiva por toda a cidade.

Dá a volta, entretanto, o céu, e cai sobre o oceano a noite,
a envolver de uma imensa treva a terra e o céu
e a cilada dos Mirmidões; dispersos ao longo das muralhas, os Troianos
emudeceram; o torpor tomou conta dos corpos extenuados.
E logo a legião dos Argivos, em naus alinhadas, se pôs em marcha
desde Ténedos, por entre o silêncio cúmplice da lua emudecida,
a caminho de praias que bem conhecera, quando a proa régia elevara
alto as chamas; a coberto dos fados dos deuses, o pérfido Sinão,
aos Dánaos escondidos no ventre e no bojo de pinho,
dá-lhes vazão; ao abrir-se, devolve-os ao ar livre
o cavalo, e, plenos de alegria, eles saem para fora dos antros de madeira.
Tessandro e Esténelo, os chefes, e o terrível Ulisses
deslizaram por uma corda ali descida, e Acamante e Toante
e o filho do Pelida, Neoptólemo, e, à frente de todos, Macáon,
e Menelau e o próprio artesão do ardil, Epeu,

[42] Cassandra era filha de Príamo e recebera de Apolo o dom da profecia. Mas o mesmo Apolo, por ela não aceitar unir-se a ele, amaldiçoou-a: a partir de então, as pessoas deixariam de acreditar em tudo quanto profetizasse, ainda que fosse verdade. Foi por isso que, tendo ela profetizado a guerra de Tróia, ninguém a levou a sério.

invadem a cidade sepultada em sono e vinho;
são liquidados os guardas, abrem as portas e acolhem
os demais companheiros e juntam as tropas, conforme o plano.

Era a hora em que o primeiro sono começa para os entorpecidos
mortais e por dádiva dos deuses se insinua com enorme prazer.
No meio do sono, eis que a meus olhos e cheio de tristeza me parece
surgir Heitor, desfeito em imenso pranto;
tal como outrora, arrastado pelos cavalos e negro de sangue
e poeira e com correias a amarrar os pés inchados,
— pobre de mim! — assim estava ele; quão longe daquele
Heitor que regressou ao combate revestido dos despojos de Aquiles
ou do que lançou sobre as proas dos Dánaos as chamas frígias:
a barba esquálida e os cabelos crespos de sangue
e a exibir os inúmeros golpes que sofreu à volta
dos muros da pátria.[43] Parecia-me tomar a dianteira e, entre lágrimas,
dirigir-me ao guerreiro e tirar de dentro estas palavras:

"Ó luz da Dardânia, ó esperança tão segura dos Teucros,
que tamanha demora te susteve? De que paragens, ó Heitor
tão desejado, vens tu? Depois de tantos dos teus dizimados,
depois de tão variados padecimentos dos homens e da cidade,
em que estado, em nossa prostração, te vejo! Que causa te desfigurou, sem o mereceres,
o rosto sereno? Porquê contemplo eu tais feridas?"

Ele nada responde; e não perde tempo com as minhas perguntas vãs,
mas arrancou um pesado gemido do fundo do peito e disse:
"Oh!, foge, filho de uma deusa! E leva os teus para longe destas chamas!

[43] Depois de matar Heitor, conforme narra a *Ilíada*, Aquiles fez arrastar o corpo dele em volta das muralhas de Tróia, preso a uma quadriga.

O inimigo é dono das muralhas; desaba de sua imponência Tróia.
Bastante foi já concedido à pátria e a Príamo; se Pérgamo pudesse
ser defendida por mão de alguém, até esta a teria defendido.
Seus bens sagrados e seus Penates, Tróia tos confia;
toma-os por companheiros de teus fados, busca com eles a enorme
muralha que fundarás por fim, depois de muito vagueares pelo mar."
Assim falou, e as fitas e Vesta com seu poder e o fogo eterno,
ele os traz em suas mãos do fundo do santuário.

Dentro de muros, entretanto, é grande a confusão e vária a angústia;
e cada vez mais, posto que estivesse a recato a casa de meu pai
Anquises e a coberto da protecção de árvores,
faz-se ouvir com nitidez o alvoroço e estala ali o fragor dos combates.
Sou sacudido do sono, subo à cobertura
dos mais altos telhados e ali me sustenho, de ouvidos alerta,
tal como quando uma chama cai sobre a seara, ante o sopro dos Austros
em fúria, ou a torrente impetuosa do rio que vem das montanhas
alaga os campos, devasta as fartas sementeiras e o trabalho dos bois
e arrasta bosques arrancados às raízes, pasma, sem saber o que se passa,
ao ouvir o ruído, lá do cimo de um alto penedo, o pastor.
É então que tudo fica a descoberto e se desvenda o ardil
dos Dánaos. Já o imenso palácio de Deífobo caiu em escombros,
por acção triunfante de Vulcano; já arde, ali ao lado,
Ucalegonte; o vasto estreito do Sigeu cintila de fogo.
Sobe nos ares o bradar dos soldados e o ressoar das tubas.

De cabeça perdida, empunho as armas; e não há lucidez bastante nas armas,
mas arregimentar um punhado de gente para o combate e correr para a cidadela
com os companheiros — por isso arde minha alma; a fúria e a raiva instigam-me
o coração, e ocorre-me como é belo morrer de armas na mão.

Eis, então, que Panto, que escapara às setas dos Aqueus,
Panto, filho de Ótris, sacerdote da cidadela e de Febo,
as relíquias sagradas e os deuses vencidos e o seu pequeno neto
ele os carrega em suas mãos e, desvairado, encaminha os passos para minha casa.
"Onde estão as coisas mais difíceis, ó Panto? Em que parte da cidade devemos
atacar?"
Mal acabara de dizer isto quando, com um gemido, ele replicou:
"Chegou o supremo dia e o tempo inelutável
de Dardânia. Acabaram os Troianos; acabou Ílion e a imensa
glória dos Teucros; impiedoso, tudo Júpiter transferiu
para Argos. Os Dánaos dominam na cidade em chamas,
ergue-se no meio das muralhas e despeja guerreiros de armas em punho
o cavalo, e Sinão, triunfante, atiça o fogo
e dança. Uns ali estão, às portas abertas de par em par,
tantos milhares quantos jamais vieram da opulenta Micenas;
outros fazem guarda nas estreitas vielas, com uma barreira
de setas; ergue-se uma paliçada de ferro, de pontas cintilantes
em riste, prontas para matar; a custo a guarda avançada dos portões
tenta dar combate e resiste à cegueira de Marte."

Deixo-me levar por tais palavras do filho de Ótris e pela vontade dos deuses,
para o meio das chamas e da contenda, para onde a sinistra Erínia,
para onde o tumulto me chamam e o clamor que se ergue até aos céus.
Juntam-se, em minha companhia, Ripeu e Épito, valente
no combate, que se destacam à luz do luar, e Hípane e Dimas,
e cerram fileiras a meu lado, e o jovem Corebo,
filho de Mígdon — por esses dias, havia chegado, por acaso, a Tróia,
abrasado de um amor insano por Cassandra,
e trazia socorro ao sogro Príamo e aos Frígios;
desgraçado, que não deu ouvidos aos avisos da noiva
em delírio!

Quando os vejo num todo compacto a ousarem combater,
vou sobre eles com estas palavras: "Jovens, de coração valente
mas em vão, se é tão firme o desejo que tendes de perseguir
todos os limites, bem vedes a fortuna que o acaso nos oferece:
partiram e deixaram seus santuários e altares
todos os deuses em quem assentava este império; ides em socorro de uma cidade
em chamas: morramos, lançando-nos no meio das armas.
Só há uma salvação para os vencidos: não esperarem nenhuma salvação."

Assim o ânimo dos jovens se reforçou com furor. Então, como lobos
vorazes na penumbra da névoa, que uma raiva desmedida nas panças
fez sair do covil, em sua cegueira, e as crias abandonadas
ficam à espera, de goelas secas, por entre setas, por entre inimigos
avançamos para morte não duvidosa e fazemos caminho no meio
da cidade; o negrume da noite envolve-nos no cavername de suas sombras.

Quem poderá exprimir em palavras o desastre daquela noite, quem dirá as mortes,
quem poderá igualar com lágrimas tais padecimentos?
A velha cidade desaba, depois do poderio de tantos anos;
corpos sem conto e já sem vida semeiam por toda a parte
as ruas e as casas e os portais sagrados
dos deuses. E não são apenas os Teucros a pagar com seu sangue;
por vezes, acode também ao coração dos vencidos a coragem
e tombam os vencedores Dánaos. Horrível, por toda a parte,
a amargura, por toda a parte o pavor e os rostos sem conto da morte.

O primeiro de entre os Dánaos que nos surge diante, na companhia
de um vasto bando, é Androgeu, sem nos conhecer e acreditando
que éramos um grupo aliado; logo nos interpela com palavras amigas:
"Apressai-vos, ó soldados! Pois que vagares tão lentos são esses
que vos atrasam? Os outros saqueiam e devastam Pérgamo

em chamas; e vós só agora chegais do alto dos navios."
Assim falou; e, de pronto, pois lhe não era dada resposta
aceitável, deu por si caído em meio de inimigos.
Quedou-se espantado e tornou atrás o passo e a voz.
Como quem, na aspereza de um silvado, ao poisar o pé no chão,
pisa, sem contar, uma serpente e foge a tremer e a toda a pressa
do bicho que cospe fúria e incha as tenebrosas goelas,
de modo não diverso fugia Androgeu, apavorado do que vira.
Atirámo-nos para a frente e rodeámo-los de uma floresta de armas
e, perdidos no espaço e tolhidos pelo medo, sem distinção
os chacinámos; a Fortuna bafeja este trabalho primeiro.
E logo ali, de coração radiante com este sucesso, diz Corebo:
"Ó companheiros, por onde a Fortuna começa a mostrar-nos o rumo
da salvação e por onde se nos mostra propícia, avancemos!
Troquemos os escudos; e as insígnias dos Dánaos passemos
a usá-las nós. Se isso é manha ou valentia, quem o questiona face ao inimigo?
As armas, eles mesmos no-las vão dar." Assim falou; e, logo depois, enverga o capacete
com penacho de Androgeu e os ornatos vistosos de seu escudo
e ajeita no seu corpo a espada do Argivo.
Isto mesmo faz Ripeu, isto mesmo fazem Dimas e todos os jovens,
com alegria; cada um se arma dos despojos recentes;
avançamos misturados com os Dánaos, mas não com as nossas divindades,
e muitos combates travámos na escuridão da noite,
muitos dos Dánaos nós mandámos para o Orco.
Fogem outros para os navios e buscam a correr
praias de confiança; uma parte, por reles pavor, trepa de novo
o enorme cavalo e esconde-se no bojo que bem conhece.

Ah, mas a ninguém é legítimo fiar-se em deuses adversos!
Eis que a jovem filha de Príamo, Cassandra, cabelos esparsos,

era arrancada ao templo e ao santuário de Minerva,
os olhos em lume voltados em vão para o céu,
os olhos, pois as mãos delicadas, cadeias as acorrentavam.
Não suportou tal espectáculo Corebo, o coração enraivecido,
e lançou-se para a morte no meio das tropas.
Todos o seguimos e ali nos precipitamos de armas em riste.
Logo aqui, dos altos telhados do templo, somos alvejados
pelos dardos dos nossos e tem início uma desgraçada chacina,
em razão da aparência das armas e do logro dos penachos gregos.
Então, os Dánaos, entre clamores de fúria por lhes ter sido roubada a jovem,
irrompem ali adentro, vindos de todo o lado — o implacável Ájax
e os dois Atridas e todo o exército dos Dólopes;[44]
como às vezes rebenta um turbilhão, e entram em remoinho
ventos contrários, o Zéfiro e o Noto, e o Euro, orgulhoso
dos cavalos da Aurora, assobia a floresta, e sacode seu tridente
Nereu, entre flocos de espuma, e revolve do cimo ao fundo o mar.
E também aqueles que, na escuridão da noite, desbaratámos
pelas sombras com nosso ardil e pusemos a correr na cidade inteira,
aparecem; começam por reconhecer os escudos e as lanças
enganosas e reparam nas falas de sons diferentes.
Logo ali somos esmagados pelo número: primeiro tomba Corebo
às mãos de Peneleu, diante do altar da deusa toda poderosa;
cai também Ripeu, um dos mais rectos de quantos viveram
entre os Teucros e o mais respeitador da justiça.
Outro foi o juízo dos deuses! Sucumbem Hípane e Dimas,
trespassados pelos companheiros, e a ti, ó Panto, nem a tua infinda
piedade nem a divisa de Apolo te protegeram na queda.

Cinzas de Ílion, chama derradeira dos meus,
por testemunhas vos tomo: na vossa ruína, nem setas nem opção

[44] Dólopes: um dos vários povos que integravam a grande aliança grega na guerra de Tróia.

alguma evitei; e se fosse desígnio dos fados que eu tombasse,
às mãos dos Dánaos teria merecido tombar. Dali nos partimos,
Ífito e Pélias comigo (Ífito um tanto vergado ao peso
dos anos e Pélias lento, por força dos golpes às mãos de Ulisses),
direitos ao palácio de Príamo, onde a gritaria nos chamava.

Aqui mesmo é uma enorme batalha que vemos, como se nenhum outro combate
houvesse e ninguém mais estivesse a morrer na cidade inteira;
vemos um Marte sem freio e os Dánaos a investir contra o palácio
e os portais acometidos por uma formação de tartaruga.
Encostam escadas às paredes, e debaixo dos próprios umbrais
apoiam-se nos degraus e, protegidos, com a mão esquerda
oferecem os escudos às setas, firmam-se na cobertura com a direita.
Os Dardânidas, para os combater, arrancam torreões e o telhado
inteiro dos palácios; com tais dardos, pois é o lance último que vislumbram,
preparam a sua defesa na derradeira fronteira da morte,
e as vigas douradas, subido ornato de velhos avoengos,
arremessam-nas para baixo; outros, de espadas em riste,
bloqueiam a base dos portais, protegem-nos em guarda cerrada.

Ganhamos ânimo a acudir ao palácio do rei,
a amparar com nosso socorro os soldados, a levar força aos vencidos.
Havia uma entrada, com uma porta oculta e por onde podia passar-se
de um ao outro dos salões de Príamo, e uns portais abandonados
lá atrás; por ali, enquanto o reino durou, a pobre
Andrómaca costumava, muitas vezes, andar sem companhia
até aos sogros e trazia o menino Astíanax ao avô.
Esgueiro-me para o ponto mais alto do telhado, de onde
com a mão lançavam dardos perdidos os desgraçados Troianos.
Uma torre se elevava à beira de um abismo, com tectos bem altos
subidos até às estrelas, de onde costumava ver-se toda Tróia

e as naus dos Dánaos e o campo dos Aqueus;
investimos contra ela a toda a volta, com armas; onde os patamares superiores
mostravam juntas frágeis, arrancámo-la dos altos suportes
e empurrámo-la; ela escorregou de repente e ruiu
com estrondo e tombou com todo o seu volume sobre o esquadrão
dos Dánaos. Mas os demais avançam e, entretanto, nem pedras
nem qualquer sorte de setas tem parança.

Mesmo diante do vestíbulo e logo na primeira entrada, Pirro[45]
dá largas à sua alegria com as armas e refulge com a luz do bronze,
qual serpente estendida ao sol, alimentada de ervas daninhas,
que o frio do Inverno sustinha escondida e inchada debaixo do chão,
e agora, despida de seus andrajos, resplandece de novidade e juventude,
revolve o dorso escorregadio, de peito alçado,
estica-se para o sol e faz silvar na boca a língua de três pontas.

Com ele o enorme Périfas e o auriga dos cavalos de Aquiles,
o cocheiro Automedonte, com ele, ainda, toda a gente de Siros
invadem o palácio e lançam-lhe fogo até ao tecto.
Ele próprio, à frente de todos, deitou mão de um machado,
rebentou a porta rija e arrancou os umbrais de bronze
dos gonzos; e logo, ao fazer saltar a trave, que era bem firme, cavou uma fenda
no madeirame e rasgou daquele lado uma enorme brecha.
Fica à vista o interior do palácio e os longos átrios são escancarados;
ficam à vista os aposentos de Príamo e dos antigos reis,
e avistam homens armados e de pé firme na porta de acesso.
Mas o interior da casa é uma confusão de gemidos e triste
gritaria, e os recantos das divisões mais apartadas ressoam
dos uivos e queixumes das mulheres; o alarido atinge as estrelas douradas.
Então, deambulam as mães temerosas na imensidão dos salões,

[45] Pirro era filho de Aquiles, o qual, à data da queda de Troia, tinha já morrido.

estreitam em abraços os portais e cobrem-nos de beijos.
Ergue-se, ameaçador, Pirro, com a violência de seu pai; nem traves nem mesmo
guardas são capazes de o suster; vacilam, às insistentes investidas do aríete,
as portas e saltam dos gonzos e caem os umbrais.
Abre-se caminho à força; invadem a entrada e trucidam os primeiros
os Dánaos, disparados, e por toda a parte enchem o lugar de soldados.
Não é tanta a força da corrente coberta de espuma, quando rebenta represas
e transborda e leva de vencida no turbilhão as construções que lhe surgem diante;
avança terras adentro em sua fúria atulhada e pelos campos fora
arrasta estábulos e rebanhos. Eu mesmo vi Neoptólemo
no desvario da matança e, à porta, os dois Atridas,
vi Hécuba e suas cem noras e Príamo junto aos altares
a borrifar de sangue o fogo que ele mesmo tinha consagrado.
Aqueles cinquenta tálamos, esperança tão grande de descendência,
os umbrais grandiosos cobertos de ouro dos bárbaros e de despojos,
foram arrasados; possuem os Dánaos o que o fogo poupou.

Talvez perguntes que fados foram os de Príamo.
Quando se apercebeu da conquista da cidade e dos portais
de seu palácio em escombros e do inimigo no meio dos salões,
armas há muito desacostumadas, o pobre ancião em vão as enverga
nos ombros trémulos dos anos e empunha uma espada
inútil e lança-se para a morte na floresta de inimigos.

No meio do templo e sob a abóbada desnuda do céu
havia um enorme altar e, logo ao lado, um loureiro bem antigo,
reclinado sobre o altar, que com a sombra abraçava os Penates.
Aqui Hécuba e as filhas, em vão em roda dos altares,
como denso bando de pombas no negrume da tempestade,
se assentavam, estreitadas umas contra as outras e abraçando as imagens dos deuses.

Mas, quando ela viu o próprio Príamo revestido das armas
da juventude, disse: "Que ideia tão terrível, pobre marido,
te levou a envergar essas armas? Ou para onde vais?
Não é de um tal socorro e desses guardiões
que este tempo precisa; nem que estivesse aqui o próprio Heitor.
Chega-te, pois, aqui; este altar a todos nos protegerá
— ou morreremos juntos." Assim falou e acolheu-o
junto de si e instalou o ancião no lugar sagrado.

Eis que, entretanto, tendo escapado de morrer às mãos de Pirro, Polites,
um dos filhos de Príamo, foge por entre lanças e por entre
inimigos, por sob portais infindos, e dá a volta aos salões vazios,
coberto de golpes. Persegue-o, a arder de uma ferida encarniçada,
Pirro, quase, quase a alcançá-lo e de lança em riste.
Por fim, quando chegou diante dos olhos e do rosto dos pais,
caiu, prostrado e, banhado em sangue, deixou esvair-se a vida.
Então Príamo, posto que estivesse já preso no meio da morte,
não se conteve, mesmo assim, e não poupou voz nem raiva:
"A ti, por este crime", exclama, "e por tais ousadias,
os deuses, se piedade alguma há no céu que de tais assuntos cuide,
te paguem a recompensa que mereces e te dêem os prémios
que te são devidos, tu que me fizeste presenciar, à minha frente, a matança de
meu filho e desfiguraste com a visão da morte o rosto de um pai.
Mas aquele de quem dizes, com falsidade, ser filho, Aquiles,
não agiu assim com seu inimigo Príamo; antes corou face aos direitos
e ao respeito devido a um suplicante; e o corpo ensanguentado de Heitor,
entregou-o para sepultura e a mim mandou-me de volta a meu reino."
Assim falou o ancião; e arremessou a lança, frouxa e sem força,
que logo foi repelida com som enrouquecido pelo bronze
e no bojo saliente do escudo ficou pendurada — em vão.

Responde-lhe Pirro: "Vai, então, contar isto; irás feito mensageiro
a meu pai, o Pelida. Lembra-te de lhe falar de meus malfadados feitos
e de Neoptólemo, que degenera dos seus.
Agora, morre!" Ao dizer isto, arrastou-o a tremer até ao altar
e, enquanto ele escorregava na poça de sangue do filho,
enlaçou-lhe o cabelo com a mão esquerda e tirou com a direita
a espada refulgente e mergulhou-a no corpo até ao punho.
Este foi o fim dos fados de Príamo, este desenlace o acolheu
em sua sorte: ver Tróia a arder e Pérgamo
em escombros, ela que teve um dia tão soberbo poderio
sobre gentes e terras. Ali jaz, enorme, um tronco na praia;
e, arrancada dos ombros, uma cabeça; e, já sem nome, um corpo.[46]

Mas eu, assim que tão sangrento horror me cercou,
fiquei paralisado; veio-me à ideia a imagem de meu querido pai,
ao ver o rei, da mesma idade, a exalar a vida,
por força de tão terrível golpe, veio-me à ideia Creúsa desprotegida
e a casa saqueada e a perda do pequeno Iulo.
Olho para trás e espreito quanta gente tenho à minha volta.
Todos sumiram de cansaço; e os corpos combalidos
ou saltaram e os atiraram ao chão ou os entregaram às chamas.

Ali, então, era eu o único que restava. Quando, abrigada junto à porta de Vesta,
avisto, em silêncio e escondida num recanto oculto,
a filha de Tíndaro;[47] a luz das chamas alumia-me,
enquanto deambulo e passo os olhos por tudo a toda a volta.
Ela, temerosa da fúria dos Teucros contra si, por causa da destruição de Pérgamo,
e temerosa do castigo dos Dánaos e da raiva do marido que abandonara,

[46] É visível a incoerência: Príamo é assassinado no palácio; os versos que encerram a descrição dão o cadáver como decapitado na praia, na solidão dos destroços e da derrota. A aparente incoerência justifica-se pela força da imagem.

[47] Helena, afinal de contas a responsável por toda a tragédia, já que é ela que está na origem da guerra de Tróia.

das Erínias de Tróia, que eram também da sua pátria,
afastara-se e estava sentada ao pé dos altares, sem ser vista.

Atearam-se chamas em meu coração; subiu por mim a fúria de vingar
a pátria em ruínas e castigar aquela maldita.
"Será verdade que esta mulher há-de, em segurança, ver Esparta
e a pátria Micenas e ir daqui como rainha, alcançado o triunfo,
e ver o marido e o palácio e os pais e os filhos,
na companhia de uma corte de filhas de Tróia e de escravos frígios?
E terá morrido à espada Príamo! E Tróia terá ardido nas chamas!
E as praias de Dardânia terão tantas vezes transpirado sangue!...
Não será assim. Sendo certo, embora, que não há fama digna de memória
na punição de uma mulher, esta vitória merece o seu louvor;
seja como for, por ter liquidado este monstro nefando e lhe ter dado
o castigo que merece, hei-de ser exaltado; e vai dar-me prazer fartar o coração
nas chamas da vingança e saciar as cinzas dos meus."
Tais ameaças desferia e ia levado por coração em desvario,
quando diante de mim se deu a ver a meus olhos, nunca antes tão resplandecente,
a minha boa mãe e refulgiu na luz pura da noite,
deusa assumida, em tal figura e tão altivo porte como costumam
vê-la os deuses do céu; segurou-me com a mão
e do alto de seus lábios rosados estas palavras ajuntou:
"Meu filho, que dor tamanha provoca tão descomedida fúria?
Porquê esse desatino? Ou onde se refugiou o cuidado que me é devido?
Não deverias, antes, ir ver onde deixaste teu pai, Anquises,
cansado dos anos, ou se sobrevivem ainda tua esposa Creúsa
e teu filho Ascânio? Em volta deles, passeiam por toda a parte
os esquadrões gregos e, se não fosse a minha atenção fazer-lhes frente,
já as chamas os teriam levado e as espadas inimigas consumido.
Não tenhas por odiosa a beleza da lacedemónia filha de Tíndaro
nem Páris por culpado; é a inclemência dos deuses, dos deuses,

que derruba esta grandeza e arrasa de cima abaixo Tróia.
Vê (pois toda esta névoa que agora tens diante dos olhos
e te limita a visão de mortal e a toda volta espalha uma húmida
penumbra, eu vou dissipá-la — e tu não receies o que manda
tua mãe nem enjeites obedecer a suas ordens):
aqui, onde avistas casas desconjuntadas e pedras arrancadas
às pedras e vagalhões de fumo, de mistura com poeira,
é Neptuno, com seu grande tridente, que abana os muros
e desentranha os alicerces e a cidade inteira faz desabar
de suas fundações. Aqui Juno, com suma crueldade, é a primeira
a pôr mãos nas portas Ceias e, revestida de uma armadura de ferro,
chama dos navios o exército aliado.
E já no alto da cidadela, vê bem, toma lugar a Tritónia Palas,
dentro de uma névoa, e espalha o seu brilho na companhia da terrível Górgona.
Até o pai concede ânimo aos Dánaos e forças promissoras,
até ele incita os deuses às armas contra Dardânia.
Empreende, meu filho, a fuga e põe termo a este tormento;
nunca te faltarei; e hei-de colocar-te em segurança, nos confins de teus pais."

Acabou de falar e escondeu-se nas sombras densas da noite.
Surgem à vista imagens terríveis e, em guerra contra Tróia,
o poder imenso dos deuses.
Foi então que me foi dado ver Ílion inteira a mergulhar
nas chamas e ser revolvida do fundo das entranhas a Tróia de Neptuno:
tal como no cimo da montanha o velho freixo
quando, talhado pelo ferro e a golpes repetidos de machado, teimam
os camponeses à porfia em derrubá-lo; mas ele mantém-se até ao fim, ameaçador,
e ondeia a folhagem e balança no topo assim sacudido
até que, vencido aos poucos pelos golpes, solta o derradeiro
gemido e, ao ser arrancado, arrasta por encostas sua queda.
Ponho-me a descer e, guiado por um deus, entre chamas e inimigos,

apresso-me; as setas dão-me espaço e as chamas recuam.
E assim que cheguei à porta da morada de meu pai
e à velha casa, o meu pai, o primeiro que para as altas montanhas
eu pretendia levar e o primeiro que eu vinha buscar,
recusa, depois da morte de Tróia, levar mais longe a vida
e padecer o exílio. "Vós, que tendes ainda sem quebra o sangue
próprio da idade", diz ele, "e em quem forças robustas se mantêm em seu vigor,
vós empreendei a fuga.
Eu, se os deuses do céu quisessem que continuasse a viver,
ter-me-iam conservado esta morada. Basta e sobeja
ter visto um extermínio e ter sobrevivido à conquista da cidade.
Assim, assim, dizei adeus ao meu corpo deposto e parti.
Por minhas próprias mãos hei-de encontrar a morte; terá o inimigo compaixão
e buscará meus despojos. É fácil o sacrifício da sepultura.
Por largo tempo já, odiado pelos deuses e sem préstimo, prolongo
meus anos, desde quando o pai dos deuses e rei dos homens
fez soprar sobre mim o vento de seu raio e me tocou com seu fogo."
Em tais desígnios teimava e persistia e continuava irredutível.

Eu opunha-me, desfeito em pranto, e também minha esposa Creúsa
e Ascânio e toda a casa: que não quisesse afundar tudo
consigo e agravar ainda mais a pressão do fado.
Ele rejeita e firma-se na primeira decisão e na sua casa.

De novo pego em armas e escolho a morte, com imensa tristeza;
pois que outra decisão ou que fortuna me eram concedidas?
"Porventura esperavas, meu pai, que fosse capaz de levar daqui meus passos
e deixar-te? Saiu coisa tão nefanda da boca de um pai?
Se aos deuses do alto apraz nada deixar de tão grande cidade,
e tudo está firme em teu coração e juntar à morte de Tróia

a tua e a dos teus, a porta abre o caminho para tal morte;
e logo ali estará, encharcado do sangue de Príamo, Pirro,
o tal que degola o filho à vista de seu pai e o pai frente ao altar.
Foi para isto, minha boa mãe, que me salvaste por entre setas,
por entre chamas? Para no meio de minha própria casa ver o inimigo
e Ascânio e o meu pai e também Creúsa
imolados cada um no sangue do outro?
Às armas, guerreiros! Empunhai as armas! Chama a luz derradeira pelos vencidos.
Entregai-me aos Dánaos! Consenti que volte uma vez mais ao combate
e o retome! Jamais morreremos todos hoje sem vingança!"

Então cinjo de novo a espada e colocava na mão esquerda
o escudo, a ajustá-lo, e encaminhava-me para fora de casa.
Mas eis que me abraçava os pés, já à porta, a minha esposa
e me segurava e estendia para o pai o pequeno Iulo:
"Se é para morrer que partes, leva-nos também contigo para quanto suceder;
mas se, por experiência, tens esperança nas armas que empunhas,
protege primeiro esta casa. A quem o pequeno Iulo,
a quem um pai e aquela a quem um dia chamaste esposa somos deixados?"
Tais clamores soltava, entre gemidos, e enchia toda a casa,
quando, de súbito, acontece um prodígio indescritível:
entre nossas mãos e aos olhos de seus tristes pais,
eis que do cimo da cabeça de Iulo vemos sair um penacho
a espalhar lume, e a chama a tocar sem dano e a acariciar
a leve cabeleira e a crescer em volta das têmporas.
E nós, apavorados, a tremer de medo, a sacudir-lhe os cabelos
em fogo e a apagar com água chamas sagradas.

Mas o pai Anquises voltou para as estrelas o olhar,
cheio de alegria, e dirigiu mãos e voz para o céu:

"Júpiter todo poderoso, se alguma prece pode apiedar-te,
olha para nós! Apenas isso. E se nossa piedade o merece,
dá-nos agora a tua ajuda, ó pai, e estes presságios, confirma-os."

Mal o ancião proferiu tais palavras, e, com súbito estrondo,
um trovão soou à esquerda, e, irrompendo do céu pelo meio das trevas,
uma estrela que trazia consigo um facho correu numa luz intensa.
Avistámo-la a passar sobre os altos tectos da casa
e a esconder-se, resplandecente, nos bosques do Ida,
a indicar o caminho; então, em prolongada linha, fica um sulco
a brilhar e ao longe, nos lugares em volta, há fumo de enxofre.
É aqui que, vencido, o meu pai se volta para as brisas do alto
e fala para os deuses e adora a estrela sagrada:
"Agora, agora, não pode haver tardança; eu sigo-vos; e aonde me guiais, aí estou,
ó deuses pátrios; protegei a minha casa, protegei o meu neto.
É vossa esta profecia; Tróia está sob o vosso poder.
Cedo, enfim, ó meu filho, e já não enjeito partir na tua companhia."
Assim falou ele, e, por entre as muralhas, o fogo faz-se ouvir
com maior nitidez, e mais perto faz a fogueira rolar as labaredas.

"Vamos, portanto, meu querido pai; sobe para as minhas costas;
eu mesmo te carregarei aos ombros e tal esforço não será peso para mim;
o que quer que aconteça, é um só e comum aos dois o perigo;
uma só salvação haverá para ambos. O pequeno Iulo vai
comigo, e que siga mais atrás nossos passos a minha esposa.
Vós, meus servidores, a tudo quanto eu disser tomai atenção.
Há, à saída da cidade, um outeiro e um antigo templo
de Ceres sem culto; ali perto, um velho cipreste,
longo tempo conservado pela piedade de nossos pais.
A este lugar chegaremos todos, vindos de pontos vários.
Tu, meu pai, segura em tua mão sagrada os pátrios Penates;

a mim, que acabo de vir de tamanha batalha e de recente matança,
é-me vedado tocar-lhes, antes de em água viva
me ter purificado."

Ao dizer tais palavras, os largos ombros e o pescoço vergado
cubro-os de um manto e sobre ele a pele de um fulvo leão
e ajeito-me à carga; a mão direita, aperta-a
o pequeno Iulo e acompanha o pai com passo desigual;
atrás segue a esposa. Avançamos por lugares sombrios
e eu, que, ainda há pouco, nenhum dardo lançado contra mim me assustava,
nem os Gregos saídos em vagas dos esquadrões inimigos,
agora, todas as brisas me metem medo, todos os ruídos me inquietam
e alertam, temeroso, ao mesmo tempo, da companhia e da carga.
E já me aproximava das portas da cidade e parecia-me ter feito
todo o caminho quando, de súbito, a meus ouvidos pareceu chegar
um ruído de passos apressados; e meu pai, olhando
por entre as sombras, exclama: "Meu filho, foge, meu filho! Estão perto.
Vejo brilho de escudos e bronze a reluzir."

Aqui, em minha agitação, não sei que divindade pouco amiga
se apoderou de meu coração perturbado; pois, enquanto na minha corrida
sigo por caminhos ínvios e evito lugares e rotas conhecidos
— ah, pobre de mim! — a minha esposa Creúsa, arrebatada pelo destino,
susteve os passos ou, porventura, perdeu-se no caminho ou parou de cansaço,
é incerto, mas não mais a meus olhos reapareceu.
Nem olhei para trás em busca da que perdera nem tornei atrás meu propósito
antes de ter chegado ao outeiro da antiga Ceres e ao lugar
sagrado; aqui, reunidos todos de novo, apenas uma
não estava e faltava a companheiros, ao filho, ao marido.
Contra quem não clamei eu, desvairado, de entre homens e deuses?
Ou que coisa mais cruel podia eu ver na destruição da cidade?

Ascânio e meu pai Anquises e os pátrios Penates
eu os confio aos companheiros e embrenho-me nas profundezas do vale;
volto a dirigir-me à cidade e cinjo lustrosas armas.
A decisão é reviver todos os passos e retornar por toda
Tróia e uma vez mais oferecer a cabeça ao perigo.
Começo por dirigir-me às muralhas e aos umbrais escuros da porta
por onde, na saída, conduzira meus passos e percorro em sentido inverso
os vestígios que vou observando, em meio da noite e à luz do luar;
horror em toda parte no meu coração e até o próprio silêncio me traz pavor.
Daí, não fosse o caso, sim, não fosse o caso de para ali ela ter encaminhado os passos,
a casa me dirijo; tinham-na invadido os Dánaos e ocupavam a casa toda.
É o fim: o fogo voraz é soprado até ao cimo dos telhados
pelo vento; vão mais alto as chamas, o furor do fogo sobe nas alturas.

Avanço e observo de novo o palácio de Príamo e a cidadela;
e já nos pórticos desertos, no templo de Juno,
os guardas escolhidos — Fénix e o terrível Ulisses —
vigiavam a presa. Ali, trazidos de toda a parte, os tesouros de Tróia,
roubados das fogueiras dos templos, e os altares dos deuses
e as taças de ouro maciço e as vestes dos cativos
vão-se amontoando. Longas filas de mães temerosas
ali estão a toda a volta.
Ousei, mais ainda, lançar brados sombras adentro,
enchi de gritos as ruas e em minha tristeza repetia o nome
e em vão chamei uma vez e outra vez por Creúsa.[48]
Quando assim a procurava no meu desvario, nas casas sem fim da cidade,

[48] O herói que, no momento em que fugira de casa com a família, seguia furtivo, temeroso e apavorado, com medo da própria sombra, perde, agora, a lucidez e tudo esquadrinha, em altos brados, clamando por Creúsa. Esta é a marca humana que não deixará Eneias ao longo de toda a obra.

uma visão entristecida e a sombra da própria Creúsa
apareceram diante de meus olhos; uma imagem maior, até, do que a de mim conhecida.
Fiquei paralisado, ficaram em pé os cabelos e a voz presa na garganta.
Então, assim ela me fala para aliviar meus cuidados, com estas palavras:
"Porquê tanto te apraz entregares-te a uma dor insana,
ó meu doce esposo? Não é sem a vontade dos deuses que tudo isto
acontece; nem levar daqui Creúsa em tua companhia
te é lícito, nem to consente o rei do celestial Olimpo.
Longo exílio te espera e vasta planura de mar tens a lavrar,
e chegarás às terras da Hespéria, onde o lídio Tibre,
entre campos fecundos do labor dos homens, corre com suave corrente;
aí um desfecho venturoso e um reino e uma esposa régia
te serão ofertados. Limpa as lágrimas pela tua amada Creúsa:
as moradas esplêndidas dos Mirmidões ou dos Dólopes,
não as hei-de eu ver nem vou servir de escrava às mães dos Gregos,
eu, uma filha de Dárdano e nora da deusa Vénus;
antes a grande mãe dos deuses me vai reter nestas paragens.
E agora adeus! E ao filho, que é de ambos, conserva o nosso amor."

Depois que proferiu estas palavras, a mim, desfeito em lágrimas e que tanto queria ainda
dizer-lhe, ela me abandonou — e apagou-se nas brisas impalpáveis.[49]
Três vezes ali tentei lançar-lhe os braços em volta do pescoço;
três vezes em vão a estreitei e a imagem se me esvaiu das mãos,
igual ao vento ligeiro e semelhante a um sono alado.
Então, por fim, com a noite já passada, busco de novo meus companheiros.

[49] Em ponto algum da narrativa se diz que Creúsa morreu. Dir-se-ia que os deuses a levaram para as brisas do alto, transformada em espírito, mas sem ser sujeita à morte. Não lhe era consentido partir, porque os fados necessitavam do seu lugar vazio — para ser ocupado, primeiro, por Dido, depois por Lavínia.

E aqui venho reparar, com surpresa, ser grande o número
de companheiros que tinham acorrido, mulheres e homens,
uma juventude reunida para o exílio, um povo miserando.
De toda a parte ali confluíram, prontos de ânimo e de bens,
fosse qual fosse a terra para onde os quisesse eu conduzir mar fora.

E já Lúcifer despontava nos cumes do alto Ida
e trazia o dia, e os Dánaos mantinham a guarda
das barreiras das portas e esperança alguma de socorro nos era garantida.
Desisti, pus meu pai aos ombros e dirigi-me para as montanhas.»

Livro III

«Depois que aos deuses do alto aprouve arrasar o poder da Ásia
e o povo de Príamo, que o não merecia, e que ruiu a opulência
de Ílion e que é apenas fumo, desde o húmus, toda a Tróia de Neptuno,
somos levados por sinais dos deuses a buscar alhures o exílio
e terras desertas, mesmo à beira de Antandro,
e no sopé do monte Ida, da Frígia, construímos uma frota,
incertos do rumo aonde nos levavam os fados, onde nos seria dado assentarmos,
e reunimos os homens. Ainda mal rompera o Verão
e já meu pai, Anquises, mandava soltar velas ao destino.
As praias de minha pátria, entre lágrimas, assim as deixo e seus portos
e campos onde Tróia existiu. Sou arremessado para o desterro do mar,
com companheiros e filho e os Penates e os grandes deuses.

Uma terra, lá longe, é cultivada na vastidão de seus campos — terra de Marte —
(os Trácios a cultivam), outrora governada pelo duro Licurgo,
antigo cais hospitaleiro para Tróia e Penates aliados
enquanto durou a Fortuna. Para ali me dirijo e, ao pôr os pés na enseada da praia,
ergo os primeiros muros — mas com fados não propícios —
e Enéades é o nome que, a partir de meu nome, lhes dou.
Oferendas levava eu para a filha de Dione, minha mãe, e para os deuses
que protegem o começo dos empreendimentos e, em honra do rei dos deuses
do alto,

sacrificava na praia um lustroso touro.
Havia, por acaso, ali ao lado, uma colina, no cimo da qual se viam tufos
de cornisos e uma murta eriçada de densa ramagem.
Acerquei-me e tentei arrancar do solo um molho de verdura
para cobrir de ramos frondosos os altares
e vejo uma coisa assombrosa e horrenda e espantosa de contar:
o primeiro arbusto arrancado do chão, raízes despedaçadas,
dele escorrem gotas de um sangue negro
e mancham de pus a terra. Um horror enregelado me sacode
o corpo, e fica coalhado o sangue, gelado pelo pavor.
Tento de novo e continuo a arrancar uma verga ligeira
de um outro e a indagar as causas escondidas lá bem fundo;
mas negro é o sangue que sai da casca deste outro.
Com o coração num alvoroço sem fim, rezava às Ninfas do campo
e ao pai Gradivo, que reina sobre os campos getas,
que fossem propícios aos rituais e nos livrassem da visão e do presságio.

Mas, depois que com mais firmeza me acerco de uma terceira
pernada e luto, de joelhos, contra a resistência da terra
(hei-de falar ou quedar-me em silêncio?), ouve-se um queixume choroso
do fundo do outeiro, e uma voz vinda de lá chega a meus ouvidos:
"Porquê, ó Eneias, retalhas tu um desgraçado? Poupa agora quem está sepulto,
poupa tuas mãos piedosas a esse crime. Criou-me Tróia,
não estranho a ti, e não corre aqui o sangue da madeira.
Ah! Foge de terras cruéis, foge de uma praia gananciosa;
eu sou Polidoro. Aqui me sepulta, trespassado, uma sementeira
de ferro de flechas e de agudos espinhos me crivou."

Então, o coração esmagado pelo pavor e a incerteza,
parei estarrecido e ficaram em pé os cabelos e a voz presa na garganta.
Este Polidoro, outrora, com grande soma de ouro,

o desventurado Príamo o confiara em segredo
ao rei da Trácia, para o criar, quando desconfiava já das tropas
de Dardânia e via a cidade a ser estrangulada pelo cerco.
Esse rei, quando o poderio dos Teucros foi derrubado e a Fortuna se esvaiu,
passa-se para o lado de Agamémnon e para as tropas vencedoras,
e rompe com tudo o que é justo: degola Polidoro e apodera-se
do ouro pela força. A que não obrigas tu o coração dos mortais,
ó fome desvairada do ouro? Depois que o pavor se me esvaiu dos ossos,
aos mais chegados nobres do povo e, antes de mais, a meu pai
conto estes prodígios dos deuses e indago qual a decisão a tomar.
Em todos perpassa o mesmo espírito: partir desta terra de crime,
deixar o abrigo inquinado e confiar as naus aos Austros.
Então fazemos os funerais a Polidoro e carregamos para o túmulo
grande quantidade de terra; erguem-se altares aos Manes,
enlutados por tristes grinaldas e sombrios ciprestes
e, em volta, as mulheres de Ílion, de cabeleira solta conforme o costume.
Nós trazemos bacias a espumar de leite morno
e taças com sangue dos sacrifícios e, à alma, confiamo-la
ao repouso do túmulo e em alta voz soltamos o derradeiro adeus.
Desde então, mal podemos fiar-nos no oceano, e os ventos nos dão águas
calmas e o sopro suave do Austro nos chama para o mar alto,
os meus companheiros puxam os navios e enchem a praia;
navegamos porto fora e terras e cidades ficam para trás.

Há no meio do oceano uma terra povoada, sagrada e muito grata
à mãe das Nereides[50] e a Neptuno do Egeu;
o deus archeiro,[51] quando ela vagueava por costas e praias,
prendeu-a a Míconos e aos cumes de Gíaro

[50] Dóris.
[51] Apolo.

e, deixando-a imóvel, consentiu-lhe ser povoada e aplacar os ventos.
Para aí me dirijo, e ela, em grande bonança, acolheu os homens cansados
em porto seguro; saímos e veneramos a cidade de Apolo.[52]
O rei Ânio, rei dos homens e também sacerdote de Febo,
as têmporas cingidas de grinaldas e do louro sagrado,
vem ao nosso encontro, reconheceu o velho amigo Anquises.
Demo-nos as mãos ao jeito dos hóspedes e entrámos em sua casa.

Venerava eu o templo do deus, feito de antigos rochedos:
"Concede-me, ó deus de Timbra, uma casa minha; concede muralhas a gente exausta
e família e uma cidade que possa perdurar; preserva a nova Pérgamo
de Tróia, o que resta dos Dánaos e da inclemência de Aquiles.
A quem devemos seguir? Para onde ordenas que vamos? Onde assentaremos
morada?
Dá-me, ó pai, um vaticínio e penetra em nossos corações."

Mal pronunciara estas palavras, tudo me pareceu de súbito tremer,[53]
os portais e o louro do deus e a montanha em volta, toda ela
estremecer, e a caldeira rugir nas profundezas do santuário.
Rendidos, prostramo-nos em terra, e uma voz chega a nossos ouvidos:
"Duros Dardânidas, a terra que, no começo, vos enviou
desde a origem de vossos pais, essa mesma, com seu peito farto,
vos há-de acolher no regresso. Procurai a madre antiga.
Aqui a casa de Eneias há-de reinar em todas as terras
e os filhos dos filhos e os que deles vierem a nascer."
Assim falou Febo: e uma enorme alegria irrompeu no meio
de burburinho e todos se interrogam que muralhas serão essas
para onde Febo convoca a gente errante e aonde a manda regressar.

[52] Delos.
[53] Descreve-se o ambiente em que era pronunciado o oráculo, na gruta de Delos.

Então meu pai, ao revolver a lembrança dos antigos guerreiros,
diz: "Escutai, ó companheiros, e ficai a conhecer vossas esperanças.
Creta, a ilha do grande Júpiter, alonga-se no meio do mar;
ali fica o monte Ida e o berço do nosso povo.
Ali são habitadas cem cidades, reinos de abundância;
de lá, o nosso grandioso pai, Teucro, se bem lembro o que ouvi,
foi o primeiro a ser levado até às praias do Reteu
e aí escolheu o lugar de seu reino. Não se erguiam, ainda, Ílion
e as torres de Pérgamo; habitavam no fundo de vales.
Daqui a mãe que habita o Cíbelo e o bronze dos Coribantes[54]
e a floresta do Ida, daqui o respeito e o silêncio nos mistérios sagrados
e os leões, lado a lado, foram atrelados ao carro de sua senhora.
Vamos, portanto! E para onde nos levam as ordens dos deuses façamos caminho!
Aplaquemos os ventos e busquemos os reinos de Cnossos.
E nem distam longo caminho; basta que nos assista Júpiter,
e o terceiro dia fará ancorar a armada nas praias de Creta."

Assim falou e sacrificou nos altares, com as honras condignas,
um touro a Neptuno, um touro a ti, ó formoso Apolo,
uma ovelha negra à Tormenta, aos Zéfiros propícios uma branca.

Corre a fama de que tinha partido, expulso dos reinos de seu pai,
o chefe Idomeneu, que estavam desertas as praias de Creta,
que o palácio estava liberto do inimigo e as casas abandonadas.
Deixamos os portos de Ortígia e voamos mar fora:
Naxos, com seus cumes povoados de bacantes, a verdejante Donusa,
Oléaro e Paros, cor de neve, e as Cíclades, dispersas no mar,
e atravessamos turbilhões de água entre terras sem conto.
Estala a gritaria da marinhagem em disputada contenda:

[54] Virgílio retoma, por voz de Anquises, uma antiga tradição que faz remontar a Creta a origem dos Troianos. De lá teria vindo Teucro e, com ele, o culto de Cíbele, a deusa-mãe (esposa de Cronos e mãe de Júpiter), e os seus sacerdotes, os Coribantes.

exortam os companheiros a que rumemos a Creta e aos avoengos.
Acompanha a nossa marcha um vento que se levanta de popa,
e, por fim, encostamos às antigas terras dos Curetes.
Logo, sem tardança, ergo as muralhas da cidade que ambiciono
e dou-lhe o nome de Pérgamo e, à minha gente, feliz com tal alcunha,
exorto-a a amar o lar e a erguer as construções da cidadela.
E já as naus são trazidas para terra quase enxuta,
a galanteios e campos novos se entrega a juventude,
e eu dava leis e casas quando, de repente, fica nauseabunda a vastidão do céu,
e uma peste aparece a contaminar os corpos e a conspurcar
árvores e sementeiras, e o tempo fica carregado de morte.
Deixavam os corpos a doce vida ou arrastavam-se
na doença; logo depois, Sírio calcinava os campos estéreis,
a erva secava, e a seara com moléstia recusava-nos alimento.

Aconselha-me meu pai a fazer-me ao mar e voltar atrás,
de novo até ao oráculo e a Febo, e a implorar a sua mercê;
que diga que fim irá trazer a tão esforçados trabalhos, onde ordenará
que busquemos ajuda para nossas desventuras, para onde devemos volver o rumo.

Era noite, e em terra o sono apoderava-se dos animais;
as imagens sagradas dos deuses e os Penates frígios
que comigo trazia desde Tróia e que arrancara às chamas
da cidade, vi-as de pé diante de meus olhos, estando eu prostrado
a dormir, bem visíveis numa luz intensa, qual a da lua cheia
que se infiltra janelas dentro e tudo invade;
então assim me falam e dissipam meus cuidados com estas palavras:
"O que, se regressares a Ortígia, Apolo haverá de dizer-te,
aqui to proclama; eis que se adianta e nos envia à tua morada.
Nós seguimos-te e a tuas tropas, desde Dardânia devastada pelo fogo,
nós percorremos o mar encapelado nos navios sob o teu comando;

do mesmo modo elevaremos às estrelas os netos que hão-de vir
e daremos um império à cidade. Tu, para grandes feitos
grandes muralhas prepara e não desistas dos longos padecimentos de teu vaguear.
Há que mudar de morada. Não foram estas as praias a que Apolo
de Delos te exortou ou onde te ordenou que te instalasses.
Há um lugar — os Gregos lhe dão o cognome de Hespéria —
terra antiga, poderosa por seus exércitos e pela fartura do solo;
homens enótrios a habitaram; agora reza a fama que os descendentes
chamam a este povo Itália, do nome de um de seus chefes;
é esta a nossa verdadeira morada, daqui partiu Dárdano
e o pai Iásio, de quem teve começo a nossa raça.
Levanta-te, pois, e leva com alegria a teu velho pai tais notícias
de que não devem duvidar: que ele procure Córito e as terras
de Ausónia; os campos dicteus, Júpiter tos nega."

Pasmado com tal visão e com as palavras dos deuses
(pois não era sono aquilo, antes, diante de mim, parecia-me reconhecer
seus rostos e a cabeleira coberta e suas figuras bem reais —
e, então, um suor gelado me ia percorrendo o corpo inteiro),
arranco o corpo para fora da cama e estendo para o céu
as mãos e a voz e na fogueira ofereço uma libação
sem mancha. Terminada a celebração e cheio de alegria,
dou conhecimento a Anquises e descrevo as coisas em pormenor.

Reconheceu a nossa dupla origem e os dois pais,
e que se tinha confundido naquele erro recente sobre os velhos lugares.
Recorda então: "Ó meu filho, a quem os fados ilíacos atormentam,
tais episódios só Cassandra costumava cantar-mos.
Agora relembro que ela augurava tais venturas à nossa gente
e a esses reinos muitas vezes chamava Hespéria, muitas vezes Itália.
Mas que os Teucros haveriam de chegar às praias da Hespéria,

quem havia de acreditar? Ou a quem nesse tempo conseguia Cassandra convencer?
Rendamo-nos a Febo e assim avisados prossigamos melhor rumo."
Assim falou; e todos escutamos, entre aplausos, as suas palavras.
Partimos também de tal morada e, deixando ali uns poucos,
largamos velas e palmilhamos no bojo das naus a vastidão do mar.

Depois que os navios alcançaram mar alto e que já não aparecia
terra alguma, e era céu a toda a volta e a toda a volta água,
então sobre minha cabeça estancou uma nuvem sombria,
carregada de noite e tormenta, e uma onda se alteou, eriçada de trevas.
De pronto se revolvem os ventos e o mar e enormes vagas
se levantam, e somos dispersos e baldeados por um turbilhão sem fim;
um dilúvio encobriu o dia, e a noite encharcada arrebatou
o céu, sucedem-se raios entre nuvens escarpadas;
somos desviados de nossa rota e vogamos na cegueira das vagas.
Até Palinuro afirma não distinguir no céu o dia e a noite
e não enxergar o caminho no meio das ondas.

Desde então, três dias sem rumo e em meio de cego negrume,
vagueamos nós no mar e outras tantas noites sem estrelas.
Ao quarto dia, por fim, uma terra começou a parecer
emergir e, ao longe, a descobrirem-se montes e novelos de fumo.
Recolhem-se as velas, deitamos mão aos remos, sem demora o esforço
dos marinheiros faz voar a espuma e varre o azul das águas.

Salvo das ondas, as praias das Estrófades são quem primeiro
me acolhe. As Estrófades, assim chamadas a partir de nome grego,
são ilhas que ficam no grande mar Jónio, que a tenebrosa Celeno
e as outras Harpias habitam, depois de a casa de Fineu
lhes ter sido vedada e de, por medo, terem deixado as mesas antigas.
Mais funesto do que elas monstro algum, nem peste

mais terrível, nem fúria de deuses se fez sentir fora das águas do Estígio.
Feições de donzela em forma de aves, um corrimento imundo
a sair-lhes do ventre e garras recurvas e o rosto sempre pálido de fome.

Quando aqui chegámos e entrámos o porto, eis
que vimos, espalhadas pelos campos, fartas manadas de bois
e um rebanho de cabras, sem pastor algum, erva fora.
Corremos de espada em punho e chamamos os deuses e o próprio
Júpiter para a partilha da caçada; então, numa enseada da praia
montamos leitos e banqueteamo-nos em abundante festim.

De súbito, porém, surgem das montanhas, em horrendo voo picado,
as Harpias e batem as asas com enorme ruído
e roubam a comida e tudo conspurcam com seu contágio
imundo; depois, um grito pavoroso em meio de um fedor medonho.

Uma vez mais, em lugar bem retirado, numa gruta cavada num penedo,
fechada, em volta, por árvores e por altas sombras,
dispusemos as mesas e acendemos, de novo, o fogo nos altares;
uma vez mais, de um outro lado do céu e de abrigos escondidos,
o tumultuoso bando esvoaça em redor da presa com suas garras recurvas,
lambuza com sua boca as mesas. Que empunhem armas, ordeno então
a meus companheiros, e que urge combater tão tenebrosa raça.
Não hesitam e fazem o que mandei e aprontam as espadas
escondidas na relva e lançam ao chão os escudos e escondem-nos.

Logo depois, quando elas se abatem sobre a enseada da praia e soltam
seus guinchos, dá Miseno o sinal do alto do seu posto de vigia
com a tuba de bronze. Irrompem os companheiros e lançam-se em desusado combate,
a despedaçar à espada os medonhos pássaros da praia.

Mas não sofrem agressão alguma na plumagem ou golpe no dorso
e em rápida fuga escapam-se para o alto
e deixam suas presas meio trincadas e um rasto imundo.

Sozinha, no cimo de uma rocha, pousou Celeno,
profeta da desgraça, e tais palavras arranca do peito:
"É uma guerra mais, por causa da matança de uns bois e do abate de uns vitelos,
ó filhos de Laomedonte, é uma guerra que vos aprestais a travar
e a expulsar as inocentes Harpias do reino de seus pais?
Acolhei em vosso coração e gravai estas minhas palavras,
que o pai todo poderoso anunciou a Febo e, a mim, Febo Apolo,
e que eu, a mais importante das Fúrias, vos desvendo:
Itália é o que buscais em vossa rota e com a ajuda dos ventos;
rumais a Itália e ser-vos-á consentido entrar seus portos;
mas não haveis de cercar de muralhas a cidade que vos foi dada,
antes de uma fome horrível e a ofensa desta matança contra nós
vos forçarem a roer as mesas e despedaçá-las com vossos dentes."
Falou; e com um bater de asas fugiu para dentro do bosque.

Entre meus companheiros, o sangue, gelado por súbito pavor,
deixou de correr; o coração desfaleceu e já não é mais com armas,
mas com votos e preces que me instam a pedir a paz,
sejam elas deusas, sejam aves terríveis e medonhas.
Mas meu pai Anquises, do meio da praia e de mãos levantadas,
invoca os grandes deuses e anuncia as honras que lhes são devidas:
"Ó deuses, afastai as ameaças! Ó deuses, arredai tal desventura
e, na vossa clemência, protegei a piedade destes homens!" Então manda
soltar amarras da praia e afrouxar os cabos retesados.
O Noto incha as velas; fugimos sobre as ondas em espuma
por onde vento e piloto iam traçando a rota.
Já no meio das ondas surge a frondosa Zacinto

e Dulíquio e Same e Nérito de agreste penedia.
Desviamo-nos dos rochedos de Ítaca, reino de Laertes,
e maldizemos a terra que gerou o cruel Ulisses.
Logo se nos revelam os píncaros, envoltos em nuvens, do monte Leucatas
e o Apolo temido pelos marinheiros.
Para ele rumámos, cansados, e dirigimo-nos a uma pequena cidade;
a âncora é lançada da proa, fundeiam na praia os navios.
Então, tomamos posse, por fim, de uma terra que não esparávamos,
purificamo-nos em honra de Júpiter e ateamos chamas votivas nos altares
e alvoroçamos em festa as praias de Áccio com jogos ilíacos.
Cultivam os desportos da terra pátria os companheiros desnudos,
a pele a escorrer óleo;[55] é-lhes grato terem-se livrado de tantas cidades
da Argólia e garantido a fuga pelo meio dos inimigos.

Entretanto, o sol perfaz o longo círculo do ano
e o gélido Inverno, com o Aquilão, torna inóspitas as ondas;
um bojudo escudo de bronze, ornato do grande Abante,
eu o fixo nos portais defronte e assinalo o momento com um verso:
ENEIAS DEDICA ESTAS ARMAS ARRANCADAS AOS VENCEDORES DÁNAOS.
Mando, então, deixar o porto e tomar lugar nos bancos do barco.
Os companheiros golpeiam o mar à porfia e varrem a superfície das águas.
Rápido perdemos de vista os altos torreões dos Feaces
e contornámos as praias do Epiro e entrámos o porto
da Caónia e chegámos, lá no alto, à cidade de Butroto.

Aqui, um rumor inacreditável enche-nos os ouvidos:
que o filho de Príamo, Heleno, reina em cidades gregas,
que se apossou do casamento e do ceptro do Eácida Pirro

[55] Os atletas untavam-se com um óleo adequado, antes de entrarem em competição.

e que Andrómaca[56] pertence de novo a um marido de sua pátria.
Quedei-me, pasmado, o coração a arder em espanto e desejo
de falar com aquele homem e ficar a conhecer tamanhos prodígios.

Avanço porto dentro, deixando para trás frota e praias
quando, por acaso, com iguarias rituais e dádivas fúnebres,
diante da cidade, em bosque junto às águas de um Simoente a fingir,
Andrómaca fazia libações às cinzas e invocava os Manes,
junto ao túmulo de Heitor; um túmulo vazio, que ela consagrara com um tufo de relva verde
e dois altares, fonte de suas lágrimas.[57]
Quando me viu aproximar e em volta avistou, excitada,
as armas de Tróia, espavorida com tamanha assombração,
gelou-se-lhe o rosto, o calor fugiu-lhe dos ossos,
desfaleceu e, a custo, depois de largo momento, falou por fim:
"É real esse teu rosto? És um real mensageiro que vens até mim,
ó filho da deusa? Estás vivo? Ou, se é que a luz benfazeja te abandonou,
Heitor onde está?" Assim falou e desfez-se em pranto e todo o lugar
encheu de seus queixumes. Diante de tal desvario, a custo consigo
dizer palavra e em desatino escassas palavras balbucio:
"Vivo, é verdade, e arrasto a minha vida por paragens bem remotas.
Não tenhas dúvidas, pois é bem real o que vês.
Mas tu, ah, privada que foste de tão ilustre marido, que desventura
te coube ou que fortuna assaz digna voltou a visitar-te,
ó Andrómaca de Heitor? Continuas, porventura, esposa de Pirro?"

[56] Andrómaca era a viúva de Heitor. Depois da queda de Tróia, foi entregue como cativa a Neoptólemo, ou Pirro, filho de Aquiles, referido no livro II. Eneias encontra-a em Butroto, já esposa de Heleno, também ele filho de Príamo.

[57] Tudo em Butroto é uma espécie de simulacro ou ficção, em recriação imaginária de Tróia: o rio Xanto, a cidadela, até mesmo o túmulo de Heitor, mas vazio. Ajusta-se bem ao espírito de frustração que, em larga medida, perpassa todo o poema, em especial no que à personagem do herói diz respeito.

Baixou o rosto e de voz em surdina falou:
"Oh, venturosa mais que todas as outras, única donzela filha de Príamo,[58]
a quem, junto ao túmulo do inimigo e rente às altas muralhas de Tróia,
deram a morte, a quem não coube ser tirada à sorte
nem lhe tocou ficar cativa no leito do vencedor, feito seu amo!
Eu, arrastada desde a pátria em chamas ao longo de mares sem fim,
tive de suportar a arrogância do filho de Aquiles e a insolência da sua juventude,
em forçada servidão; e ele, depois de ter cortejado
a da raça de Leda, Hermíone,[59] e um noivado lacedemónio,
passou-me como escrava a um escravo seu, Heleno, para ser dono de mim.
Mas, a arder de um intenso amor pela esposa que lhe fora roubada
e perseguido pelas Fúrias, em razão de seus crimes, Orestes
apanha-o desprevenido e liquida-o junto ao altar de seus avós.
Por morte de Neoptólemo, uma parte de seus reinos coube em sorte
a Heleno, que aos campos deu o nome de Caónios
e a toda a terra de Caónia, do troiano Cáon,
e no alto juntou-lhe, ainda, uma Pérgamo e a cidadela Ilíaca.
Mas a ti, que rota te traçaram os ventos, que rota os fados?
Ou que deus, sem o saberes, te fez arribar a nossas praias?
Que é feito do pequeno Ascânio? Sobrevive e respira este nosso ar?
Ele, a quem já em Tróia...
Alguma inquietação tem o rapaz pela mãe que perdeu?
Algum entusiasmo pela bravura dos antigos e pelo ânimo guerreiro
lhe despertam o pai Eneias e o tio Heitor?"
Tais palavras lhe escorriam entre lágrimas e um pranto sem fim
ia desfiando em vão, quando se apresenta, do alto das muralhas,

[58] Polixena, a princesa filha de Príamo, que Aquiles quis desposar, a troco de pôr fim à guerra. Hécuba, no entanto, preparou-lhe uma cilada no dia aprazado para a cerimónia, e o herói grego foi morto por Páris. Finda a guerra, Neoptólemo matou Polixena junto ao túmulo de seu pai Aquiles, como forma de vingança.

[59] Hermíone era filha de Helena, neta, portanto, de Leda e Júpiter; era, pois, herdeira do reino de Lacedemónia ou Esparta.

o herói filho de Príamo, Heleno, em meio de muitos companheiros,
e reconhece a sua gente e cheio de alegria os encaminha para o palácio
e derrama lágrimas sem conto entre cada palavra que diz.

Avanço; e reconheço uma pequena Tróia e, à semelhança da grande,
uma Pérgamo e, seco e com o nome Xanto, um rio.
Abraço os umbrais das Portas Ceias.[60]
E também os Teucros, por sua vez, desfrutam da amizade desta cidade;
acolhia-os o rei na amplidão de seus claustros;
no meio do salão, faziam-se libações em honra de Baco
com iguarias servidas em baixela de ouro, e de taças nas mãos.

E já um dia sucede a outro dia, e as brisas
chamam pelas velas e enfuna-se o pano inchado pelo Austro;
com estas palavras me abeiro do profeta e assim é a minha prece:
"Filho de Tróia, intérprete dos deuses, que a vontade de Febo,
que as trípodes e os louros de Claro, que as estrelas sabes perscrutar
e a linguagem das aves e os agoiros do esvoaçar das asas,
diz-me, vamos!, pois uma devoção venturosa me revelou toda
a rota, e todos os deuses com seu poder me induziram
a rumar a Itália e a atrever-me a territórios remotos,
e só a Harpia Celeno me apregoa um novo prodígio, abominável
e nefando, e anuncia penosas Fúrias
e uma fome sinistra: que perigos, antes de mais, devo evitar?
Que rumo seguir para poder levar de vencida tamanhas provações?"

Então, Heleno imola primeiro uns vitelos, como era de uso,
implora a paz dos deuses e desprende as faixas[61]

[60] Heleno e Andrómaca (que fora esposa de Heitor) haviam construído um simulacro de Tróia: portais, rios, tudo era a imagem, ilusória e vã, da pátria arrasada; nem faltava ali o túmulo de Heitor, mas vazio. Tudo sinais plenos de significação em meio da viagem.

[61] As faixas de sacerdote.

da sua cabeça abençoada e até teus portais, ó Febo,
por suas mãos me conduz, maravilhado ante tão vasto poder,
e tais novas anuncia depois o sacerdote, de sua voz divina:
"Filho de uma deusa! Pois que navegares mar fora, sob auspícios
mais grandiosos, é uma clara certeza, assim teus fados o rei dos deuses
os tirou em sorte e lhes desenrolou a sequência — esta é agora a ordem das coisas —,
pouco te vou desvendar do muito já dito, para poderes sulcar mares
hospitaleiros e lançar ferro em porto ausónio:
o resto, proíbem as Parcas
que se saiba; e dizê-lo Heleno é a satúrnia Juno que o impede.
Para começar, a Itália, que tu crês já próxima
e em cujos portos aqui ao lado, ó homem ingénuo, te preparas para entrar,
uma longa via e enviesada longe te separa dela por terras longínquas.
Mas terás de afundar os remos nas ondas da Trinácria
e sulcar com teus navios as águas do mar da Ausónia
e as lagoas do Inferno e a ilha da Éea Circe,
antes de poderes assentar uma cidade em terra firme.
Os sinais eu tos vou dar; tu, guarda-os bem no coração:
quando, no teu desassossego, junto às águas de um rio afastado
encontrares, aos pés da penedia da margem, uma porca grande
deitada, com suas trinta crias acabadas de parir,
ela branca, estendida no solo, os filhotes brancos em volta da teta,
esse há-de ser o lugar da cidade, esse o repouso seguro de teus padecimentos.
E não tenhas pavor de vires a trincar as tuas mesas:
os fados hão-de encontrar o seu caminho; e há-de assistir-te, quando chamado, Apolo.
Destas terras, porém, e deste areal de uma praia itálica,
que, bem perto, é banhado pelas vagas do nosso mar,
foge deles! Todas estas cidades são habitadas pelos pérfidos Gregos.
Aqui assentaram muralhas os Locros de Narícia,

e ocupou os campos salentinos, com seus soldados,
o lício Idomeneu; aqui a famosa e minúscula Petélia
firma-se nas muralhas de Filoctetes, o chefe Melibeu.
Mais: quando a tua armada, depois de ter passado à outra margem, estiver fundeada além mar,
e, depois de teres erguido altares, cumprires já teus votos na praia,
cobre o teu cabelo, revestido de um manto cor de púrpura,
para que, em meio do fogo sagrado em honra dos deuses,
nenhum rosto inimigo te surja diante e turve teus presságios.
Este ritual sagrado, observem-no os companheiros, observa-o também tu;
neste culto se mantenham, castos, os teus descendentes.
Mas quando te tiver desviado e feito aportar às praias da Sicília
o vento, e as barreiras cerradas do Peloro se desvanecerem,
é à terra que tens à esquerda e aos mares à esquerda que deves rumar,
em larga volta; foge da praia à direita e de suas ondas.
Tais lugares, dizem, foram arrasados um dia pela força e caíram em escombros
numa imensa ruína (tamanha mudança pode fazer a longa
idade do tempo); quando ambas as terras eram apenas uma,
num todo contínuo, surgiu no meio a força do mar e das ondas
e cindiu o lado hespério do síciulo e campos e cidades
separados na estreiteza de uma praia, banha-os com suas vagas.
Ao lado direito fica Cila, à esquerda a implacável Caríbdis,
e, do fundo do abismo de suas goelas, três vezes engole
de um só trago uma imensidão de ondas e de novo as vomita,
uma a uma, e açoita os astros com tais vagas.
A Cila, entretanto, prende-a uma caverna de tenebrosas entranhas,
cabeça esticada fora e a lançar os navios contra a penedia.
Em cima tem rosto humano, colo formoso de donzela
até às virilhas; para baixo, é uma baleia de corpo horrendo
que cruza cauda de golfinho com pança de lobo.
É melhor contornar o sopé do Paquino da Trinácria,

mesmo atrasando a marcha, e dar longa volta,
do que ver, uma vez que seja, na imensidão da caverna a monstruosa
Cila e os penedos que ecoam o latido de seus cães sinistros.
Mais ainda, se algum bom senso tem o profeta Heleno,
se alguma confiança merece, se o coração lhe enche de verdade Apolo,
um só alerta, ó filho de uma deusa, um só por todos
te farei; e, repetindo-o uma vez e outra vez, eu te aconselho:
é a divindade da grande Juno que primeiro tens de adorar,
é a Juno que tens de entoar votos fervorosos, e é o poder da senhora
que tens de vencer com oferendas e súplicas; assim, depois de por fim triunfares,
deixarás a Trinácria e busca os confins itálicos.
Trazido até aqui, quando chegares à cidade de Cumas,
aos lagos divinos e ao Averno de bosques sussurrantes,
hás-de ver a profetisa[62] em delírio, que, na base de um fundo rochedo,
anuncia os fados e a folhas confia registos e nomes.
Todos os cantos que a donzela escreveu nas folhas,
organiza-os por ordem e deixa-os a bom recato numa gruta;
ali ficam, sem serem arredados do lugar e sem saírem da ordem.
Mas quando, ao rodar dos gonzos, um leve sopro os sacode
e a porta desarranja a leveza das folhas,
nunca ela cura, depois, de segurar no antro da rocha as profecias
que esvoaçam ou de as chamar de volta ao lugar ou de as alinhar;
parte sem resposta quem veio e fica a odiar a caverna da Sibila.
Aqui, não dês grande valor ao tempo que gastares,
ainda que teus companheiros reclamem, e com força chame a rota
ao mar alto os navios, e possas fazer inchar velas propícias;
pois bem, vai ao encontro da sacerdotisa e com preces lhe pede
que apregoe seus oráculos e de vontade solte suas palavras e sua voz.
Ela, os povos de Itália e as guerras que estão para vir

[62] A Sibila.

e todos os modos como hás-de escapar e suportar padecimentos
te há-de desvendar e, porque a veneraste, vai dar-te rota propícia.
Isto é o que te é consentido conhecer por minha voz.
Parte! Vamos! E, com teus feitos, eleva até aos astros a grande Tróia!"

Depois que tais coisas anunciou o profeta com palavras amigas,
logo pesados presentes de ouro e de marfim trabalhado,
os manda trazer para os navios e enche as naus
com enorme tesouro e vasos de Dodona,
uma armadura tecida de triplo fio e colchetes de ouro
e um elmo de topo vistoso e penacho de pelos,
armas de Neoptólemo; também a meu pai são ofertados presentes.
Fornece-me cavalos, acrescenta guias,
reforça a tripulação, equipa meus companheiros com armas.

Anquises, entretanto, dava ordens para aprontar a armada
em suas velas, para que nada viesse a retardar a força do vento.
A ele, interpela-o o arauto de Febo, com grande respeito:
"Tu, ó Anquises, que foste digno do enlace sublime com Vénus,
desvelo dos deuses, duas vezes arrancado às ruínas de Pérgamo,
eis à tua mercê a terra de Ausónia; para ela aponta com tuas velas.
Mas é mister passar além dela mar fora;
fica longe aquela parte de Ausónia que Apolo vos franqueia.
Vai — diz ele — ó afortunado, graças à piedade de teu filho! Porquê
me deixo levar mais além e retardo, com minha conversa, os Austros que se levantam?"

E bem assim Andrómaca, entristecida com a iminente partida,
vem trazer-nos vestes bordadas a fio de ouro
e para Ascânio um manto frígio (em nada inferior a grande honra)
e entrega-nos tais tecidos de presente e tais palavras profere:

"Aceita estes presentes, toma-os por lembrança de minhas mãos,
ó rapaz, e fiquem a testemunhar o longo amor de Andrómaca,
esposa de Heitor. Recebe os derradeiros presentes dos teus,
tu, que és a única imagem que me resta do meu Astíanax.
Assim tinha ele os olhos, assim as mãos, assim o rosto;
e agora, com idade igual, estaria ele a crescer contigo."
E dizia-lhes eu, à medida que ia partindo, sem conter as lágrimas:
"Vivei venturosos, vós, cuja fortuna se cumpriu já:
Nós somos chamados de destino em destino.
Vós alcançastes a paz; nenhuma planura de águas tendes para sulcar,
nem os campos de Ausónia, que sempre nos fogem para trás,
para demandar. Tendes diante dos olhos a imagem do Xanto e de uma Tróia
que por vossas mãos edificastes, sob melhores auspícios,
assim o desejo, e que — oxalá — estejam menos à mercê dos Gregos.
Se algum dia no Tibre e nos campos vizinhos do Tibre
eu entrar e as muralhas prometidas a meu povo eu as enxergar,
das nossas cidades, doravante irmãs, e dos nossos povos vizinhos,
a Hespéria do Epiro (tiveram o mesmo fundador, Dárdano,
e a mesma será a sua sorte), de ambas faremos uma só
—Tróia — para nossos corações; e possa esta lembrança perdurar na nossa descendência."

Avançamos mar fora, encostados aos Montes Ceráunios, ali perto,
onde o caminho por mar para Itália é mais curto.
O sol, entretanto, vai caindo, e os montes cobrem-se de densas sombras;
estiramo-nos no regaço da terra desejada, à beira mar,
sorteamos os remadores e aqui e ali, na praia enxuta,
cuidamos do corpo, o torpor entranha-se nos membros exaustos.

Ainda não tinha a noite atingido metade da sua volta, conduzida pelas Horas;
sem sinais de torpor, Palinuro ergue-se do leito e perscruta

os ventos e capta com seus ouvidos as brisas;
mira todas as estrelas que deslizam no silêncio do firmamento,
o Arcturo e as chuvosas Híades e as duas Ursas,
e observa a toda a volta Oríon, com sua armadura de ouro.
Depois de olhar tudo quanto se apresenta no céu sossegado,
lança um sinal visível do alto da popa; nós levantamos o campo
e metemo-nos ao caminho e damos asas às nossas velas.

E já a Aurora ficava rubra, à medida que as estrelas se esvaíam,
quando ao longe avistamos escuros montes e a rasteira
Itália. "Itália!", grita, primeiro que todos, Acates;
"Itália!", com gritos de alegria saúdam os companheiros.
Então, o pai Anquises envolveu com uma coroa um grande vaso,
encheu-o de vinho e invocou os deuses
de pé, no cimo da proa:
"Deuses poderosos do mar e da terra e das tempestades,
fazei fácil o caminho com os ventos e soprai propícios."
Ganha força a brisa, segundo nossos desejos, e um porto se nos abre
já mais perto, e um templo de Minerva aparece no alto da cidadela.
Recolhem as velas os companheiros e voltam as proas para a praia.
O porto, do lado das ondas fustigadas pelo Euro, é curvado em arco,
os rochedos que se erguem diante cobrem-se de espuma, batidos pela água salgada,
e ele mesmo fica resguardado; em jeito de dupla muralha, alongam seus braços
penedos em forma de torres, e o templo está afastado da praia.

Quatro cavalos eu vi aqui na relva, primeiro augúrio,
a pastar na largueza do campo, de uma alvura cor de neve.
E logo clamou o pai Anquises: "É a guerra que trazes, ó terra hospitaleira,
para a guerra se aparelham os cavalos, é guerra a ameaça de tais animais!
Mas um dia, ainda assim, vão acostumar-se a sujeitar-se ao carro
estes ginetes e a aceitar o jugo do freio com mansidão;

também aqui a esperança de paz." Então, invocamos o sagrado poder
de Palas, de sonorosas armas, a primeira a acolher nossa alegria,
e nossas cabeças, diante dos altares, cobrimo-las de um véu frígio,
e, conforme os preceitos de Heleno, os mais importantes que nos legara,
prestamos com fogo à Juno argiva as honras que nos foram prescritas.
Sem tardança, cumpridos os votos em ritual sem quebras,
invertemos as pontas das vigas que seguram as velas
e deixamos as moradas dos Gregos e os campos pouco seguros.
Daqui avista-se o golfo de Hércules, se é certa a fama,
ou de Tarento, ergue-se, do lado oposto, a divina Lacínia
e as muralhas de Cáulon e o cemitério de naufrágios, Cilaceu.
Então, muito além, para lá das ondas, avista-se o Etna trinácrio
e escutamos o imenso sussurro do mar a bater na penedia
e ao longe os seus clamores a quebrar-se no areal,
e revolvem-se baixios, e a força da maré mistura-se com a areia.
E diz o pai Anquises: "Aqui está, bem real, a famosa Caríbdis;
é esta a penedia, são estes os rochedos que Heleno anunciava.
Passai de largo, companheiros, e, todos juntos, dai força aos remos."

Logo, sem hesitar, cumprem a ordem; e, na dianteira, volta Palinuro
a proa a rugir para as ondas à esquerda;
para a esquerda ruma toda a marinhagem, à força de remos e de vento.
Somos alçados até ao céu na curvatura de uma onda e logo
uma vaga nos arrasta e mergulhamos nos manes profundos.
Três vezes os rochedos soltaram seu estrondo das cavas da penedia,
três vezes vimos vomitar espuma e os astros encharcados.
Enquanto isso, já prostrados, deixaram-nos vento e sol
e, incertos do caminho, arribámos às praias dos Ciclopes.

O porto, ele mesmo, é abrigado da força dos ventos e imenso;
mas bem perto ressoa o Etna nos seus horrendos escombros,

e volta e meia despeja ares fora uma nuvem negra
com espirais de fumo de pez e cinzas em brasa
e cospe bolas de fogo e vai lambendo as estrelas;
volta e meia, pedras e entranhas arrancadas à montanha,
vomita-as e empilha-as e rochas fundidas ao ar livre
ele as amontoa entre sussurros, e ferve nas profundezas de seus abismos.
Corre a fama de que o corpo de Encélado, meio consumido por um raio,
é calcado por esta montanha, e que o enorme Etna, assente
sobre ele, solta bafos de fogo das fendas de suas fornalhas
e, de cada vez que move o seu corpo cansado, faz estremecer
com um murmúrio toda a Trinácria e fica o céu encoberto de fumo.
Aquela noite, a coberto da floresta, experimentámos tremendos prodígios
e não vislumbrámos qual pudesse ser a causa de tal ruído,
pois não havia já o fogo das estrelas nem estava luminoso o alto
do firmamento dos astros, antes havia nuvens em céu tenebroso,
e a lua, a noite profunda a resguardava numa nuvem.
E já o dia seguinte surgia, ao despontar da estrela da manhã,
e a Aurora tinha arredado do céu humidade e sombras
quando, de súbito, do meio do bosque, uma figura invulgar, toda ela
de magreza extrema e aspecto miserando, de um homem desconhecido,
avança em direcção à praia, de mãos suplicantes.
Observámo-lo: uma sujeira sinistra e longas barbas,
andrajos presos com espinhos; mas no demais era grego,
e um dos que outrora fora enviado para Tróia nas tropas de sua pátria.

Ele, quando avistou de longe os trajos dardânios e as armas de Tróia,
temeroso do que via, hesitou um pouco
e susteve o passo; mas logo se encaminhou, decidido, para a praia,
desfeito em lágrimas e súplicas: "Pelas estrelas vos suplico,
pelos deuses do alto e por esta luz do céu que respiramos,
levai-me, ó Teucros! Quaisquer que sejam as terras que buscais,

isso me bastará. Sei bem que sou um homem da frota dos Dánaos
e confesso que foi em nome da guerra que busquei os Penates de Tróia.
Por via disso, se tamanha é a injúria de meu crime,
espalhai-me pelas ondas e mergulhai-me na vastidão do mar;
se eu morrer, ter morrido às mãos de homens há-de ser-me aprazível."

Acabara de falar e abraçou-se aos nossos joelhos e, volteando em torno dos joelhos,
ali se quedava. Que dissesse quem era, de que sangue vinha,
a isso o exortamos, que contasse, enfim, que fortuna o tinha em alvoroço.
O próprio pai Anquises, sem grandes tardanças, estende a mão
ao jovem e dá-lhe alento ao coração com o penhor desse gesto.
Ele, deixando desvanecer o pavor, estas palavras disse, por fim:

"Sou de pátria Ítaca, companheiro do desventurado Ulisses,
meu nome é Aqueménides, meu pai era o pobre Adamasto
— ah, oxalá conservasse eu a sua fortuna! — e para Tróia larguei.
Aqui, quando partiram, apavorados, da cruel mansão,
os meus companheiros me deixaram, por esquecimento, na enorme caverna
do Ciclope. Casa sangrenta e de cruentos repastos,
interior sombrio, imenso; ele mesmo é enorme e consegue atingir
a altura dos astros — arredem os deuses da terra uma tal praga! —
e a ninguém é aprazível à vista nem afável à fala.
De entranhas de desgraçados e do negro sangue deles se sustenta;
eu mesmo vi: os corpos de dois da nossa gente,
ele agarrá-los com sua mão enorme, inclinado para trás,
e esfrangalhá-los contra a rocha, a espalharem-se, aos pedaços,
na casa sangrenta; eu vi: os seus membros a escorrerem sangue sinistro,
ele os trincava, e os ossos ainda mornos estalavam-lhe entre os dentes.
Não sem castigo, em boa verdade: nem suportou tais atrocidades Ulisses
e o guerreiro de Ítaca não se esqueceu de si em situação tão extrema.

E assim, logo que ele, empanturrado do repasto e afogado em vinho,
inclinou a cabeça e a repousou no chão e se estendeu na gruta,
imenso e mergulhado no sono, a bolsar restos podres e pedaços
misturados de sangue e vinho, nós, depois de invocarmos os grandes
deuses e cada um tirar à sorte sua tarefa, rodeámo-lo a toda a volta,
feitos um só, e com um barrote aguçado trespassámos-lhe o olho
enorme, o único que tinha enterrado na fronte sombria,
do tamanho de um escudo argivo ou da lâmpada de Febo,
e, enfim, cheios de alegria, vingámos as sombras dos companheiros.
Mas fugi, ó desventurados, fugi e soltai amarras
da praia!
Porque, tal qual Polifemo, e tamanho, que encerra no fundo
da caverna o rebanho de ovelhas e lhes muge as tetas,
outros cem Ciclopes tenebrosos habitam, aqui e ali,
em volta desta praia e vagueiam nos cumes dos montes.
Já pela terceira vez os cornos da lua se enchem de luz,
desde que arrasto a minha vida no meio de bosques, entre escarpas
desertas e moradas de feras, e espreito do alto de um penedo
os enormes Ciclopes e tremo ao som de seus passos e à sua fala.
Triste alimento, bagas e abrunhos rijos como pedras,
é o que me dão os ramos, e sustentam-me ervas que arranco pela raiz.
Tudo eu sondava em volta e vi, pela vez primeira, esta armada
a chegar-se à praia. A ela decidi entregar-me, fossem quem fossem;
basta já de fugir de gente nefanda.
Vós, esta vida, acabai antes com ela, seja com que morte for."

Mal terminara ele de falar quando, no alto do monte, avistámos,
no meio do rebanho, a mover-se com sua enorme estatura,
o pastor Polifemo, e a dirigir-se para as praias dele conhecidas,
monstro horrendo, disforme, imenso, a quem arrancaram o olhar.
Um pinheiro decepado guia sua mão e apoia-lhe os passos;
seguem-no as ovelhas, cobertas de lã; esse é o seu único prazer,

o conforto em sua desgraça [pende-lhe do pescoço uma flauta][63].
Depois de ter alcançado as ondas fundas e chegado ao mar,
lavou o sangue que escorria do olho vazado,
entre gemidos e ranger de dentes, e caminha já pelo meio do mar,
sem que as ondas lograssem molhar-lhe o seu flanco escarpado.
Nós, a tremer, apressámo-nos a fugir para longe dali, depois de acolhermos
o suplicante, que assim o mereceu, e em silêncio cortamos amarras
e invertemos o rumo, vergados sobre os remos que flagelavam o mar.
Ele pressentiu-nos; e desviou os passos para o ponto de onde vinha o ruído das vozes;
mas, por lhe não estar ao alcance atingir-nos com sua mão,
nem lhe ser possível ombrear com as ondas jónicas e seguir-nos,
soltou um urro imenso, que fez tremer o mar
e todas as vagas e encheu de terror as profundezas da terra
de Itália e fez roncar o Etna nos meandros de suas cavernas.
Mas o bando dos Ciclopes deixou o fundo dos bosques e o cimo
dos montes e correu para o porto e encheu por inteiro a praia.

Observamos, ali especados em vão, de olhar turvo,
os irmãos do Etna, erguendo ao céu as cabeças altaneiras,
em horrendo ajuntamento; tais quais se elevam, de cume bem erguido,
os carvalhos alongados nos ares ou os ciprestes de bagas esguias,
floresta cimeira de Júpiter ou bosque sagrado de Diana.
Um medo agudo nos apressa, sacudimos em toda a extensão
o cordame e estendemos as velas ao sopro de ventos de feição.

Eram contrárias as indicações de Heleno a que tomássemos rumo
entre Cila e Caríbdis, uma e outra caminho, com margem curta,
para a morte; o mais acertado é soltar velas para trás.
Mas eis que Bóreas, mandado do estreito de Peloro,
nos assiste; passo além das portas em rocha viva

[63] Frase de autenticidade duvidosa.

do Pantágias e o golfo de Mégara e a planura de Tapso.
Tais costas nos mostrava, refazendo seus passos em sentido inverso,
Aqueménides, companheiro do desventurado Ulisses.

No golfo Sicânio estende-se uma comprida ilha, frente
ao encapelado Plemúrio, a que chamavam os antigos
Ortígia. Corre a fama de que o Alfeu, o rio da Élide,
para aqui fez caminho clandestino por debaixo do mar e agora,
ó Aretusa, saindo de tua boca, mistura-se com as águas da Sicília.
Conforme nos foi ordenado, veneramos os grandes deuses do lugar, e dali
sigo além do solo empapado dos pântanos do Heloro.
Daqui, aflorámos as altas penedias e as escarpadas falésias
do Paquino e, sem nunca pelos fados lhe ser consentido deslocar-se,
surgem, à distância, Camarina e os campos de Gela;
Gela, do nome de seu rio impetuoso assim chamada.
Dali, a altaneira Agrigento exibe ao longe suas poderosas
muralhas, cidade outrora produtora de magníficos cavalos;
e a ti, eu te deixo ao sabor dos ventos, ó Selinunte, terra de palmeiras,
e escolho os pedregosos vaus do Lilibeu, de escondidos escolhos.

Daqui, o porto de Drépano e seu litoral descontente
me acolhem. Aqui, baldeado por tantas tormentas do mar,
o meu pai — oh tristeza! — conforto de todos os cuidados e canseiras,
eu o perco, Anquises. Aqui, ó melhor dos pais, na minha prostração
me abandonas, pobre de mim!, depois de em vão escapares a tantos perigos!
Nem o profeta Heleno, posto que muitos males horrendos me anunciasse,
me augurou um tal luto, nem a sinistra Celeno.
Este o extremo padecimento, esta a meta final da longa jornada.[64]

[64] Anquises morreu, portanto, na Sicília, quando a Itália meridional tinha já sido alcançada. O que sucedeu, a seguir, fora narrado no livro I: a tempestade, em resultado da qual a armada atravessou o Mediterrâneo, para ser lançada nas costas de Cartago. A longa analepse da *Eneida* termina aqui.

Daqui tendo partido, um deus me lançou para as vossas praias.»
Assim o pai Eneias, perante a atenção de todos, ele e só ele
voltava a narrar os fados dos deuses e relatava as suas viagens.
Calou-se, por fim, e, pondo aqui um termo, descansou.

Livro IV

Mas a rainha, longo tempo enferma de sério desassossego,
alimenta a ferida que lhe corrói as veias e deixa-se devorar por um fogo invisível.
A grande coragem daquele homem e a grande nobreza da sua estirpe
acodem muitas vezes ao seu espírito; cravam-se-lhe no fundo do coração, rosto
e palavras, e ao corpo não lhe consente a inquietude serenidade e repouso.

No dia seguinte, iluminava o luzeiro de Febo a terra
e a Aurora apartara do céu relento e sombras,
quando assim se dirige, falha de siso, a sua alma gémea, a irmã:
«Ana, minha irmã, que pesadelos me trazem desperta e apavorada!
Que hóspede este, acabado de chegar a nossa casa!
Que altivez no rosto! Que valentia no coração e nas armas!
Creio, mesmo, e não é em vão esta crença, ser da raça de deuses.
Corações sem nobreza, o medo os põe à mostra. Oh, por que fados
tem sido acossado este homem! Que combates sem fim ele narrava!
Se em meu coração não estivesse gravado, sem vacilações,
não me querer unir em laço algum de casamento,
depois que o meu primeiro amor me traiu e desenganou por obra da morte,
se não estivesse enfastiada de casamento e fachos nupciais,
por este e só por este, talvez, poderia eu sucumbir ao pecado.
Ana, confesso-te, até: depois da desdita do desventurado Siqueu,

meu marido, e de meus Penates terem sido escorraçados por obra do crime de meu irmão,
só este me dobrou os sentimentos e me fez o coração
balançar. Reconheço os vestígios da antiga chama.
Mas quereria eu, antes, que as profundezas da terra me engolissem
ou que o pai todo poderoso me lançasse com um raio no mundo das sombras,
nas pálidas sombras do Érebo e na noite profunda,
antes, ó pudor, que violasse eu ou quebrasse tuas leis.
Ele, o primeiro que a si me uniu, levou consigo
o meu amor; que ele consigo o mantenha e guarde no túmulo.»
Assim falou e encheu o regaço de lágrimas incontidas.

Ana responde: «Ó tu, mais querida do que a luz à tua irmã,
vais tu consumir para sempre em tristeza a tua juventude,
sem conheceres os doces frutos de Vénus nem seus penhores?
Ou julgas tu que te curas assim das cinzas e dos manes sepultos?
Pois bem! Na tua dor, marido algum conseguiu um dia vergar-te,
nem na Líbia, nem, já antes, em Tiro; foi desprezado Jarbas
e outros chefes que a terra de África, rica em triunfos,
sustenta; vais lutar também contra um amor que te é grato?
Nem te vem à ideia de quem é a terra onde te instalaste?
Em volta daqui, as cidades dos Gétulos, gente imbatível na guerra,
e os Númidas indomáveis são quem nos cerca, e a Sirte inóspita;
em volta daqui, uma região enjeitada por força da sede, e em todo o espaço os selvagens
Barceus. E que hei-de dizer das guerras com Tiro, que vão despontando,
e das ameaças de nosso irmão?
Foi por mercê dos deuses, acredito, e com os favores de Juno
que fizeram caminho para aqui, ao sabor dos ventos, as naus ilíacas.
Que cidade, ó minha irmã, vais ver erguer-se aqui, que reinos,
com tal enlace! Com o apoio do exército troiano,

com que feitos há-de engrandecer-se a glória púnica!
Tu, pede somente a graça dos deuses e, obtidos favoráveis augúrios,
dedica-te aos deveres de hospedagem e encadeia razões de delonga,
enquanto o mar o Inverno o flagela e Oríon de águas mil,
e os navios vão gingando, no tempo em que o céu está inclemente.»
Com estas palavras, inflamou-lhe o coração de um amor desmedido
e deu esperanças a um coração hesitante e fez desvanecer o pudor.

Começam por acorrer aos templos e paz é o que reclamam
frente aos altares; cabeças de gado escolhidas segundo os costumes, sacrificam-nas
a Ceres, a fazedora de leis, e a Febo e ao pai Lieu,
a Juno antes de todos os outros, que tutela os laços conjugais.
Ela própria, segurando na mão um vaso sagrado, a belíssima Dido,
verte-o no meio dos chifres de uma alva bezerra
ou, ali à frente dos deuses, caminha junto aos altares ensanguentados
e principia o dia com oferendas e, no flanco esventrado
das reses, consulta com sofreguidão as entranhas ainda palpitantes.
Ah, ignorantes espíritos dos áugures! De que servem votos no desvario,
de que servem templos? Uma chama se lhe instalou, entretanto,
nas entranhas, e vive, silenciosa, uma ferida bem dentro do coração.

Incendeia-se a desventurada Dido e pela cidade inteira vagueia,
desvairada, qual corça colhida por uma seta,
a quem pegou, desprevenida, no meio dos bosques de Creta,
o pastor que com seus dardos a perseguia e nela deixou um ferro alado,
sem o saber; ela, na fuga, atravessa bosques e barrancos
do Dicteu; aguenta, firme, no flanco a seta fatal.

Ora leva consigo Eneias pelo meio das muralhas
e lhe mostra as riquezas de Sídon e uma cidade pronta,
começa a falar e no meio da frase pára de repente;

ora, ao cair do dia, busca o mesmo banquete
e pede, em desvario, para ouvir, uma vez mais, os padecimentos
ilíacos e uma vez mais fica suspensa das palavras de quem conta.

Depois, quando eles se foram, e uma lua enevoada ocultou
a sua luz, e as estrelas que vão caindo convidam ao sono,
fica ela só e entristecida na casa vazia e nos leitos ao abandono
se estende; ausente ela, ausente o ouve a ele e o vê,
ou retém no seu colo Ascânio, cativa da figura do pai,
assim pudera ela enganar um amor sem nome.

Não se elevam mais as torres começadas, nas armas não treina já
a juventude, não se aprontam para a guerra o porto e os seguros
bastiões; ficam suspensos os trabalhos e interrompidos e a ameaça
das enormes muralhas e as máquinas de guerra que chegam ao céu.
Assim que a sentiu possuída por tal peste
a querida esposa de Júpiter, e nem a fama lhe travar o desvario,
com tais palavras a Satúrnia se dirige a Vénus:
«É bem glória sem paralelo e vastos despojos que ostentais,
tu e teu menino! Grande e digna de memória é essa façanha
de uma mulher só ser vencida pela manha de dois deuses.
E até nem me engana o teu receio de que nossas muralhas
abriguem casas suspeitas da alta Cartago.
Mas quando terá isso parança? Ou para onde vamos com tal contenda?
Porque não optamos, antes, por uma paz duradoura e pela aliança
de um casamento? Tens o que pediste de coração inteiro:
arde em amores Dido e arrasta, entranhado nos ossos, o desvario.
Seja, pois, comum a ambas este povo e sobre ele reinemos com iguais
auspícios; seja-lhe consentido servir a marido frígio;
e aos Tírios, em jeito de dote, confia-os à tua mão.»
De seu lado (pois bem sentiu que falava ela com ardil,

para manter o reino de Itália arredado por praias da Líbia),
assim retorquiu Vénus: «Quem seria tão louco a ponto de
tal acordo te negar ou preferir contender contigo?
Desde que, depois de feito o que dizes, a fortuna siga o seu rumo...
Mas sou tomada de incerteza quanto aos fados: se Júpiter pretende
que uma só seja a cidade de Tírios e dos que partiram de Tróia
e aprova que os povos se fundam ou que celebrem um pacto de união.
Tu és a esposa; a ti é consentido amaciar-lhe o coração com preces.
Avança. Eu sigo-te.» Então, assim lhe respondeu a rainha Juno:
«Fica por minha conta essa tarefa; agora, de que jeito pode conseguir-se
o que urge, em poucas palavras — toma atenção! — eu vou ensinar-te.
Eneias, juntamente com a desventurada Dido, aprestam-se
para partir para uma caçada na floresta quando, amanhã, Titã
fizer surgir os primeiros lampejos e desvelar com seus raios o mundo.
Sobre eles, eu irei derramar uma nuvem negra, de mistura com granizo,
enquanto os cavaleiros estão afadigados e cobrem os tufos com as redes,
e vou sacudir o céu inteiro com trovões.
Os companheiros vão pôr-se em fuga e ficar cobertos por noite tenebrosa;
para uma mesma gruta hão-de convergir Dido
e o chefe troiano. Estarei presente e, se posso dar por certa a tua vontade,
na firmeza de enlace os hei-de unir e proclamar que ela lhe pertence.
Este será o seu himeneu.» Sem se opor ao que lhe pedia,
concordou e riu de tão engenhosas manhas Citereia.[65]

Aurora, entretanto, despontava e deixou o Oceano.
Sai para as portas, ao nascer da Estrela da Manhã, um grupo de jovens escolhidos,

[65] A tragédia de Dido, pois é isso que se desenha nestes versos, tem, portanto, origem na cúmplice perfídia de duas deusas, Juno e Vénus. Arquitectaram um plano ardiloso, que a ambas convinha, embora a cada uma de seu jeito, e de tal plano só poderia resultar o desfecho que virá mais adiante, a trágica morte de Dido. Assim fizeram de uma inocente mortal um joguete, ao serviço dos seus interesses, o que não abona muito em favor do carácter de uma ou de outra.

redes de malha larga, armadilhas, lanças de ferro espalmado,
correm cavaleiros da Massília e o aguçado faro dos cães.
À Rainha, que tarda em sua câmara, esperam-na à porta
os mais importantes dos Púnicos, e, a luzir de púrpura e ouro,
o cavalo, a bater os cascos e a morder, feroz, o freio envolto em espuma.
Finalmente, ela avança, rodeada de grande multidão,
envolta num manto de Sídon todo bordado;
trazia uma aljava de ouro, o cabelo caía em caracóis de ouro,
de ouro era o fecho que lhe prendia o manto cor de púrpura.

E incorporam-se, ainda, os companheiros frígios e Ascânio, pleno
de alegria. Ele próprio, o mais formoso acima de todos os outros,
Eneias, ali se junta na companhia deles e une os grupos.
Qual Apolo, quando deixa o Inverno da Lícia e as águas do Xanto
e visita a Delos materna
e põe em acção os coros, e, misturados à volta do altar,
gritam Cretenses e Dríopes e Agatirsos de busto pintado,
e ele caminha nos cumes do Cinto e segura e molda com leve
grinalda a longa cabeleira e prende-a com ouro,
tilintam as setas no seu ombro; não mais descuidado que ele seguia
Eneias, tamanha nobreza resplandece no seu porte altivo.

Depois de terem chegado a altas montanhas e ínvios covões,
eis que cabras selvagens, corridas do pico das rochas,
fogem para os cumes; do outro lado, atravessam, a correr, campo aberto
veados e reagrupam a manada envolta em poeira e deixam as montanhas.
Mas o jovem Ascânio, no meio do vale, diverte-se em cima de cavalo
bravio e ora apanha uns na corrida, ora passa outros,
e que lhe apareça no meio da manada em desordem um javali
a espumar é o que mais deseja, ou que desça da montanha um fulvo leão.
Entretanto, começa o céu a embrulhar-se com enorme ruído,

vem depois um temporal, de mistura com granizo,
e, sem rumo, os companheiros da Tíria e a juventude troiana
e o neto dardânio de Vénus procuram abrigos dispersos pelos campos,
cheios de medo; jorram torrentes do alto das montanhas.

Chegam a uma mesma gruta Dido e o chefe troiano.
Primeiro, a Terra e Juno, padroeira de matrimónios,
dão o sinal; atearam-se fogos e o ar fez-se cúmplice
de tais esponsais, e de altos cumes ulularam as Ninfas.[66]
Foi aquele o dia primeiro da sua morte e a causa
de suas desgraças; pois nem se deixa Dido demover pela sua condição
nem pela fama, nem se detém a pensar ser um amor clandestino:
casamento é o que lhe chama; por detrás deste nome oculta a culpa.

Logo corre a Fama pelas cidades da Líbia,
a Fama — mais veloz do que ela não existe outra desgraça:
andar dá-lhe vigor e ganha forças na viagem;
encolhida de medo ao princípio, depressa se alça nos ares
e caminha terra fora e esconde a cabeça entre as nuvens.
A Terra, que é sua mãe, irritada com a fúria dos deuses,
gerou-a, segundo consta, por derradeira irmã de Céu
e Encélado, de pés velozes e ágeis asas,
um monstro horrendo, disforme, com tantas penas no corpo
quantos olhos vigilantes debaixo delas — coisa fantástica! —,
outras tantas línguas, outras tantas bocas a falar, outras tantas orelhas espetadas.
De noite, voa entre céu e terra pelas sombras,

[66] Quatro versos, apenas, para descrever os esponsais, assumidamente furtivos, entre Dido e Eneias. Quatro versos onde se sucedem imagens de mau presságio: a tempestade, o negrume de que se cobre, subitamente, o dia, fogos de relâmpagos, o ulular das Ninfas. Nem uma só nota a indiciar um luminoso festim. Virgílio era pouco dado à celebração do amor e seus êxtases. Mas estes versos dizem bem mais do que estados de espírito de quem os escreveu: apontam o rumo a este amor, amaldiçoado desde o primeiro momento.

com alarido, e nunca fecha os olhos à doçura do sono;
de dia, põe-se de guarda, ou no cimo de tectos altaneiros
ou no alto de torres, e apavora as grandes cidades,
tão apostada em apregoar coisas fingidas e tortuosas, quanto a verdade.
Comprazia-se em encher os ouvidos do povo com boatos de vário género;
e, com força igual, apregoava realidade e fantasia:
que tinha chegado um tal Eneias, nascido de sangue troiano,
um guerreiro com quem Dido, apesar da sua formosura, se permitia ter uma ligação;
agora, em lascívia, acalentavam um com o outro o longo Inverno,
esquecidos de seus reinos e enredados em vergonhosa paixão.
Todas estas sem vergonhas as põe a deusa por toda a parte na boca dos homens.

De pronto, volta o seu rumo para o rei Jarbas
e incendeia-lhe o coração com o que diz e suscita nele a raiva.
Este filho de Ámon e de uma ninfa Garamante que raptara,
cem templos enormes construiu em honra de Júpiter, em seus vastos domínios,
e cem altares, e consagrou-lhe um fogo que nunca apaga,
guardião eterno dos deuses, e de sangue de animais
pingue o solo e os portais floridos de grinaldas de vária sorte.
Ele, furioso no coração e inflamado com tão amargos rumores,
diz-se que, diante dos altares, no meio das imagens dos deuses,
muitas súplicas dirigiu a Júpiter, de mãos erguidas:
«Júpiter todo poderoso, a quem agora as gentes da Maurúsia,
em seus festins nos leitos bordados, veneram com as libações de Leneu,
vês tu isto? Acaso, ó pai, quando desferes os teus raios,
é em vão que te tememos? E que os raios cegos nas nuvens
apavoram os corações? E não tem sentido o ribombar dos trovões?
Uma mulher que, peregrina em nossos domínios, assentou
uma cidade, por vil preço, a quem dei terra
para lavrar, a quem transmiti as leis do país, rejeita

o enlace comigo e recebe Eneias por senhor em meu reino.
E agora esse Páris, mais o seu cortejo de efeminados,
que prende com turbante meónio o queixo e o cabelo encharcado,
assenhoreia-se da presa que raptou: por certo trazemos oferendas
a teus templos e engrandecemos a tua glória... para nada.»
A quem com tais preces suplicava, mãos no altar,
escutou-o o Omnipotente e voltou o olhar para as muralhas
régias e para quem esquecera a mais importante glória — os amantes.

Então, assim se dirige a Mercúrio e tais ordens lhe dá:
«Vamos! Vai, meu filho, chama os Zéfiros e desliza com tuas asas
e ao chefe dardânio, que vai aguardando agora em Cartago, da Tíria,
e perdeu de vista as cidades que lhe foram dadas pelos fados,
fala-lhe e leva-lhe as minhas palavras com a rapidez das brisas.
Não foi um tal homem que sua tão formosa mãe
me prometeu, e mais, que duas vezes o salvou das tropas gregas;
antes seria alguém que viria a dominar Itália, prenhe de impérios
e a ferver de guerras, a levar longe a raça do sublime sangue
de Teucro e que o mundo inteiro viria a submeter a suas leis.
Se em nada o estimula a glória de tamanhos feitos
e mais ainda, se não afronta trabalhos por mor de seu renome,
há-de o pai invejar a Ascânio as muralhas de Roma?
Que está ele a construir? Ou com esperança em quê se retarda entre gente adversa
e não põe os olhos na descendência ausónia e nos campos de Lavínia?
Faça-se ao mar! É isto, em suma! Sê o meu mensageiro!»

Acabara de falar, e ele aprontava-se para obedecer ao mando
do pai; e, primeiro, ata aos pés as sandálias
de ouro, que, com suas asas, o levam ar fora, ora sobre o mar,
ora sobre a terra, à velocidade do vento.
Depois, pega na vara; com ela chama ele do Orco as almas

empalidecidas e envia outras para as tristezas do Tártaro,
dá o sono e tira-o e resgata os olhos da morte;
confiado nela, dirige os ventos e nada em meio de procelosas
nuvens. E já em seu voo vê o pico e as encostas escarpadas
do Atlas agreste, que sustém em seu cume o céu;
Atlas, sempre envolto em nuvens sombrias,
a cabeça coberta de pinheiros e flagelado pelo vento e pela chuva,
uma neve espessa lhe cobre os ombros, e, por isso, rios desabam
queixo do ancião abaixo, e o gelo lhe enrijece a barba horrenda.
Aqui, o deus de Cileno libertou-se das duas asas
e parou; daqui, de cabeça para diante, de corpo inteiro se lançou
às ondas, semelhante a uma ave que, em volta da praia ou em volta
das penedias onde abundam peixes, voa baixo, rente ao mar.
Não de outro modo voava entre terra e céu
junto às areias das praias da Líbia e cortava o vento,
a vir das bandas do avô materno,[67] o deus nascido em Cileno.

Mal tocou com seus pés alados os aduares,
avista Eneias a edificar cidadelas e a construir casas novas;
cingia-o uma espada constelada de fulvo jaspe
e flamejava uma capa de púrpura de Tiro
a cair-lhe dos ombros, que lhe dera de prenda Dido,
em sua riqueza, e recamara o tecido de fios de ouro.
Entrou de rompante: «Tu agora assentas os fundamentos
da alta Cartago e constróis uma bela cidade,
feito marido? Esquecido, ó desgraçado!, de teu reino e tua missão?
O próprio rei dos deuses a ti me enviou do Olimpo
luminoso, ele que faz girar céu e terra com seu poder,
ele próprio me manda céu fora, a transmitir-te estas ordens:

[67] O avô materno de Mercúrio, ou seja, o pai de Maia, era Atlas, o gigante que, no promontório com o seu nome, suportava a abóbada celeste. No seu voo para Cartago, por lá passou o deus.

Planeias o quê? Ou que esperança te faz entreter ócios em terras da Líbia?
Se em nada te move a glória de tão altos feitos,
[e, mais ainda, não afrontas trabalhos por mor de teu renome,]
olha para Ascânio que está a crescer e para as esperanças
de teu herdeiro Iulo, a quem o reino de Itália e a terra romana
cabem em sorte.» Com tais palavras falou o deus de Cileno,
deixou as feições humanas a meio da fala
e desapareceu do olhar para longe, para as brisas ligeiras.

Logo ali, diante de tal visão, perdeu Eneias a fala, fora de si,
o cabelo arrepiou-se de pavor e ficou-lhe a voz presa na garganta.
Arde por se pôr em fuga e deixar a doçura de tais terras,
espantado da solenidade do aviso e da ordem dos deuses.
Pois bem, que fazer? Com que conversa ousaria ele contornar
o desvario da rainha? Por que palavras havia de começar?
Balança o coração, veloz, ora para um lado, ora para outro,
e arrebata-o em várias direcções e por todas as saídas o revolve.

Enquanto assim hesitava, esta decisão lhe pareceu ser a melhor:
chama Mnesteu e Sergesto e o valente Seresto;
que aprestem a armada em silêncio e guiem os companheiros para a praia,
que aprontem as armas e quanto à causa desta mudança,
disfarcem-na; quanto a si, dado que a generosa Dido
tudo desconhece e não espera ver desfeito tamanho amor,
há-de estudar como abordá-la, qual o momento mais azado
para lhe falar, qual o jeito certo em tal assunto. Sem delongas
e com alegria, todos acatam as ordens recebidas e se empenham a cumprir as tarefas.
Mas a rainha (quem será capaz de enganar quem ama?), pressentiu
a trama e foi a primeira a perceber as movimentações em curso,
temerosa da segurança de tudo. A própria Fama lhe atiçou a fúria,
com novas de tais desmandos: que os navios se aprontavam e se preparava a viagem.

Perde a lucidez e fica possessa e pela cidade inteira vagueia a arder
em delírio, qual Tíade em êxtase à passagem do cortejo ritual,
quando, ao grito de Baco, as orgias trienais a enchem de excitação
e o nocturno Citéron a provoca com sua vozearia.

Por fim, com estas palavras adianta-se e interpela Eneias:
«Esperavas, então, ser capaz de disfarçar tamanha traição
e deixar sem uma palavra o meu país?
E nem te retém o meu amor nem a mão que um dia te ofereci
nem Dido que se dispõe a morrer de morte cruel?
Mais ainda: aprontas a armada sob céu de invernia
e preparas-te para avançar mar fora em meio dos Aquilões,
na tua crueldade? Então, se não buscasses terra alheia e moradas
desconhecidas, e se a antiga Tróia ainda se conservasse de pé,
irias rumar a Tróia em teus navios por sobre mar alevantado?
Ou é de mim que foges? Por estas lágrimas e pela mão que me deste
(pois nada mais guardei para mim na minha desgraça),
pelo nosso casamento, pelos esponsais que começámos,
se algum merecimento devo ter de tua parte ou se alguma doçura
em mim encontraste, tem piedade desta casa que desaba em ruínas
e, eu te peço, se espaço ainda existe em ti para a súplica, abandona o teu
propósito.
Por tua causa, as gentes da Líbia e os reis dos Nómadas
têm-me ódio; são-me hostis os Tírios; por tua causa, também,
o meu pudor finou-se e a fama com que antes eu atingia, sozinha,
as estrelas. A quem me abandonas tu em agonia, ó meu hóspede,
pois este nome só me resta do que fora um cônjuge?
Para quê mais demoras? Acaso para meu irmão Pigmaleão me destruir
as muralhas ou para me levar cativa o gétulo Jarbas?
Se, ao menos, de ti me fosse deixada alguma descendência
antes de tua fuga, se em meus salões brincasse, à minha frente,

um pequeno Eneias, que me fizesse, embora, lembrar-te com seu rosto,
por certo não me sentiria por completo cativa e abandonada.»

Assim falou. Ele, submisso aos avisos de Júpiter, mantinha impávido
o olhar e calcava com firmeza as emoções no fundo do coração.
Por fim, pouco é o que replica: «A ti, do muito que em tuas palavras
és capaz de enunciar, ó rainha, jamais vou negar-te
que te fico em dívida, nem que me vai doer lembrar-me de Elissa,[68]
enquanto de mim eu tiver lembrança, enquanto um sopro de vida animar meu
corpo.
Em meu abono, pouco vou dizer. Nem eu esperava ocultar esta fuga,
como se me escondesse (não tenhas essa ideia!), nem alguma vez
dei mais valor às tochas nupciais ou aqui vim para tais enlaces.
A mim, se os fados me consentissem levar uma vida
conforme a meus auspícios e gerir de livre vontade meus cuidados,
seria da cidade de Tróia, antes de mais, e das relíquias dos meus
que curaria; os altos palácios de Príamo continuariam de pé,
e por minhas próprias mãos teria construído uma Pérgamo renascida para
os vencidos;
mas agora é a magna Itália que Apolo Grineu,[69]
é Itália que os oráculos da Lícia me mandaram buscar sem delongas:
é este o meu amor, é esta a minha pátria. Se a ti, ó Fenícia, são muralhas
de Cartago que te retêm e a vista de uma cidade líbia,
porquê, então, assentarem-se os Teucros em terra ausónia
será motivo de inveja? Também a nós é lícito buscar reino estrangeiro.
A mim, a imagem de meu pai Anquises, todas as vezes que a noite de húmidas
sombras
recobre a terra, todas as vezes que despontam os astros em fogo,

[68] O outro nome de Dido.
[69] Apolo Grineu, por ter um santuário em Grínia, na Mísia.

alerta-me em sonhos e, com ar descomposto, apavora-me;
a mim, alerta-me o meu pequeno Ascânio e a ofensa que faço a sua cabeça delicada,
ele, a quem frustro as esperanças de um reino na Hespéria e de campos que lhe estão fadados.
E agora, para mais, o mensageiro dos deuses, enviado pelo próprio Júpiter
(juro pelas cabeças de nós ambos), trouxe-me, por entre as brisas velozes,
as ordens; eu mesmo vi o deus em plena luz
a entrar as muralhas, e em meus ouvidos acolhi suas palavras.
Desiste de me incendiar, a mim e a ti, com teus queixumes;
Itália, não é de minha vontade que a demando.»

Dizia ele tais palavras e ela, depois de longo tempo de costas voltadas, mira-o,
revolvendo os olhos para cima e para baixo, e percorre-o por inteiro,
de olhar silencioso, e assim lhe fala, inflamada:
«Não foi tua mãe uma deusa, nem foi Dárdano o criador de tua raça,
ó malvado, antes te gerou, no cume de dura penedia,
o Cáucaso e serviram-te suas tetas as fêmeas dos tigres da Hircânia.
Pois para que hei-de eu fingir ou para que mais penosos males me vou guardar?
Acaso gemeu ele ao meu pranto? Acaso dirigiu para mim seu olhar?
Acaso se deixou vencer e soltou lágrimas por mim ou se compadeceu da amante?
De tais coisas, qual hei-de ter por pior? Logo, logo, nem a grande Juno,
nem o pai da raça de Saturno me hão-de encarar com olhar propício;
em lugar algum tenho segura confiança. Prostrado na praia, em penúria,
eu o recebi e, feita louca, dei-lhe pouso numa parte de meu reino;
a armada que dava por perdida e os companheiros, fi-los voltar da morte.
Desgraçada! Deixo-me levar em chamas pelas Fúrias! Agora, a profecia de Apolo,
agora, os oráculos da Lícia, agora, até, enviado pelo próprio Júpiter,
o mensageiro dos deuses carrega terríveis ordens ares fora;
por certo é esse o labor dos deuses do alto, esse o cuidado que o descanso
lhes perturba. Nem te retenho, nem as tuas palavras as contrario:

vai, busca Itália ao sabor dos ventos, demanda teus reinos por sobre as ondas.
Apenas espero, se algum poder possuem os deuses piedosos,
que venhas a sorver suplícios no meio dos rochedos e pelo nome de Dido
venhas muitas vezes a chamar. Mesmo ausente, vou perseguir-te com chamas de negrume,
e, quando a morte fria tiver arrancado a alma a este corpo,
por toda a parte te hei-de acompanhar, como uma sombra. Hás-de sofrer, miserável,
o castigo que mereces.
Hei-de ouvir contá-lo; e esta fama há-de chegar até aos meus Manes nos Infernos.»

Ditas estas palavras, corta a conversa a meio e, em sua dor, desaparece
daquela aragem e furta-se à vista e aparta-se,
deixando-o cheio de medo e em muita hesitação e disposto a muito
falar. Acolhem-na as criadas e o corpo desfalecido
lho conduzem até ao quarto de mármore e colocam-no no leito.

Mas o piedoso Eneias, embora deseje, com seu conforto, aliviar aquele coração
amargurado e arredar, com suas palavras, aquele sofrimento,
embora suspire longamente e sinta o coração despedaçado por tão grande amor,
às ordens dos deuses, contudo, dá cumprimento e regressa à frota.

Então, já os Teucros se afadigam e tiram de toda a praia
os altos navios; flutua o casco besuntado,
e trazem dos bosques remos com folhagem e troncos
mal aparados, na pressa da fuga.
Podem ver-se em alvoroço e correria de toda a parte da cidade,
tal como as formigas, quando devastam enorme quantidade
de trigo, lembradas do Inverno, e o arrecadam em suas casas,
marcha nos campos um negro exército e esse espólio carregam
por estreito trilho; parte empurra enormes grãos de trigo
com a força dos ombros, parte orienta os esquadrões

e impede os atrasos, e ferve de actividade todo o carreiro.
Que sentimentos te invadiam, então, ó Dido, ao contemplares tais cenas,
que queixumes soltavas quando a imensa praia tu a avistavas
em ebulição do alto da cidadela, e vias o mar inteiro
diante de teus olhos, povoado de tão imensa gritaria!
Desalmado Amor, ao que não obrigas tu o coração dos mortais!

Uma vez mais é forçada a seguir a via do pranto, uma vez mais a tentar
implorar e submeter, suplicante, sua natureza aos desígnios do amor,
para nada deixar por empreender, quando perto de morrer em vão.
«Ana, bem vês esta azáfama por toda a parte na praia inteira;
convergem de todos os lados; já as velas convocam os ventos,
e nas popas dos navios a marinhagem em festa colocou grinaldas.
Esta dor tão imensa, se me tivesse sido possível esperá-la,
também suportá-la, minha irmã, me seria possível. Mas em minha desventura,
ó Ana, faz-me tão-só mais isto: pois só a ti aquele malvado
dava atenção e a ti, ainda, te confiava seus mais íntimos sentimentos,
só tu conhecias, desse homem, jeito e tempo azados para o abordar;
vai, minha irmã, e fala, suplicante, à sobranceria do estrangeiro;
eu não jurei, com os Dánaos, na Áulide, destruir a raça troiana,
nem enviei as minhas armadas contra Pérgamo,
nem lhe arrebatei as cinzas de seu pai Anquises ou os seus manes;
porque nega ele entrada às minhas palavras em seus duros ouvidos?
Para onde corre? Conceda um derradeiro favor à sua triste amante:
aguarde uma partida mais sossegada e ventos favoráveis.
Não é já o antigo matrimónio, que ele traiu, o que eu peço,
nem que se prive da beleza do Lácio e abandone seu reino;
peço um tempo vazio, repouso e lugar para a minha fúria,
enquanto a minha fortuna me ensina a padecer a derrota.
Esta é a derradeira mercê que peço (tem pena de tua irmã);
quando ma tiver concedido, pelo todo a pagarei com minha morte.»

Com tais palavras suplicava, com tais palavras a pobre irmã
leva e traz seu pranto. Mas não se deixa ele comover com pranto
algum nem é sensível a qualquer das palavras que escuta;
os fados lho vedam, e um deus bloqueou os ouvidos do guerreiro, para os manter
em repouso.

E tal como a um carvalho robusto, com tronco de muitos anos,
os Bóreas dos Alpes, ora dum lado, ora doutro, contendem entre si
e com seu sopro porfiam por arrancá-lo; passa o silvo do vento,
e junca a terra a folhagem que tomba do alto do tronco assim sacudido,
mas ele firma-se nas rochas e quanto com seu cume avança
ares acima, tanto as raízes estende para o Tártaro;
não de outro modo, à força de conversas de uma e outra banda,
é o herói flagelado e na grandeza de seu coração sente tais cuidados;
a decisão perdura, inabalada; as lágrimas rolam — em vão.

E logo, então, pasmada de seus fados, a desventurada Dido
implora a morte; está cansada de olhar para a abóbada do céu.
Para mais levar por diante o que começara e deixar a luz,
quando, envolta em incenso, depunha suas dádivas nos altares,
ela viu — coisa horrenda de dizer! — a água sagrada ficar negra
e o vinho derramado converter-se em sangue de funesto agoiro;
tal visão ninguém mais a teve e nem a sua irmã a contou.

Além disso, havia em seu palácio um templo de mármore,
do seu antigo marido, que ela acarinhava com invulgares atenções,
com enleios de velos cor de neve e de festivas palmas;
vindas dali lhe parecia ouvir vozes e palavras de seu marido,
chamando por ela, quando a noite escura cobria a terra,
e que, nas horas de solidão, uma coruja soltava queixumes lá do alto,
em canto lúgubre, e estendia até ao pranto o seu longo piar;

e muitos mais augúrios dos profetas de antanho
a apavoram com tremendos avisos. No seu desvario, persegue-a
em sonhos ele mesmo, o cruel Eneias, e sempre lhe parece a ele
ser ela deixada ao abandono, sempre a seguir sua longa jornada
sem companhia e a buscar os Tírios em terra deserta;
qual Penteu que vê em seu delírio legiões de Euménides
e mostrar-se-lhe um sol geminado e duas Tebas,
ou o filho de Agamémnon, Orestes, perseguido em cena,
ao fugir de sua mãe armada de tochas e de negras serpentes,
e tomam assento nos portais as Fúrias da vingança.

Enfim, quando, prostrada pela dor, deu lugar à raiva
e decidiu morrer, o tempo e o modo ela mesma
os determina e, dirigindo-se a sua irmã entristecida,
disfarça em seu semblante a intenção e exibe em sua fronte esperança e serenidade:
«Achei, ó minha irmã, uma via — congratula-te com tua irmã —
de o fazer voltar para mim ou de me libertar dele e deste amor.
Perto do fim do Oceano e do sítio onde o sol se põe,
fica o derradeiro lugar dos Etíopes, onde o enorme Atlas
faz rodar em seus ombros o céu, semeado de estrelas ardentes;
vinda daqui, foi-me apresentada uma sacerdotisa do povo Massilo,
guardiã do templo das Hespérides e que dava comida
ao dragão e preservava na árvore os ramos sagrados,
espargindo gotas de mel e a papoila que induz o sono.
Ela promete, através de seu canto, libertar os corações
que lhe aprouver e passar para outros a crueza dos cuidados,
suster a água dos rios e tornar atrás as estrelas
e põe em acção os manes das sombras; hás-de ver
ressoar às suas pisadas a terra e descerem dos montes os freixos.
Tomo por testemunhas, ó minha querida irmã, os deuses e a ti e a tua
doce cabeça: é contra vontade que me ajusto às artes da magia.

Tu, em segredo, levanta uma pira ao ar livre, nos fundos
do palácio, e as armas do guerreiro, que ele deixou presas no leito,
sem piedade, e toda a sua roupa e o leito conjugal
onde me deitei a perder, tudo isso lhe põe em cima; destruir
todas as lembranças do maldito homem é o que me apraz e o que ordena a
sacerdotisa.»
Dito isto, remete-se ao silêncio, ao mesmo tempo que a palidez lhe cobre o rosto.

Não crê Ana, entretanto, que a coberto de novos rituais esteja a irmã
a esconder a morte, nem que tamanho desvario esteja a germinar
em seu coração e nada mais grave receia do que a morte de Siqueu.
Cumpre, portanto, o que lhe foi pedido.

Mas a rainha, depois de erguida a pira nos fundos do palácio, ao ar livre,
feita de enormes pedaços de lenha de pinho e de carvalho,
enfeita o lugar de grinaldas e de coroas de folhagem
fúnebre; enverga as prendas dele e a espada que lhe deixara
e coloca-lhe a efígie em cima do leito, sem ignorar o que estava para acontecer.
Erguem-se altares em volta e, de cabelos desgrenhados, a sacerdotisa
por três vezes invoca em cantos os cem deuses, Érebo e Caos
e a tripla Hécate, os três rostos de Diana, a donzela.
Espalhara, ainda, água, a imitar a fonte do Averno,
e manda buscar, à luz da lua, erva colhida com foices de bronze
e que se alimenta da seiva de um negro veneno;
manda buscar também, arrancado à força da fronte de um cavalo acabado de
nascer
e arrebatado a sua mãe, o filtro do amor.[70]
Ela mesma, espalhando, com mãos piedosas, farinha junto aos altares,
um pé descalço, o manto aberto,

[70] Referência à crença de que um apêndice carnoso, existente na fronte do cavalo acabado de nascer, o hipómanes, era de suma eficácia nos filtros amorosos.

garante aos deuses a morte iminente e faz sabedores de seus fados
os astros; então, se aqueles que vivem amor não retribuído
algum deus há que por eles vela com justiça e atenção, a ele dirige suas súplicas.

Era noite, e em terra os corpos cansados fruíam
um plácido repouso, e estavam em sossego os bosques
e o mar inclemente, quando os astros rolam no meio de sua volta,
quando todos os campos são silêncio, e o gado e as aves coloridas,
as que vivem na vastidão das águas dos lagos e as que enchem os campos eriçados
de arbustos, estão pousadas no sono de uma noite emudecida.
[E também mitigavam cuidados os corações, esquecidos de fadigas.]
Mas não a Fenícia, em sua alma infeliz; nem em momento algum
deixa sossegar seus olhos no sono, nem em seu coração acolhe
a noite; dobram-se-lhe os cuidados e ressurge, uma vez mais,
a flagelá-la o amor, e navega no mar imenso da fúria.
Mais ainda se firma e assim revolve consigo em seu coração:
«Pois que hei-de-fazer? Hei-de eu, depois da rejeição, tentar de novo
os pretendentes de antes e ir pedir, suplicante, casamento a Nómadas
que tantas vezes desprezei já para maridos?
Ou então hei-de seguir as armadas ilíacas e as últimas ordens
dos Teucros? Acaso porque me apraz fazê-lo a quem antes favoreci com minha ajuda
— e está bem gravada em sua lembrança a gratidão por actos antigos?
Mas, admitindo que eu assim queira, quem, afinal, mo consentirá e me aceitará a bordo
das naus, a mim, que eles odeiam? Desconheces tu, ó desgraçada,
e não percebes ainda como é traiçoeira a raça de Laomedonte?
Que fazer então? Acompanhar, solitária, os navegantes vitoriosos?
Porventura com os Tírios e com toda a força dos meus
daqui me vou, e aqueles que resgatei da cidade de Sídon,
de novo os guiarei mar fora e ordenarei que soltem velas ao vento?

Mas não! Morre como mereceste e, por acção da espada, põe fim a essa dor.
Tu, vencida por meu pranto, tu és a primeira, ó minha irmã,
a carregar o peso de meu desvario por tais males e a ofereceres-me ao inimigo.
Não me foi consentido, privada do casamento, viver uma vida
sem pecado, ao jeito dos animais selvagens, e não padecer tais cuidados;
não guardei a fidelidade que prometi às cinzas de Siqueu.»
Tamanhos eram os queixumes que ela fazia irromper de seu coração.

Eneias, no cimo de seu navio e determinado já a seguir viagem,
desfrutava do sono, consumados a preceito todos os preparativos.
Apareceu-lhe em sonhos a imagem de um deus que retornava
com igual aspecto e pareceu-lhe avisá-lo, uma vez mais;
em tudo era semelhante a Mercúrio, na voz e na cor
e nos cabelos ruivos e no esplendor de juventude de seu corpo:
«Filho de uma deusa, és capaz, em tal situação, de te entregares ao sono
e não vês os perigos que se vão erguendo à tua volta,
no teu desatino, e nem sentes que os Zéfiros sopram a favor?
Ela, são traições e um crime horrendo que trama em seu coração,
determinada a morrer, e desencadeia marés desencontradas de fúrias.
Não foges daqui a toda a pressa enquanto podes apressar-te?
Logo vais ver o mar a agitar-se para os navios e luzirem terríveis
relâmpagos, logo vais ver o mar a ferver de fogo,
se a Aurora der contigo a alongar demoras nesta terra.
Vamos. Põe fim à delonga. São coisa vária e sempre instável
as mulheres.» Assim falou e mergulhou no negrume da noite.

Então Eneias, apavorado por tão inesperadas sombras,
arrancou o corpo ao sono e afadiga os companheiros
já apressados: «Acordai, ó marinheiros, e ocupai vossos postos!
Soltai velas, rápido! Eis que um deus, enviado do alto,
uma vez mais nos exorta a apressar a fuga

e a cortar amarras. Nós te seguimos, a ti, santo entre os deuses,
sejas quem fores, e a teu mando, uma vez mais, obedecemos, em festa.
Assiste-nos, ó deus, e ampara-nos na tua bondade, e as estrelas,
orienta-as no céu com tua dextra.» Assim falou e da bainha arrancou a espada
fulgurante e com o gume da lâmina golpeou o cordame.
O mesmo alvoroço a todos possui, feitos um só e correm em convulsão;
deixaram já a praia, o mar fica coberto de navios,
com afinco revolvem a espuma, varrem o azul do mar.
E logo os primeiros raios da Aurora espalhavam uma nova luz,
quando ela deixava o leito cor de açafrão de Titão.

A rainha, tão depressa de suas varandas viu clarear a luz
e a frota seguir viagem, de velas desfraldadas,
e quando sentiu praia e porto vazios e sem remadores,
três e quatro vezes bateu com a mão no peito encantador
e exclamou, arrepelando os loiros cabelos: «Por Júpiter! Vai mesmo
partir este forasteiro, depois de ter troçado de meus reinos!
E não vão outros empunhar armas e escorraçá-los da cidade inteira
e fazer sair as galeras dos estaleiros? Vamos!
Tragam depressa o fogo! Preparem lanças! Força nos remos!
Que digo eu? Ou quem sou eu? Que delírio me vai no coração?
Desgraçada Dido! É agora que os actos ímpios te atingem?
Tinha-te ficado bem no tempo em que deste de presente o ceptro. Aí tens juras
e confiança
daquele que dizem levar consigo os Penates de sua pátria,
que dizem ter carregado aos ombros seu pai, abatido pela idade!
E não fui eu capaz de deitar mão a seu corpo e retalhá-lo
e espalhá-lo nas ondas? E exterminar seus companheiros à espada
e Ascânio, servi-lo em refeição à mesa do pai?
Mas duvidosa seria a fortuna de um tal combate. Que fosse!
De quem tenho de ter medo, eu que vou morrer? Levasse eu tochas a seus campos,

e enchesse seus convés de chamas e filho e pai
dizimasse, com toda a sua raça, e eu mesma me lançasse em cima!
Ó Sol, que todos os trabalhos da terra iluminas com tuas chamas,
e tu, ó Juno, mediadora e confidente de tais angústias,
ó Hécate, a quem chamam a ulular em encruzilhadas nocturnas, cidade fora,
ó Fúrias da vingança e deuses de Elissa, que vai morrer,
acolhei estas palavras e voltai contra os malvados o demónio que merecem
e escutai as minhas preces! Se é forçoso que tão nefanda cabeça
atinja um porto e alcance terra,
e se os fados de Júpiter assim reclamam, se um tal fim está determinado,
ao menos, destroçado por batalhas e exércitos de um povo valente,
expulso de seus confins, arrancado aos braços de Iulo,
suplique por ajuda e assista aos funerais injustos
dos seus! E mesmo, depois de se confiar às leis
de uma paz desigual, não possa gozar da cobiçada luz de um reino,
mas tombe antes do tempo e sem sepultura em pleno areal!
É isto o que suplico, este o meu brado derradeiro que com meu sangue derramo.
Então vós, ó Tírios, toda a estirpe e raça que dele vier,
contra elas desencadeai vosso ódio e ofertai tal presente
às minhas cinzas! Não haja amor algum por tal povo nem qualquer pacto!
Nasce de meus ossos, quem quer que sejas, vingador
que a ferro e fogo hás-de perseguir os colónios dardânios![71]
Agora, depois, a todo o tempo em que forças houver!
Praias contra praias, contra ondas vagas,
esta a maldição, exércitos contra exércitos! Assim se guerreiem, eles e seus
descendentes!»

Assim falou e revolvia o seu espírito em todas as direcções,
na busca de cortar rápido e cerce com a luz odiosa.

[71] Maldição que é, ao mesmo tempo, uma profecia. Os Romanos do tempo de Virgílio sabiam bem o nome deste vingador que viria a nascer das cinzas de Dido: Aníbal, o Cartaginês, que ousou, quase com sucesso, afrontar Roma e o seu poder.

Então, dirige breves palavras a Bárcen, a ama de Siqueu,
pois a sua, na pátria antiga a tinha a negra cinza:
«Ana, a minha irmã, minha querida ama, fá-la vir aqui;
diz-lhe para se apressar a espargir seu corpo com água do rio
e trazer consigo ovelhas e o que foi indicado para expiação.
Que ela venha, pois; e tu, também, cobre a cabeça com piedosa grinalda.
Esta celebração em honra de Júpiter do Estígio, que preparei e comecei conforme os rituais,
faço tenção de a concluir e pôr termo a meus cuidados
e confiar a cabeça do Dardânio às chamas.»[72]
Assim falou. Ela apressou o passo com zelo próprio de anciã.
Mas, desvairada e indomável no seu plano tenebroso, Dido,
revolvendo o olhar sanguíneo, as faces frementes
e semeadas de manchas, pálida no sentimento da morte próxima,
irrompe no pátio interior do palácio e sobe,
enlouquecida, para cima da pira e desembainha a espada
dardânia, oferenda que não fora pedida para tal uso.

Aqui, depois de as vestes troianas e o leito que bem conhecia
os ter contemplado, por um pouco a retardaram pranto e coração,
e deitou-se sobre o leito e disse as derradeiras palavras:
«Doces despojos, enquanto os fados e o deus o consentiram:
acolhei esta alma e libertai-me destes cuidados!
Vivi; e o rumo da vida que a Fortuna me concedeu, levei-o até ao fim,
e, agora, a imensa sombra de mim partirá para debaixo da terra.
Edifiquei uma cidade notável, vi as minhas muralhas,
para vingar meu marido castiguei meu irmão e inimigo;
feliz, oh, bem feliz teria sido, se ao menos minhas praias
nunca as tivessem alcançado as naus dardânias!»

[72] Refere-se, claro, à efígie de Eneias, assim simbolicamente consumida no fogo da pira.

Assim falou; e de rosto mergulhado no leito: «Morrerei sem vingança,
mas morra eu,» disse. «Assim, assim, é que me apraz partir para o reino das sombras!
Sorva estas chamas, lá no alto mar, o cruel
Dárdano e leve consigo o presságio da minha morte!»
Acabava de falar e, em meio de tais palavras, os companheiros a vêem
tombar sobre a espada, e a lâmina a borbulhar sangue
e as mãos encharcadas. Levanta-se uma gritaria nos altos salões
do palácio; a Fama faz disso festim e abala a cidade.

Com os queixumes e os gemidos e o ulular das mulheres
abanam os tectos, ressoa com imenso pranto o ar,
não de modo diverso do que se o inimigo irrompesse cidade adentro,
e Cartago toda ruísse e a velha Tiro, e as chamas em delírio
rolassem por sobre os homens e por sobre os deuses.

Escutou, desfalecida e apavorada em sua desvairada correria,
a irmã e, fustigando o rosto com as mãos e o peito com os punhos,
corre no meio deles e chama pelo nome aquela que se esvaía:
«Então era isso, ó minha irmã? Chamavas-me ao engano?
Era isto que nessa pira, era isto que fogo e altares me reservavam?
De que me vou queixar primeiro, em meu abandono? A companhia de tua irmã
tu a desprezaste ao morrer? Tivesses-me chamado para iguais fados!
A mesma dor, nessa espada, e a mesma hora a ambas tivessem levado!
E ainda a ergui eu com minhas mãos e invoquei os deuses pátrios
com minhas palavras, para estar longe, como se fora cruel, quando caísses?
Mataste-te a ti e a mim, ó minha irmã, e ao povo e aos nossos avós
de Sídon e à tua cidade! Passai-ma, para suas feridas com água pura
as lavar, e, se um derradeiro sopro de vida estiver ainda errante,
que em minha boca o acolha!» Dizendo tais palavras, subiu para o topo dos degraus

e a irmã meio morta, afagava-a no aconchego de seu regaço,
entre gemidos, e enxugava-lhe o negrume do sangue com seu manto.
Ela tentou erguer os olhos já pesados, mas, uma vez mais,
desfaleceu; silva, rasgada no fundo do peito, a ferida.
Três vezes se endireitou e, apoiando-se no cotovelo, se ergueu,
três vezes rebolou para cima do leito e, de olhar vago, buscou
no alto do céu a luz e gemeu ao encontrá-la.

Então, a todo poderosa Juno, compadecendo-se do longo padecimento
e de morte tão esquiva, mandou descer Íris do Olimpo,
para desprender a alma teimosa e os laços que seguravam o corpo.
Em verdade, por não ser em razão do Fado nem de condenação à morte que sucumbia,
mas, em sua desventura, antes do tempo e inflamada por súbita loucura,
não lhe tinha ainda Prosérpina[73] levado a loira cabeleira
do cimo da cabeça, nem a destinara ao Orco do Estígio.
Íris, portanto, voa céu fora, como se fora orvalho, com suas asas
cor de açafrão, espalhando mil cores variadas à vista do sol,
e sustém o voo sobre a sua cabeça. «Este dom sagrado
eu o levo, por ordem de Dite, e liberto-te desse corpo.»
Assim falou e arranca-lhe cabelo com sua mão, e logo todo
o calor se esvaiu e a vida sumiu-se para as brisas.

[73] Prosérpina ou Dite (infra, 703), deusa e rainha dos Infernos, esposa de Plutão. A sua intervenção era indispensável para libertar Dido da vida, uma vez que, tratando-se de suicídio, a sua morte acontecera à revelia dos deuses.

Livro V

Entretanto, já no meio do mar, mantinha Eneias,
firme, a sua rota e rasgava as ondas enegrecidas pelo Aquilão,
enquanto contemplava as muralhas que resplandecem com as chamas
da desventurada Elissa. Qual a razão de se ter ateado tamanha fogueira
é obscuro; mas o penoso desgosto por ter sido profanado
tão grande amor e a consciência de quanto o desvario de mulher é capaz
encaminham por triste presságio o coração dos Teucros.

Depois de os navios alcançarem alto mar e não ser já visível
qualquer franja de terra, e a toda a volta haver mar e a toda a volta céu,
sobre sua cabeça se deteve uma nuvem sombria,
carregada de treva e borrasca, e o mar eriçou-se de vagas tenebrosas.
Foi o próprio piloto Palinuro que disse do alto da popa:
«Porque se cobrem os ares de tão grossas nuvens?
O que é que tu, ó pai Neptuno, estás a tramar?» Logo que assim falou,
manda recolher equipamento e tomar posição nos fortes remos
e dá as velas de viés ao vento e tais palavras profere:
«Magnânimo Eneias, não! Mesmo que Júpiter mo prometa
e garanta, não tenho esperança de alcançar Itália com este tempo.
Mudaram os ventos e sopram de viés e é do tenebroso poente
que se levantam, e todo o ar se concentra numa nuvem.
E nós, nem para os enfrentar nem sequer para manter a rota

temos força bastante. Já que a Fortuna é mais forte que nós, prossigamos
e, para onde ela nos chama, façamos caminho. Não fica longe praia
segura, julgo, a praia irmã de Érix e os portos da Sicília,
se guardo bem na memória e estou a medir com rigor as estrelas.»
Então o piedoso Eneias replicou: «Que os ventos assim o reclamam
há já tempo, bem o vejo, e que é vão o teu esforço para os contrariar.
Muda a rota e vira as velas. Acaso haverá terra que me seja mais grata
ou onde mais deseje repousar os cansados navios
do que aquela que me conserva o dardânio Acestes
e que abraça em seu regaço as ossadas de meu pai Anquises?»[74]
Mal pronunciou tais palavras, rumam ao porto, e as velas, Zéfiros
favoráveis as retesam; é levada a frota, veloz, sobre as águas,
e, por fim, dirigem-se com alegria para areal que bem conhecem.

Mas ao longe, do alto cume de um monte e surpreso
por esta chegada e pelas naus dos companheiros, surge Acestes,
eriçado de lanças e com a pele da ursa da Líbia,
ele que mãe troiana concebera e gerara do rio
Criniso. Ele, que não esquecera os antigos pais,
felicita-os por estarem de volta e, cheio de alegria, com fausto campesino
os acolhe e alivia-lhes o cansaço com a amizade de seus bens.

Depois de, aos primeiros raios da manhã, expulsar as estrelas o dia
seguinte com sua luz, convoca Eneias os companheiros de toda a praia,
para ali se juntarem, e fala-lhes do alto de uma elevação:
«Grandes Dardânidas, raça de ilustre sangue de deuses,
cumpre-se, em meses exactos, o ciclo de um ano,
desde que os restos e as ossadas de meu divino pai
nós os aconchegámos na terra e lhes consagrámos tristes altares.

[74] Anquises, importa recordá-lo, morreu na Sicília, na passagem da frota por ali antes da tempestade que a desviou para Cartago.

É já chegado o dia, se não erro, que sempre terei por amargo,
que sempre honrarei (assim vós o quisestes, ó deuses).
Em honra dele, mesmo que eu vagueie no exílio, nas Sirtes gétulas,
ou que seja no mar de Argos que dêem comigo e na cidade de Micenas,
ainda assim celebrações anuais e solenes rituais, conforme os preceitos,
eu os hei-de realizar e erguer altares com as dádivas que lhes cumprem.
Agora vou mais longe: diante de suas cinzas e dos ossos de meu pai,
não, por certo, assim julgo, sem uma disposição e um aval dos deuses,
eu me apresento; e aqui trazidos, entramos em porto amigo.
Portanto, vamos! Façamos uma alegre celebração em sua honra!
Peçamos ventos, e estes rituais, queira ele que todos os anos
eu os celebre na cidade que fundar e nos templos a ele dedicados.
Duas cabeças de gado vos oferece Acestes, nascido em Tróia,
por cada navio; convocai os pátrios Penates
para o festim e aqueles que venera nosso anfitrião Acestes.
Mais ainda: se nove vezes trouxer Aurora aos mortais
o dia benfazejo e desvelar com seus raios o mundo,
logo organizarei para os Teucros jogos de velocidade junto aos navios;
quem se destacar por sua valia na corrida pedestre e quem, por audácia e forças,
mais se distinguir no dardo e nas setas ligeiras,
ou sentir confiança a travar combates com o cesto cru,[75]
todos esses se apresentem e aspirem aos prémios da palma merecida.
Consenti, todos, com o vosso silêncio, e cingi as têmporas com ramos.»
Dizendo estas palavras, cobre as têmporas com o mirto maternal.
Assim faz Hélimo, assim o já entrado nos anos Acestes,
assim o pequeno Ascânio, aos quais se segue a demais gente.
Ele deixou a assembleia com um grande punhado de soldados
em direcção ao túmulo, no meio da multidão imensa que o acompanhava.
Aqui, fazendo as rituais libações a Baco, derrama no solo duas taças

[75] Nos combates de pugilismo (ou pugilato), as mãos eram revestidas de uma espécie de cestos, os quais serviam simultaneamente de potecção e de instrumento de combate.

de vinho puro, duas de leite fresco, duas de sangue consagrado
e lança ao chão flores cor de púrpura e tais palavras proferiu:
«Eu te saúdo, meu santo pai, uma vez mais! Eu vos saúdo, cinzas
em vão recolhidas e almas e sombras paternas!
Não me foi consentido os confins de Itália e os campos destinados pelos fados,
buscá-los contigo, nem, seja ele quem for, o ausónio Tibre.»

Acabava de dizer estas palavras, quando, do fundo do santuário, desliza uma serpente
enorme, com sete anéis, e em sete voltas envolve
em manso abraço o túmulo e embrenha-se no meio dos altares;
manchas sombrias enchiam-lhe o dorso, e lampejos de brilho
incendiavam-lhe de oiro as escamas da pele; assim nas nuvens o arco-íris
se alonga de mil cores variadas frente ao sol.
Pasmou Eneias diante de tal imagem. Ela, esgueirando-se, enfim,
com o imenso corpo entre vasos e taças delicadas,
serviu-se das iguarias e, de novo, mansamente se alojou
no fundo do túmulo e, já saciada, deixou os altares.
Diante disto, ele retoma as cerimónias já iniciadas em honra do pai,
hesitante sobre se seria o génio do lugar ou um guardião
de seu pai; sacrifica, conforme o costume, duas ovelhas de dois anos
e outros tantos bácoros, outros tantos bezerros de negro dorso,
e ia derramando vinho de taças e chamando pela alma
do grande Anquises e pelos manes retornados do Aqueronte.
E também os companheiros, conforme cada um podia,
levam alegres oferendas, enchem os altares e sacrificam bezerros;
alinham outros os suportes de bronze e, espalhados sobre a relva,
chegam brasas aos espetos e grelham as carnes.

O dia esperado tinha chegado, e a nona Aurora,
traziam-na já, com luz serena, os cavalos de Faetonte,
e a notícia e o nome do ilustre Acestes atraíam

os povos vizinhos; enchiam as praias em festivo ajuntamento
para ver os Enéadas, parte, também, preparada para competir.
Os prémios, no início, são colocados à vista de todos no meio
da arena, trípodes sagradas e coroas verdejantes
e palmas, que são o prémio dos vencedores, e armas e mantos
recamados de púrpura e talentos de prata e de ouro;
e uma tuba, no meio da arena, faz soar o sinal para início dos jogos.

Na primeira prova entram quatro barcos, semelhantes
no porte de seus remos, escolhidos de entre toda a frota.
Mnesteu comanda a rápida Priste, de remadores aguerridos;
logo se tornará o itálico Mnesteu, de cujo nome vem a família dos Mémios;
Gias lidera a enorme Quimera, de enorme tamanho,
trabalhosa como uma cidade, que jovens dárdanos em três filas
fazem mover, e seus remos sucedem-se em três patamares;
e Sergesto, de quem retém o nome a casa Sérgia,
dirige a grande Centauro, e na Cila azul marinho
vai Cloanto, estirpe de onde vens, ó romano Cluêncio.
Fica ao largo, no mar, um rochedo frente à praia
salpicada de espuma, que é açoitado e submergido, às vezes, por vagas
alterosas, quando os Cauros de Inverno escondem as estrelas;
sob céu sereno, repousa em silêncio, e, acima das ondas sossegadas, ergue-se
uma planura, poiso predilecto dos mergulhões amantes do sol.
Aqui, o pai Eneias, de um frondoso carvalho fez a meta,
sinal para os marinheiros saberem onde voltar
e onde inverter a marcha da longa corrida.
Então, tiram às sortes os lugares e eles próprios seguem na popa,
a dirigir, e resplandecem ao longe, adornados de ouro e púrpura;
a demais juventude segue coroada de folhagem de choupo,
e os ombros despidos brilham, untados de óleo.
Tomam lugar nos bancos e firmam os braços nos remos;

aguardam, atentos, o sinal, e os corações radiantes devora-os
a angústia que os agita e o desejo impaciente de glória.
Então, quando a tuba deu o sinal bem claro, todos, sem demora,
se lançaram em frente, para as suas linhas; fere os ares a gritaria
da marinhagem, espuma o mar, revolvido pelos braços esforçados.
Cavam sulcos em ritmo igual, e o mar inteiro abre fendas,
dilacerado pelos remos e pelos rostros tridentes.
Não galgam com tamanha energia o campo, em corrida de bigas,
os carros, nem correm desenfreados, no limite da pista,
nem fustigam assim a parelha, em plena corrida, os aurigas,
de rédeas a ondear e inclinam-se para diante de chicote em riste.
Então, com o barulho dos aplausos e as ovações dos apoiantes,
atroa toda a floresta, e a praia que ela veda faz ecoar
o alarido, os outeiros sacudidos pela gritaria ressoam.
Escapa-se diante dos outros e esgueira-se por sobre as ondas da frente,
no meio do clamor da multidão, Gias; segue-se-lhe, logo depois,
Cloanto, mais ágil nos remos, mas a quem o peso da madeira
retarda. Depois deles, em contenda equilibrada, Priste
e Centauro porfiam por ganhar a dianteira;
ora a alcança Priste, ora a vence e passa adiante a enorme
Centauro, ora avançam ambas a par e de frentes alinhadas
e sulcam as ondas salgadas com suas quinas esguias.
E estavam já perto do rochedo e alcançavam a meta
quando Gias, que ia à frente, como vencedor, no meio da corrida
grita em altos brados para o piloto do navio, Menetes:
«Porque me desvias tanto para a direita? Desvia para aqui a marcha;
achega-te à costa e que os remos, à esquerda, rocem os recifes;
posições do lado do mar, outros as ocupem.» Assim falou; mas Menetes,
com medo das rochas invisíveis, volta a proa para as ondas do mar.
«Para onde estás tu a desviar-te?» disse outra vez; «achega-te às rochas, Menetes!»
Com altos brados o chamava Gias, e eis que olha para trás

e vê Cloanto já sobre ele e a tomar a dianteira.
Entre o navio de Gias e as turbulentas rochas
fisga ele um caminho por dentro, à esquerda, e passa, de súbito,
para a frente e, deixando para trás a meta, navega em águas seguras.
Nesse instante, uma dor imensa o abrasa até ao fundo dos ossos,[76]
e não lhe faltam lágrimas no rosto, e ao vagaroso Menetes,
esquecido do seu próprio estatuto e da segurança dos companheiros,
lança-o a pique ao mar, do alto da popa;
ele mesmo assume o leme e o lugar de piloto, ele mesmo, no comando,
exorta os homens e volta o leme em direcção à praia.
Mas assim que do fundo do mar foi tirado a custo, já pesado
e com as roupas a escorrer água, o velho Menetes
sobe para o alto do penedo e senta-se na rocha enxuta.
Riram-se dele os Teucros ao cair e a nadar
e riem-se enquanto vomita, do fundo do peito, ondas salgadas.
Aqui se reacendeu uma alegre esperança nos dois mais atrasados,
Sergesto e Mnesteu, de ultrapassar Gias, em tal perda de tempo.
Sergesto ganha a dianteira e aproxima-se do rochedo,
mas sem que o seu avanço seja o de um barco inteiro;
uma parte vai em primeiro, outra parte ameaça-a Priste, com o esporão muito perto.
Mas caminha no meio do navio, por entre os companheiros,
e exorta-os Mnesteu: «Vamos! Vamos! Mãos aos remos,
companheiros de Heitor, que da sorte derradeira de Tróia
eu tomei por parceiros; dai mostras agora daquelas forças,
dai mostras agora da coragem que exibistes nas Sirtes gétulas
e no mar Jónio e nas águas tumultuosas de Maleia.
Não! Eu, Mnesteu, não ambiciono já o primeiro lugar, nem luto pela vitória
— conquanto... ah!... mas que triunfem, ó Neptuno, aqueles a quem o concedeste!
Haja vergonha de sermos os últimos a chegar! Vencei tal desafio, ó cidadãos,
e arredai coisa tão nefanda.» Eles, com o maior empenho,

[76] Refere-se a Gias.

lançam-se em frente; à força das batidas, balança a popa de bronze,
e a planura das águas some-se, uma respiração tensa sacode os membros
e deixa-lhes a boca seca, rios de suor lhes escorrem por todo o corpo.
Trouxe àqueles homens um verdadeiro acaso a honra que cobiçavam,
pois quando Sergesto, de espírito desatinado, afunda, em direcção às rochas,
a sua proa e alcança espaço arriscado,
encalhou, por azar, na ponta dos recifes;
o choque contra as rochas e o embate dos remos nos aguçados escolhos
fizeram um estrondo e a proa tombou, estilhaçada.
Erguem-se os marinheiros e com grande gritaria ficam tolhidos
e deitam mão de lanças de ferro e de varas de ponta aguçada
e recolhem nas águas os remos despedaçados.
Mas Mnesteu, radiante, mais estimulado ainda por este acaso,
à custa do bater veloz dos remos e de invocações aos ventos,
ruma às águas que tem diante e precipita-se no mar desimpedido.
Qual pomba enxotada de súbito na gruta,
que tem casa e doce ninho nos buracos escondidos de um penedo,
parte para os campos a voar e, assustada, faz com o bater das asas
imenso barulho na caverna e logo, ao escapar para ares sossegados,
segue em voo rasante sem sequer mover as asas,
assim Mnesteu, assim em plena fuga rasga a Priste as últimas
águas, assim o próprio entusiasmo a faz voar;
e, desde logo, abandona Sergesto a debater-se no cimo do rochedo
e a gritar em vão por ajuda nos baixios pouco fundos
e a aprender a correr de remos despedaçados;
depois, alcança Gias e a própria Quimera de grande porte;
esta cede, por ter sido privada de piloto.
Já sobra, apenas, mesmo no fim, Cloanto
a quem persegue e pressiona, deitando mão de todas as suas forças.
Nesse instante, redobra a gritaria, e todos incitam o perseguidor
com afinco, e ressoa com tanto tumulto o ar.

Uns indignam-se por não alcançarem o triunfo que lhes é devido
e a honra de que são obreiros e querem dar a vida a troco da glória;
aos outros é o sucesso que dá alento; são capazes, porque lhes parece serem capazes;
e teriam, porventura, conquistado o prémio com as proas empatadas,
não fora estender as duas mãos sobre o mar Cloanto
e derramar suas preces e invocar os deuses a escutarem seus votos:
«Ó deuses, que tendes o governo do mar e em cujas águas corro,
com alegria vos hei-de sacrificar nesta praia um touro resplandecente,
a cumprir meu voto diante de vossos altares, e suas entranhas
as lançarei às ondas salgadas e derramarei vinho em abundância.»
Assim falou, e das profundezas das águas o ouviram todo o coro
das Nereides e de Forco e a donzela Panopeia,
e o próprio pai Portuno com sua imensa mão
o empurrou: o navio, mais veloz do que Noto e que a seta ligeira,
correu para terra e ancorou no fundo do porto.

Então, o filho de Anquises, chamando toda a gente, conforme o costume,
declara vencedor, com alto pregão, Cloanto
e coroa-lhe as têmporas de louro verdejante
e por prémio concede que escolham três bezerros e os levem para os navios
e também vinho e um grande talento de prata.
Aos capitães acrescenta especiais honrarias:
para o vencedor uma clâmide de ouro, bordada em toda a volta
de púrpura melibeia em duplo entrançado;
e, na tessitura, o régio menino, nas sombras do Ida,
persegue velozes veados entre dardos e corridas,
com porfia, como que ofegante; ele que a águia escudeira
de Júpiter raptou do Ida pelos ares com suas garras;
em vão erguem para os astros as mãos seus velhos guardiães,
e é ao vento que o latido dos cães solta sua raiva.

Mas depois, àquele que alcançou o segundo lugar com valentia,
dá-lhe uma armadura guarnecida de três camadas e com pequenos colchetes e ouro,
que ele mesmo tinha arrancado a Demóleo,
quando o venceu junto ao rápido Simoente, no sopé da alta Ílion,
honra para o guerreiro e protecção no combate.
A custo os escravos Fegeu e Ságaris conseguiam carregar aos ombros,
juntando esforços, o peso da intrincada malha; mas envergava-a outrora
Demóleo, quando, a correr, perseguia os Troianos em debandada.
Como terceiro prémio, estabelece dois vasos de bronze
e taças feitas todas de prata e com altos relevos.

E já todos os premiados, enfim, seguiam ufanos do que ganharam,
cabeças envoltas em grinaldas cor de púrpura,
quando, solto a custo do malfadado rochedo e com muita perícia,
perdidos os remos e apenas com uma fila deles, mas sem préstimo,
avançava Sergesto em seu navio esfrangalhado e sem honra.
Qual serpente surpreendida em plena calçada,
que uma roda de bronze colheu de través, ou um viandante,
irritado, deixou semi-morta e mutilada com o golpe de uma pedra;
em vão, na sua fuga, revolve as longas pregas do corpo,
uma parte enfurecida, de olhos em brasa e a arrastar, em longo assobio,
o peso do pescoço, outra parte estropiada pelo golpe, a segurar
o apoio de seus nós e a voltear sobre seu próprio corpo;
tal, com sua equipagem, devagar se movia o navio;
solta velas, assim mesmo, e entra no porto de velas pandas.

A Sergesto, Eneias concede o prémio prometido,
contente por ter preservado o navio e trazido de volta os companheiros.
É-lhe dada uma escrava, não desajeitada nos trabalhos de Minerva,
de origem cretense, Fóloe, e os dois filhos que estava a amamentar.

Finda esta competição, o piedoso Eneias encaminha-se
para o campo de relva, a toda a volta rodeado de bosques,
num círculo de colinas, e que tinha no meio do vale uma arena
de anfiteatro; para aí o herói se dirigiu, com uma multidão
de guerreiros, e tomou lugar ao centro, num palanque ali montado.
Aqui, aos que porventura quisessem competir em corrida de velocidade,
desafia-os com recompensas e exibe os prémios.
De toda a parte acorrem Teucros, à mistura com Sicilianos,
à frente Niso e Euríalo,
Euríalo que se distinguia por sua beleza e viçosa juventude,
Niso pelo piedoso amor para com o jovem; logo depois vinha
o régio Diores, da ilustre família de Príamo;
depois dele, juntos, Sálio e Pátron, o primeiro deles de Acarnânia,
o outro de sangue arcádico de família tegeia;
depois, dois jovens trinácrios, Hélimo e Pânopes,
acostumados aos bosques, companheiros do velho Acestes,
e ainda muitos outros, que uma fama obscura deixa anónimos.
Eneias, no meio deles, assim falou a seguir:
«Acolhei estas palavras em vosso coração e prestai atenção com júbilo:
ninguém deste grupo se irá sem eu o presentear.
Vou oferecer, para levarem, duas refulgentes lanças de Gnossos,
de ferro polido, e um machado cinzelado a prata;
a todos caberá esta recompensa. Os três primeiros irão receber
prémios e coroar a cabeça com ramos doirados de oliveira.
O primeiro, como vencedor, há-de ter um cavalo de arreios resplandecentes;
o segundo uma aljava das amazonas, cheia de setas
da Trácia, e a suportá-la, ao redor dela, um boldrié coberto de ouro,
todo ele, e a segurá-lo uma fivela de fina pedraria;
o terceiro há-de partir feliz com esta lança de Argos.»
Logo que disse tais palavras, tomam os seus lugares e, assim que escutam
o sinal, lançam-se na pista e deixam a linha de partida

numa enxurrada, como um dilúvio. Logo que é dado o aviso da última volta,
o primeiro a adiantar-se, e bem à frente de todos os atletas, é Niso;
avança mais veloz que o vento e que as asas do relâmpago;
perto dele, mas perto com largo espaço de permeio,
segue Sálio; depois, mais atrás e a uma certa distância,
o terceiro é Euríalo;
a Euríalo segue-se Hélimo; a seguir a ele,
eis que voa Diores e toca já com seus passos os passos dele,
ombro com ombro; e, se mais espaço ainda houvesse,
passava-lhe à frente na corrida e deixava incerto o resultado.
E estavam já quase na ponta final da pista e mesmo a chegar,
exaustos, à meta, quando Niso, coitado!, escorrega
numa poça de sangue, pois, a seguir ao sacrifício das reses,
ali ficara derramado no chão e a encharcar a relva verdejante.
Aqui, o jovem, que celebrava já o triunfo, não conseguiu firmar
os passos vacilantes no chão pisado, antes caiu nele de borco
e na lama imunda e no sangue sagrado;
mas não esqueceu Euríalo, não esqueceu o amor entre ambos,
pois pôs-se diante de Sálio, que irrompia pelo terreno escorregadio,
e ele acabou por estatelar-se a rebolar na areia espessa;
avança Euríalo e, graças ao favor do amigo, alcança, vitorioso,
o primeiro lugar, e voa, por entre aplausos e gritos de apoio;
depois chega Hélimo e, logo em terceiro, Diores.
Então, a assistência inteira da vasta bancada e, em especial,
os anciãos, enche-os Sálio de enormes gritos
e reclama que lhe seja devolvida a honra que por fraude lhe fora roubada.
Favorecem Euríalo a simpatia geral e o encanto das lágrimas
e a valentia, que é bem mais cativante em corpo formoso.
Apoia-o, ainda, e proclama-o com grande ruído Diores,
que alcançou uma das palmas e que em vão terá atingido o último
prémio, se a Sálio forem devolvidas as honras do primeiro.

Diz, então, o pai Eneias: «Os prémios que ganhastes
continuam seguros, ó jovens, e a palma da vitória ninguém a arreda de seu lugar;
seja-me consentido ter pena da desventura de um amigo inocente.»
Dizendo tais palavras, entrega a Sálio uma enorme pele
de um leão da Getúlia, pesada, graças ao pelo e às garras doiradas.
Então, diz Niso: «Se tamanhos são os prémios dos vencidos,
e tens pena dos que caíram, que prémios vais dar a Niso,
dignos dele, a mim, que merecia, com glória, a coroa mais alta,
se ma não arrebatasse, como a Sálio, sorte adversa?»
E, ao mesmo tempo que dizia tais palavras, exibia o rosto e o corpo
sujo e encharcado de lama. Riu-se para ele o bom pai
e mandou trazer-lhe um escudo, obra de arte de Didimáon,
retirado pelos Gregos de um portal de um templo de Neptuno.
Presenteia o jovem distinto com esta oferta invulgar.

Depois, quando a corrida terminou e os prémios foram entregues:
«Agora, se alguém tem valentia e ânimo presentes no coração,
que se apresente e, de mãos enfaixadas, erga os braços.»
Assim falou e propôs os dois prémios para este combate:
para o vencedor, um bezerro coberto de ouro e fitas;
uma espada e um elmo sem par, como consolação para o vencido.
Não perdem tempo; de pronto, com sua força enorme, levanta
a cabeça Dares e, por entre grande sussurro dos guerreiros, ergue-se,
ele, o único que costumava combater contra Páris,
o mesmo que, junto ao túmulo onde repousa o grande Heitor,
a Butes, vitorioso, com seu corpo enorme, que, ao chegar,
se vangloriava de pertencer ao povo bebrício de Âmico,
o abateu e deixou estendido, moribundo, na areia doirada.
Assim levanta Dares bem alto a cabeça, para o início do combate,
e exibe a largura dos ombros e agita alternadamente
os braços para diante e fustiga o ar com seus golpes.

Procuram-lhe um outro combatente; mas ninguém no meio das tropas
ousa chegar-se ao homem e empunhar em suas mãos os cestos.
Por isso, eufórico e achando que todos se arredavam da contenda,
postou-se diante de Eneias e, sem mais demora,
segura, então, com a mão esquerda o touro por um chifre e fala assim:
«Filho de deusa, se ninguém se atreve a dispor-se ao combate,
porque temos de estar aqui? Até quando é necessário reterem-me?
Manda entregar-me os prémios.» Todos os Dardânidas murmuravam
a uma voz e diziam que se cumprisse a promessa feita ao guerreiro.

Aqui, o respeitado Acestes espicaça Entelo com suas palavras,
por se ter sentado perto, num tufo de erva verdejante:
«Entelo, tu que foste um dia o mais valente dos heróis, em vão,
acaso vais consentir, tão sossegado, que tão altos prémios sejam levados
sem combate algum? Onde pára agora aquele deus que tantas vezes
em vão nos evocavas como teu mestre, Érix? Onde param a fama que tens por toda
a Sicília e os notáveis despojos pendurados em teus tectos?»
Ele assim retorquiu: «Nem o desejo de glória nem o prestígio se esvaíram,
expulsos pelo medo; mas o sangue vai ficando frio e entorpecido
com a trôpega velhice, e ficam paralisadas e gastas em meu corpo as forças.
Tivera eu a juventude que antes possuía e que faz fanfarrão
este malvado, tivesse-a eu agora,
não seria, decerto, levado pelo prémio e pela beleza do bezerro
que avançaria; nem são prémios que me importam.» Depois de assim falar,
lançou para o meio dois cestos, de um peso enorme,
que o temível Érix[77] costumava empunhar para o combate
e enrijecia os braços com a dureza de sua couraça.
Arrepiaram-se os corações: sete enormes peles, de tamanhos bois,
curtidas, com costuras de chumbo e de ferro.

[77] Érix era filho de Vénus, tal como Eneias. Guerreiro conhecido pela sua força, era famosa a sua destreza no pugilismo. Foi morto por Hércules.

Mais que todos, fica pasmado o próprio Dares e recusa de longe;
e o magnânimo filho de Anquises, não apenas o peso, mas até
a imensa grandeza de seus elos, de um e outro lado os revira.
Então, o velho guerreiro tais palavras arranca do peito:
«Como seria se alguém visse cestos e armas do próprio Hércules
e nesta mesma praia o triste combate?
Estas armas, o teu irmão Érix as usava outrora
— podes vê-las ainda manchadas de sangue e de pedaços de miolos —,
com elas enfrentou o grande filho de Alceu, a elas me acostumei,
enquanto mais vigoroso sangue me deu forças, e a invejosa velhice,
espalhando-se sobre minhas têmporas, ainda me não embranquecia.
Mas se o troiano Dares rejeita estas minhas armas,
e se isso apraz ao piedoso Eneias, e o aprova Acestes, que é o responsável,
igualemos o combate. Ponho de lado os cestos de Érix
— não tenhas medo — e tu tira os cestos troianos.»
Assim falou e despojou de seus ombros o seu duplo manto
e pôs à vista as enormes articulações dos membros e a enorme ossatura
e os braços e coloca-se, gigantesco, no meio da arena.
Então, o pai, filho de Anquises, mandou vir cestos iguais
e pôs-lhes nas mãos armas equivalentes.
De pronto tomaram ambos posição, aprumados nos dedos dos pés,
e, sem medo, levantaram os braços para as brisas do alto.
Atiraram bem para trás as cabeças, assim esquivas a golpes,
enlaçam mãos com mãos e começam o combate,
um mais lesto no movimento de pés e fiado na sua juventude,
o outro valente por sua força e seu tamanho; mas os joelhos lentos
fraquejam-lhe e treme, uma respiração penosa lhe estremece os membros enormes.
Muitos golpes em vão trocam entre si os guerreiros,
muitos redobram nas cavas do corpo, e do fundo do peito
soltam urros enormes, ondeia em volta de orelhas e cabeça
a mão sem parança, estalam à força dos golpes os queixos.

Aguenta, firme, o pesado Entelo, sem se mexer da mesma posição,
e apenas com o corpo e a atenção do olhar esquiva-se aos golpes.
O outro, como quem assalta uma cidade e suas altas muralhas,
ou põe cerco com seus exércitos a um castelo na montanha,
ora a um lado, ora a outro, gira por toda a parte
com mestria e tenta intimidar, multiplicando inúteis assaltos.
Mostra a mão direita Entelo, esticando-se, e bem alto
a ergue; o outro, ágil, anteviu o golpe que caía do alto
e, esgueirando-se com a ligeireza de seu corpo, escapou-se;
Entelo, foi no vento que desperdiçou sua força e, mais ainda,
caiu pesado e pesadamente, com seu enorme peso,
por terra, como uma vez caiu no Erimanto ou na imensidão
do Ida um pinheiro escavado e arrancado às raízes.
Levantam-se, em cuidados, Teucros e a juventude da Sicília;
corre a gritaria céu fora, e acode, desde logo, Acestes
e, cheio de pena, levanta do chão seu companheiro de geração e seu amigo.
Mas, sem perder tempo na queda nem mostrar medo, o herói
torna com maior bravura ao combate, e a raiva atiça-lhe a força;
naquele momento, a vergonha ateia-lhe as forças e a consciência de seu valor,
e acomete, inflamado, em toda a linha do mar, um Dares em fuga,
redobrando os golpes, ora com a mão direita, ora com a esquerda.
E não há parança nem descanso; tão intensa como a chuvada de granizo
a estralejar nos telhados, assim a densidão dos golpes com que o herói,
sem parar, com uma e outra mão, vai açoitando e fustigando Dares.

Então, o pai Eneias não tolerou que fosse mais longe a fúria
e que Entelo persistisse em sua raiva com azedume no coração,
mas pôs fim ao combate e tirou dele Dares, já exausto,
confortando-o com palavras, e assim falou:
«Pobre desventurado! Que tamanha loucura foi essa que se apossou de teu coração?
Há outras forças, e os deuses mudaram de campo — não percebes?

Cede ao divino.» Falou; e com suas palavras terminou o combate.
Mas a um, a arrastar os joelhos derreados e a abanar a cabeça
para um e outro lado e a lançar da boca um sangue espesso
e, misturados com o sangue, os dentes, os companheiros leais
conduzem-no ao navio; são chamados, e o elmo e a espada
eles os recebem; deixam a Entelo a palma e o touro.
Este, triunfante, de coração a transbordar e orgulhoso do seu touro,
diz: «Filho da deusa e vós, ó Teucros, ficai a conhecer
que força tinha na juventude o meu corpo,
e até que ponto chamastes do reino da morte Dares.»
Falou; e postou-se frente às ventas do touro que tinha diante,
que ali estava como prémio do combate, e, puxando atrás
a mão direita, assentou-lhe os rijos cestos entre os chifres,
com toda a força, e espetou-lhos no crânio, despedaçando-lhe os miolos:
é abatido e cai por terra, sem vida e entre tremuras, o boi.
Ele vai mais longe e tais palavras tira de seu peito:
«Esta vida bem melhor, ó Érix, em troca da morte de Dares,
eu ta entrego; aqui, em meu triunfo, deponho cestos e arte.»

Logo depois, Eneias convida a competir com as rápidas flechas
quem, porventura, assim queira, e anuncia os prémios
e, com sua mão robusta, ergue um mastro do navio de Seresto
e ata no alto do mastro, presa por uma corda,
para servir de alvo, uma pomba sempre a voar.
Ajuntam-se os guerreiros, e num casco de bronze
são lançadas as sortes; e o primeiro lugar, com gritaria e aplauso,
antes de todos os outros, sai ao filho de Hírtaco, Hipocoonte;
segue-se-lhe Mnesteu, que acabara de triunfar na competição naval,
Mnesteu, cingido com a verde coroa de oliveira.
O terceiro é Eurícion, teu irmão, ó tão ilustre Pândaro,
tu, a quem um dia foi mandado romper o pacto

e foste o primeiro a arremessar teu dardo para o meio dos Aqueus.
O último a sobrar no fundo do elmo foi Acestes,[78]
que ousava, também ele, atrever-se com seu braço à lide dos jovens.
Então, com força e robustez, curvam os arcos,
cada um conforme pode, e tiram as flechas de suas aljavas,
e, primeiro que todas, céu fora, com a corda a zumbir, a seta
do jovem Hirtácida rasgou as brisas velozes
e vem cravar-se na madeira do mastro ali em frente.
Estremeceu o mastro e tremeu de medo em suas penas
a ave, e de toda a parte se fez ouvir enorme aplauso.
Depois, o impetuoso Mnesteu tomou posição, de arco retesado,
apontando para cima, e ajustou por igual olhos e flecha;
mas o pobre coitado, de atingir a própria ave com sua seta
não foi capaz; rasgou nós e pontas da corda,
com os quais estava presa pelas patas e atada no alto do mastro;
ela, a esvoaçar, escapou-se para os Notos e para as nuvens sombrias.
Então, sem perda de tempo, pois há muito tinha as flechas prontas
e o arco prestes, Eurícion invoca o irmão com um voto,
e logo, vigiando a pomba que exultava e batia as asas
em céu aberto, trespassou-a debaixo de nuvem sombria;
caiu inanimada e deixou a vida nos astros
lá do alto e traz espetada, em sua queda, a seta.

Perdida a palma da vitória, restava, solitário, Acestes,
que, mesmo assim, dispara a flecha para as brisas do alto,
qual mestre a exibir sua arte e seu arco sibilante.
Aqui, de súbito, surge aos olhos um prodígio, que anunciava ser
de enorme augúrio; revelou-o, depois, um grande acontecimento,
e tardios foram os presságios que apregoaram temíveis profetas:

[78] A ordem dos nomes foi tirada à sorte, de dentro de um elmo.

ao voar adentro da humidade das nuvens, a cana começou a arder
e a assinalar o seu caminho com fogo, até que desapareceu, apagada,
na leveza dos ventos, como tantas vezes se despegam do céu
as estrelas e passam de fugida e, no seu voo, levam uma cabeleira.[79]
Ficaram paralisados e de coração pasmado e invocaram os deuses
os guerreiros da Sicília e os Teucros, e nem o poderoso Eneias
negou o presságio, mas, abraçando o eufórico Acestes,
cumula-o de esplêndidos presentes e tais palavras profere:
«Aceita, ó pai, pois foi vontade do grande rei do Olimpo,
com tais auspícios, que tu, à margem das regras, recebesses honrarias.
É do próprio Anquises, de longa idade, este presente que vais ter,
o vaso, ornado de baixos relevos, que um dia o trácio Cisseu
deu a meu pai Anquises, como presente especial,
para o trazer como lembrança de si e penhor de amizade.»
Depois de assim falar, cinge-lhe as têmporas de louro verdejante
e dá a Acestes o título de «primeiro vencedor, à frente de todos».
E nem o bondoso Eurícion tem inveja da honra que a outro favorecia,
embora apenas ele tivesse abatido a ave do alto do céu.
A seguir, avança para os prémios aquele que rompeu os nós
e, por fim, o que cravou sua flecha voadora no mastro.

Mas o pai Eneias, sem dar ainda por finda a competição,
chama junto de si o guardião e companheiro do imberbe Iulo,
o filho de Épito, e assim lhe fala ao ouvido fiel:
«Vai, vamos, e a Ascânio, se tem já pronta consigo a tropa
dos gaiatos e treinou a corrida de cavalos,
diz-lhe que traga os esquadrões diante de seu avô e que se apresente
a si mesmo de armas na mão.» Ele próprio, a toda a populaça espalhada
ao longo da arena, manda que se afaste e que deixe livre o campo.

[79] Refere-se a um cometa.

Avançam os petizes e, lado a lado, em frente de seus pais,[80]
reluzem em seus cavalos de freios apertados, a cuja passagem
toda a juventude da Sicília e de Tróia solta murmúrios de admiração;
possuem todos a cabeleira coberta por uma coroa, cortada conforme a tradição;
trazem dois dardos feitos de chifre, com ponta de ferro,
uma parte carrega ao ombro ligeiras aljavas; passa no alto do peito,
à volta do pescoço, um colar macio de ouro entrançado.
Três quadrilhas de cavaleiros vão desfilando e também
três chefes; duas vezes seis petizes seguem cada um deles
e reluzem em esquadrão assim partido, com outros tantos capitães.
É uma a linha de jovens ufana de ser conduzida pelo pequeno
Príamo, que toma o nome de seu avô, ilustre descendência tua,
ó Polites, que há-de engrandecer os Itálicos; leva-o um cavalo trácio,
de duas cores — malhas brancas e sinais brancos nas pontas
dos cascos e a exibir, ainda, com altivez, a fronte branca.
Outro é Átis, onde os Ácios latinos vão buscar sua origem,
o pequeno Átis, um rapazinho querido de um rapazinho, Iulo.
No fim, de uma beleza superior a todos, o belo Iulo,
cavalgando um cavalo de Sídon, que a cândida Dido
lhe dera para lembrança de si e penhor do seu amor.
A demais criançada da Sicília monta cavalos
do velho Acestes.
Recebem com aplausos a sua timidez e folgam ao vê-los
os Dardânidas e reconhecem os rostos de seus velhos pais.
Depois de, diante de toda a assistência e dos olhos dos seus,
terem desfilado, prazenteiros, nos cavalos, e já todos a postos,
o filho de Épito deu de longe o sinal com um grito e estalou o chicote.
Eles galopam em direcções opostas e em ritmo igual e as três quadrilhas
dividem-se em coros separados, e depois, a uma nova ordem,

[80] Começa a descrição do *ludus Troiae*. Ver adiante, nota ao v. 602.

refazem o caminho feito e põem os dardos em posição de ataque.
Daí, começam outra corrida e ainda outra corrida,
frente a frente, mas separados, completam círculos alternados
dentro de círculos e realizam simulacros de combates, de armas na mão;
e ora deixam as costas à vista na fuga, ora reviram os dardos
em posição de ataque, ora fazem as pazes e avançam, lado a lado.
Tal como outrora, diz-se, na alta Creta, o Labirinto
possuía um caminho intrincado adentro de paredes cegas
e uma armadilha de bifurcações em mil trajectos, onde os sinais do percurso
os deitava a perder um erro de percepção e irreversível,
não de outro modo os filhos dos Teucros baralham a pista
em seu galopar e divertem-se a disfarçar fugas e combates,
semelhantes aos golfinhos que nadam nas marés húmidas
e fendem o mar de Cárpatos e o mar Líbico e se divertem por sobre as ondas.
Esta tradição de corrida e este tipo de competição, foi Ascânio,
quando cercava de muralhas Alba Longa, quem primeiro
os recuperou e ensinou aos antigos Latinos este género de ritual,
do modo que usara ele mesmo em criança, do modo que consigo usara a mocidade troiana;
os Albanos o passaram aos seus descendentes; daqui, mais tarde, a grande
Roma o herdou e conservou-o como ritual pátrio,
e agora são chamados Tróia os petizes e Troiano o esquadrão.[81]

Até aqui, foram celebrados os jogos em honra de um venerando pai;
a partir daqui, logo a Fortuna mudou de feição e alterou o seu desvelo.

Enquanto, em jogos variados, cumprem rituais junto ao túmulo,
a satúrnia Juno envia do céu Íris,
até à armada ilíaca, e bafeja-a com ventos na viagem,

[81] Referência ao *ludus Troiae*, tipo de diversão corrente em Roma e que foi recuperada no tempo de Sila e, depois, de César.

revolvendo tramas sem fim, por não estar ainda refeita da antiga dor.
Aquela donzela, escolhendo caminho rápido pelo arco de mil cores,
desce, sem ser vista por ninguém, pela rota mais ligeira.
Observa o grande ajuntamento e passa em revista a praia
e vê o porto deserto e a frota ao abandono.
Mas, mais longe, as Troianas, apartadas numa praia solitária,
choravam a perda de Anquises e olhavam em grupo o mar
profundo, desfeitas em pranto. «Ah!... Tantos abismos e tamanho
mar sobeja ainda a nosso cansaço!» — era, em todas, a única conversa;
suplicam uma cidade, cansa-as padecerem os trabalhos do mar.
Então, instala-se no meio delas, sem desconhecer como causar dano,
e despoja-se de rosto e de vestes de deusa;[82]
transforma-se em Béroe, velha esposa de Dóriclo, de Tmaro,
que tivera outrora família e nome e filhos,
e assim se introduz no meio das mães dos Dardânidas.
«Ó desventuradas,» — diz — «que as forças dos Aqueus em plena guerra
não arrastaram para a morte junto às muralhas da pátria! Ó gente
triste! Que ruína te tem a Fortuna reservada?
Passa já o sétimo ano depois da destruição de Tróia,
enquanto abismos, enquanto toda a terra, tanta inóspita penedia
e estrelas, somos levadas a percorrê-los, enquanto pelo mar imenso
buscamos Itália que se nos escapa e somos baldeadas pelas ondas.
Aqui estão as terras fraternas de Érix e Acestes, nosso anfitrião;
quem nos impede de assentar muros e dar uma cidade aos cidadãos?
Ó pátria e Penates em vão arrebatados ao inimigo,
já muralha alguma poderá ser chamada Tróia? Não mais
os rios de Heitor, o Xanto e o Simoente, eu verei?
Mas não! Passai à acção e deitai fogo aos fatídicos navios.
É que, durante o sono, é a imagem da profetisa Cassandra

[82] Refere-se a Íris.

que vejo a entregar-me tochas em fogo: "Buscai Tróia aqui!
Aqui é que fica a vossa casa!", diz ela. É já tempo de passar à acção,
e não haja tardança com tamanhos prodígios. Eis os quatro altares
de Neptuno; o deus, ele mesmo, nos dá as tochas e o ânimo.»
Com tal discurso, é a primeira a empunhar o fogo funesto
e, levantando a mão, agita-o de longe com força
e arremessa-o. Ficam arrepiados os espíritos e pasmados os corações
das Troianas. Aqui, uma no meio de tantas, já de idade avançada,
Pirgo, ama régia de tantos filhos de Príamo:
«Não é Béroe que tendes aqui, não é esta, ó mães, a esposa
de Dóriclo, de Reteu; reparai nos sinais de um porte divino
e nos olhos flamejantes, a determinação que tem,
o rosto, o tom de voz, a postura no andar.
Eu mesma, há pouco, deixei Béroe que se apartava,
adoentada, agastada, por ser a única a ficar privada de tal
celebração e por não prestar a Anquises as honras que merece.»
Assim falou.

Mas as mulheres, primeiro duvidosas e de olhar perverso,
contemplavam as naus, incertas entre o triste amor
pela terra que ali tinham e os reinos que, com os fados, os chamavam,
quando a deusa se guindou céu fora com as duas asas
e fendeu o imenso arco[83] em sua fuga por sob as nuvens.
Então, nesse momento, espantadas do prodígio e movidas pelo desatino,
começam aos gritos, roubam o fogo dos altares sagrados;
algumas pilham os altares e arremessam folhagem e ramos
e tochas. É Vulcano de cabeça perdida, à rédea solta,
pelos bancos dos remadores e pelos remos e pelas popas de abeto pintadas.

[83] O arco-íris.

Traz a notícia Eumelo, até ao túmulo de Anquises e às bancadas
do teatro, de estarem a arder os navios, e eles mesmos
vêem esvoaçar numa nuvem as negras faúlhas.
Primeiro foi Ascânio: tal como liderava, satisfeito, a corrida
equestre, assim se dirigiu, abatido, a cavalo, ao campo
agitado, e não são capazes os comandantes exaustos de o segurar.
E pergunta: «Que súbito desvario é este? Para onde quereis ir agora,
ah, tristes concidadãs? Não é o inimigo nem os campos inimigos
dos Argivos que queimais, mas a vossa esperança. Eis-me, a mim,
eu, o vosso Ascânio!» E lançou aos pés o elmo sem préstimo,
para onde, trajado para o jogo, punha em curso simulacros de guerra.
Apressam-se de um lado Eneias, de outro lado a multidão dos Teucros.
Mas elas, espalhadas por aqui e por ali, praia fora, fogem
de medo e procuram esconder-se em bosques e em grutas, algures
na penedia; desgosta-as o que fizeram e a própria luz e, transformadas,
reconhecem os seus, e Juno é expulsa de seus corações.

Mas não é por causa disso que chamas e incêndio deixaram esmorecer
sua força incontrolável; sob a madeira húmida mora
estopa, que vomita fumo lentamente, tal como um lento vapor
consome os barcos, e uma peste lhes corrói todo o corpo,
e de nada lhes valem as energias dos heróis e os rios que os encharcam.
Então, o piedoso Eneias rasga a veste que lhe cobria os ombros
e invoca a ajuda dos deuses e estende para eles as mãos:
«Júpiter omnipotente, se não tens ainda ódio, a um só que seja,
dos Troianos, se a tua antiga piedade tem em conta os padecimentos
humanos, consente que as chamas se vão da frota
agora, ó pai, e o pouco que sobra dos Teucros, livra-o da morte.
Ou, então, o que resta aniquila-o tu mesmo com o teu raio destruidor,
e, se assim o mereço, liquida-me aqui já por tuas mãos.»

Mal proferira tais palavras, quando, com uma torrente de chuva, uma negra
tempestade se desencadeia, desgovernada, e, com o bramir dos trovões,
tremem altas montanhas e campos; desaba do céu inteiro
uma chuva espessa de água e bem negra do sopro denso dos Austros,
inundam-se até acima as popas, encharcam-se as pranchas
meio consumidas, até que toda a fumaça desaparece, e todos os barcos,
à parte quatro que se perderam, se salvam da ruína.

Mas o pai Eneias, atingido por tão amargo lance,
revolvia e alterava, ora num sentido, ora noutro, os enormes
cuidados em seu coração, se havia de fixar morada em terra da Sicília
e esquecer-se dos fados, ou se deveria rumar a praias de Itália.
Então, o velho Nautes, o único a quem Palas Tritónia
transmitiu ensinamentos e fez famoso pela vastidão de seus saberes
(ela lhe dava as respostas, ou para onde tendia a imensa fúria
dos deuses ou o que reclamava a disposição dos fados),
com estas palavras reconfortou Eneias e começa:
«Filho da deusa, para onde os fados nos conduzem e reconduzem, prossigamos;
seja como for, temos de superar toda a Fortuna, suportando-a.
Tens contigo o dardânio Acestes, de estirpe divina;
toma-o por parceiro de teus planos e associa-o à tua vontade;
confia-lhe os que sobraram dos navios que se perderam e aqueles
a quem é penosa tua grandiosa empresa e teus feitos;
os anciãos de longa idade e as mães exaustas de mar
e tudo o que levas contigo sem préstimo e que teme o perigo,
escolhe-os e consente que tenham suas muralhas nesta terra, já cansados;
a esta cidade hão-de chamar, se tal nome permitires, Acesta.»

Inflamado por tais palavras do velho amigo,
logo ali seu coração vagueia por toda a sorte de inquietações,
e a Noite sombria invadia o céu trazida em seu carro.

Pareceu-lhe, a seguir, que descia do céu o rosto de seu pai
Anquises, a dizer-lhe, de súbito, tais palavras:
«Meu filho, outrora mais caro, enquanto vida havia,
que minha vida, meu filho, tu, que dás curso aos fados de Ílion,
é por mandado de Júpiter que aqui venho, ele que da frota
afastou o fogo e que do alto do céu, enfim, teve compaixão.
Atenta nos conselhos tão belos que acaba de dar-te
o velho Nautes; os jovens que escolheres, corações robustos,
leva-os até Itália; é um povo duro e de rudes costumes
que tens de combater no Lácio. Antes, porém,
visita as mansões de Dite, nos infernos, e procura, pelas profundezas do Averno,
ó meu filho, encontrar-me. Não é, podes crer, o ímpio
Tártaro que me detém, sombras de tristeza, mas é o ameno convívio
dos piedosos que eu frequento; para aqui chegares, guiar-te-á
a casta Sibila, depois de ter corrido muito sangue de negras ovelhas;
nessa altura, saberás toda a tua descendência e que muralhas te são dadas.
Agora, adeus! A noite húmida atinge o meio de seu curso,
e o impiedoso Oriente faz sentir o bafo de seus cavalos sôfregos.»
Acabara de falar e esgueirou-se, qual fumo, para as brisas ligeiras.
Eneias exclamou: «Para onde foges agora? Para onde vais apressado?
De quem foges? E quem te aparta de meu abraço?»
Dizendo tais palavras, ateia cinzas, e o fogo mortiço
e o Lar de Pérgamo e o santuário da alva Vesta,
ele os venera, suplicante, com pão piedoso e uma caixa de incenso.

De pronto manda vir os companheiros, Acestes à cabeça,
e as ordens de Júpiter e as recomendações de seu querido pai,
transmite-lhas e que decisão toma corpo em seu coração.
Não perde tempo a decidir, e não enjeita Acestes o que lhe é ordenado.
Registam-se as mulheres para a futura cidade e põe-se de lado a gente
que o deseja, espíritos que não têm ambição de maior glória.

Eles recompõem os bancos dos remadores e substituem nos navios
as pranchas devoradas pelas chamas, preparam remos e cordame,
escassos em número, mas de vigor e valentia para a guerra.
Entretanto, Eneias traça a cidade com um arado
e tira à sorte as casas; e ordena que esta Ílion e estes lugares sejam
Tróia. Rejubila por ser rei o troiano Acestes
e marca a assembleia e fixa as leis aos anciãos que convocou.
Então, perto das estrelas, no cume do monte Érix, é fundado
um templo em honra de Vénus Idália, e são estatuídos um sacerdote
e um grande bosque, consagrados ao túmulo de Anquises.
E já, ao longo de nove dias, o povo inteiro vinha fazendo celebrações
e prestando suas homenagens nos altares; aplanaram os mares ventos bonançosos,
e o sopro espesso do Austro chama de novo ao alto mar.
Vai-se erguendo pelas enseadas da praia um imenso gemido;
entre abraços uns aos outros, tardam uma noite mais e um dia.
E já as próprias mulheres e aqueles a quem antes parecia horrível
o aspecto do mar e insuportável o seu nome
querem partir e padecer todas as aflições da fuga.
A esses, conforta-os o bom Eneias, com palavras amigas,
e recomenda-os, por entre lágrimas, a Acestes, que é de sua gente.
A Érix, manda sacrificar três vitelos,e às Tempestades uma ovelha,
e, logo depois, manda soltar amarras, por ordem.
Ele mesmo, de cabeça cingida de folhas de um ramo de oliveira,
de pé e distante na proa, segura uma taça e lança vísceras
às ondas salgadas e espalha vinho, que vai escorrendo.
O vento que se ergue pela proa acompanha os que partem;
rivalizam os companheiros a fustigar o mar e a varrer as ondas.

Vénus, entretanto, consumida de ansiedade, dirige-se
a Neptuno e a tais queixumes dá vazão de seu peito:
«A fúria desmedida de Juno e seu coração insaciável

forçam-me, ó Neptuno, a rebaixar-me a toda a sorte de súplicas;
ela, a quem nem o passar do tempo nem piedade alguma acalmam,
nem a mando de Júpiter ou à força dos fados se verga e sossega.
Não; ter devastado do meio dos povos com ódio nefando a cidade
dos Frígios, isso não lhe basta; nem ter arrastado por toda a sorte de suplícios
os restos de Tróia; as cinzas e ossos da destruição,
eis o que persegue. Ela lá saberá as razões de tamanha raiva.
Tu mesmo foste minha testemunha, há pouco, nas águas da Líbia:
que enormidade ela provocou de repente — todos os mares enleou
com o céu, em vão fiada nos temporais de Éolo,
a tanto se atrevendo em teus reinos.
E mais ainda: eis que, levando pelas sendas do crime as mães troianas,
arrasou com malvadez os navios, desbaratou a frota
e forçou-as a deixar os companheiros em terra desconhecida.
Aos que sobejam, consente que soltem velas em segurança
mar fora, consente que atinjam o Tibre dos Laurentes;
é o que nos foi concedido que peço, são as muralhas que nos dão as Parcas».

Então, o filho de Saturno e senhor do mar profundo assim anuncia:
«É bem justo, ó Citereia, que tenhas confiança em meu reino,
de onde colhes tua origem. Também eu o mereço: tais desvarios,
vezes sem conta eu os refreei e raiva tão tamanha de céu e mar.
E não menos em terra, tomo por testemunhas o Xanto e o Simoente
de que tem sido meu cuidado o teu Eneias. Quando, em Tróia, Aquiles
perseguia o exército já desfalecido e o entalava contra as muralhas
e enviava muitos milhares para a morte, e gemiam, atulhados,
os rios, e não lograva encontrar seu caminho e lançar-se
no mar o Xanto, então eu, a Eneias, que acometia
o gigantesco Pelida — e nem forças nem deuses eram iguais —,
arrebatei-o no bojo de uma nuvem, ainda que fosse meu desejo arrasar desde os alicerces

os muros, erguidos por minhas próprias mãos, de uma Tróia perjura.
Agora, mantenho, ainda, o mesmo desígnio; afasta o teu receio;
em segurança, há-de ele chegar ao porto que desejas do Averno;
um só vai haver que terás de procurar, perdido no abismo;
uma só cabeça será dada em troca de muitas.»
Depois de, com tais palavras, serenar o coração reconfortado da deusa,
atrela o pai seus cavalos com arreios de ouro, junta-lhes ao ardor
o freio a espumar e com suas mãos sacode a todo o comprimento as rédeas.
Voa, veloz, por sobre o pico do mar, em seu carro azulado;
esmorecem as ondas, e, debaixo de um céu em turbilhão,
estendem-se, rasteiras, as águas do mar revolto, foge a tormenta da imensidão do céu.
Então, surge o cortejo sem fim dos acompanhantes, as monstruosas baleias
e o coro de anciãos de Glauco e o filho de Ínoo, Palémon,
e os velozes Tritões e todo o exército de Forco;
à esquerda seguem Tétis e Mélite e a donzela Panopeia,
Niséa e Espio e Talia e Cimódoce.[84]

Aqui, doces prazeres invadem, por seu lado, o coração inquieto
do pai Eneias; ordena que sem tardança sejam erguidos
todos os mastros, e sejam esticadas as velas nas vigas.
À uma, todos manobraram a escota e, em movimento simétrico, ora à esquerda,
ora à direita, soltaram os rizes; à uma, torcem e distorcem
os altos cabos; movem ventos de feição a frota.

Na dianteira, à frente de todos, Palinuro dirigia a esquadra
cerrada; é na rota dele que os demais têm ordens para fazer caminho.
E já a frescura da Noite quase atingira o meio
da viagem, a marinhagem descontraía o corpo em tranquilo repouso,

[84] A chegada de Eneias ao termo da viagem assume, assim, um ar festivo, com um imenso cortejo de divindades marinhas.

estendida debaixo dos remos ao longo dos bancos rijos,
quando o Sono,[85] ligeiro, desceu dos astros do alto,
apartou o ar denso de trevas e arredou as sombras,
em busca de ti, ó Palinuro, para te trazer sinistros sonhos,
sem que o merecesses; sentou-se o deus no cimo da popa,
com a aparência de Forbas, e pôs-se a escoar de sua boca esta conversa:
«Palinuro, filho de Iásio, o mar conduz, ele mesmo, a frota,
a brisa sopra sossegada, é-nos dado tempo para descanso.
Deixa reclinar a cabeça e furta teus olhos cansados ao trabalho.
Eu mesmo, por um pouco, assumirei em teu lugar teu mester.»
A custo segurando os olhos, Palinuro responde-lhe:
«É a mim que mandas desdenhar o aspecto de um mar sereno
e ondas tranquilas? É a mim que mandas confiar neste monstro?
Eneias, iria eu confiá-lo (que ideia essa!...) a brisas enganosas
e ao céu, eu, tantas vezes iludido pelo engano da mansidão?»
Tais eram as suas palavras, agarrado ao leme, amarrado a ele,
sem nunca o largar, e mantinha o olhar fixo nas estrelas.
Eis que o deus abana um ramo, ensopado de orvalho do Letes
e paralisado pela força do Estígio, sobre as suas têmporas,
de ambos os lados, e, quando ele vacilava, amolece-lhe os olhos, já trémulos.
Mal este descanso inesperado começava a afrouxar-lhe o corpo
e, atirando-se para cima dele, lançou-o, com uma parte da popa arrancada
e com o leme, para o meio das ondas claras,
de cabeça a pique e a gritar mais e mais, em vão, pelos companheiros;
ele, a voar, alçou-se, como uma ave, para as brisas ligeiras.

Prossegue seu caminho não menos seguro no mar a frota
e é conduzida, sem sustos, pelas promessas do pai Neptuno.
E logo se aproximava e passava além das rochas das Sereias,

[85] Sono, personificação do sono, é uma divindade demoníaca, filha da Noite, mas, na maior parte das versões, sem pai, e irmã da Morte.

outrora tormentosas e embranquecidas pelos ossos de tantos
(nesse tempo, a batida insistente das vagas fazia ressoar ao longe a rouca penedia),
quando o pai sentiu que vogava sem rumo, por ter perdido
o piloto; ele mesmo dirigiu a nau nas ondas da noite,
entre gemidos sem fim e de coração ferido pela perda do amigo:
«Tu, que demasiado te fiaste no céu e na bonança do mar,
nu, ó Palinuro, ficarás a jazer em areal desconhecido!»[86]

[86] Palinuro é a vida que Neptuno havia anunciado a Vénus que seria cobrada em troca da salvação dos demais. Não ficou, no entanto, desconhecido o areal. O nome de Palinuro viria a ser dado a um cabo na Campânia, em homenagem ao piloto de Eneias assim perdido no momento final da viagem; uma morte, afinal, imerecida e que nada, aparentemente, justificava.

Livro VI

Assim fala [Eneias], coberto de lágrimas, e solta rédeas à frota
e abeira-se, enfim, das costas eubeias de Cumas.
Voltam as proas para o alto mar; então, com a força de seu dente,
a âncora fundeia os navios; as praias, as popas
recurvas as abordam. Uma força impetuosa de jovens
desembarca nas praias da Hespéria; parte busca as sementes de fogo
que se resguardam nos veios do sílex, parte vasculha os bosques,
moradia cerrada de feras, e mostra os rios que encontrou.
Mas o piedoso Eneias busca os castros a que preside o Apolo
das alturas, e, mais além, os recessos e a gruta imensa
da horrenda Sibila, a profetisa, cuja alma desmesurada e cujo espírito
Délio bafeja com seu sopro e a quem revela o futuro.
Vão já perto dos bosques da Trívia e de seus tectos de oiro.
Dédalo,[87] como é voz corrente, ao fugir dos reinos de Minos,
ousou, com asas velozes, confiar-se ao céu e,
por rota inexplorada, singrou até às Ursas geladas
e pousou, por fim, com ligeireza, no cimo da cidadela de Cálcis.

---

[87] Rezava a lenda que Dédalo, em fuga de Creta, onde havia sido encerrado no labirinto, foi em Cumas que atingiu Itália. Por isso, ali fundou um templo em honra de Apolo. Virgílio descreve os portais do templo decorados com cenas relacionadas, directa ou indirectamente, com o mito de Dédalo: Minos, Pasífae, a morte de Androgeu e a subsequente punição de Atenas com o pagamento anual de sete vidas humanas. E também com a tragédia do próprio Dédalo, a perda de Ícaro, seu filho, que caiu durante a viagem pelos ares, por se ter aproximado excessivamente do Sol.

Por ser este local o primeiro onde voltou a terra, consagrou-te, ó Febo,
o aparelho de suas asas e fundou um enorme templo.
Nos batentes,[88] a morte de Androgeu; depois, condenados a expiar
seu crime, os filhos de Cécrops — triste desventura! —: em cada ano,
sete vidas de filhos seus; ali está a urna com as sortes tiradas.
Do outro lado, alcantilada sobre o mar, responde a terra de Cnossos;
aqui, o amor de um touro bravio e, em acasalamento falseado,
Pasífae; e ali está a raça híbrida e a prole biforme,
o Minotauro, evocação de uma Vénus nefanda;
ali o famoso palácio, trabalho de inextricável teia;
mas, compadecido do imenso amor da rainha,
Dédalo em pessoa decifrou os enganos e as voltas do palácio,
orientando os passos cegos com um fio. Também tu serias parte
de tamanha obra, ó Ícaro, assim o consentisse a dor.
Duas vezes tentou modelar no ouro a tua queda,
duas vezes desfaleceram ao pai as mãos. E tudo mais teriam, ainda,
examinado com o olhar se, nesse instante, Acates, enviado à frente,
não tivesse chegado, com a sacerdotisa de Febo e de Trívia,
Deífobe, filha de Glauco, que tais palavras dirige ao rei:
«Não é este tempo azado para tal contemplação;
agora, mais útil será sacrificar de manada intacta sete
bezerros e outras tantas ovelhas escolhidas segundo os rituais.»

Depois de assim falar a Eneias (e não atrasam os guerreiros as ordens
sagradas), a sacerdotisa chama os Teucros para as profundezas do templo.
Cavado para o interior da rocha de Eubeia, um imenso flanco,
aonde conduzem cem entradas, com cem portas,
de onde brotam outras tantas vozes, as respostas da Sibila.
Tinham chegado à entrada, quando a virgem diz: «É tempo

[88] Descrição das portas do templo, erigido por Dédalo (que era arquitecto) em Cumas.

de reclamar os fados. Deus! Eis o deus!» Quem assim falava
diante da porta não tinha rosto, não tinha uma cor que fosse,
não tinha cabelos penteados; mas o seu peito ofegante
e o coração impetuoso estavam inchados de fúria, parecia ser maior
e não ter voz de mortal, foi bafejada por poder divino,
por estar mais perto do deus. «Tardas a fazer teus votos e tuas preces,
ó troiano Eneias?» — diz ela; «Tardas? Pois antes não hão-de abrir-se
as enormes bocas da casa das revelações».[89] E, depois destas palavras,
calou-se. Um medo enregelado percorreu os ossos rijos
dos Teucros, e o rei deixou sair esta prece do fundo do coração:
«Febo, que sempre te compadeceste dos penosos padecimentos de Tróia,
que as lanças e mãos dárdanas de Páris encaminhaste
para o corpo do Eácida, por tantos mares fora, à beira de vastos
continentes, eu avancei, por ti guiado, e pelas terras recuadas dos confins
do povo Massilo e pelos campos que diante das Sirtes se estendem:
atingimos já, por fim, as praias de Itália, que se nos escapava;
que somente até aqui nos tenha perseguido a fortuna troiana.
Também a vós é consentido poupar a gente de Pérgamo,
ó deuses e deusas, a todos vós, a quem foi molesta Ílion e a imensa
glória de Dardânia. E tu, ó santa profetisa,
que sabes o que está por vir, concede-me — não peço reinos
que a meus fados não sejam devidos — assentar no Lácio os Teucros
e os deuses peregrinos e as divindades de Tróia postas em fuga.
Nessa altura, a Febo e Trívia hei-de dedicar um templo com a robustez
do mármore e instituir dias de festa em honra de Febo.
A ti, também, está reservado um imenso santuário em nosso reino;
aqui asseguro eu que vou depor tuas profecias e os secretos fados
anunciados a meu povo e vou consagrar-te, ó mãe,
varões de eleição. Apenas não confies a folhas tuas profecias,

[89] A "casa das revelações" é a gruta da Sibila, onde eram revelados os oráculos.

para que não esvoacem como joguetes baralhados por ventos rápidos:
canta-as tu mesma — eis o que peço.» Pôs fim às palavras de sua boca.
Mas, sem estar ainda possuída por Febo, desvairava em grande
delírio a profetisa, como se fora capaz, em seu peito,
de agitar o deus; mais ainda lhe cansa ele
a boca a espumar, refreando-lhe o coração sem freio, e doma-a à força.
E logo as cem portas enormes da mansão se escancararam
por si mesmas e trazem as respostas da profetisa brisas fora:
«Ó tu, que escapaste finalmente aos grandes perigos do mar
— mas em terra bem piores te esperam! —: aos reinos de Lavínia
hão-de os Dardânidas chegar — arreda do coração este cuidado —
mas hão-de desejar não ter chegado. Guerras, pavorosas guerras
e o Tibre a espumar em torrentes de sangue é o que vejo.
Não te hão-de faltar o Simoente nem o Xanto nem os acampamentos
dóricos; para o Lácio nasceu já um outro Aquiles
e também ele é filho de uma deusa; nem aos Teucros há-de faltar
ainda Juno, quando tu, suplicante, em plena angústia,
não deixarás de implorar a povos e cidades de Itália!
A origem de tamanha desgraça dos Teucros vai ser, uma vez mais, uma esposa estrangeira
e, uma vez mais, um casamento buscado alhures.[90]
Tu, não cedas à desgraça, mas avança com maior arrojo
do que te consentir tua fortuna. A via primeira da salvação,
quando menos o cuidares, há-de ser-te franqueada por cidade grega.»
Com tais palavras, do fundo do santuário, a Sibila de Cumas
anuncia horrendos enigmas e ruge-os das profundezas da gruta,
envolvendo em penumbra a verdade; esse é o freio com que lhe subjuga
a braveza e os aguilhões que lhe crava no peito Apolo.

[90] Como Páris e Helena, na origem da guerra de Tróia.

Assim que o delírio cessou e a boca a espumar encontrou sossego,
começou o herói Eneias: «Nenhum desses trabalhos,
ó virgem, se apresenta a meus olhos como novo ou inesperado;
todos eu tinha previsto e experimentado em meu coração.
Uma só coisa peço: visto ser aqui a porta do rei dos Infernos,
segundo se diz, e o pântano tenebroso das águas que correm do Aqueronte,
chegar à presença de meu querido pai e olhar o seu rosto,
que isso me seja consentido; ensina-me o caminho e abre-me os portais sagrados.
Ele, por entre chamas e milhares de setas disparadas contra nós,
eu o trouxe em cima destes ombros e o retirei do meio do inimigo;
ele era meu companheiro de jornada e comigo suportava
todos os mares e as ameaças do oceano e do céu,
já sem poder, bem para além de suas forças e da sorte da velhice.
Mais ainda, que me dirigisse a ti, como suplicante, e viesse até teus portais,
era ele mesmo quem mo recomendava e pedia. Do filho e do pai,
ó mãe, tem piedade, eu te peço (pois tu tudo podes, e não é em vão
que Hécate te colocou à frente dos bosques do Averno);
se fazer vir do Inferno os manes da esposa foi possível a Orfeu,
fiado apenas na cítara da Trácia e no som de suas cordas,
se Pólux resgatou o irmão, dando uma morte em troca,
e faz e volta a fazer mil vezes o caminho. E que direi do grande Teseu,
que direi do Alcides? Também sou da linhagem do supremo Júpiter.»
Com tais palavras suplicava e agarrava-se ao altar,
quando assim começou a falar a profetisa: «Nascido de sangue de deuses,
ó Troiano, filho de Anquises, é fácil a descida ao Averno;
noite e dia está aberta a porta da sombria Dite;
mas tornar atrás os passos e escapar-se para as sombras do alto,
este é o trabalho, esta a canseira. Poucos, a quem teve amor o justo
Júpiter ou que uma acesa virtude elevou até às estrelas,
o alcançaram, mesmo gerados por deuses; ocupam todo o espaço, até lá, bosques,
e as águas do Cocito tudo envolvem em seus negros meandros.

Mas se tamanho é o amor em teu coração, se tamanho é o desejo
de duas vezes navegar a lagoa Estígia, de duas vezes contemplar
o Tártaro, e se te dá gosto entregares-te a um labor insano,
escuta o que tens a fazer primeiro. Em árvore de densa ramagem, esconde-se,
com suas folhas e haste macia, um ramo de ouro,
que dizem ser consagrado a Juno dos Infernos; resguarda-o todo
o bosque e escondem-no, na penumbra de cerrados, as sombras.
Mas a ninguém é concedido aceder aos mistérios telúricos,
antes de colher da árvore rebentos com folhagem de ouro.[91]
Este é o penhor que a bela Prosérpina determinou
lhe fosse levado. Arrancado o primeiro, não vai faltar-lhe um outro,
também de ouro, e volta a rebentar o ramo do mesmo metal.
Portanto, esquadrinha bem alto com teu olhar, e aquele que achaste,
colhe-o com tua mão segundo os ritos; ele irá contigo de vontade e sem resistir,
se é que os fados te chamam; de outra forma, não poderás vencê-lo
com força alguma, nem arrancá-lo, por forte que seja tua espada.
Além disso, jaz sem vida o corpo de teu amigo
— pobre de ti, que o não sabes! — e polui com seu cadáver a frota inteira,
enquanto tu procuras o meu conselho e estás à espera à minha porta.
Leva-o, primeiro, para a morada que lhe é devida e dá-lhe sepultura.
Traz-lhe ovelhas negras; sejam elas os primeiros sacrifícios expiatórios.
Somente assim os bosques do Estígio e os reinos de acesso vedado a mortais
tu os verás.» Falou; e, fechando a boca, calou-se.

Eneias baixa o olhar com semblante entristecido
e põe-se a caminho, deixando a gruta, e revolve em seu coração

[91] Ao longo dos versos que descrevem o acesso de Eneias ao mundo dos mortos várias são as referências a este "ramo de ouro", que tem suscitado diversas e nem sempre coincidentes reflexões a muitos estudiosos de Virgílio. O ramo seria uma oferenda requerida por Prosérpina, para que Eneias, seu portador, pudesse entrar no mundo dos mortos e voltar a sair. Vegetal, mas com natureza mineral (ramo, mas de ouro), brilhante como o metal que lhe dá essa natureza, era uma espécie de dádiva de vida no mundo da morte. As opiniões dividem-se; grande parte dos estudiosos tenta assemelhá-lo a ou identificá-lo com o visco branco.

factos tão obscuros. Segue em sua companhia
o fiel Acates, e semelhantes cuidados traçam o rumo de seus passos.
Mil e um pensamentos trocavam entre si em conversas sem fim:
de que companheiro sem vida estaria a profetisa a falar, que corpo
havia para enterrar. E Miseno, na aridez da praia,
é o que vêem ao chegar, arrebatado por morte que não merecia,
Miseno, filho de Éolo; mais brilhante do que ele não havia outro
a pôr em acção os homens ao toque do bronze e a inflamar Marte com sua música.[92]

Tinha sido companheiro do grande Heitor; em torno de Heitor,
avançava para o combate com seu instrumento e sua lança.
Depois de aquele o ter despojado da vida o triunfante Aquiles,
este herói de grande valentia juntara-se aos companheiros
do dardânida Eneias, perseguindo feitos em nada menores.
Mas quando, por acaso, faz ressoar os mares com o rouco som de uma concha,
tresloucado, e com sua música chama a competir consigo os deuses,
Tritão, cheio de inveja, apanhou-o, se é que isso é merecedor de crédito,
e lançou-o no meio da penedia na espuma das ondas.
Portanto, todos ao redor faziam ouvir gemidos e enorme gritaria,
em especial o piedoso Eneias. Então, por mando da Sibila,
sem tardança apressam-se, em grande pranto, a reunir árvores
para o altar do sepulcro e porfiam por levantá-lo até ao céu.
Caminham até um bosque antigo, alto redil de feras,
os abetos vão tombando, soa o carvalho aos golpes dos machados,
os troncos dos freixos e o carvalho menos duro rasgam-se ao impacto
de cavilhas, fazem rolar do cimo dos montes enormes freixos.
Também Eneias, em meio de tais trabalhos, é o primeiro
a exortar os companheiros e deita mão de iguais armas.
Ele mesmo revolve estas coisas no amargor de seu coração,

[92] Miseno era o "trombeta" das tropas, como decorre da leitura dos versos.

enquanto contempla a imensa floresta, e assim suplica:
«Ah, Se agora o tal ramo de ouro se me mostrasse em sua árvore,
no meio de tamanha floresta!... Porque — ai de nós! — era bem verdadeiro,
a teu respeito, ó Miseno, quanto a profetisa falou.»

Mal tinha acabado de falar, quando aconteceu que duas pombas,
mesmo diante de seus olhos, baixaram a voar do céu
e vieram pousar na verdura do solo. Então, o grande herói
reconheceu as aves de sua mãe e, cheio de alegria, eleva uma prece:
«Sede nossas guias, sim!, se caminho algum existe, e orientai o vosso voo
ar fora para o bosque onde o valioso ramo cobre de sombra
a terra fértil. E tu, não me abandones na incerteza,
ó mãe divina!» Falando assim, susteve o passo,
a observar que sinais lhe deixariam, que direcção tomariam;
elas iam debicando e avançando em seu voo, o bastante
para que o gume dos olhos que as seguiam as pudesse acompanhar.
Então, quando chegaram às gargantas nauseabundas do Averno,
erguem, rápidas, o voo e, esgueirando-se na atmosfera húmida,
pousam no lugar desejado, sobre a árvore de dupla natureza,
onde o ar deixa cintilar, por entre os ramos, um estranho brilho de ouro.
Tal como costuma o visco branco nas florestas, na frialdade da invernia,
vicejar com nova folhagem, sem que o produza a árvore onde cresce,
e com seus rebentos cor de açafrão abraçar o tronco liso,
assim era a aparição do ramo de ouro na sombra da azinheira,
assim as lâminas metálicas estralejavam ao sopro suave do vento.
De pronto lhe deita a mão Eneias e quebra-o com sofreguidão,
apesar da resistência, e leva-o à morada da profetisa Sibila.

Os Teucros, entretanto, não deixavam de chorar Miseno, na praia,
e levavam as derradeiras oferendas às cinzas, que não podiam agradecer.
Primeiro, ergueram uma enorme pira, a pingar de madeira de pinho

e de lenha de carvalho; tapam-lhe os lados
com folhagem sombria e põem-lhe diante fúnebres ciprestes,
e ornamentam-lhe o cimo com armas refulgentes.
Uma parte prepara água quente e vasos de bronze a ferver
ao lume e lava o corpo já enregelado e unge-o.
Soltam-se gemidos. Então, o corpo coberto de pranto, depõem-no num leito
e cobrem-no de vestes cor de púrpura, trajos que lhe são familiares.
Outra parte pega em ombros o esquife,
tarefa bem triste, e, de rosto voltado, conforme o costume dos antepassados,
chegaram-lhe o fogo. Queima-se a pilha de oferendas
com incenso, as carnes dos animais, vasos cheios de azeite.
Depois que tudo se desfez em cinza e a chama perdeu a força,
lavaram com vinho o resto e o brasido que tudo bebe,
e recolhe os ossos Corineu e guarda-os numa urna de bronze.
Ele mesmo dá três voltas aos companheiros com água pura,
aspergindo-os com breves borrifos e com um ramo farto de oliveira,
purificou os guerreiros e proferiu as derradeiras palavras.
Mas o piedoso Eneias coloca sobre a enorme laje do túmulo
as armas do guerreiro, o remo e a tuba,
na base do monte que ali se ergue, que hoje se chama Miseno,
devido a ele, e conserva para sempre, séculos fora, o seu nome.

Feito tudo isto, dá imediato cumprimento às ordens da Sibila.
Havia uma gruta muito cavada, monstruosa na sua imensa abertura,
escarpada, protegida pelo negrume de um lago e pelas trevas de bosques,
acima da qual não seria possível a ave alguma
fazer caminho em seu voo; tal era o bafo que de suas negras
cavernas se escapava e subia até às altas abóbadas;
[donde deram os Gregos ao lugar o nome de Aorno.]
Quatro bezerros de negro dorso, aqui, desde logo,
os fez colocar a sacerdotisa e sobre eles derramou vinho

e, aparando as pontas dos pelos no espaço entre os chifres,
pô-las no fogo sagrado, como oferenda primeira,
invocando com sua voz Hécate, poderosa no céu e no Érebo.
Outros afundam neles os cutelos e recolhem em taças
o sangue morno. O próprio Eneias uma ovelha de lã negra
a golpeia com a espada, para a ofertar à mãe das Euménides
e à sua poderosa irmã, e a ti, ó Prosérpina, uma vaca estéril.
Então, para o rei do Estígio, começa a erguer altares nocturnos
e coloca carnes inteiras de touros no fogo
e derrama óleo espesso sobre as entranhas em chamas.

E eis, enfim, que aos primeiros raios do sol começou
o solo a mugir sob seus pés e os cumes das florestas desataram
a mover-se, e as cadelas pareciam uivar no meio das sombras,
à chegada da deusa. «Longe, ficai longe, ó gente profana!»
grita a profetisa, «E guardai distância do bosque inteiro;
e tu, põe-te a caminho e tira da bainha a espada:
agora é preciso coragem, ó Eneias, agora peito firme.»
Disse apenas isto e irrompeu gruta espaçosa adentro;
[Eneias] acompanha com passos não temerosos o ritmo da marcha da sua guia.
Ó deuses, que regeis o império das almas, ó sombras veladas,
ó Caos e Flegetonte, ó lugares na longa mudez da noite,
seja-me consentido dizer quanto ouvi, seja-me consentido por vosso divino poder
desvendar os arcanos nas funduras da terra e na escuridão.
Seguiam, enegrecidos sob a solidão da noite, pela sombra
e pelas mansões incorpóreas de Dite e por reinos vazios,
tal como, por lua incerta e sob luz avara,
está um caminho na floresta, quando Júpiter cobre o céu
de penumbra, e o negrume da noite furta a cor às coisas.
Mesmo antes do átrio e nas primeiras cavernas do Orco,
instalaram seus aposentos o Luto e os Cuidados vingadores;

ali habitam as pálidas Doenças e a triste Velhice
e o Medo e a Fome, que é má conselheira, e a maldita Indigência,
figuras terríveis de ver, e a Morte e o Tormento;
então, o Sono, irmão da Morte, e os pérfidos Prazeres
da alma e a guerra assassina, que mora do outro lado,
e os aposentos de ferro das Euménides e a Discórdia desvairada,
a sua cabeleira de víboras presa com fitas sangrentas.
No meio, um ulmeiro que tudo oculta abre seus ramos
e seus braços carregados de anos, enorme; aí têm morada, diz-se,
os Sonhos vãos e ali ficam amarrados debaixo de toda a folhagem.
E muitos mais mostrengos das mais variadas aberrações:
os Centauros acolhidos a um redil na porta e as Cilas biformes
e Briareu de cem braços e a besta de Lerna,
com seu silvo horrendo, e, armada de chamas, a Quimera,
as Górgones e as Harpias e a forma de uma sombra com três corpos.
Aqui, sobressaltado por súbito pavor, Eneias firma a mão na espada
e mostra a lâmina aguçada às sombras que se avizinham
e, se a sua companheira, que tudo sabe, o não prevenisse de que eram ilusórias vidas
sem corpo, a esvoaçar sob a imagem vazia de uma figura,
teria investido e desferido em vão golpes de espada contra sombras.
Daqui parte o caminho que conduz às águas do tartáreo Aqueronte.
Aqui, turvo de lama, em imenso cachão
ferve o abismo e vomita toda a areia no Cocito.

Um barqueiro arrepiante está de guarda a estas águas e ao rio,
o horroroso e esquálido Caronte: caem-lhe do queixo
cãs abundantes e eriçadas, o olhar imóvel são labaredas,
pende-lhe dos ombros, preso com um nó, um manto imundo.
Por suas mãos guia a barcaça com uma vara e governa as velas
e carrega os corpos na quilha enegrecida;
já velho, mas é a velhice de um deus, fresca e viçosa.

Para este lugar, espalhada pelas margens, toda uma multidão acorria,
mães e homens e corpos já privados de vida
de notáveis heróis, rapazes e raparigas por casar,
jovens lançados à pira diante da vista de seus pais:
tantos quantas, floresta adentro, nos primeiros frios do Outono,
as folhas se desprendem e caem, ou quantas aves vindas do alto mar
voam em bando para terra, quando a frialdade da estação
as escorraça das águas e as impele para terras soalheiras.
Ali estavam, a suplicar por serem os primeiros a fazer a viagem,
e estendiam as mãos na ânsia da outra margem;
mas o barqueiro inflexível ora recebe estes, ora aqueles,
enquanto a outros, os enxota e faz ficar longe, na areia.
Eneias, pois estava pasmado e abalado por tal confusão,
exclama: «Diz-me, ó virgem, porquê este atropelo para chegar ao rio?
O que buscam as almas? E que distinção faz estas afastar
da margem e aquelas varrerem com os remos o escuro pântano?»
Em breves palavras assim lhe retorquiu a velha sacerdotisa:
«Filho de Anquises, legítimo descendente de deuses,
o que vês são as águas fundas do Cocito e o pântano Estígio,
por cuja grandeza os deuses temem jurar e não cumprir.
Esta multidão que estás a ver é a dos coitados e insepultos;
aquele barqueiro é Caronte; estes que as águas levam são os sepultados;
não lhes é dado passar para lá das margens horrendas e das surdas
correntes, antes de seus ossos repousarem em lugar apropriado;
vagueiam cem anos e adejam em volta destas praias;
então, por fim, é-lhes consentido ver, de novo, o pântano que tanto desejam.»

Ficou paralisado o filho de Anquises e travou o passo,
em mil pensamentos, e de coração condoído por sorte tão injusta.
Vê ali, entristecidos e privados de honras fúnebres,
Leucáspis e o comandante da frota lícia, Orontes,

que, depois de juntos terem partido de Tróia por mares tormentosos,
o Austro engoliu, revolvendo na água navio e marinheiros.

Eis que ali deambulava o piloto Palinuro
que há bem pouco, no caminho da Líbia, enquanto observava as estrelas,
caíra da popa e mergulhara no meio das ondas.
A este, assim que o avistou, entristecido, envolto em grande sombra,
logo se lhe dirige: "Que deus, ó Palinuro,
de nós te arrebatou e te afundou no meio do mar?
Diz, vamos! A verdade é que nunca antes tive Apolo por impostor,
e só neste caso ele me enganou o coração,
quando me proclamava que havias de passar são e salvo o oceano
e chegar aos confins da Ausónia. É esta a confiança que merecem as promessas
dele?»
E ele, por seu lado: «Nem te enganou o oráculo de Febo,
ó chefe, filho de Anquises, nem o deus me afundou no mar,
pois o leme arrancado por força prodigiosa
e ao qual eu estava amarrado, como seu guardião inseparável, e com ele mantinha
a rota,
arrastei-o comigo em minha queda. Pelos mares tormentosos eu juro:
jamais tamanho receio por mim me tomou
como o de que a tua nau, despojada de equipamento, privada de piloto,
fraquejasse, diante das enormes ondas que se erguiam.
Por três noites de invernia me arrastaram no mar imenso
a violência do Noto e da água; bem a custo, ao quarto dia,
avistei Itália, alçado na crista de uma onda;
pouco a pouco ia nadando para terra; estaria já em segurança,
se gente cruel, vinha eu com a roupa encharcada, de passo pesado,
a tentar fincar as mãos no cume escarpado de uma colina,
me não acometesse de espada em riste e me tomasse, na sua ignorância, por uma
presa.

Agora, são as vagas que me possuem e revolvem-me na praia os ventos.
O que te peço, pela luz aprazível e pelas brisas do céu,
por teu pai, pela esperança posta em Iulo, que vai crescendo,
é que me arranques, ó varão invencível, a tais desgraças; ou lança sobre mim
um pouco de terra, pois te é possível, e indaga sobre os portos de Vélia;
ou, se via existe, se ta revela tua mãe divina
(pois creio bem que não é sem o aval dos deuses
que te aprontas a navegar tão prodigiosos rios e o pântano Estígio),
estende a mão a este desventurado e leva-me águas fora,
para, em lugar sossegado, ao menos na morte eu repousar.»

Tais palavras acabara de dizer, quando com tais palavras começou a profetisa:
«De onde te vem, ó Palinuro, este desejo assim tão sinistro?
Tu, sem teres sido sepultado, as águas e o rio austero
das Euménides haverias de contemplá-los, e abeirares-te da margem sem convite?
Não tenhas esperanças de vergar os fados dos deuses com tuas preces,
mas conserva estas palavras na lembrança, para conforto nos momentos
mais severos:
os povos teus vizinhos, instados ao longe e à distância, cidades fora,
pelos prodígios do céu, hão-de prestar as honras fúnebres a teus ossos
e erigir um túmulo e realizar as cerimónias rituais nesse túmulo,
e o lugar há-de ter para sempre o nome de Palinuro.»
Com tais palavras se desvaneceu o cuidado e, pouco a pouco, foi expulsa
a dor do coração entristecido; fica feliz com o nome dado à terra.

Levam a cabo, portanto, a rota iniciada e aproximam-se do rio.
O barqueiro, assim que os viu, lá das águas do Estígio,
caminhar pelo silêncio do bosque e dirigir os passos para a margem,
é o primeiro a tomar a palavra e assim se fazer ouvir do lado de lá:
«Quem quer que sejas que para meu rio te diriges revestido de armas,
diz ao que vens, vamos lá!, aí mesmo, e sustém o passo.

Este é o território das sombras, do sono e da noite que faz adormecer;
a corpos vivos é vedado navegar na barca do Estígio.
E nem mesmo fiquei satisfeito por ter acolhido Alcides
em viagem neste lago, nem Teseu ou Pirítoo,
posto que fossem filhos de deuses e heróis de força invencível:
um buscava o guardião do Tártaro para o acorrentar com suas mãos
e arrastou-o, a tremer, de junto do trono do próprio rei;
os outros vinham com o plano de levar a nossa rainha do leito de Dite.»
Em resposta, curtas palavras disse a profetisa Anfrísia:[93]
«Não tens aqui nenhum de tais embustes — pára de te agitares! —
nem trazem violência estas lanças; pode o enorme porteiro, em sua caverna,
continuar a ladrar e a aterrorizar para sempre as sombra exangues,
pode a casta Porsérpina continuar a guardar os portais de seu tio;
o troiano Eneias, ilustre por sua piedade e suas façanhas,
é em busca de seu pai que desce às sombras profundas do Érebo.
Se acaso te não move a imagem de tamanha piedade,
ao menos este ramo» (e mostra o ramo que escondia no manto)
«hás-de reconhecer.» Então, o seu coração inchado de raiva amoleceu.
E mais não diz. Ele, espantado com tão veneranda oferenda
do galho do Fado que há tão largo tempo avistara já,
desvia a popa sombria e aproxima-se da margem.
Depois, outras almas, que estavam sentadas pelas dunas,
afugenta-as, para ganhar espaço; e logo acolhe no bojo da barca
o grande Eneias. Gemeu com o peso a barcaça
de tábuas costuradas, e pelas fendas entrou muita água do pântano.
Por fim, do outro lado do rio desembarcou, sãos e salvos, profetisa
e herói sobre um lodaçal disforme e algas esverdeadas.

[93] A profetisa Anfrísia é a Sibila, sacerdotisa de Apolo. Anfrísia, do nome do rio Anfrísio, na Tessália, onde Apolo passou um tempo, condenado por Júpiter a apascentar gado.

O enorme Cérbero, a ladrar das suas três goelas, faz atroar
estes reinos, estendido, imenso, na caverna em frente.
A profetisa, ao ver o pescoço dele já eriçado de serpentes,
põe-lhe diante um bolo soporífero feito de mel e sementes
medicinais. Ele, com fome e fúria, escancara as três goelas
e agarra o que lhe era atirado e desenrola o imenso dorso,
esparramando-se no chão, e estende-se, enorme, na caverna inteira.
Eneias trata de passar a entrada, ante a prostração do guarda,
e afasta-se, rápido, da margem do rio de onde não há recuo.
De pronto se ouvem vozes e um enorme vagido
e almas de crianças a chorar; arrebatou-as no limiar primeiro
da idade, privadas das doçuras da vida e roubadas ao seio materno,
um dia tenebroso e mergulhou-as nas agruras da morte.
Perto destas, os que foram condenados à morte por falsa acusação;
mas não está determinado que seja este lugar sem sorteio e sem juiz:
o inquiridor Minos gere as sortes,[94] ele convoca
o conselho dos silenciosos, inquire sobre a vida e os crimes.
Bem próximos, depois, moram os tristes, que a si mesmos deram
a morte, por suas mãos e sem culpa e, por ódio à luz,
renunciaram à vida. Quanto eles prefeririam, no ar lá de cima,
suportar agora pobreza e duros padecimentos!
Não o consentem as leis dos deuses, e o triste pântano de odiosas águas
acorrenta-os, e as correntes do Estígio nove vezes os aferrolham.
Não longe daqui estão à vista, espalhados por toda a parte,
os campos das lágrimas; tal é o nome que lhes dão.[95]
Aqui, aqueles que a inclemência do amor consumiu em cruel agonia,
ocultam-nos trilhos secretos, e resguarda-os em volta um cerrado

[94] Cabiam a Minos as funções de juiz, nos Infernos.

[95] *Campi lugentes*, em latim. Campos onde penam os mortos de amor; deles, lembrar-se-ão, a seguir, alguns dos mais famosos. E acrescentar-se-á Dido — neste percurso, é um pouco do seu caminho de vida que Eneias irá revisitando, para dele se libertar ou regenerar.

de mirto; as inquietações nem na própria morte os abandonam.
Em tais lugares, vê ele Fedra e Prócris e a desventurada Erifila,
que exibe o golpe sofrido às mãos de um filho desumano,
e Evadne e Pasífae; segue em companhia deles Laodamia
e, outrora mancebo, agora de novo mulher, Ceneu,
restituída pelos fados ao antigo aspecto.

Entre elas, de ferida bem recente, a fenícia Dido
deambulava na vastidão de um bosque; o herói troiano,
assim que chegou perto e a reconheceu no meio das sombras,
velada, como alguém que, ao romper do mês, enxerga
ou cuida ter enxergado a lua por entre as nuvens,
solta-se em pranto e assim lhe fala com a ternura do amor:
«Infeliz Dido, era, então, verdadeira a notícia que me chegara
de que tinhas morrido e de que, pegando no ferro, cederas ao desespero!
De tua morte — pobre de mim! — fui eu a causa? Pelas estrelas eu juro
e pelos deuses do céu e pela lealdade, se alguma existe nas entranhas da terra,
foi contra vontade, ó rainha, que deixei as tuas praias!
Mas as ordens dos deuses, que me obrigam, agora, a caminhar pelas sombras,
por paragens eriçadas de bafio e pelas funduras da noite,
é que me compeliram com seu poderio; e não podia imaginar
que com minha partida iria causar-te tamanha dor.
Suspende os teus passos e não te furtes ao meu olhar.
De quem foges? A vez derradeira que o Fado me consente falar-te é esta.»
Com tais palavras tentava Eneias amolecer aquele coração em chamas
e de olhar ameaçador e suscitar seu pranto.
Ela, de costas voltadas, mantinha o olhar fixo no chão
e um tal começo de discurso não lhe comove mais o rosto
do que se ali estivesse duro penedo ou rocha de Marpeso.
Por fim, afastou-se e refugiou-se ostensivamente
dentro das sombras do bosque, onde o primeiro marido,

Siqueu, corresponde a seus cuidados e lhe retribui com igual amor.
E também Eneias, ferido por sorte tão injusta,
segue-a de longe, em lágrimas, e tem pena de quem assim parte.
De seguida, prossegue a rota determinada. E chegavam já aos campos
extremos, que, a recato, habitam guerreiros notáveis na guerra.
Aqui, surge-lhe diante Tideu, ali, ilustre por suas façanhas,
Partenopeu e a imagem de um descolorido Adrasto,
acolá, largamente pranteados entre os de lá de cima[96] e caídos em guerra,
filhos de Dárdano; ao vê-los a todos em longa fila,
soltou um gemido: Glauco e Medonte e Tersíloco,
os três filhos de Antenor e Polibetes, consagrado a Ceres,
e Ideu, que tinha, ainda, seu carro e, ainda, suas armas.
Ali estão, à sua volta, à direita e à esquerda, almas sem conto,
e terem olhado uma só vez não lhes basta; apraz-lhes, ainda, demorarem-se
e acompanhar-lhe o passo e saber das causas de sua vinda.

Mas os chefes dos Dánaos e os esquadrões de Agamémnon,
quando avistaram o guerreiro e suas armas a refulgir na sombra,
tremeram de um medo enorme; uns voltaram as costas,
tal como outrora se dirigiram para os navios, outros erguem a voz
enfraquecida; um esboço de grito frustra-lhes as bocas escancaradas.
E aqui avista, o corpo inteiro dilacerado, Deífobo,[97]
filho de Príamo, o rosto retalhado com crueldade,
o rosto e as duas mãos, as têmporas devastadas, de orelhas
arrancadas e nariz decepado com golpe repugnante.

[96] São recorrentes as referências ao «mundo superior», às «paisagens do alto», aos lugares «lá de cima», em oposição ao mundo inferior, ou seja, dos Infernos.

[97] No percurso pelo mundo dos Infernos, Eneias encontra, também, o seu passado, por ordem inversa: primeiro, a mais recente perda, Palinuro, no campo dos insepultos, o piloto que morrera mesmo à chegada a Itália; a seguir, Dido, no campo das lágrimas, reservado aos que morreram por amor; a seguir, ainda antes de entrar nos Campos Elísios, Deífobo, filho de Príamo, caído ainda na guerra de Tróia.

Em tal estado, mal o reconheceu, temeroso e a esconder os terríveis
maus tratos; logo começa a falar-lhe, com voz bem conhecida dele:
«Deífobo, soldado destemido, da raça do nobre sangue de Teucro,
quem decidiu infligir-te tão terrível punição?
Quem a tanto se permitiu contra ti? A mim, trouxe-me a Fama a notícia de que,
na noite derradeira, cansado de larga chacina entre os Pelasgos,
caíste sobre uma montanha de cadáveres sem distinção.
Então, um túmulo nas praias do Reteu, vazio,
eu mesmo o fiz erguer e em alta voz três vezes invoquei os manes.
Nome e armas guardam esse lugar; a ti, meu amigo, não logrei
encontrar-te e, na tua morte, depositar-te em terra pátria.»
A tais palavras respondeu o filho de Príamo: «Nada, meu amigo, deixaste por
fazer;
tudo quanto a Deífobo era devido tu cumpriste e às sombras de seus restos.
Mas, a mim, os meus fados e o crime funesto da Lacónia[98]
me mergulharam nesta desgraça; ela, foram estes testemunhos que deixou.
Verdade seja que o modo como passámos em meio de ilusória alegria
a noite derradeira, tu o sabes; e é por demais forçoso recordá-lo.
Quando o cavalo fatal, de um salto tomou posição sobre a fortificada
Pérgamo e trouxe a infantaria carregada de armas no peso do seu bojo,
ela, imitando um coro, dirigia as mulheres frígias em roda,
em eufórica orgia; no meio, ela mesma brandia uma tocha
imensa e do alto da cidadela chamava os Dánaos.
Nessa altura, eu, alquebrado de cuidados e pesado de sono,
fechei-me na tristeza de meu quarto, e caiu sobre mim, na cama,
um doce e profundo torpor, bem semelhante ao sossego da morte.
A ilustre esposa, entretanto, tira todas as armas de casa
e até a minha fiel espada a levara da cabeceira;
já dentro de casa, chama Menelau e escancara-lhe as portas,

[98] Helena, que Deífobo desposou depois da morte de Páris.

na esperança, por certo, de que esse presente fosse de peso para quem a amava
e de que pudesse, assim, apagar-se a fama do velho pecado.
Porquê estar com rodeios? Irrompem no quarto, junta-se-lhes, em companhia,
o instigador dos crimes, o filho de Éolo.[99] Ó deuses, pagai aos Gregos
na mesma moeda, se é piedosa a voz com que clamo por castigo.
Mas a ti, diz-me, fala agora, que circunstâncias aqui te trouxeram,
vivo? Chegas aqui trazido nas errâncias do mar
ou por ordem dos deuses? Ou que fortuna te fustiga,
para moradas tão tristes e sem sol, obscuros lugares, tu os buscares?»

Durante esta troca de palavras, a Aurora, em sua quadriga rosada,
passara já, na sua rota pelos ares, o meio da abóbada do céu;
e porventura arrastariam nisto todo o tempo concedido,
mas a acompanhante chamou-lhes a atenção, e em breves palavras falou a Sibila:
«A noite vai avançando, Eneias; nós gastamos o tempo em lágrimas.
Este é o lugar onde o caminho se divide em duas partes:
o da direita, que se alonga na base da muralha do grande Dite;
por aqui é o nosso caminho para o Elísio; mas o da esquerda é onde
cumprem suas penas os malvados, e leva ao impiedoso Tártaro.»
Deífobo contrapôs: «Não te enfureças, grande sacerdotisa;
eu vou deixar-vos; vou preencher o número e ser restituído às trevas.
Vai, honra do nosso povo, vai! E possas tu desfrutar de destino mais feliz.»
Foram as únicas palavras que disse e, ao dizê-las, inverteu o passo.

Olha para trás Eneias de relance e, na base de sinistra penedia,
vê longas muralhas circundadas por tríplice muro;
contorna-as um caudaloso rio com torrentes de chamas,
o Flegetonte do Tártaro, e rochas ensurdecedoras.
Em frente, uma porta enorme, de aço maciço,

[99] Ulisses.

para que nenhuma força humana nem os próprios deuses do céu
possam destruí-la em guerra; ergue-se nos ares uma torre de ferro,
e Tisífone, sentada, envolta em seu manto de sangue,
guarda a entrada, sem nunca dormir, noite e dia.
Dali fazem-se ouvir gemidos e soam terríveis
azorragues; então, ouve-se o chiar do ferro e o arrastar das cadeias.

Deteve-se Eneias e tais estrondos, sorveu-os, aterrorizado.
«Que tipo de crimes estão aqui? Diz-me, ó virgem. E que penas
os atormentam? Que tamanho pranto é este pelos ares?»
Então, a profetisa assim começou a falar: «Ilustre chefe teucro,
a ninguém que seja puro é consentido pisar os portais do crime;
mas a mim, quando Hécate me pôs à frente dos bosques do Averno,
ela mesma me instruiu sobre os castigos dos deuses e me guiou por todos os lugares.
É Radamanto de Cnossos que governa estes reinos inóspitos
e aplica penas e ouve notícia de fraudes e obriga cada um a confessar
tudo o que fez lá em cima e, feliz em segredo pelo que nada vale,
adiou para o tempo tardio da morte a expiação.
De pronto, qual vingadora, de azorrague à cintura, Tisífone
flagela e insulta os culpados e, com a mão esquerda, mostra-lhes
as serpentes ameaçadoras e chama a legião terrível das irmãs.
Então, por fim, com horrível chiadeira de seus gonzos,
abrem-se as portas. Estás a ver que guardiã
tem lugar à entrada, que rosto está de guarda aos portais?
Com o negrume de suas cinquenta bocarras, a tenebrosa Hidra,
mais cruel ainda, tem lugar do lado de dentro. Então, o próprio Tártaro
se desvenda dali em diante e estende-se duas vezes sob as sombras, tanto
quanto a altura do céu até ao Olimpo, lá no alto.
Aqui, os filhos antigos da Terra, o povo de Titã,
derrubados por um raio, contorcem-se no mais fundo das profundezas.

Aqui, também, eu vi os dois Aloídas, corpos
gigantescos, que com suas mãos tentaram forçar a entrada
no imenso céu e derrubar, dos reinos do alto, Júpiter.
Vi, ainda, Salmoneu a padecer horrendo castigo:
enquanto imita o fogo de Júpiter e o trovão do Olimpo,
levado por quatro cavalos e a agitar uma tocha,
seguia pelo meio dos povos da Grécia e da sua cidade na Élide,
com ar triunfante, e reclamava para si as honras dos deuses,
endoidecido, por ter imitado as tempestades e, com bronze,
o raio impossível de copiar e o galope dos cavalos de pés de chifre.
Mas o pai omnipotente desferiu por entre as nuvens cerradas
o seu dardo, não uma tocha nem o lume fumegante de um pedaço
de madeira, e a pique o abateu em enorme rodopio.
E mais ainda, era dado ver Tício, filho da Terra,
que de tudo é mãe; por nove jeiras se alonga
seu corpo, e um abutre gigantesco, de bico recurvo,
vai-lhe debicando o fígado que nunca morre, e as entranhas férteis
em padecimentos, e esgaravata por comida e acomoda-se no fundo
do peito, e repouso algum é dado às carnes que renascem.
Para quê evocar os Lápitas, Ixíon e Pirítoo?
Sobre eles, uma negra pedra, prestes, prestes a resvalar, está suspensa,
como se fosse cair; reluzem nos majestosos leitos nupciais
cabeceiras de ouro, e diante deles iguarias preparadas
com requinte real; a primeira de entre as Fúrias toma assento
bem perto e proíbe-os de chegarem à mesa com as mãos
e põe-se de pé, erguendo sua tocha, e faz ouvir um grito.
Aqui, aqueles que tiveram ódio a seus irmãos, enquanto viveram,
que agrediram o pai e defraudaram um cliente
ou que encontraram riqueza e a enterraram no chão,
sem partilhar com os seus (que são uma multidão),
e os que foram liquidados por adultério, e os que aderiram a guerras

ímpias e não tiveram pejo em trair o pacto firmado com seus senhores,
estão enclausurados e aguardam punição. E não procures saber
que punição ou que modalidade ou fortuna os engoliu.
Rolam uns um penedo enorme, outros estão suspensos, acorrentados
aos raios de uma roda; sentado está e sentado ficará por todo o sempre
o desventurado Teseu, e o desgraçado Flégias a todos adverte
e dá testemunho, em alta voz, no meio das sombras:
"Aprendei, com tais avisos, a praticar a justiça e a não desprezar os deuses!"
Vendeu este a pátria a troco de ouro e impôs-lhe o jugo de tirano
poderoso; por um preço, fez leis e desfê-las;
aquele invadiu o leito da filha e esponsais que lhe eram vedados;
ousaram todos um crime nefando; do que ousaram colhem o proveito.
Não! Ainda que eu possuísse cem línguas e cem bocas,
uma voz de ferro, de abarcar todos os tipos de crimes,
de percorrer todos os nomes de punições, não seria eu capaz.»

Quando tais palavras proferiu, a velha sacerdotisa de Febo diz:
«Mas adiante, prestes! Toma o teu caminho e conclui a tarefa assumida!
Andemos rápido! Estou a ver as muralhas que se elevam
da forja dos Ciclopes e, à nossa frente, em arco, as portas
onde nos é ordenado que depositemos estas oferendas.»[100]

Tinha acabado de falar e, caminhando a par na penumbra do caminho,
alcançam o meio do espaço e chegam perto da porta.
Eneias passa a entrada e salpica o corpo
com água fresca e coloca o ramo na porta em frente.
Concluídos, enfim, tais rituais e entregue a oferenda à deusa,
chegaram aos espaços deleitosos e aos prados amenos

[100] O ramo de ouro (ver nota ao v. 141).

de bosques afortunados e às moradas venturosas.[101]
Aqui, uma atmosfera mais pura cobre os campos e veste-os
de luz cor de púrpura, e eles conhecem o seu sol e suas estrelas.
Uns exercitam o corpo em pistas cobertas de relva,
divertem-se em combates e lutam sobre areia dourada;
outros formam coros em danças ao ritmo dos pés e entoam cantos;
e até o sacerdote trácio, com a longa veste,
faz soar em ritmo os sete intervalos dos sons
e ora os tange com os dedos, ora com sua lira de marfim.
Aqui, a raça antiga de Teucro, descendência magnífica,
heróis magnânimos nascidos em melhores anos,
Ilo e Assáraco e Dárdano, fundador de Tróia.
Ao longe, admira as armas e os carros dos guerreiros, tudo vão;
estão cravadas na terra as lanças, e soltos, aqui e ali,
pastam pelo campo os cavalos; o deleite que sentiam
em carro e armas, enquanto vivos, o cuidado em apascentar
cavalos brilhantes, tudo isso os segue agora, já depostos na terra.

Eis que avista outros, à esquerda e à direita, na relva,
a comer e a cantar em coro um hino de júbilo,
no meio de um bosque com cheiro a louro, de onde, lá do alto,
a corrente abundante do Erídano desliza floresta fora.

Aqui, um punhado que sofreu ferimentos em combate pela pátria
e os que foram virtuosos sacerdotes enquanto viveram,
e os que foram pios profetas e disseram palavras dignas de Febo,
ou os que deram perfeição à vida, com imaginação e arte,
e os que, com seus méritos, deixaram aos outros memória de si,
todos estes têm as têmporas cingidas com uma fita cor de neve.

[101] Eneias passa, enfim, aos Campos Elísios, onde lhe será dado conhecer o futuro.

A alguns que a rodeavam, assim falou a Sibila,
a Museu, à frente de todos (pois um ajuntamento bem grande
o tem a ele no meio e, por sobressair acima dos altos ombros, é para ele que olha):
«Dizei, almas bem aventuradas, e tu, o mais distinto dos profetas,
que região habita Anquises? Que lugar? Pois é por ele
que viemos e que passámos os grandes rios do Érebo.»
E assim lhe tornou por resposta, em breves palavras, o herói:
«Ninguém tem morada certa; habitamos bosques sombrios,
e em outeiros e na frescura de prados, junto a ribeiros,
é onde vivemos. Mas vós, se em vosso coração é tal a vontade,
passai o cume deste monte e vou meter-vos em caminho de feição.»
Assim falou, e caminhou à frente deles e do alto lhes mostra
campos resplandecentes; a partir daqui, deixam as altas cumeadas.

Mas o pai Anquises, nos recantos de um vale verdejante,
as almas ali encerradas e que um dia partiriam para a luz do alto,
passava-as em revista, uma e outra vez, com atenção, e registava,
por acaso, a lista inteira dos seus e os queridos netos
e os fados e a fortuna dos homens e o carácter e a força.
E quando viu, a avançar direito a ele, por sobre a relva,
Eneias, estendeu para ele, pleno de júbilo, ambas as mãos
e, de lágrimas a escorrerem pelo rosto, tais palavras lhe saíram da boca:
«Vieste, enfim, e, conforme era esperança de teu pai,
venceu tua piedade a dureza do caminho? É-me dado olhar teu rosto,
meu filho, e escutarem e responderem vozes que se conhecem?
Era mesmo assim que em meu coração meditava e imaginava que assim seria,
enquanto contava o tempo, e meu cuidado não me enganou.
Por que terras e por que mares imensos foste arrastado,
até eu te acolher! A que tamanhos perigos, meu filho, foste lançado!
Como eu temi que os reinos da Líbia te fossem danosos!»
Mas ele: «Foi a tua triste imagem, ó meu pai, a tua imagem

a surgir, muitas vezes, no meu caminho que me fez atingir estes portais;
está ancorada no mar Tirreno a frota. Consente que una a minha mão à tua,
consente, meu pai, e não te furtes ao meu abraço.»
E, assim falando, sulcava, ao mesmo tempo, de largo pranto a face.
Três vezes tentou ali lançar-lhe os braços em volta do pescoço;
três vezes em vão o estreitou e o fantasma lhe fugiu
e parecia uma leve aragem e em tudo semelhava um sonho alado.

Eneias avista, entretanto, num vale abrigado,
um bosque isolado e a ramagem sussurrante de um arvoredo
e o rio Letes que vai banhando amenos abrigos.
À volta dele adejavam gentes e povos sem conto,
e, tal como nos prados, onde as abelhas no sossego do Verão
pousam na profusão das flores e se dispersam em volta dos lírios
branquejantes, todo o campo murmura zumbidos.
Arrepia-se, diante desta súbita visão, Eneias, que tudo desconhece,
e indaga as causas, que rio é aquele, ali adiante,
que homens, que em tamanho ajuntamento enchem as margens.
Então, o pai Anquises: «Almas que os fados destinam
a outros corpos bebem, junto à corrente do Letes,
as águas do sossego e longos esquecimentos.
São estas mesmo que desejo descrever-te e, já há muito, mostrar-tas,
face a face, esta a descendência dos meus que desejo enumerar-te,
para ser maior o teu júbilo ao encontrares, comigo, Itália.»
«Ó pai, é então merecedor de crença que algumas almas vão subir daqui,
nas alturas, ao céu e de novo hão-de regressar ao peso
de corpos? Porquê, nesses desventurados, desejo tão sinistro de luz?»
«Vou dizer-te tudo, ó meu filho, e não te vou manter em suspenso,»
retoma Anquises e expõe, por ordem, cada caso.[102]

[102] Por boca de Anquises, é exposta a teoria da metempsicose; de uma forma muito breve: as almas de quem morre permanecem mil anos nos Infernos, num processo de purificação e regeneração; bebem, entretanto, as águas do Letes, o rio do esquecimento, e reincarnam, de novo, em outros corpos, para viverem uma nova vida.

«No princípio, céu e terra e a planura das águas
e o globo luminoso da lua e os astros de Titã,
um sopro, no seu íntimo, lhes dá vida, e um espírito invade suas partes
e põe-lhes em movimento a massa inteira e mistura-se na imensidão de seu corpo;
daí vem a raça dos homens e dos animais e as vidas dos seres que voam
e os monstros que produz sob a sua superfície de mármore o mar.
Possuem o vigor do fogo e origem celeste
em sua génese, tanto mais que lhes não pesa o corpo impuro,
nem os fragilizam órgãos terrenos ou membros destinados a morrer.
Daí o recearem e desejarem e sofrerem e alegrarem-se e nem as brisas do alto
sentirem, encerrados nas trevas e em cárcere escuro.
Mais, até: quando, no dia derradeiro, a vida os deixa,
nem assim toda a desgraça nem todas as pestes
do corpo deixam por completo tais desventurados, mas forçoso é que muitos vícios,
que largo tempo cresceram juntos, ganhem fundas raízes de estranhos modos.
Por isso, são sujeitos a punições e padecem suplícios
dos velhos vícios: uns são suspensos e expostos aos ventos
ligeiros, a outros é no fundo de um abismo
que é purificada a mancha do mal ou queimada pelo fogo;
cada um de nós padece seus manes. Depois, somos enviados
ao longo do Elísio; e uns quantos habitamos os campos venturosos,
até que um longo dia, depois de cumprida a volta do tempo,
tenha eliminado a mancha entranhada e deixado intactas
as faculdades celestes e a chama do espírito em sua simplicidade.
Todas estas almas, depois de fazerem girar mil anos a roda do tempo,
chama-as o deus ao rio Letes em grande ajuntamento,
claramente esquecidas, para retornarem às abóbadas do alto,
uma vez mais, e começarem a querer voltar para corpos.»

Acabara de falar Anquises e arrasta o filho e também a Sibila
para o meio do ajuntamento e da turba barulhenta

e toma posição num cabeço de onde a todos possa distinguir
nesse longo cortejo, diante de si, e perceber o rosto de quem vem.
«Agora, vê bem! A glória que dará continuação, a partir daqui,
à descendência dardânia, os netos que vão seguir-se, nascidos dos povos de Itália,
as ilustres almas que hão-de levar por diante nosso nome,
eu vou expor-te em palavras e pôr-te ao corrente de teus fados.

Aquele jovem, estás a ver, que se firma numa lança pura,
quis a sorte que tenha lugar perto da luz, será o primeiro a subir
até às brisas do alto com mistura de sangue itálico,
Sílvio, nome albano, teu filho serôdio,
que Lavínia, tua esposa, te dará, tardio, numa floresta,
já tu entrado em anos, para ser rei e pai de reis,
de onde a nossa raça dominará em Alba Longa.
Perto dele está Procas, glória da raça troiana,
e Cápis e Númitor e aquele que, por seu nome, te trará de volta,
Sílvio Eneias, tão ilustre por sua piedade quanto por sua bravura,
se alguma vez tivesse recebido em mãos o governo de Alba.
Que jovens! Que força, vê bem, eles exibem
e têm as têmporas sombreadas pela honra cívica de grinaldas de carvalho!
Eles hão-de dar-te Nomento e Gábios e a cidade de Fidena,
eles hão-de assentar nas montanhas as muralhas colatinas,
Pomécios e Castro d'Ínuo e Bola e Cora.
Estes nomes virão um dia a existir; hoje são terras sem nome.
Mais, ainda, virá juntar-se em companhia de seu avô o filho de Marte,
Rómulo, que de sangue assáraco sua mãe Ília
virá a gerar. Vês como dois penachos se aprumam no topo do seu elmo,
e o próprio pai o distingue já com o sinal da honra dos deuses?
Eis, meu filho, que sob os seus auspícios, a ilustre Roma
fará seu império igual à dimensão da terra e seu orgulho ao do Olimpo
e, ela só, cercará com uma muralha sete colinas

e será venturosa por sua descendência de varões, tal como a mãe Berecíntia[103]
é transportada em seu carro, adornada de torres, por cidades da Frígia,
venturosa por ter gerado deuses, abraçada a cem netos,
todos eles habitantes do céu, todos eles com morada nas alturas.
Volta agora para aqui as duas pupilas dos olhos, observa este povo,
os teus Romanos. Este é César e toda a descendência
de Iulo que há-de vir a habitar sob a imensa abóbada do céu.
É este o herói, é este que, tantas vezes, ouves estar-te prometido,
Augusto César, filho de um deus, que restabelecerá de novo no Lácio
os séculos de ouro, nos campos que foram outrora
reino de Saturno, e para além de Garamantes e Indos
há-de dilatar o império; um território se estende para além das estrelas,
para além do tempo e dos caminhos do sol, onde Atlas, que sustenta o céu,
faz girar sobre os ombros a abóbada recoberta de estrelas incandescentes.[104]
Ao anúncio da sua chegada, fazem logo os oráculos dos deuses
arrepiar os reinos da Cáspia e também a terra Meócia,
e tremem, inquietas, as bocas do Nilo de sete braços.
Nem mesmo o filho de Alceu[105] enfrentou tão vasto território,
ainda que tenha trespassado a corça de pés de bronze ou pacificado
os bosques de Erimanto e posto a tremer Lerna com seu arco;
nem aquele que, em seu triunfo, guia o carro com rédeas de videira,
Líber,[106] e impele seus tigres desde os altos cumes de Nisa.
E temos dúvida, ainda, de alargar com feitos nossa valia?
Ou é o medo que nos impede de assentar pés em terra ausónia?

---

[103] A mãe Berecíntia é Cíbele. Berecinto era uma cidade da Frígia, onde teve origem o seu culto, depois trazido para Roma; Cíbele passou, então, a ser identificada com Reia, a mãe dos deuses.

[104] A ordem da apresentação, como é bom de ver, não é cronológica. Dir-se-ia uma espécie de painel com o centro ocupado, em clara apoteose, por Augusto, o herdeiro, afinal, do legado de Eneias e que com ele se identifica.

[105] Hércules.

[106] Baco.

Mas quem é aquele, mais além, que se destaca pelos ramos de oliveira
e carrega objectos sagrados? Conheço a cabeleira e o queixo embranquecido
do rei romano que baseou em leis o começo da cidade,
enviado da pequena Cures e de uma pobre terra
para a imensidão de um império. A ele, depois, vai suceder
aquele que há-de quebrar a acalmia da pátria, Tulo, e levar a pegar
em armas varões acomodados e tropas desacostumadas
de triunfos. Vem logo depois dele Anco, mais vaidoso,
ainda agora já ufano demais do aplauso popular.
Queres ver, também, os reis Tarquínios e a alma arrogante
de Bruto, o vingador, e os fasces por ele recuperados?
O poder de cônsul e os machados inclementes, será ele o primeiro
a recebê-los, e o pai, aos filhos que novas guerras desencadeiam,
há-de chamá-los a castigo, por mor da nobre liberdade.
Desventurado! Seja como for que encarem tais feitos os descendentes,
triunfará o amor da pátria e o desejo imenso de glória.
Mais longe ainda, vê os Décios e os Drusos e, com seu temível machado,
Torcato e Camilo, que traz de volta as insígnias.[107]
E, enfim, aquelas duas que vês refulgir com armas iguais,[108]
almas parceiras agora e enquanto a noite as cobrir,
ah, que guerra entre si hão-de travar, se a luz da vida
vierem a atingi-la, que combates, que matança hão-de causar,
o sogro a descer das fortalezas dos Alpes e da cidadela
de Moneco, o genro, do lado oposto, apoiado por gente do Levante!
Não afeiçoeis vossos corações, ó jovens, não, a tamanhas guerras,
nem volteis contra as entranhas da pátria a robustez de suas forças;
e tu, antes de mais, perdoa, tu, que trazes tua linhagem do Olimpo,

[107] Outro herói romano, que ficou célebre na guerra contra os Veios (séc. V/IV a.C.). Foi cônsul várias vezes e também ditador. Durante um dos vários conflitos com os Gauleses, em que estes triunfaram na batalha de Ália, os invasores roubaram de Roma as insígnias. Camilo, depois, derrotou-os e trouxe as insígnias de volta. É este o episódio aqui mencionado.

[108] César e Pompeio.

lança para longe de tua mão esses dardos, ó meu sangue!
Aquele, da vitória em Corinto, guiará, até ao cimo do Capitólio,
em triunfo, o seu carro, com a glória de ter desbaratado os Aqueus.[109]
Arrasará aqueloutro Argos e a Micenas de Agamémnon
e mesmo um Eácida, da linhagem do invencível Aquiles,
a vingar os avós de Tróia e os templos profanados de Minerva.[110]
Quem poderia passar-te em silêncio, a ti, grande Catão, ou a ti, Cosso?
Quem a raça de Graco ou os dois Cipiões, dois raios na guerra,
flagelo da Líbia, ou Fabrício, poderoso na sua pequenez,
ou a ti, ó Serrano, que semeias em tuas leiras?
Para onde me levais já cansado, ó Fábios? Tu és o famoso Máximo,
que, sozinho, com tua prudência, nos recuperas o Estado.

Poderão outros plasmar com mais arte o bronze, para dele extrair respiração,
não hesito em concedê-lo, e extrair do mármore rostos de vida,
poderão defender causas melhores e os movimentos do céu,
desenhá-los a compasso e indicar o nascer das estrelas;
a ti compete governar os povos com tua autoridade, ó Romano,[111] lembra-te bem,
(estas hão-de ser as tuas artes), e estabelecer normas para a paz,
poupar os que se submetem e abater os soberbos.»

Assim falou o pai Anquises e, ante a admiração deles, tais palavras acrescenta:
«Vê como, imponente na riqueza de seus despojos, avança
Marcelo[112] e, em seu triunfo, sobressai acima de todos os guerreiros.
Este cavaleiro, em tempo de grande tumulto e confusão, dará solidez

[109] Lúcio Múmio.

[110] Decerto Lúcio Emílio Paulo.

[111] Momento chave em toda a viagem pelos Campos Elísios e, mesmo, em toda a *Eneida:* é a primeira vez que Eneias é chamado de Romano, com toda a carga simbólica de que essa opção acaba por revestir-se.

[112] Marco Cláudio Marcelo, um dos heróis das guerras púnicas e triunfador, também, sobre os Gauleses. Há, aqui, uma clara infracção da ordem seguida, mas não por acaso; é uma estratégia para desembocar no outro Marcelo, de que a seguir se falará.

à nação romana, destroçará Púnicos e o rebelde gaulês
e, pela terceira vez, há-de dependurar armamento capturado em honra do pai Quirino.»

Mas aqui, Eneias (pois via caminhar em companhia dele
um jovem de notável formosura e armas refulgentes —
mas tinha na fronte uma sombra de tristeza e o olhar abatido no rosto):
«Quem é, meu pai, aquele que assim acompanha o herói na sua caminhada?
É filho? Ou algum dos descendentes de uma gloriosa estirpe?
Que tropel de companheiros à volta dele! Quanta majestade em seu porte!
Mas uma noite negra envolve-lhe de sombra sinistra a cabeça!»
Então, o pai Anquises começou, desfeito em lágrimas:
«Ó meu filho, este luto tremendo dos teus, não o queiras indagar;
este, apenas o hão-de entremostrar à terra os fados, mas não lhe consentem
prosseguir. Poderosa demais vos pareceria a descendência dos Romanos,
ó deuses do alto, se estas dádivas lhe fossem asseguradas.
Quantos suspiros de guerreiros, junto à grande cidade de Marte,
há-de fazer ouvir o famoso campo! E que funerais, ó rio Tibre,
tu vais presenciar, ao passares junto ao túmulo recente!
Jovem algum de raça ilíaca erguerá seus avós latinos
a tão altas esperanças, nem a terra de Rómulo
terá tamanho orgulho, um dia, por algum filho seu.
Ah, piedade! Ah, lealdade antiga e mão invencível
na guerra! Ninguém o enfrentaria impunemente
e a suas armas, quer avançasse apeado contra o inimigo,
quer afundasse as esporas nos flancos do cavalo a espumar.
Ah, jovem desventurado! Se, de algum modo, a crueza dos fados puderes vencer,
tu serás Marcelo![113] Ofertai lírios às mãos cheias,

[113] Marco Cláudio Marcelo, também, como o anterior, de quem era descendente; era filho de Octávia, irmã de Augusto e, portanto, sobrinho do Imperador, que lhe votava especial afecto. Dotado de qualidades ímpares, estaria, aparentemente, escolhido por Augusto para lhe suceder; mas morreu, súbita e prematuramente, aos 19 anos. A força emotiva destes versos tem a ver com igual emoção que rodeou a sua morte e as suas exéquias.

deixai que eu espalhe flores rutilantes e que a alma do meu neto
eu a recubra, ao menos, destas dádivas e lhe preste esta homenagem
vã!» Assim vão deambulando, aqui e ali, pelo lugar inteiro
nos vastos campos de ar e tudo vão examinando.

Depois de Anquises ter guiado o filho por cada um destes pontos,
e de lhe ter incendiado o coração de desejo da glória vindoura,
de seguida enumera ao guerreiro as guerras que ainda terá de travar
e informa-o sobre os povos laurentes e a cidade de Latino
e de que forma há-de evitar e suportar cada provação.
São duas as portas do Sono, uma das quais dizem ser
de chifre, por onde é permitida fácil saída às sombras verdadeiras,
e a outra, feita com perfeição e resplandecente de brilho de marfim,
mas por ela enviam para o céu sonhos ilusórios os manes.
Assim falando, aí acompanha então Anquises o filho com a Sibila,
e envia-os pela porta de marfim.
Ele encurta caminho para as naus e volta a ver os companheiros;
então, rente à costa, dirige-se ao porto de Caieta.
Âncoras são fundeadas da proa; amaram as popas na praia.

Livro VII

Tu, também, ama de Eneias, eterna fama deste
a nossas praias, ó Caieta, com tua morte;
e, agora, a veneração por ti protege este lugar, e os ossos, um nome
os celebra na grande Hespéria, se alguma glória nisso existe.[114]
Mas o piedoso Eneias, prestadas as honras fúnebres segundo o ritual,
e composta a sepultura, depois que o mar alto
sossegou, franqueia o caminho às velas e deixa o porto.

Sopram brisas na noite e a lua resplandecente não lhes furta
a rota; brilha, no reflexo de luz trémula, o mar.
Bem próximo, costeiam as praias das terras de Circe,
onde a abastada filha do Sol por bosques cerrados
faz ressoar seu canto sem fim e em sumptuosos palácios
queima cedro perfumado, para alumiar as noites,
e vai percorrendo, com pente fino, delicadas tapeçarias.
Dali, fazem-se ouvir gemidos e a fúria de leões
que rejeitam as cadeias e rugem altas horas, noite dentro,
e porcos eriçados de rijos pelos, e ursos em estábulos
a soltarem urros de raiva, e o ulular de sombras de lobos enormes,

---

[114] Caieta, ama de Eneias, é a última morte com que Eneias paga o custo da chegada a Itália: Palinuro, ainda no mar, Miseno, antes da entrada nos Infernos, Caieta já no final. Também ela dará nome a um lugar, neste caso, uma enseada, o porto de Caieta.

que a divina Circe, em sua crueldade e com ervas poderosas, havia transformado
da sua forma humana, com rosto e dorso de animais selvagens.

Para não padecerem tais monstruosidades os piedosos Troianos,
se levados porto adentro, e para não arribarem a praias tão terríveis,
Neptuno inchou-lhes as velas com ventos de feição
e consentiu-lhes fugirem e levou-os para lá do turbilhão desses abismos.

E já com seus raios tingia de vermelho o mar, e do alto do céu
refulgia a rubra Aurora em seu carro rosado,
quando os ventos amainaram, e toda a aragem parou
de repente, e em mármore sossegado lutam os remos.
E aqui, Eneias observa do mar um imenso bosque.
Pelo meio dele, o Tibre, em amena corrente,
com rápidos remoinhos e aloirado da imensa carga de areia,
corre para o mar. À volta e por cima, aves variadas,
afeiçoadas às margens e ao leito do rio,
traziam calma aos ares com seu canto e voavam pelo bosque.
Inflectir a rota e apontar as proas para terra é o que ordena
aos companheiros e com alegria penetra no rio coberto de sombras.

Agora, vamos, Érato! Quais os reis, quais as circunstâncias,
quais as condições que vivia o antigo Lácio, no tempo primeiro em que a sua frota
um exército estrangeiro a trouxe para as praias da Ausónia,
é o que vou narrar e relembrar a origem dos primeiros combates.[115]
Tu, ó deusa, tu, ensina o poeta. Vou cantar horrendas batalhas,
vou cantar esquadrões e reis lançados na morte por sua coragem
e as legiões do Tirreno e a Hespéria inteira unida em peso

[115] Começa a segunda parte do poema, a *Eneida* iliádica; a narrativa de viagem e errores da primeira parte (*Eneida* odisseica) dá lugar à narrativa da guerra, uma sucessão de batalhas e combates, numa chacina sem fim, até ao duelo final, com que se encerrará o poema.

na senda da guerra. Mais grandiosa é a cadeia de feitos que diante de mim nasce,
mais grandioso o trabalho que estou a encetar. O rei Latino, já idoso,
governava campos e cidades acomodados a uma paz duradoura.
Nasceu ele de Fauno e da ninfa laurente Marica,
assim nos chegou; Pico fora pai de Fauno, e que o pai dele
eras tu, ó Saturno, assim afirma, tu, a origem última de seu sangue.
Filho algum e descendente varão, por determinação dos deuses,
ele possuía, pois lhe fora arrebatado ao nascer nas primícias da juventude.
Só uma filha assegurava a continuação da casa e de tão nobre trono,
já madura para homem, já com os anos cumpridos para ser noiva.
Muitos a cortejavam, vindos do grande Lácio e da Ausónia
inteira; cortejava-a mais que todos os outros o mui formoso
Turno, com o peso de avós e avoengos, a quem a esposa do rei
porfiava por tomar como genro, com espantoso desejo;
mas com terrores vários o obstam prodígios vindos dos deuses.

Havia um loureiro no meio do palácio, nos altos salões interiores,
de sagrada folhagem e preservado por temor ao longo de muitos anos,
que o pai tinha encontrado quando lançava os primeiros fundamentos das muralhas;
dizia-se que o próprio Latino o tinha consagrado a Febo
e que, a partir dele, dera o nome de Laurentes aos habitantes;
um compacto enxame de abelhas — coisa espantosa de dizer! —,
atravessando o límpido ar com imenso zumbido,
instalou-se no seu pico mais alto e, ligadas umas às outras pelas patas,
esse enxame pendurou-se, de repente, de um frondoso ramo.
De pronto um adivinho: «Vemos,» diz ele,
«chegar um guerreiro estrangeiro e buscar as mesmas partes que o enxame,
vindo das mesmas partes, e dominar no alto da cidadela.»
E mais, enquanto com os fachos da castidade chega lume aos altares
e está de pé, junto a seu pai, a donzela Lavínia,
vê-se — coisa nefanda! — o fogo a envolver sua longa cabeleira,

e todos os seus ornatos serem queimados pelo crepitar das chamas,
e a sua cabeleira régia a arder, a arder a coroa
com o brilho de suas pedrarias; e, logo depois, a fumegar, envolta
em rubro lume e a espalhar Vulcano pelo palácio inteiro.
Tudo isso é tido por horrendo e por visão prodigiosa:
que ela, por certo, viria a ser ilustre em sua glória e seus fados,
mas que anunciava para seu povo uma guerra monstruosa.
O rei, porém, inquieto por tais prodígios, procura saber o oráculo
de Fauno, seu pai e adivinho, e consulta os bosques sagrados,
junto à alta Albúnea, que é o maior dos bosques e onde soa o ruído
de uma fonte sagrada e exala em ambiente sombrio um horrível odor pestilento.
Aqui os povos de Itália e toda a terra de Enótria
buscam respostas para suas angústias. Quando aqui trouxe
suas oferendas o sacerdote e no silêncio da noite se estendeu
sobre o leito de peles de ovelhas sacrificadas e procurou o sono,
vê esvoaçar um sem número de imagens de estranhas feições
e escuta vozes variadas e desfruta do diálogo
com os deuses e fala a Aqueronte no fundo do Averno.
Também aqui, então, o próprio pai Latino, em busca de respostas,
sacrificava cem ovelhas cobertas de lã, conforme o ritual,
e deitava-se ao comprido, assente sobre o dorso delas
e suas peles; uma voz súbita emergiu do fundo do lugar:
«Não tentes acomodar a tua filha em esponsais latinos,
ó meu filho, nem acredites nas bodas que lhe prepararam;
hão-de chegar genros estrangeiros que, com seu sangue,
levarão nosso nome até às estrelas; os netos nascidos de tal estirpe
por onde o Sol, no seu vai-e-vem, avista ambos os oceanos,
tudo hão-de ver revolver-se e submeter-se a seus pés.»
Tais respostas do pai Fauno, e os avisos dados no silêncio da noite,
não os reteve em sua boca o próprio Latino,
mas logo a Fama, que em grandes voltas voa, os levara

pelas cidades da Ausónia, assim que a raça de Laomedonte
atracou a armada aos cabeços relvados da margem.

Eneias e os chefes mais importantes e o formoso Iulo
descansam o corpo à sombra da copa de uma árvore altaneira
e aprontam a refeição e põem debaixo da comida
bolos de farinha (assim o próprio Júpiter indicava)
e a travessa feita do cereal acrescentam-na de frutos silvestres.
Depois de consumida a outra comida, pois que a penúria de alimento
os obrigou a dirigir os dentes para o exíguo dom de Ceres
e a rasgar com as mãos, e à força de dentadas, o círculo
de bolo destinado pelos fados e a não poupar os largos quadrados:
«Apre! Até as mesas comemos!» — diz Iulo,
sem mais, em jeito de brincadeira. Esta frase, assim ouvida,
desde logo indicou o fim dos trabalhos e, desde logo, à voz que a pronunciara
a furtou o pai e, tomado de espanto, a ela aderiu com assentimento.
E de pronto: «Salve, terra que a mim era devida pelos fados,
e a vós,» diz ele, «ó Penates fiéis de Tróia, salve!
Aqui é a morada, aqui a pátria. Pois meu pai Anquises,
lembro-me agora, tais mistérios dos fados me legou:
"Quando, ó meu filho, lançado em praias estranhas, a fome,
por teres esgotado os víveres, te obrigar a comer as mesas,
então, já exausto, lembra-te de que aí terás esperança numa casa
e começarás por assentá-la com tuas mãos e a fortificar tal morada com uma fortaleza."[116]

Era esta a tal fome, esta a derradeira que nos estava guardada

[116] Uma vez mais existe alguma incoerência no texto. A profecia de que os Troianos chegariam a Itália, mas num estado de penúria tal que seriam obrigados a "roer as mesas", era de Celeno, a Harpia, no livro III (257). Voltou a falar nesses termos, mas fugazmente, Heleno, no mesmo livro (3.394): "e não tenhas pavor de vir a trincar as tuas mesas". Mas em nenhum dos passos da *Eneida* Anquises se refere a essa profecia de Celeno, que também ouviu.

para pôr um fim a nossos infortúnios.
Por isso, vamos! E, animados com os primeiros raios de sol,
indaguemos que lugares são estes, que homens os habitam, onde estão
as muralhas deste povo, e tracemos a partir do porto rumos vários.
Agora, com vossas taças, fazei libações a Júpiter e invocai com preces
meu pai Anquises e trazei vinho para as mesas.»

Depois de assim falar, cinge sua testa com um ramo verdejante;
e o génio do lugar e a primeira de todas as divindades,
a Terra e as Ninfas e os rios até então desconhecidos
e, depois, a Noite e as constelações que nascem da noite
e Júpiter do Ida e a mãe frígia, a todos, cada um em sua ordem,
invoca, e bem assim os seus dois pais, uma no céu, o outro no Érebo.
Então, o pai omnipotente três vezes fez soar com nitidez seu trovão
do alto do céu, e uma nuvem a arder com raios de luz e ouro,
fá-la surgir do firmamento, movendo-a ele mesmo com sua mão.
Neste momento, espalha-se um súbito rumor no exército troiano
de que tinha chegado o dia em que iriam assentar as muralhas prometidas.
Sem perda de tempo, preparam a refeição e, felizes por tão excelente
augúrio, alinham as ânforas e coroam os vinhos.
Na manhã seguinte, quando o nascer do dia iluminava a terra
com os primeiros raios, espalham-se e exploram cidade e redondezas
e praias do país; aqui as lagoas da fonte de Numício,
ali o rio Tibre, mais além moram os bravos Latinos.

Então, o filho de Anquises ordena que cem embaixadores,
escolhidos de entre todas as classes, se dirijam ao augusto palácio
do rei, todos cobertos de ramos de Palas,[117]
e levem oferendas a esse varão e peçam a paz para os Teucros.

[117] Ramos de oliveira.

Sem demora, apressam-se os que receberam a ordem e caminham
em passo rápido. Ele mesmo demarca as muralhas com um fosso raso
e fortifica o lugar e o primeiro assentamento na praia,
à maneira de campo militar, rodeia-o de estacas de madeira e de um talude.
E já os jovens tinham feito o caminho e tinham à vista as torres
e os palácios dos Latinos e estavam próximos das muralhas;
diante da cidade, as crianças e os jovens na flor da idade
fazem exercícios com os cavalos e controlam os carros na poeira do chão
ou retesam as cordas dos arcos, ou vão brandindo com seus braços
dardos flexíveis e provocam-se à corrida e ao combate;
quando um, que se chega à frente em seu cavalo, traz aos ouvidos do velho rei
a notícia de que varões de grande estatura e com vestes estranhas
tinham chegado, ele manda chamá-los ao interior do palácio
e toma lugar no meio, no trono de seus antepassados.
Um palácio majestoso, enorme, assente no alto de cem colunas,
erguia-se no cume da cidade, morada régia do laurente Pico,
lugar de respeito em razão dos bosques e do culto dos antepassados.
Receber aqui o ceptro e alcançar os primeiros fasces
era de bom augúrio para os reis; este templo era a sua cúria,
este o lugar das refeições sagradas; aqui, depois do sacrifício de um carneiro,
costumavam os pais sentar-se, juntos, em longas mesas.
Mais ainda, as estátuas dos antigos avoengos, todos por ordem,
feitas de cedro velho, Ítalo e o pai Sabino,
que plantou a vinha, talhado numa figura, com sua foice recurva,
e o velho Saturno e a imagem de Jano, o de dois rostos,
alinhavam-se no vestíbulo; e mais outros reis, desde a origem,
que, por terem lutado pela pátria, padeceram os ferimentos de Marte.
Muitas mais armas, ainda, nos umbrais das portas:
ali estão dependurados carros capturados e machados recurvos
e penachos de elmos e enormes ferrolhos de portais
e dardos e escudos e rostros arrancados a barcos.

Ele mesmo, com seu bordão quirinal, ali tinha lugar, cingindo
um manto branco e com o escudo na mão esquerda,
Pico, domador de cavalos, a quem a esposa Circe, presa de desejo,
tocando-lhe com a sua vara de ouro e derramando sobre ele poções,
o converteu em ave e lhe cobriu as asas de mil cores.
É no interior de tal templo dos deuses que Latino toma assento,
no trono de seus pais, e mandou chamar a si os Teucros, no palácio,
e, quando eles entraram, tais palavras começou por lhes dizer com sereno semblante:
«Dizei, ó Dardânidas (pois não desconhecemos a vossa cidade
e a vossa raça, e a nossos ouvidos chegou que fazeis caminho pelo mar),
que buscais vós? Que causa ou que necessidade arrastou
vossos navios por tamanha extensão de azul até praias de Ausónia?
Quer seja engano na rota, quer sejam tempestades,
das que, vezes sem conta, padecem os marinheiros no alto mar,
o que vos fez entrar as margens do rio e fundear em nosso porto,
não enjeiteis a nossa hospitalidade, nem ignoreis os Latinos,
um povo de Saturno, dado à justiça, não por imposição, nem por leis,
mas que se rege de sua vontade segundo a usança do antigo deus.
E bem me lembro (a fama vai ficando menos clara com os anos)
de os velhos Auruncos contarem como Dárdano,
nascido nestes campos, avançou até às cidades do Ida, da Frígia,
e até Samos, da Trácia, que se chama agora Samotrácia.
Daqui tendo partido, da cidade tirrena de Córito,
acolhe-o agora num trono a régia mansão de ouro do céu estrelado
e acrescenta-o nos altares ao número dos deuses.»

Assim tinha falado e a suas palavras lhe respondeu Ilioneu:
«Ó Rei, da ilustre estirpe de Fauno, não foi negra invernia
que com suas ondas nos forçou a aportar a vossas terras,
nem estrela alguma ou costa nos fez enganar no rumo;
foi deliberadamente e de vontade que viemos até esta cidade,

expulsos de nosso reino, o mais vasto que contemplava
o Sol, em sua viagem desde os confins do Olimpo.
Vem de Júpiter a origem de nossa raça; o povo dárdano orgulha-se
de ter Júpiter por avô; foi o próprio rei, da mais subida estirpe de Júpiter,
o troiano Eneias, quem nos enviou ao teu palácio.
A violência com que a tempestade provocada pela terrível Micenas
alastrou por campos do Ida, os fados que empurraram
para um confronto os dois mundos, Europa e Ásia,
ouviu falar disso todo aquele que esteja banido nos confins da terra,
no refluxo do Oceano, todo aquele a quem aparte a região
do sol inclemente que se estende no meio das quatro regiões.
Arrastados, a partir de tal tormenta, pela imensidão de tantos mares,
pedimos para os deuses pátrios uma modesta morada e uma praia
sem perigo, maré e brisa franqueados a todos.
Não seremos gente indigna em vosso reino, nem será pequena
a vossa fama nem se extinguirá a gratidão por tão nobre atitude,
nem os Ausónios vão arrepender-se de ter acolhido Tróia em seu seio.
Juro pelos fados de Eneias e pela sua mão vigorosa,
quer em pactos de lealdade alguém o tenha experimentado, quer na guerra e em batalha:
muitos povos (não queiras menosprezar-nos por preferirmos
aparecer de fitas nas mãos e palavras suplicantes),
muitas gentes nos cortejaram e quiseram firmar aliança connosco;
mas os fados dos deuses impuseram-nos com suas ordens
que buscássemos vossas terras; aqui nasceu Dárdano,
para aqui nos faz voltar e impele, com ordens imperiosas, Apolo,
para o Tirreno e para o Tibre e para as águas sagradas da fonte de Numício.
Oferece-te ele,[118] além disso, modestos presentes da fortuna
de outrora, restos retirados das chamas de Tróia.

[118] Eneias.

Com este ouro fazia o pai Anquises libações nos altares,
estas eram as vestes de Príamo, quando, convocando as gentes,
lhes determinava as leis, segundo o costume, e o ceptro e a tiara sagrada
e o manto, obras das Troianas.»

A tais palavras de Ilioneu, mantém Latino o rosto recolhido,
em contemplação, e assim fica pregado ao chão,
revirando o olhar atento. Nem a púrpura bordada faz mover
o rei nem o ceptro de Príamo o faz mover tanto
quanto se detém nas núpcias e nos esponsais da filha
e revolve no fundo do coração o augúrio do velho Fauno:
este era o tal que partira, por ditame dos fados, de país estrangeiro,
que estava fadado para seu genro, que ao reino era convocado
com iguais auspícios, que viria a ter uma descendência notável
por sua valentia, a qual, com sua força, viria a dominar o mundo inteiro.
Por fim, diz, exultante: «Que os deuses dêem seguimento ao que começamos
e a suas profecias! Ser-vos-á concedido, ó Troiano, o que pedes;
e não enjeito os presentes. Graças ao rei Latino, não vos vai faltar
a abastança de terra rica e a opulência de Tróia.
Mas o próprio Eneias, se tão desejoso está de me encontrar,
se tem pressa de a mim se juntar como hóspede e de ser chamado meu aliado,
pois que venha e não tenha pavor de rostos amigos;
meio pacto será já poder tocar a mão de teu senhor.
Vós, por vosso lado, levai agora a vosso rei o que vos confio:
tenho uma filha, a quem não consentem unir-se a varão de nosso povo
nem as profecias com origem no santuário de meu pai
nem inúmeros prodígios do céu; que genros hão-de vir de praias estranhas,
isto é o que proclamam estar reservado ao Lácio; eles, com seu sangue,
hão-de elevar nosso nome até às estrelas. Este é o tal que os fados convocam,
é o que penso e, se alguma verdade o coração anuncia, é o que desejo.»
Dizendo tais palavras, escolhe o pai cavalos de entre quantos possui:

havia trezentos, reluzentes, nos altos estábulos;
a todos os Troianos, por ordem, manda que sejam logo trazidos
cavalos de pés alados, selados de púrpura e com tapeçarias bordadas;
pendem-lhes colares de ouro a cair sobre o peito
e, recobertos de ouro, mordem, entre os dentes, ouro fulvo;
àquele que ali não estava, Eneias, envia um carro e um par de cavalos
de criação celestial, a deitar fogo pelas narinas,
da raça daqueles que a engenhosa Circe roubou a seu pai
e fez nascer bastardos, de mãe coberta às escondidas.
Com tais presentes e tais palavras de Latino, os companheiros de Eneias,
majestosos em seus cavalos, retornam e dão notícia da paz.

Eis, porém, que regressava de Argos de Ínaco
a terrível esposa de Júpiter e seguia viagem com os ventos
e avistou de longe, das alturas, desde o Paquino, da Sicília,
a alegria de Eneias e a frota dardânia.
Vê que constroem já casas, que já se entregam à terra,
que puseram de parte os navios; ali fica trespassada de dor intensa.
Então, abana a cabeça e tais palavras faz brotar de seu coração:
«Ah, raça hedionda dos Frígios e fados contrários
a meus fados! Acaso foi possível não terem caído nos campos de Sigeu?
Não terem sido capturados e ficado cativos? Acaso não queimou os homens
o fogo de Tróia? Pelo meio das batalhas e pelo meio das chamas
encontraram um caminho. Mas, creio eu, é o meu poder
que jaz enfim exausto ou, cansada do ódio, deixei-me descansar.
Pelo contrário! Expulsos de sua pátria, ousei eu, sem tréguas,
persegui-los ondas fora e combater a sua fuga no mar inteiro;
consumi contra os Teucros as forças do céu e do mar.
De que me valeram as Sirtes ou Cila, de que me valeu a insaciável
Caríbdis? Estão fundeados na cobiçada foz do Tibre,
protegidos do mar e de mim. Marte teve engenho para levar à perdição

a terrível raça dos Lápitas; o próprio pai dos deuses
entregou a antiga Cálidon à fúria de Diana;
de que crime mereciam tamanho castigo os Lápitas ou Cálidon?
Mas eu, a grande esposa de Júpiter, que fui capaz, triste de mim,
de nada deixar de ousar, que para todas as artimanhas me virei,
sou vencida por Eneias. E, se o meu poder não é grande
quanto baste, não devo sequer hesitar suplicar onde quer que seja.
Se dobrar os deuses do alto eu não consigo, hei-de mover o Aqueronte.
Não me vai ser concedido — assim seja! — vedar-lhes o reino latino,
e os fados mantêm inalterável que Lavínia seja sua esposa;
mas arrastar e ajuntar delongas a tão alto desenlace, isso é lícito,
mas é lícito devastar os povos de ambos os reis.
Que genro e sogro sejam parceiros a suportar este custo dos seus:
de sangue troiano e rútulo há-de ser o teu dote, ó donzela,
e Belona[119] está guardada para patrona de teus esponsais. Não foi só
a filha de Cisseu[120] a estar grávida de uma tocha e a parir chamas nupciais;
pelo contrário, também Vénus teve o seu parto e um outro Páris,
e uma vez mais cairão sobre uma renascida Pérgamo tochas fatais.»

Assim que terminou estas palavras, para terra se encaminhou, horrenda;
faz vir Alecto, a obreira de lutos, da mansão das deusas sinistras
e das trevas do inferno, ela que tem no coração guerras amargas
e fúrias e traições e acusações nefastas.[121]
Tem ódio o próprio pai Plutão, têm ódio as irmãs
do Tártaro a um tal monstro; em tantas figuras se transforma,
de tão horrendas feições, em tantas serpentes se reproduz seu negrume.
Picou-a Juno com estas palavras e assim lhe fala:

[119] Belona é a deusa da guerra, companheira de Marte.

[120] Segundo algumas versões (entre elas a adoptada por Virgílio), Hécuba seria filha de Cisseu. Dizia a lenda que, antes de dar à luz Páris, ela sonhara que dava à luz uma tocha em chamas, a qual pegaria fogo a Tróia.

[121] Alecto era uma das Fúrias, sinistras divindades dos Infernos (as Erínias dos Gregos).

«Presta-me este serviço pessoal, ó virgem, filha da Noite,
este trabalho, para que minha dignidade e minha glória se não acabem
nem desfaçam de pronto, nem possam as gentes de Eneias cercar Latino
com esponsais e instalar-se em terras de Itália.
Tu és capaz de pôr a combater irmãos de corações unidos,
de revolver casas à força de ódio, de meter dentro de portas
o azorrague e os fachos da morte; tu possuis mil nomes,
mil artes de fazer o mal. Põe em acção teu coração fecundo,
rasga a paz que acordaram, semeia pretextos de guerra;
armas: que, a uma só voz, as queira e peça e arrepanhe a juventude.»

Logo depois, Alecto, contaminada pelo veneno das Górgonas,
começa por dirigir-se ao Lácio e ao palácio altaneiro do senhor
dos Laurentes, e posta-se no silêncio dos pórticos de Amata,
em cujo coração em fogo, por obra da chegada dos Teucros
e do noivado de Turno, ardiam ânsias e fúrias de mulher.
Atirou-lhe a deusa uma serpente tirada de seus cabelos sombrios
e meteu-lha nas pregas do manto, bem perto do coração,
para que, posta em furor pelo bicho, ponha em alvoroço todo o palácio.
Ela deslizou-lhe entre a roupa e o peito delicado,
vai-se revolvendo quase sem lhe tocar e leva-a ao engano da fúria,
soprando sobre ela seu bafo de víbora; volve-se em enorme
colar de ouro a serpente, volve-se em fita de longa tiara
e prende-lhe a cabeleira e passeia-se a serpentear no seu corpo.
E quando os primeiros fios do veneno assim instilado
lhe atingem os sentidos e lhe atiçam fogo nos ossos,
mas a alma não recebeu ainda no peito inteiro a chama,
com mais mansidão lhe falou, como é uso e costume das mães,
derramando lágrimas abundantes sobre o noivado da filha com o Frígio:
«Então vais dar Lavínia a desposar a Teucros desterrados,

ó pai, e não tens pena da tua filha e de ti?[122]
Nem tens pena da mãe, que, ao primeiro sopro do Aquilão,
um malvado pirata vai deixar, fazendo-se ao mar com a donzela roubada?
Mas não foi assim que o pastor frígio entrou na Lacedemónia
e levou Helena, filha de Leda, para cidades troianas?
Que é feito de tuas juras sagradas? Que é feito do antigo desvelo pelos teus
e da mão que tantas vezes deste a Turno, que é do teu sangue?
Se é um genro de nação estrangeira o que se reclama para os Latinos,
e isso está assente, e assim te pressionam as ordens de teu pai Fauno,
pois bem: toda a terra não sujeita a nosso ceptro
e de nós separada eu tenho por estrangeira, e assim o dizem os deuses.
E Turno, se formos em busca da origem primeira de sua casa,
tem por pais Ínaco e Acrísio, bem do meio de Micenas.»

Quando, porfiando em vão com estas palavras, vê que Latino
continua a opor-se-lhe, e corre nela bem fundo nas entranhas
o veneno da serpente, vindo do inferno, e a percorre por inteiro,
nesse momento, miseranda e desvairada por assombrosos prodígios,
desnorteia-se sem tento e em delírio, pela cidade imensa.
Qual pião que gira à força dos golpes do baraço,
a que se entrega a criançada em grande roda nos átrios desertos,
concentrada no jogo, e ele, movido pela chibata,
gira e rodopia no chão; pasma, sem perceber, ali debruçada,
a tropa imberbe e espanta-se com as voltas do pedaço de pau,
e dão-lhe força as batidas; não segue ela com mais vagar
em sua correria pelo meio da cidade e do povo aguerrido.
Mais ainda, à semelhança de quem, pelos bosques, sob o poder de Baco,
a maiores enormidades se atreve e a maior desvario se entrega,

[122] Registe-se aqui uma súbita mudança de personagens, ou, se se preferir, troca de papéis, tão súbita que pode gerar confusão: antes, era Alecto a falar a Amata; agora, o sujeito do diálogo é Amata e o destinatário é Latino

vai ela voando e esconde a filha em montanhas frondosas,
para furtar os esponsais aos Teucros e retardar as tochas nupciais,
aos gritos de «Evoé, Baco!», a bradar que tu, somente, és merecedor
de tal donzela; e que, portanto, empunha, por ti, o tirso delicado
e dança à tua volta e para ti deixa crescer seu cabelo.

A Fama voa; e às mães, de peito incendiado pelas Fúrias,
a todas juntas o mesmo ardor impele a buscar nova morada;
abandonaram suas casas e ao vento entregam colo e cabelo.
Algumas, entretanto, enchem os ares com uivos vibrantes
e, cobertas de peles, agitam canas enlaçadas de parras;
ela, no meio de todas, empunha, desvairada, um pedaço de pinho
a arder e entoa os himeneus da filha e de Turno,
revolvendo o olhar raiado de sangue, e, de repente, brada,
ameaçadora: «Io! Escutai, ó mães latinas, onde quer que estejais:
se em vossas almas piedosas algum sentimento se mantém
para com a desventurada Amata, se alguma inquietude pelos direitos maternos
vos corrói,
desprendei as fitas de vossos cabelos, entregai-vos comigo a esta orgia.»
Tal no meio dos bosques, no meio dos covis inóspitos das feras,
persegue Alecto, por toda a parte, a rainha, com o aguilhão de Baco.

Depois de lhe parecer ter espicaçado o bastante as primeiras raivas
e revolvido os desígnios e toda a casa de Latino,
de pronto a deusa sinistra levanta voo com suas asas sombrias
em direcção às muralhas do valente Rútulo, à cidade que se diz
ter Dânae fundado para colonos de Acrísio,
quando ali foi lançada pela força de Noto. Este lugar, Árdea, em seu tempo,
lhe chamaram nossos avós; e agora ainda Árdea perdura — era um nome
grande —
mas a sua fortuna acabou. Aqui, em alcandorada mansão, Turno,

no negrume da noite, gozava um repouso já profundo.
Alecto despiu o rosto ameaçador e o corpo de Fúria,
transforma-se na figura de uma anciã
e lavra de rugas a face sinistra, reveste-se de branca cabeleira,
envolta numa fita, e coloca-lhe, então, no meio um ramo de oliveira;
converte-se em Cálibe, velha sacerdotisa do templo de Juno,
e apresenta-se diante dos olhos do jovem com estas palavras:
«Turno, vais admitir teres em vão consumido tantas canseiras
e transferires o ceptro para colonos dardânios?
O rei, casamento e dote que com teu sangue reclamaste,
nega-tos, e vem de fora o herdeiro que para o reino se pretende.
Vai, agora, ó idiota, e dispõe-te a perigos que te não agradecem!
Vai! Arrasa a armada tirrena, cobre de paz os Latinos!
Isto mesmo, enquanto repousavas na placidez da noite,
a toda poderosa filha de Saturno me ordenou que com clareza to dissesse.
Por isso, vamos! Chama às armas a juventude, para se armar
e sair porto fora, e os chefes frígios que em nosso belo rio
se instalaram e seus navios coloridos, devasta-os pelo fogo.
Uma vontade poderosa dos deuses to ordena. O próprio rei Latino,
se não assumir que te concede a esposa e obedece a esta ordem,
pois que ele sinta e experimente, por fim, Turno em guerra.»
Aqui, o jovem ri-se para a sacerdotisa e assim lhe torna em resposta
estas palavras de sua boca: «Que uma frota entrou nas águas do Tibre,
essa notícia, como poderás pensar, não escapou a meus ouvidos;
não imagines que é tamanho o meu medo; e nem a rainha Juno
se esqueceu de mim.
Mas a ti, uma velhice vencida pelo desgaste e cansada de verdades,
ó mãe, aflige-te com vãos cuidados e, no meio de exércitos
de reis, ilude com falsos pavores uma sacerdotisa.
A ti, cabe-te curar das imagens dos deuses e zelar pelos templos;
guerras e paz, que as façam os homens, a quem cabe fazer a guerra.»

Diante de tais palavras, incendiou-se Alecto de raiva;
e enquanto o jovem falava, súbitos tremores lhe assaltaram o corpo,
o olhar gelou; quanto mais a Erínia faz sentir o silvo das hidras,
tanto maior se lhe desvenda a figura; então, voltando um olhar
de fogo para o homem transido de espanto e que mais queria dizer,
repeliu-o e eriçou duas serpentes na sua cabeleira
e fez estalar o chicote e assim acrescentou, com voz enraivecida:
«Eis-me a mim, vencida pelo desgaste, a quem uma velhice cansada de verdades
ilude, no meio de exércitos de reis, com falsos pavores;
vê bem: aqui estou eu, vinda da morada das irmãs sinistras;
guerras e morte é onde meto a mão.»
Assim falando, lançou a tocha ao jovem e espetou-lhe
no peito fachos de fumegante brilho sombrio.

Interrompe-lhe o sono um enorme pavor, por ossos e membros
perpassa um suor que brota do corpo inteiro.
«Armas!» ruge ele, desvairado, «armas!» reclama em seu leito e seu palácio;
encarniça-se a paixão pela espada e a malvada loucura da guerra,
a fúria, acima de tudo; tal como lenha em chamas, a estralejar
a encostam ao bojo de uma caldeira a ferver,
borbulha a água à força do calor, fervilham lá dentro,
a fumegar, borbotões de água e transbordam em flocos de espuma,
e já se não contém a onda, voa um vapor de negrume ares fora.
Então, aos primeiros de seus guerreiros, aponta caminho para o rei
Latino, por ter sido manchada a paz, e manda que se preparem armas,
que se proteja Itália, que se expulse de dentro de fronteiras o inimigo;
virá também ele e será bastante para ambos, Teucros e Latinos.
Depois de proferir tais palavras e de invocar os deuses em juramento,
os Rútulos, à porfia, incitam-se uns aos outros ao combate.
A um, move-o a subida distinção de beleza e juventude,
a outro régios avós, a outro o braço, obreiro de feitos ilustres.

Enquanto Turno enche os Rútulos de coragem e ousadia,
Alecto voa para os Teucros com suas asas do Estígio;
observando com novas manhas um lugar na praia, onde o formoso
Iulo caçava animais com rede ou em corrida,
aí, a donzela do Cocito atiça nos cães uma súbita raiva
e fez-lhes chegar às narinas um cheiro que bem conheciam,
por forma a perseguirem, encarniçados, um veado; essa foi a causa primeira
dos problemas e atiçou para a guerra rústicos corações.

Havia um veado de uma beleza notável e com longas hastes,
que as crianças filhas de Tirro tinham arrancado ao seio da mãe
e alimentavam — e também seu pai Tirro, que cuida dos rebanhos
do rei e a quem está confiada, em larga extensão, a guarda dos campos.
Tinha-o acostumado a suas ordens Sílvia, irmã dele, e com todo o desvelo
o enfeitava, enlaçando-lhe nas hastes grinaldas delicadas,
e penteava-lhe o pelo rebelde e lavava-o na água pura de uma fonte.
Ele aceitava o jugo, afeiçoou-se à mesa dos donos
e deambulava pelos bosques e, de novo, aos portais que bem conhecia
e a casa retornava ele à noite, por tarde que fosse.
Deambulava por longe, e as cadelas assanhadas de Iulo,
que andava a caçar, atiraram-se a ele, quando, por acaso, se deixava ir
ao sabor da corrente, por buscar na margem verdejante alívio para o calor.
O próprio Ascânio, inflamado do desejo de especial glória,
disparou as flechas de seu arco recurvo;
não deixou um deus de lhe ajudar a mão trémula, e a cana,
desferida com imenso zumbido, trespassou flanco e entranhas;
ferido, o animal fugiu para dentro da morada que bem conhecia,
escondeu-se a gemer no estábulo e, coberto de sangue
e em jeito de súplica, enchia de seus queixumes o palácio.

Antes de todos, Sílvia, a irmã, batendo com as mãos nos braços,
chama por socorro e brada pelos rudes camponeses.
Eles (pois tal peste intratável esconde-se no silêncio dos bosques)[123]
chegam de pronto, este armado de um tição queimado na ponta,
aquele de um pesado cacete cheio de nós; aquilo que cada um achou
ao procurar, disso faz a fúria uma arma. Convoca Tirro as tropas,
enquanto rasgava em quatro um carvalho, cravando nele cunhas,
a bufar, terrível, de machado em punho.

Mas a deusa sinistra, ao descobrir ocasião para fazer dano,
sai do seu posto de observação para o topo alto do estábulo e, de ponto mais alto,
entoa o sinal dos pastores e com o corno recurvo
lança a sua voz com timbre do Tártaro, ao som da qual logo
toda a floresta estremeceu e ecoaram as profundezas dos bosques;
ouviu, ao longe, a lagoa da Trívia, ouviu a corrente
do Nar, na brancura das águas sulfúreas, e a fonte de Vélia,
e as mães temerosas contra o peito apertaram seus filhos.

E logo, então, a acorrer ao chamado, de onde a terrível trompeta
deu sinal, convergem de toda a parte, de armas em punho,
camponeses destemidos, e também a juventude de Tróia
é pródiga em ajuda a Ascânio e deixa o campo aberto.
Alinham-se os exércitos frente a frente. Não é já uma rude contenda
que se trava, com grosseiros bastões e chuços enrijecidos ao lume,
mas combatem com ferro de dois gumes, e surge eriçada,
campo fora, a seara sombria das pontas das espadas, lampeja o bronze
batido pelo sol e lança o seu brilho até às nuvens;
assim a onda começa a branquejar ao primeiro sopro de vento,
pouco a pouco vai-se o mar encrespando e erguendo mais alto
as cristas, e daí, do fundo do abismo, alteia-se ares acima.

[123] Refere-se à Fúria.

Aqui, um jovem, à frente da primeira linha, Almo,
que era o mais velho dos filhos de Tirro, é abatido por uma seta
sibilante; atingiu-o no fundo da garganta o golpe e o caminho
húmido da voz, banhou-o de sangue e à vida que se esvaía.
À sua volta, corpos sem conta de guerreiros e o velho Galeso,
quando se interpõe no meio pela paz, de todos o mais justo
e mais rico que outrora existiu nos campos de Ausónia:
cinco rebanhos de ovelhas lhe recolhiam a casa e cinco de gado,
e revolvia a terra com cem arados.

E enquanto tudo isto se passava nos campos, ante a isenção de Marte,
a deusa poderosa, liberta de sua promessa, por ter mergulhado
a guerra em sangue e consumado as mortes no primeiro combate,
deixou a Hespéria e, retornando através das brisas do céu,
dirige-se, triunfante, a Juno, em tom altivo:
«Eis atingida a discórdia que querias na tristeza da guerra;
diz-lhes para convergirem em amizade e firmarem pactos.
Pois que encharquei de sangue ausónio os Teucros,
isto ainda lhes vou ajuntar, se é que tenho por certa a tua vontade:
as cidades vizinhas, irei trazê-las para a guerra, à custa de boatos,
e atear-lhes no coração o desejo dos desvarios de Marte,
para de toda a parte virem em socorro; vou semear armas pelos campos.»
Então retorquiu Juno: «Terrores e enganos há já quanto baste;
estão claras as causas da guerra; combate-se corpo a corpo;
as armas que o acaso começou por dar-nos, o sangue recente as encharcou.
Tais esponsais e tais himeneus, celebrem-nos
o famoso descendente de Vénus e o próprio rei Latino.
Tu, que andes a vaguear com licença em demasia pelas brisas do alto,
não o quer o Pai, o senhor do cume do Olimpo.
Cede o lugar. Eu, se algum acaso sobejar destes trabalhos,
eu mesma tratarei disso.» Tais palavras proferira a Satúrnia;

mas ela ergue as asas com estrondo na companhia das serpentes
e dirige-se para a sua mansão no Cocito, deixando os cumes do alto.
Há um lugar em Itália, no sopé de altas montanhas,
de grande nobreza e conhecido por obra da fama em muitas regiões,
o vale de Ampsancto; a sombria orla de um bosque de densa folhagem
estreita-o de ambos os lados, e no meio ressoa,
penedos abaixo, o turbilhão de sinuosa torrente.
Aqui, uma gruta horrenda e os respiradouros da temível Dite
se desvendam, e um imenso abismo numa falha do Aqueronte
abre as goelas empestadas, por onde mergulhou a Erínia;
a odiosa divindade deixava aliviados terra e céu.

Mas, entretanto, a rainha filha de Saturno não aligeirou
a derradeira mão que pôs na guerra. Corre da batalha para a cidade
toda a horda de pastores e carregam, mortos,
o jovem Almo e Galeso, de rosto desfigurado,
e imploram pelos deuses e clamam por Latino.
Turno está presente e, em meio da devastação de chacina e chamas,
faz duplicar o terror: que os Teucros são chamados a reinar,
que a sua raça vai misturar-se com a frígia, que ele mesmo é banido do palácio.
Então, aqueles cujas mães, no delírio de Baco, bailam em bosques
cerrados, com seus tíasos (pois não é de pouco peso o nome de Amata),
recrutados em toda a parte, acorrem aos magotes e fustigam Marte.
Logo ali, todos juntos reclamam guerra infanda, ao arrepio de augúrios,
ao arrepio de fados, revolvendo do avesso a vontade dos deuses.
Em desafio, cercam o palácio do rei Latino;
ele, como rochedo imóvel no mar, resiste,
como rochedo no mar, na iminência de grande tempestade;
diante de ondas mil que estouram à sua volta,
mantém ele o porte; em vão à sua volta penedos e rochas,

cobertos de espuma, soltam rugidos e a alga que no seu flanco se cravou volta a
mergulhar.
Mas, por nenhuma possibilidade ter de contornar a cegueira
de tal decisão e porque as coisas seguem seu rumo, conforme apontava a malvada
Juno,
muito diz o pai,[124] tomando por testemunhas deuses e brisas:
«É o destino — ai de nós! — que nos despedaça,» bradou ele, «é a tormenta
que nos arrasta!
Vós mesmos sereis punidos pela maldição de vosso sangue,
ó desgraçados! Quanto a ti, ó Turno — impiedade! — um nefando suplício
te espera, e, quando quiseres suplicar aos deuses, teus rogos serão tardios!
Eu ganhei já o meu descanso, e, no limiar do porto,
de tudo vou despojado em morte venturosa.» E, sem mais dizer,
fechou-se em casa e deixou as rédeas dos acontecimentos.

Havia um costume no Lácio da Hespéria, que as cidades de Alba
nunca deixaram de cultivar, porque o têm por sagrado, e, agora, a maior de todas,
Roma, continua a cultivar, quando põem em acção Marte, para dar início a batalhas,
quer se aprontem, armas em punho, a levar aos Getas dolorosa guerra,
ou aos Hircanos ou aos Árabes, quer a arremeter contra os Indos
e a perseguir a Aurora e reclamar dos Partos os estandartes:
há duas portas da guerra (esse é o nome que lhes dão)
consagradas à religião e ao tremendo Marte;
cem traves de bronze as fecham e a força duradoura
do ferro, e nunca se afasta dos portais o seu guarda, Jano;
quando está assente e firme para os pais a decisão de combater,
o próprio cônsul, com o manto quirinal cingido ao jeito de Gábios,
abre, com ar solene, os estrondosos portais;
ele mesmo convoca para a guerra; segue-o, então, o resto do povo,
os cornos de bronze troam, em uníssono, em rouco assentimento.

[124] Latino.

Com este ritual, então, se ordenava a Latino que declarasse guerra
às gentes de Eneias e que se abrissem as portas sinistras.
Furtou-se a tocar-lhes o pai, voltou-se e apartou-se
de tão vergonhosa tarefa e resguardou-se na penumbra das sombras.
Então, a rainha dos deuses desceu do céu e, às portas que tardavam,
ela mesma as empurrou com sua mão, fê-las rodar sobre os gonzos
e a filha de Saturno escancarou os batentes de ferro da guerra.

Pega fogo a sossegada Ausónia, até então apática;
uns preparam-se para marchar campos fora, outros, montados no cimo
de cavalos e cobertos de pó, vão tomados de furor; todos reclamam por armas.
Outros dão lustro aos escudos bem polidos e às lanças cintilantes
com banha gordurosa e afiam os machados numa pedra;
dá gosto carregar os estandartes e ouvir ressoar as tubas.
Cinco grandes cidades vão ao ponto de trazer bigornas
e forjar novas armas — a poderosa Atina e a soberba Tíbur,
Árdea e Crustuméria e Antemna das mil torres.

Escavam-se abrigos seguros para a cabeça e dobram-se
redes de vime para os escudos; outros fabricam couraças
de bronze ou leves grevas de prata moldável:
aqui se finda o orgulho na charrua e na foice, aqui todo o amor
pelo arado; voltam a temperar-se na forja as espadas dos avoengos.
Soam já as trombetas, instruções para a batalha circulam em tabuinhas.
Este, pleno de agitação, apanha em casa o elmo, aquele atrela
os cavalos inquietos e enverga o escudo e a armadura de ouro
de três fios e cinge a espada fiel.

Abri, agora, o Hélicon, ó deusas, e soltai vossos cantos:
que reis foram convocados para a guerra, que exércitos seguiram
cada um deles e encheram os campos de batalha, com que guerreiros já nesse
tempo

floresceu a fecunda terra de Itália, com que armas pegou fogo,
pois disso tendes lembrança, ó deusas, e sois capazes de o contar,
enquanto, até nós, apenas um breve sopro de fama se vem escoando.

O primeiro a avançar para a guerra e armar seus esquadrões, homem rude,
vindo das costas do Tirreno, é Mezêncio, o que desdenhava dos deuses.
Junto dele tinha seu filho, Lauso; outro mais formoso que ele
não havia, à excepção do corpo do laurente Turno;
Lauso, domador de cavalos e vencedor de feras,
traz da cidade de Agilina, em vão, mil guerreiros
que o seguiram, merecedor de maior ventura
às ordens de um pai e de ter por pai outro que não Mezêncio.
Depois deles, exibe com ostentação na relva seu carro, com uma palma
vistosa e cavalos triunfantes, o filho do formoso Hércules,
o formoso Aventino, e no escudo traz as insígnias de seu pai,
cem cobras e a Hidra rodeada das serpentes;
ele que, num bosque do monte Aventino, a sacerdotisa Reia
deu à luz em parto furtivo,
uma mulher envolvida com um deus, após os campos laurentes
os ter atingido o Tiríntio, vitorioso, depois da morte de Gerião,
e de no rio Tirreno ter banhado os bois da Ibéria.
Trazem na mão para a batalha lanças e dardos temíveis
e combatem com punhais recurvos e dardo sabino.
Ele próprio, apeado, revolvendo no ar a pele medonha de um leão,
o pelo terrível espetado, os dentes brancos
a revestir-lhe a cabeça, assim avançava palácio real dentro,
horrendo e com o manto de Hércules assente nos ombros.
Então, dois irmãos deixam as muralhas de Tíbur,
povo assim chamado do nome de seu irmão Tiburto,
Catilo e o impetuoso Coras, jovens argivos,
e tomam a dianteira da ala mais avançada, em meio da floresta de lanças,

à semelhança dos dois filhos da nuvem, os Centauros, quando descem
do cume de alta montanha e deixam o Hómole e o Ótris
coberto de neve, em rápida corrida — abre espaço, à sua passagem,
a imensa floresta e cede a ramagem com enorme estrondo.
E não faltou ali o fundador da cidade de Preneste,
gerado rei por Vulcano no meio de gado campesino
e encontrado numa lareira — assim sempre se acreditou —
Céculo. Acompanha-o uma vasta legião campesina:
homens que habitam os cumes de Preneste e os que cultivam os campos
de Juno Gabina e o Aniene enregelado e as penedias de Hérnico,
alagadas de rios, os que a fértil Anágnia alimenta,
e os que alimentas tu, ó pai Amaseno. Não fazem estrondo em todos eles
armas nem escudos ou carro; a maior parte esferas
de chumbo cinzento é o que atira, parte empunha dardos
em ambas as mãos e têm na cabeça barretes arruivados
de pele de lobo; a planta do pé esquerdo está descalça,
assim foi determinado, o outro protege-o uma bota de couro cru.

Mas Messapo, domador de cavalos, descendente de Neptuno,
ele que ninguém consegue abater com fogo ou ferro,
aos povos desde há muito sossegados e a tropas não acostumadas
à guerra, convoca-os, de súbito, às armas e empunha de novo a espada.
Estes possuem legiões de Fescénia e os Équos Faliscos,
estes possuem os cumes do Soracte e os Campos Flavínios
e o lago e o monte de Címino e os bosques de Capena.
Seguiam em linhas iguais e entoavam cantos ao rei,
tal como outrora os cisnes cor de neve entre as nuvens translúcidas,
ao regressarem da pastagem, soltavam melodiosas toadas
de seus pescoços alongados; ressoa a corrente, e na Ásia, lá longe,
o eco no pântano.
Ninguém acreditaria que esquadrões de bronze de tamanho ajuntamento

pudessem formar-se, mas que era tão-só uma nuvem voadora de aves
de voz rouca a fugir do alto mar para a praia.
Eis, vindo do antigo sangue dos Sabinos, e à frente de um grande
exército, Clauso — e ele mesmo possui o porte de um grande exército —;
dele provêm, agora, a tribo e a gente Cláudia,
por todo o Lácio, depois de Roma ter sido dada, em parte, aos Sabinos.
Reunidas numa só, a enorme coorte de Amiterno e os antigos Quirites,
toda a tropa de Ereto e da Mutusca, onde crescem oliveiras,
os que habitam a cidade de Nomento, os dos campos rosados de Velino,
os dos hórridos rochedos de Tétrica e do monte Severo,
os de Caspéria e de Fórulos e do rio de Himela,
os que bebem do Tibre e do Fábaris, os que enviou a enregelada
Núrsia e as legiões de Horta e as gentes do Lácio
e os que rasga e banha o Ália, de funesto nome;
tantos quantas as ondas que rolam no mar da Líbia,
quando o terrível Oríon mergulha em águas de invernia,
ou as espigas densas a torrar ao sol acabado de nascer,
seja nos campos de Hermo, seja nas searas aloiradas da Lícia.
Fazem estrondo os escudos e a terra batida ao compasso dos pés.

Desta parte, um homem de Agamémnon, inimigo do nome troiano,
Haleso, atrela os cavalos ao carro e leva até Turno
mil povos impetuosos, os que revolvem com gadanhas
o Mássico, fecundo dos dons de Baco, e os que das altas colinas
de Aurunca seus pais enviaram e, logo ao lado, das planícies
de Sidicino, e os que partem de Cales e o habitante dos baixios
de Volturno, e também o rude Satículo
e um punhado de Oscos. Têm eles como armas de arremesso
dardos arredondados, mas é costume prendê-los a uma correia.
Um pequeno escudo protege o braço esquerdo, no combate corpo a corpo com
espadas recurvas.

Também tu não deixarás de ser mencionado em nosso canto,
ó Ébalo, a quem Télon gerou de uma ninfa do Sebeto,
diz-se, quando reinava em Cápreas dos Teléboas,
já idoso; mas não satisfeito o filho com o património de seu pai,
já então dominava com seu poder
os povos Sarrastes e as planícies que banha o Sarno,
os que possuem Rufras e Bátulo e os campos de Celemna
e aqueles que do alto olham as muralhas de Abela, fértil em pomares,
acostumados, à maneira dos Teutões, a fazer girar as cateias;
por protecção da cabeça usam casca arrancada a carvalhos,
e cintilam os escudos de bronze e cintila a espada de bronze.
Também a ti te enviou para a batalha a montanhosa Nersas,
ó Ufente, homem de ilustre fama e armas venturosas,
senhor de povo sobremaneira agreste e afeiçoado a largas caçadas
nas florestas, o Equícola, acostumado à dureza da gleba.
É armados que trabalham a terra, e sempre lhes apraz
carregar presas recentes e viver do saque.
E vem, ainda, da gente de Marrúvio, um sacerdote,
que usa sobre o elmo enfeites de folhagem e verdejantes ramos de oliveira;
vindo a mando do rei Arquipo, é o mui valoroso Ulmo,
que na raça das víboras e das hidras de sopro terrível
costumava derramar o sono, por obra de seu canto e suas mãos,
e amansava fúrias e aliviava com sua arte as mordeduras.
Mas não teve forças para curar o golpe da lança dardânia,
nem lhe valeram contra tais feridas seus cantos
que provocam o sono e as ervas que procura nos montes de Marso;
por ti choraram os bosques de Angícia, por ti o Fúcino de águas cristalinas, por
ti límpidos lagos.
Ali seguia também o filho de Hipólito, de suma beleza na guerra,
Vírbio, que sua mãe, Arícia, enviou, vistoso,
criado nos bosques de Egéria, nos arredores de praias

cobertas de água, onde fica, a gotejar gordura e apaziguador, o altar de Diana.
Pois contam que Hipólito, depois de, por artes da madrasta,
ter morrido e de ter encharcado de sangue a vingança paterna,
arrastado por seus cavalos desvairados, retornou, de novo,
para as estrelas do firmamento e para as brisas do alto,
levado de volta por ervas da Peónia e pelo amor de Diana.
Então, o pai todo poderoso, indignado por alguém, de natureza mortal,
ascender das sombras do inferno à luz da vida,
ele mesmo, ao inventor de uma tal medicina e de uma tal arte,
despenhou com seu raio esse filho de Febo nas ondas estígias.
Mas a Trívia protectora resguarda Hipólito em lugar secreto
e envia-o para uma ninfa da Egéria e para um bosque,
onde viesse a passar os anos, sozinho e incógnito, em florestas
de Itália, e, depois de mudar o nome, se tornasse Vírbio.
Daí também que do templo da Trívia e dos bosques sagrados
se mantenham arredados os cavalos com chifres, porque afundaram na praia,
cheios de pavor dos monstros marinhos, carro e jovem.
O filho não fustigava menos na planura do campo
os cavalos fogosos e corria em seu carro para a batalha.

Entre os primeiros, de porte imponente, o próprio Turno
vai volteando, de armas em punho, e sobressai, inteira, a sua cabeça.
O topo de seu elmo, com tríplice penacho, sustém uma Quimera
a soprar de suas goelas as labaredas do Etna;
quanto mais ela urra e quanto mais se atiça de chamas medonhas,
tanto mais recrudesce o combate e mais sangue se derrama.
Mas o escudo luzidio, adornava-o com ouro Io, de cornos espetados,
já coberta de pelos, já uma vitela
— cena grandiosa! — e Argos, guardião da donzela,
e o pai Ínaco a despejar água de uma urna cinzelada.[125]

[125] Tudo nas armas de Turno remete para o furor e a violência: a Quimera, horrenda criatura monstruosa morta por Belerofonte; Io, vítima da fúria de Juno, que a transformou em vitela e fez guardar por Argos, o monstro de cem olhos.

Segue-se uma nuvem de soldados apeados e, no campo inteiro,
legiões cerradas cobertas de escudos e a juventude argiva
e as tropas de Aurunca, os Rútulos e os velhos Sicanos
e os esquadrões sacranos e os Labicos, de escudos pintados,
os que lavram os teus vales, ó Tiberino, e a margem sagrada
de Numício e os que trabalham com o arado as colinas rútulas
e o monte de Circe, campos a que presidem Júpiter Ânxuro
e Ferónia, que desfruta de seus bosques verdejantes,
onde se estende o pântano sombrio de Sátura e onde busca seu caminho,
em fundos vales, o gélido Ufente, para mergulhar no mar.

Atrás destes chega, da nação dos Volscos, Camila,
à frente de um exército de cavaleiros e de tropas a refulgir de bronze,
uma guerreira; não foi à roca ou aos açafates de Minerva
que acostumou suas mãos de mulher, mas, ainda donzela,
a suportar a dureza dos combates e a ultrapassar os ventos na corrida.
Ela voaria por sobre as cristas da seara sem lhes tocar
e sem causar dano na corrida às espigas delicadas,
ela, pelo meio do mar, suspensa sobre a espessura de uma onda,
faria seu caminho, sem molhar nas águas do mar os pés velozes.
A ela, toda a juventude vinda de palácios e de campos,
e a multidão das mães, a admiram e contemplam o seu caminhar,
de boca aberta e corações pasmados, pelo modo como uma régia dignidade
lhe cobre de púrpura os ombros delicados, como um grampo
lhe enlaça de ouro os cabelos, como ela mesma usa a aljava lícia
e o mirto dos pastores com um bico de lança preso na ponta.[126]

[126] É longa, como se viu, a descrição das tropas daquilo a que poderia chamar-se a coligação itálica. O número, a extensa lista, o pormenor da enumeração, a precisão de nomes e origens, tudo isso pretende mostrar uma Itália em pé de guerra contra o invasor. Destacam-se nomes que hão-de ter lugar de relevo nos combates que ocuparão os quatro derradeiros livros: Mezêncio e Lauso, Messapo, Ufente, entre tantos outros. Sobressaem, com particular visibilidade, Turno, imponente nas suas armas, a espelhar, inteiro, a fúria do despeitado e a fúria de Juno, sua patrona assumida; e Camila, a virgem guerreira, também ela uma personalidade singular e que, manifestamente, suscita o afecto do narrador.

Livro VIII

Assim que a bandeira da guerra Turno a hasteou na cidadela dos Laurentes,
e as tubas fizeram soar sua toada enrouquecida,
e assim que fustigou os fogosos cavalos e brandiu as armas,
nesse instante toldaram-se os corações, todo o Lácio, num tempo só,
fica unido em inquieta convulsão, e a indómita juventude
arde em furor. Os primeiros de entre os comandantes, Messapo e Ufente,
e o que desdenha dos deuses, Mezêncio, de toda a parte juntam
reforços e deixam deserta de trabalhadores a vastidão dos campos.

É enviado Vénulo à cidade do grande Diomedes,
para pedir auxílio e dar notícia de que os Teucros se estabelecem no Lácio,
de que Eneias chegara com uma frota e trouxera os Penates
vencidos e afirmava ser pelos fados reclamado como rei,
e de que muita gente se vinha juntando ao guerreiro dardânio,
e ia crescendo em todo o Lácio a importância do seu nome;
que planos estaria ele a urdir em tais condições, que rumo deseja
para a batalha, se a Fortuna for propícia, com mais clareza
isso a si se lhe apresentaria do que ao rei Turno e ao rei Latino.
Assim sucedia no Lácio. O herói da raça de Laomedonte,
ao ver tudo isso, voga num imenso oceano de cuidados
e balança o coração acelerado, ora a um lado, ora a outro,
e arrasta-o em múltiplas direcções e serpenteia por todas as saídas,

tal como a trémula luz da água em bacias de bronze,
reflexo do sol ou imagem da lua cintilante
salta de um a outro lado na largueza da sala e logo sobe
ar acima e atinge o tecto dos altos salões.

Era noite e, terra fora, os animais cansados
e toda a casta de pássaros e gado, um sono profundo os possuía,
quando o pai Eneias, na margem e sob a abóbada de um céu
gelado, de coração toldado por tão sombria guerra,
se estendeu e deu ao corpo um repouso tardio.
Pareceu-lhe que o deus do lugar, Tiberino, se erguia, em figura,
do rio ameno, no meio da folhagem dos choupos, com ar de ancião:
um ligeiro tecido de um véu esverdeado o resguardava,
e o canavial cobria-lhe de sombra a cabeleira;
então, assim falou e com estas palavras lhe desvaneceu a ansiedade:
«Ó filho da raça dos deuses, que a cidade troiana trazes de volta
das mãos do inimigo e nos manténs preservada Pérgamo,
aguardado em terras dos Laurentes e nos campos latinos,
aqui tens por certa a tua casa, por certos — não desistas! — os Penates;
não te deixes amedrontar por ameaças de guerra; toda a irritação e fúria
dos deuses esmoreceram.
E agora mesmo, para não pensares ser o sono a simular esta ilusão,
vais encontrar, abrigada nos penhascos da margem, uma enorme porca;
estará ali prostrada, depois de ter parido uma ninhada de trinta crias,
toda branca, estendida no chão, os filhotes brancos em roda das tetas;
[aqui há-de ser o lugar da cidade, esse o repouso seguro de padecimentos];
ali, volvidos três vezes dez anos, há-de fundar
Ascânio uma cidade de nome claro, Alba.[127]

[127] Cruza-se, em parte, a profecia que Júpiter anunciara a Vénus, no início do poema (livro I) e uma outra, de Heleno a Eneias, em Butroto (livro III). Heleno havia predito o encontro com a porca, Júpiter vaticinara a sucessão dos ciclos, 3-30-300. O deus do Tibre não anuncia o último ciclo, o mais longo, de 300 anos, até Rómulo. Mas deixa antever ao herói que a fundação de Alba caberá a Ascânio, não a ele. Donde, nenhum dos dois verá nascer Roma.

Não há dúvida no que anuncio. Agora, de que modo vais triunfar
daquilo que te ameaça, em poucas palavras — escuta bem — to vou ensinar.

Alguns Árcades, raça descendente de Palante,
que seguiram na companhia do rei Evandro, que seguiram seu estandarte,
escolheram seu espaço nestas terras e assentaram nos montes uma cidade,
Palanteu, do nome do seu antepassado Palante.
Eles mantêm contínua guerra com o povo latino;
trá-los para o teu campo como aliados e une-te a eles num pacto.
Eu mesmo te irei guiar entre as margens e pelo rio fora,
por forma a levares de vencida a força de corrente contrária e subires até montante.
Vamos, levanta-te, filho de uma deusa! E, quando caírem as primeiras estrelas,
ergue a Juno preces rituais; e fúria e ameaças,
leva-as de vencida com voto suplicante. A mim, quando triunfares,
render-me-ás teu preito. Eu sou aquele que vês em caudalosa torrente
a rasar margens e sulcar férteis culturas,
o azulado Tibre, rio dilecto do céu.
Aqui tenho morada imensa, a minha cabeça eleva-se acima das altas cidades.»
Falou; de seguida, o rio mergulhou nas profundezas do lago,
em busca de lugar bem fundo; noite e sono abandonam Eneias.

Levanta-se e, olhando os raios do sol que despontavam no céu,
segura, com as mãos em concha, segundo o ritual, água
colhida do rio e lança ares fora tais palavras:
«Ninfas, Ninfas laurentes, de onde vem a origem de todos os rios,
e tu, ó pai Tibre, com teu rio sagrado,
acolhei Eneias e agora, por fim, afastai dele os perigos.
Qualquer que seja a fonte de onde partem tuas águas, compadecido
de minhas desventuras, qualquer que seja a terra de onde sais em toda a tua
beleza,
sempre hás-de ser objecto de meu preito, sempre de minhas oferendas,

rio adornado de chifres que reinas sobre as águas da Hespéria.
Acompanha-nos somente e, mais perto de nós, confirma tua divindade.»
Assim fala e escolhe de entre a frota duas birremes
e equipa-as de remadores; ao mesmo tempo, a seus companheiros fornece armas.
Eis, porém, súbito prodígio e espantoso ao olhar,
uma porca de um branco resplandecente, da mesma cor que sua branca ninhada,
estava estendida e surge à vista na margem verdejante;
é ela que o piedoso Eneias a ti, a ti, Juno soberana,
sacrifica e, cumprindo o ritual sagrado, oferta, com as crias, no altar.
O Tibre, nessa noite — tão longa ela é! — o rio em turbilhão,
acalma-o, e as águas silenciosas que refluíam assim se quedaram,
como se, à maneira da planura sossegada de pântano bonançoso,
a corrente se aquietasse em suas águas, como se a peleja se findasse.
Apressam, portanto, o rumo encetado, com algazarra de feição;
desliza nos baixios o madeirame luzente, pasmam as ondas,
pasma o bosque desacostumado aos escudos dos guerreiros
que brilham ao longe no rio e à passagem dos barcos coloridos.

Eles afadigam-se nos remos noite e dia
e passam avante longos meandros e prosseguem, abrigados
por árvores mil, e rompem verdejantes florestas por corrente bonançosa.
O sol em fogo havia subido até meio da abóbada do céu
quando avistam, ao longe, muros e cidadela e espaçados telhados
de casas, que o poder romano agora levou à altura do céu
e eram, então, os modestos domínios de Evandro.
A toda a pressa apontam para ali as proas e aproximam-se da cidade.
Por sinal, naquele dia o rei árcade cumpria ritual solene
em honra do filho de Anfitrião e dos deuses,
em bosque fronteiro à cidade. Juntamente com ele, seu filho Palante,
com ele todos os primeiros de seus jovens e o modesto senado
ofereciam incenso, e o sangue ainda morno fumegava nos altares.

Assim que avistaram, por entre as sombras do bosque,
os navios altaneiros a acostarem e os homens a curvarem-se sobre os remos em silêncio,
apavoram-se ante a súbita visão e todos se levantam
e deixam as mesas. Palante, mais ousado, proíbe-os de interromper
a cerimónia e, agarrando uma lança, voa ao encontro deles
e diz-lhes, de longe, do alto de um cabeço: «Ó soldados, que motivo vos impeliu
a tentar estranhas sendas? Para onde ides?
Que raça é a vossa? De que nação? É paz que trazeis aqui, ou guerra?»

Então, o pai Eneias assim fala do alto da popa
e estende na mão um ramo de oliveira, emblema de paz:
«Gente de Tróia e armas inimigas dos Latinos é o que avistais,
desterrados a quem eles escorraçaram em guerra insolente.
É Evandro quem buscamos. Levai-lhe estas palavras e dizei-lhe que a flor
dos chefes de Dardânia veio pedir-lhe que a ele se alie com suas tropas.»
Pasmou ao embate de tamanho nome Palante:
«Desembarca, quem quer que sejas,» diz ele, «e fala na presença
de meu pai e avança até nossos Penates como hóspede.»
Acolheu-o de mão estendida e reteve-lhe a dextra num abraço.

Avançam, caminham bosque dentro e deixam o rio.
Então, Eneias fala ao rei com palavras amigas:
«Ó tu, o melhor de entre os filhos dos Gregos, a quem quis a Fortuna
que eu dirigisse minhas preces e estendesse ramos envoltos numa faixa,
não fiquei receoso, acredita, ao saber seres um chefe dánao e um árcade
e unido por laços de família aos dois Atridas;
antes a minha valia e os sagrados oráculos dos deuses
e o parentesco entre nossos avós e tua fama espalhada por toda a terra
levaram-me ao teu encontro e fizeram-me ter o querer dos fados.
Dárdano, o pai primeiro e fundador da cidade de Ílion,

nascido, como é crença dos Gregos, de Electra, a filha de Atlas,
é levado ao país dos Teucros; Electra, o gigantesco Atlas
a gerou, ele que sustém nos ombros as voltas do céu.
O vosso pai é Mercúrio, que a resplandecente Maia,
nos cumes gélidos de Cilena, concebeu e pôs no mundo;
mas a Maia, se algum crédito damos ao que nos contam, Atlas
é ele quem a gera, o mesmo Atlas que suporta os astros do céu.
Assim a raça de nós dois evolui, distinta, a partir de um só sangue.
Fiado em tais factos, não determinei o uso de emissários nem de artifícios
para a primeira aproximação a ti; fui eu, eu e a minha cabeça
que me apresentei, eu próprio, e vim, como suplicante, a teus portais.
O mesmo povo que com guerra cruel te ameaça, o de Dauno,
nos ameaça; se nos expulsam, acreditam que nada os impedirá
de submeterem toda a Hespéria por inteiro a seu jugo
e de possuírem o mar, o que por cima a banha e o que por baixo corre.
Aceita e concede o pacto de fidelidade. Temos corações valentes
para a guerra, temos ânimo e uma juventude respeitada por seus feitos.»

Eneias acabara de falar. Ele examinava-lhe, lento, com o olhar,
boca e olhos, enquanto falava, e o corpo inteiro.
Então, assim lhe retorna breves palavras: «A ti, o mais valoroso dos Teucros,
como te acolho e reconheço de bom grado! Como me fazes recordar
as palavras de teu pai e a voz do grande Anquises e seu rosto!
Pois bem me lembro de que, ao visitar o reino de sua irmã Hesíona,
o filho de Laomedonte, Príamo, que se dirigia a Salamina,
visitou adiante os gelados confins da Arcádia.
Nesse tempo, floresciam-me no rosto as primícias da juventude,
e admirava os chefes teucros e admirava o próprio
filho de Laomedonte, mas elevava-se, acima de todos,
Anquises. O meu coração juvenil ardia de desejo
por falar àquele guerreiro e estreitar mão com mão;

cheguei-me até ele e, pleno de ardor, conduzi-o às muralhas de Feneu.
Ele, ao partir, ofereceu-me a sua vistosa aljava e as setas lícias
e o manto bordado a ouro
e dois freios de ouro que possui agora o meu filho Palante.
A mão que me pedes, portanto, já se uniu a ti em aliança
e, assim que a luz, amanhã, tornar à terra,
com reforços me despedirei de vós, para vossa alegria, e com minhas forças vos ajudarei.
Entretanto, pois que aqui viestes em amizade, estes sagrados rituais
de todos os anos, que não é lícito protelar, celebrai-os com devoção
em nossa companhia e desde já vos acostumai às mesas de vossos aliados.»

Quando terminou estas palavras, manda voltar a pôr a comida e a bebida
que haviam sido retiradas, e ele mesmo determina aos soldados os lugares na relva
e acolhe Eneias em leito especial de pele de leão, farto em pelo,
e convida-o a tomar assento em trono de ácer.
Então, jovens escolhidos em competição e o sacerdote do altar
trazem as carnes dos touros grelhadas e carregam em cestas
as oferendas do trabalho de Ceres e servem o licor de Baco.
Serve-se Eneias, juntamente com a juventude troiana,
dos costados de um boi inteiro e das entranhas próprias do sacrifício.
Depois de terem matado a fome e estancado a vontade de comer,
o rei Evandro diz: «Não, estas solenidades,
estes banquetes rituais, este altar de tão excelsa divindade,
não foi uma vã superstição e a ignorância dos antigos deuses
que no-los impuseram; porque de terríveis perigos, ó hóspede troiano,
fomos salvos, é que o fazemos e vamos repetindo tão merecidas homenagens.
Olha, desde logo, antes de tudo, este penedo suspenso das rochas,
como estão dispersos ao longe os pedregulhos e abandonado no monte
um casarão, e como a penedia arrastou consigo imensa ruína.

Aqui havia uma gruta, perdida no fundo de imenso algar,
à qual estava de guarda a cara horrenda do semi-homem Caco
e aonde não chegavam os raios do sol; a todo o tempo, por obra de nova
chacina, ficava morna a terra e, espetados nos portais altaneiros,
havia dependurados rostos de homens, pálidos de podridão.
Este monstro tinha por pai Vulcano; vomitava de sua boca
chamas negras, quando se mexia com o peso de sua corpulência.

Até que, a nossas súplicas, um dia, o tempo nos trouxe
a ajuda e a vinda de um deus, pois o supremo vingador,
ufano da morte e dos despojos do Gérion de três corpos,
Alcides, aqui estava e conduzia em triunfo os touros
enormes, e seus bois ocupavam vale e rio.
Mas o coração selvagem e desvairado de Caco, para crime algum
ou traição deixar de ousar ou praticar,
quatro touros de porte bem vistoso, roubou-os
do estábulo e outras tantas bezerras de invulgar beleza.
E, para do rumo de seus passos não ficar qualquer vestígio,
arrastou-os pela cauda para a sua gruta, deixando as pegadas
na direcção inversa do caminho e escondeu o produto do roubo na escuridão
da caverna.
Entretanto, quando, já saciado o rebanho, o filho de Anfitrião
se preparava para o levar do estábulo e partir,
começaram os bois a mugir de tal partida e a encher de queixumes
todo o bosque e a deixar as colinas entre clamores.
Devolveu uma das bezerras do fundo da enorme gruta
o som do mugido e defraudou no cativeiro as esperanças de Caco.
Logo neste instante, a cólera inflamou Alcides de raiva
e de negro fel, deita mão das armas e da sua clava cravejada
de nós e dirigiu seus passos para as escarpas elevadas do monte.
Então, pela vez primeira, viram os nossos Caco apavorado

e de olhar turvo; rápido se pôs em fuga, mais rápido que o Euro,
e dirigiu-se para a gruta; o medo dava-lhe asas aos pés.
Assim que se fechou lá dentro, rompeu as cadeias e fez desabar
um pedregulho desmesurado que estava suspenso por amarras de ferro
e pela arte de seu pai, e reforçou, usando-o como tranca, os pilares da porta;
eis que o Tiríntio, de coração enfurecido, ali estava e, para sondar
todas as entradas, revolvia o rosto para um e outro lado,
a ranger os dentes. Três vezes, a ferver de raiva, ele examina por inteiro
o monte Aventino, três vezes se atira aos portais de pedra,
em vão, três vezes, exausto, se senta no vale.
Ali se erguia uma rocha afiada, com falésias escarpadas a toda a volta,
a sair do dorso da gruta, de imensa altura à vista,
morada de feição para ninhos de aves sinistras.
Por esta rocha pender a pique para a esquerda, sobre o rio,
ele apoiou-se à direita, do lado oposto, abanou-a e arrancou-a
rente, do fundo das suas raízes, e depois, bruscamente,
fê-la desabar; com tal desabar, atroa a imensidão do céu,
tremem as margens, e tornou atrás o rio, apavorado.
A gruta régia de Caco, por seu lado, assim destelhada, revelou-se
na sua imensidão, e ficaram escancaradas as profundezas da sombria caverna;
como se, ao rasgar-se a terra por força de qualquer violência,
desvendasse as mansões infernais e franqueasse os reinos
descoloridos, odiosos aos deuses, e, do alto, esse imenso abismo
se avistasse e, ante o banho de luz, entrassem em pânico os manes.
Portanto, estonteado, de repente, pela luz inesperada
e encurralado no buraco do rochedo e a soltar desacostumados rugidos,
cobre-o de dardos, lá do alto, Alcides e de todas as armas
deita mão e esmaga-o com ramos e enormes pedregulhos.
Ele, enfim, pois nenhuma escapatória havia já de tal perigo,
vomita de suas goelas um fumo descomunal, coisa espantosa de dizer,
envolve a morada de uma densa bruma,

furtando ao olhar toda a visão, e concentra no fundo do antro
uma noite carregada de fumo, numa mistura de fogo e trevas.
Não o suportou o Alcides de bom grado e ele próprio se lançou,
com um salto em frente, pelo meio do fogo, onde o fumo intenso
tem mais golfadas, e a imensa caverna ferve com nuvens negras.
Aqui, a Caco, que no meio das trevas vomitava chamas vãs,
agarra-o e enlaça-o num nó e estrangula-o,
fazendo-lhe saltar os olhos e a garganta seca de sangue.
Num ápice a negra casa fica escancarada, de portas arrancadas,
e as reses roubadas e as pilhagens que jurava não ter feito
mostram-se a céu aberto, um cadáver disforme é arrastado
pelos pés. Não conseguem saciar-se os corações ao contemplar
os terríveis olhos, o rosto e o peito eriçado de setas
daquele ser metade besta, e as chamas apagadas na garganta.
Desde então, um memorial é celebrado, e os mais novos preservaram
com júbilo esse dia, e foi Potício o primeiro a fazê-lo;
e a casa de Pinário, guardiã do culto de Hércules,
erigiu no bosque este altar, que sempre havemos de chamar
o maior e que sempre há-de ser o maior.
Portanto, ó jovens, vamos! Em honra de tamanhas glórias,
cingi vossa cabeleira com ramagens e erguei taças em vossas mãos
e invocai o deus que temos em comum e distribuí vinho de bom grado.»
Acabara de falar, o choupo bicolor cobriu-lhe com a sombra de Hércules
a cabeleira e ficou pendente, entrançado de folhas,
e o vaso sagrado ocupou-lhe a mão. Logo, todos
fazem alegres libações na mesa e dirigem preces aos deuses.

No Olimpo inclinado, entretanto, Vésper vai ficando mais próxima.
E já os sacerdotes e, à frente de todos, Potício, seguiam
cingidos de peles, conforme era costume, e levavam tochas a arder.
Recomeçam o banquete, e as mesas, em segundo turno, ostentam

aprazíveis iguarias e carregam de travessas recheadas os altares.
Então, os Sálios apresentam-se em volta dos altares fumegantes,
para o canto, as têmporas cingidas de ramos de choupo,
aqui o coro dos jovens, ali o dos anciãos, a celebrar em seu canto
a glória de Hércules e seus feitos: como os primeiros monstros,
duas serpentes, obra da madrasta, ele os esmagou e estrangulou com sua
mão;
como cidades notáveis na guerra ele mesmo as devastou,
Tróia e Ecália; como mil penosos trabalhos,
às ordens do rei Euristeu, por determinação da pérfida Juno,
ele os levou a cabo. «Tu, ó invencível, os filhos da nuvem, de membros duplos,
Hileu e Folo, tu os liquidas com teu braço, tu os monstros
de Creta e, sob a rocha de Nemeia, o enorme leão.
Diante de ti estremeceu a lagoa do Estígio, diante de ti o porteiro do Orco,
deitado em cima de ossadas meio roídas no seu antro de sangue;
nem a ti visão alguma te meteu medo, nem o próprio Tifeu,
gigantesco e de armas em punho; nem te fez perder o tino
a serpente de Lerna, ao emparedar-te numa multidão de cabeças.
Salve, verdadeiro filho de Júpiter, glória acrescida aos deuses,
e junta-te a nós e à tua celebração com tua mercê e passo propício.»
Tais feitos celebram os cantos; acima de tudo, acrescentam
a gruta de Caco e ele próprio a soprar fogo.
Ressoa todo o bosque com o alarido e ecoam-no as colinas.

A seguir, terminados os ofícios sagrados, retornam todos
à cidade. Seguia o rei sob o peso da idade
e mantinha a caminhar junto de si, em sua companhia,
Eneias e o filho e aligeirava a jornada com conversas várias.
Segue espantado Eneias e lança olhares rápidos a toda a volta
e deixa-se cativar pelo lugar e sobre cada pormenor indaga,
com satisfação, e escuta memórias de heróis de antanho.

Então, o rei Evandro, fundador da cidadela romana:
«Estes bosques, povoavam-nos os nativos, Faunos e Ninfas
e uma raça de homens nascidos de troncos e do rijo carvalho,
que não tinham costumes nem maneiras e não sabiam atrelar os bois
ou amealhar recursos ou poupar o que juntavam,
mas ramos e caçadas agrestes serviam-lhes de sustento.
O primeiro a chegar do Olimpo celestial foi Saturno,
a fugir das armas de Júpiter e desterrado dos reinos que lhe foram arrebatados.
Ele, ao povo insubmisso e disperso pelas altas montanhas,
organizou-o e estabeleceu leis e preferiu chamar ao lugar Lácio,
por se ter refugiado em segurança nestas terras.
Os séculos que contam terem sido de ouro, aconteceram
no seu reinado; em tão sossegada paz governava o povo,
até que, pouco a pouco, uma idade bem pior e sombria
e o desvario da guerra e o desejo de ganância lhe sucedeu.
Então, veio um punhado de gente da Ausónia e povos da Sicília,
e muitas vezes perdeu seu nome a terra de Saturno;
então, vieram reis e o agreste Tibre, de corpo desmesurado,
do qual, mais tarde, nós, itálicos, demos o nome ao rio Tibre;
perdeu a antiga Álbula seu verdadeiro nome.
A mim, expulso da pátria e a perseguir os confins remotos do mar,
a Fortuna que tudo pode e o fado inelutável
lançaram-me neste lugar; e forçaram-me, ainda, as terríveis profecias
de minha mãe e da ninfa Carmenta, e aquele que a comandava, o deus Apolo.»

Mal disse estas palavras, segue adiante e mostra o altar
e a porta a que os Romanos dão o nome
de Carmental, honra antiga à ninfa Carmenta,
profetiza que anunciava o destino e a primeira a cantar os grandes
filhos de Eneias que viriam a existir, e o nobre Palanteu.
Depois, mostra-lhes um enorme bosque, que o bravo Rómulo tomou

por refúgio, e, debaixo de fresca penedia, o Lupercal,
assim chamado, segundo uma tradição de Parrásia, do nome de Pan, do Liceu.
E mostra, ainda, o bosque do sagrado Argileto
e toma o lugar por testemunha e explica a morte de seu hóspede Argos.
Daqui leva-os à mansão Tarpeia e ao Capitólio,
agora cobertos de ouro, outrora eriçados de matagais bravios.
Já nesse tempo aos temerosos camponeses, a assustadora religiosidade
do lugar os apavorava, já nesse tempo tremiam diante da floresta e do rochedo.
«Este bosque,» diz ele, «este monte de frondoso cume,
um deus o habita (que deus será, não se sabe); os Árcades
acreditam ter visto Júpiter em pessoa, quando tantas vezes brandia
em sua mão o negro escudo e fazia desabar tormentas.
E mais: estas duas fortalezas, de muralhas em ruínas, que vês
são restos e marcas de guerreiros de outro tempo.
Esta cidadela, construiu-a o pai Jano, aquela Saturno;
esta tinha por nome Janículo, aquela Satúrnia.»

Depois de tais palavras trocarem entre si, iam entrando na mansão
do pobre Evandro e viam aqui e ali os rebanhos
a mugir no foro romano e nas nossas faustosas Carinas.
Quando chegaram à mansão, disse ele: «Por estes portais entrou,
triunfante, Alcides, foi este paço real que o acolheu.
Tem a ousadia, meu hóspede, de desprezar a riqueza e faz por seres,
também tu, digno do deus e vem, sem esforço, à modéstia.»[128]
Falou e, por baixo da cumeeira do telhado da estreita mansão,
conduziu o enorme Eneias e instalou-o no conforto de um leito
coberto de folhagem e da pele de uma ursa da Líbia.

[128] A nota que sobressai em toda a cidade governada por Evandro é esta mesma, a modéstia. Tudo é simples, a ambição e o fausto estão totalmente ausentes. A lição é evidente: Eneias e a sua descendência devem aprender a viver como os seus antepassados, aqueles, afinal, que habitaram o lugar onde viria a crescer Roma. É, em si mesma, uma lição para Augusto, para que se mantivesse fiel aos seus princípios de moderação.

Cai a noite e abraça a terra com suas asas de penumbra.
Mas Vénus, de coração receoso — e não em vão, como mãe que era —,
e levada pelas ameaças dos Laurentes e seu violento entusiasmo,
dirige-se a Vulcano e, no leito de ouro de seu marido, este discurso
principia e vai insinuando em suas palavras seu amor de deusa:
«Enquanto os reis da Argólida devastavam com uma guerra Pérgamo,
que lhes estava prometida, e seus torreões destinados a cair às chamas de inimigos,
nenhuma ajuda te pedi para esses desventurados, nenhuma arma
de tua arte ou de teus recursos, nem tu, meu esposo bem amado,
quis eu que em vão pusesses em curso teus expedientes,
embora fosse grande a minha dívida para com os filhos de Príamo
e tantas vezes chorasse a dura sorte de Eneias.
Agora, por mandado de Júpiter, aportou às praias dos Rútulos;
eu mesma, portanto, venho a ti, como suplicante, e a teu poder, que tenho por sagrado,
eu peço armas; uma mãe para seu filho. A ti, a filha de Nereu,
a ti conseguiu dobrar com seu pranto a esposa de Titão.
Vê que povos se coligam, que muralhas de portas cerradas
afiam suas lanças para minha perdição e dos meus.»

Acabava de falar a deusa e com seus braços cor de neve daqui e dali
lhe acalentava a hesitação em abraço de ternura. Ele, de repente,
acolheu a chama costumeira, e o calor que bem conhecia
invadiu-lhe as entranhas e perpassou-lhe os ossos a desfazerem-se;
não de outro modo, às vezes, desencadeado pela agitação dos trovões,
um raio de fogo atravessa a faiscar de luz as nuvens.
Percebeu-o, feliz por seu ardil e segura de sua formosura, a esposa.[129]
Então, o pai exclama, cativo de seu eterno amor:
«Porquê buscas razões tão profundas? Para onde se foi,

[129] Uma vez mais, ínvia a estratégia de Vénus, para alcançar os seus objectivos. Desta feita, usa como armas os seus predicados de sensualidade e beleza.

ó deusa, a tua confiança em mim? Se igual tivesse sido o teu cuidado,
naquele tempo, ter-me-ia sido consentido, até, fornecer armas aos Teucros;
nem o pai que tudo pode nem os fados proibiam Tróia
de se manter de pé e Príamo de sobreviver mais dez anos.
E agora, se te preparas para combater e é isso que tens determinado,
todo o empenho que em minha arte sou capaz de prometer,
o que é possível fazer com o ferro e o líquido electro,[130]
tudo quanto forem capazes fogo e sopro, pára de o pedir
e de duvidar de tuas próprias forças.» Dizendo estas palavras,
deu-lhe os abraços que tanto desejava e, aconchegado no colo
da esposa, procurou por todo o corpo um aprazível torpor.

Era, então, a hora em que a noite ia já avançada e em meio do caminho,
e o repouso pusera em fuga o sono, em que a mulher,
que tem por missão viver de fuso nas mãos e nas delicadezas de Minerva,
aviva as cinzas e as chamas adormecidas,
acrescentando tempo nocturno ao seu trabalho, e afadiga as criadas,
à luz das lâmpadas, em longas tarefas, para ser possível manter
impecável o leito do marido e educar os filhos;
não de outro modo o senhor do fogo, àquela hora, nem com mais vagar,
levanta-se de seu leito de doçuras e vai para as suas tarefas de artesão.

Ergue-se uma ilha perto da costa da Sicília e de Lípara,
da Eólia, árida e de rochedos fumegantes;
nas suas profundezas, atroam uma gruta e os antros do Etna
corroídos pelas forjas dos Ciclopes, e o som das vigorosas pancadas
nas bigornas suscita gemidos, e nas cavernas chiam
as barras saídas do lume dos Cálibes, e sopra o fogo das fornalhas;

[130] Electro: liga feita com ouro e ferro.

é a casa de Vulcano, e a terra tem o nome de Vulcânia.
Para aqui, então, desce o senhor do fogo do alto do céu.

Trabalhavam o ferro os Ciclopes na imensa gruta,
Brontes e Estéropes e Pirácmon, de corpo desnudo.
Eram trabalhados por estas mãos os raios; parte deles, já polidos,
o pai enviava-os em abundância de todos os lados do céu
sobre a terra; outra parte estava por acabar.
Tinham juntado três raios da chuva que ele brandia, três de uma nuvem carregada de água,
três de fogo rutilante e do Austro alado.
Agora, relâmpagos terríveis e estrondo e medo,
eles os punham à mistura no trabalho; e raiva, de chamas vorazes.
Noutro lugar, aplicavam-se a um carro para Marte e a rodas aladas,
com que ele põe em acção guerreiros, põe em acção cidades;
e um escudo horrendo, arma de Palas desvairada,
eles o poliam à porfia, de escamas de cobras e ouro,
e serpentes em volta e a própria Górgona no peito da deusa,
de pescoço cortado e a revirar os olhos.
«Suspendei tudo,» diz ele, «ponde de lado os trabalhos encetados,
ó Ciclopes do Etna, e voltai para aqui vossa atenção:
urge fabricar armas para um bravo guerreiro. Usai agora vossas forças,
usai agora vossas mãos ágeis, usai agora a mestria de vossa arte.
Eliminai tardanças.» E não disse mais, mas todos eles,
mais depressa ainda se concentraram e com equilíbrio distribuíram entre si
o trabalho. Escorrem por regueiros o bronze e o metal do ouro,
e o aço assassino derrete numa imensa fornalha.

Dão forma a um enorme escudo, um só contra todas
as setas dos Latinos, e encaixam um a um sete círculos
dentro de círculos. Uns recebem o ar dentro de foles de sopro

e voltam a soprá-lo, outros mergulham o bronze a chiar
dentro de um tanque. Geme a caverna ao bater das bigornas.
Eles combinam enorme força entre si e elevam os braços
em cadência certa e giram a massa presa em firmes tenazes.

Enquanto o pai de Lemnos apressa este assunto em costas da Eólia,
a Evandro fazem-no sair de sua humilde mansão a luz benfazeja
e o canto matutino das aves nos telhados.
Levanta-se o ancião e cobre o corpo de uma túnica
e envolve de correias tirrenas as plantas dos pés.
Então, prende à ilharga e aos ombros a espada
e lança para trás das costas a pele de pantera que lhe caía à esquerda;
e precedem-no, ainda, desde o fundo da casa, seus dois guardas,
os cães, e acompanham a passada do dono.
Dirigia-se o herói para os aposentos e espaço privado de seu hóspede Eneias,
lembrado de suas palavras e da ajuda que lhe prometera.
Eneias, por seu lado, não estava menos madrugador.
Levava um consigo o filho, Palante, o outro seguia com Acates.
Encontram-se e estreitam as mãos e sentam-se no meio
do palácio e desfrutam da conversa que, por fim, lhes é consentida.

O rei assim fala, em primeiro lugar:
"Grandioso chefe dos Teucros: por teres tu escapado, jamais,
eu te garanto, vou admitir que as tropas de Tróia ou seu reino foram derrotados;
de nossa parte, para dar apoio na guerra a tão ilustre nome,
são exíguas as forças; de um lado, estamos barrados pelo rio toscano,
do outro aperta-nos o Rútulo e cerca-nos os muros com o fragor de seus exércitos;
mas povos poderosos e tropas de fartos reinos
é o que preparo para teus aliados — salvação que sorte inesperada
nos põe à mão. Reclamavam por ti os fados quando aqui chegaste.
Não longe daqui, assente em rocha antiga, situa-se

a cidade de Agila, onde, um dia, um povo da Lídia,
ilustre na guerra, se estabeleceu em montes etruscos.
Vivia ela em abastança por muitos anos, até que um rei, Mezêncio,
com poder sobranceiro e tropas impiedosas, a submeteu.
Que dizer de tenebrosas chacinas, que dizer da barbaridade dos actos
do tirano? Queiram os deuses guardá-los para ele e sua gente!
Mais ainda, grudava corpos mortos aos vivos,
ajustando mãos com mãos e boca com boca
— suplício horrendo! — e a escorrer pus e sangue viscoso,
em sinistro abraço, assim de morte lenta os matava.
Mas os exaustos cidadãos, por fim, cercam, de armas em punho,
o tresloucado obreiro de actos tenebrosos, a ele e sua casa,
degolam-lhe os companheiros, lançam fogo a suas mansões.
Ele escapou, em meio da chacina, e fugiu para território
de Rútulos e acolheu-se à protecção das tropas de Turno, que lhe deu hospedagem.
Em resultado disso, toda a Etrúria se ergueu em justa fúria,
e reclama, em pé de guerra, o rei, para o levar a suplício.
Tais milhares, ó Eneias, eu vou colocar sob o teu comando.
Na praia inteira se concentram e rugem os navios
e mandam avançar estandartes; segura-os um velho adivinho,
anunciando os fados: "Ó jovens de eleição da Meónia,
flor e valentia de velhos guerreiros, a quem uma dor justa
impele contra o inimigo, e Mezêncio inflama de legítima fúria,
não é consentido a um filho de Itália comandar tão glorioso povo;
haveis de escolher chefes estrangeiros." Então, estacionou o exército
etrusco neste campo, tomado de espanto do aviso dos deuses.
Então, Tarconte enviou até mim embaixadores e a coroa real,
com o ceptro, e confia-me as insígnias,
para descer eu a campo e assumir o poder régio entre os Tirrenos.
Mas, a mim, uma velhice já lenta e enregelada e consumida de anos
veda-me o poder, e são tardias minhas forças para actos de bravura.

Incitaria meu filho, se, por ser nascido de mãe sabina,
não colhesse aqui, em parte, sua pátria. Tu, a quem, em razão da idade
e da raça, o Fado o consente, a quem o querer dos deuses o reclama,
avança, ó valoroso chefe de Teucros e Itálicos.
Vou dar-te, além disso, por companheiro, Palante,
minha esperança e conforto; sob tua orientação, habitue-se ele
a suportar as lides da guerra e o peso dos trabalhos de Marte e a observar os teus feitos
e a ter por ti admiração desde os primeiros anos.
Entregar-lhe-ei duas vezes cem cavaleiros árcades, elite especial
de nossa juventude, e outros tantos de sua conta te dará Palante.»

Mal acabara de dizer estas palavras, e mantinham-se de rosto impassível
Eneias, filho de Anquises, e o fiel Acates
e atribulações sem conta iam imaginando em seus corações entristecidos,
se lhes não desse um sinal Citereia, na limpidez do céu:
caiu, desferido dos ares e sem nada o fazer prever, um raio,
acompanhado de um trovão; de repente tudo pareceu desabar
e o som tirreno de uma trombeta ressoar ares fora.

Erguem o rosto; uma vez e outra vez o estrondo se faz ouvir
no meio de uma nuvem, e, numa parte serena do céu, vêem armas
cintilar na limpidez do ar e trovejarem ao baterem entre si.
Pasmaram os outros em seus corações, mas o herói troiano
reconheceu o som e as promessas da deusa sua mãe.
Exclama, então: «Não, hospitaleiro rei, não procures saber de verdade
que factos anunciam tais prodígios; é a mim que o Olimpo reclama.
Este sinal anunciou que mo enviaria a deusa que me gerou,
se a guerra estivesse para começar, e que armas forjadas por Vulcano
haveria de mandá-las pelos ares em meu socorro.
Ah, quantas chacinas ameaçam os desventurados Laurentes!

Que tremendo castigo, ó Turno, vais receber de minhas mãos! No fundo das tuas águas,
quantos escudos de heróis e capacetes e corpos valorosos tu vais revolver,
ó Tibre venerável! Pois que reclamem batalhas e rompam os pactos!»
Quando pronunciou estas palavras, ergueu-se do alto de seu trono
e começa por dar vida, com as chamas de Hércules, aos altares adormecidos
e achega-se, com alegria, ao lar da véspera e aos pequenos Penates;
par a par, sacrificam ovelhas, conforme os rituais,
Evandro e a juventude troiana.

Depois, caminha daqui para os navios e revê os companheiros,
de cujo número escolhe, para o seguirem para a batalha,
os que mais se distinguem em valentia; a parte restante
é levada à flor da água e voga no sossego de corrente favorável,
para chegar até Ascânio com novas do sucedido e de seu pai.

São oferecidos cavalos aos Teucros que rumam a campos tirrenos;
trazem a Eneias um que não foi tirado à sorte, coberto, todo ele,
de uma loura pele de leão, de garras a cintilar de ouro.
Voa a fama e espalha-se, de repente, na pequena cidade,
de que partem a toda a brida os cavaleiros para as praias do rei tirreno.
Com o medo, redobram suas preces as mães, e mais perto que o perigo
ronda o pavor e mostra-se, ainda maior, a imagem de Marte.
Então o pai Evandro aperta a mão de quem vai partir,
segura-a, não satisfeito, e diz estas palavras, entre lágrimas:
«Oh, se Júpiter me desse de volta os anos já volvidos,
tal como eu era, quando, mesmo junto a Preneste, travei
a primeira batalha e queimei, triunfante, montões de escudos
e com esta mão enviei para o fundo do Tártaro o rei Érilo,
a quem, ao nascer, três almas lhe tinha dado sua mãe, Ferónia
— coisa horrenda de dizer! — três vezes havia que brandir as armas,

três vezes tinha a morte de abatê-lo; nesse tempo, porém, todas
as almas esta mão lhe arrancou e outras tantas vezes o despojou das armas;
jamais eu me privaria agora de teu doce abraço,
ó meu filho, e jamais Mezêncio, calcando aos pés a pessoa deste vizinho,
tantas mortes horrendas teria executado com sua espada,
de tantos cidadãos teria deixado viúva a cidade.
Mas vós, ó deuses do alto, e tu, ó senhor supremo dos deuses,
Júpiter, tende piedade, eu vos suplico, do rei árcade
e escutai as preces de um pai. Se o vosso poder,
se os fados me conservarem incólume Palante,
se é para o ver que vivo e para com ele me reencontrar,
é vida o que peço e posso resistir a qualquer padecimento que seja.
Mas se, pelo contrário, ó Fortuna, me ameaças com golpe nefando,
agora, agora mesmo, seja-me consentido pôr fim à crueldade da vida,
enquanto são duvidosas as inquietações, enquanto incerta é a esperança de futuro,
enquanto, ó meu querido filho, meu único e tardio deleite,
eu possa segurar-te em meu abraço e nenhuma notícia funesta em demasia
venha golpear-me os ouvidos.» Estas eram as palavras que o pai, no derradeiro instante da partida,
ia vertendo; os criados levaram-no, desfalecido, para o palácio.

E tinha saído já a cavalaria pelas portas escancaradas,
Eneias entre os primeiros e o fiel Acates,
logo a seguir os demais chefes troianos, o próprio Palante no meio
das tropas, sobressaindo em seu manto e adornos das armas;
assim a Estrela da Manhã, que Vénus ama acima dos outros astros ardentes,
quando, molhada das águas do Oceano,
ergue no céu o rosto sagrado e dissipa as trevas.

Perfilam-se, temerosas, nas muralhas as mães e seguem com o olhar
a nuvem de pó e os batalhões a refulgir de bronze.

Eles, pelo meio das moitas, por onde o caminho é mais curto,
avançam de armas na mão; levanta-se um clamor, e nos esquadrões cerrados
golpeiam os cascos, em pancadas de quatro patas, a terra moída.

Existe um enorme bosque, perto da corrente fria do Cérite,
sagrado em larga extensão por crença dos antepassados; a toda a volta
o resguardam cavadas colinas e o envolvem de sombrios abetos.
Conta-se que a Silvano, deus das árvores e dos rebanhos,
consagraram os antigos Pelasgos o bosque e um dia festivo,
eles que foram os primeiros a habitar, tempos idos, território latino.
Não longe daqui, Tarconte e os Tirrenos assentavam seus campos
em lugar seguro; do alto da colina podia avistar-se já
toda a legião, que se alongava pela vastidão dos campos.
Para aqui se encaminham o pai Eneias e os jovens escolhidos
para o combate e, já cansados, curam de montadas e corpos.
Mas Vénus, a deusa de resplandecente alvura entre as nuvens do céu,
ali estava a trazer seus presentes; e quando avistou o filho,
longe e apartado, no abrigo de um vale, junto do gélido rio,
com tais palavras a ele se dirigiu e de pronto se lhe mostrou:
«Eis, aprimorados pela técnica de meu marido, os presentes
que te prometi; agora, não tenhas dúvida, ó meu filho, em desafiar
para a luta os Laurentes arrogantes ou o impetuoso Turno.»
Assim falou Citereia e buscou o abraço de seu filho
e pousou as armas cintilantes ao pé de um carvalho ali defronte.
Ele, pleno de satisfação pela oferta da deusa e por tamanha honra,
não consegue parar de saciar-se e revolve os olhos por cada peça
e admira e vira e revira em suas mãos e seus braços
o elmo de penacho assustador e a cuspir fogo
e a espada que dá cumprimento aos fados, a couraça com a solidez do bronze,
cor de sangue, enorme, qual nuvem sombria,
quando pega o lume dos raios do sol e cintila até longe;

e, depois, as grevas ligeiras, de electro e ouro recozido,
a lança e a tessitura indescritível do escudo.

Ali, os feitos itálicos e os triunfos dos Romanos
os gravara o senhor do fogo, não ignorante de profetas
nem desconhecedor dos tempos que haviam de vir; ali toda a linhagem
da futura descendência de Ascânio e as guerras travadas, uma a uma.[131]
Gravara também, no antro verdejante de Marte, a loba,
acabada de parir e estendida por terra, e, dependurados à volta
de suas tetas, dois filhotes a brincar e a mamar de sua mãe,
sossegados, ela, voltando para trás o pescoço arredondado,
a acarinhar ora um, ora outro, e a moldar-lhes o corpo com a língua.
E não longe daqui, Roma e as Sabinas raptadas, contra os costumes,
nas bancadas do teatro, durante grandes festas no Circo,
tudo isso ele acrescentara e, logo, o atear de nova guerra
para os filhos de Rómulo e Tácio e os austeros cidadãos de Cures.
Depois, pondo fim ao combate entre si, os mesmos reis,
armados e de taças nas mãos, perfilavam-se diante do altar de Júpiter
e consumavam o pacto com o sacrifício de uma porca.
Não longe dali, quadrigas, disparadas em diversas direcções,
haviam esquartejado Meto (mas tu, ó Albano, manterias tua palavra!),
e arrastava Tulo as vísceras do homem impostor
pelo meio da floresta, e os arbustos salpicados iam gotejando sangue.
E mais, a Tarquínio, que havia sido banido, mandava Porsena
acolhê-lo e ameaçava a cidade em cerco poderoso;
os descendentes de Eneias corriam para a espada em defesa da liberdade.
Vê-lo-ias com ar indignado e com ar ameaçador,
porque Cocles se atrevia a despedaçar a ponte,
e Clélia se atirava ao rio, a nadar com os grilhões rebentados.

---

[131] Uma vez mais, a descrição profética do futuro dos descendentes de Eneias, desta vez modelados no escudo forjado por Vulcano, decorado com cenas da história vindoura de Roma.

No cimo, o guardião da cidadela tarpeia, Mânlio,
estava postado diante do templo e defendia o cume do Capitólio,
e a recente morada régia estava eriçada do canavial de Rómulo.
E aqui, a esvoaçar nos portais de ouro, um ganso de prata
anunciava que estavam ali os Gauleses;
os Gauleses ali estavam por entre as moitas e dominavam a cidadela,
protegidos pelas trevas e mercê das sombras da noite:
de ouro era a sua cabeleira e de ouro o trajo,
reluzem em seus mantos listados, seus pescoços da cor do leite
estão envoltos em ouro, cada um brande dois dardos alpinos
na mão e protegem os corpos com longos escudos.
Aqui Sálios a saltitar e Lupercos desnudos,
e os barretes tecidos de lã e os escudos caídos do céu,
ele os esculpira em relevo; castas matronas dirigiam os rituais sagrados pela cidade
em carros vagarosos. Longe daqui, acrescenta,
ainda, as moradas do Tártaro, os altos portais de Dite
e os castigos dos crimes e a ti, ó Catilina, suspenso
de um ameaçador penhasco e temeroso do rosto das Fúrias;
e, arredados, os homens piedosos e, a ditar-lhes as leis, Catão.

Em meio desta cena, estendia-se em largo espaço a imagem do mar encapelado,
da cor do ouro, mas a espumarem as águas azuladas da brancura das ondas,
e, em volta, brilhantes golfinhos de prata, em círculo,
varriam o mar com suas caudas e fendiam a maré.
No centro,[132] armadas de bronze, a batalha de Áccio,

[132] À semelhança do que acontecera na profecia de Anquises, nos campos Elísios (livro VI), Augusto ocupa o centro desta outra antevisão do futuro, agora esculpido por Vulcano no escudo de Eneias. As palavras são inequívocas: «no centro... a batalha de Áccio». E, logo depois: «Augusto César a comandar os Itálicos...» Parece que todo o escudo está organizado ao serviço da apoteose de Augusto e dessa outra apoteose, a de Roma, consumada na batalha de Áccio, começo da nova era, início da *Pax Romana*, fundamento do Império. São longos versos, em descrição pormenorizada, que fazem deste episódio, a par dos campos Elísios, os dois momentos centrais do projecto épico da *Eneida*.

oferecia-se à vista, e todo inteiro, às ordens de Marte, podia ver-se
ferver o Leucate e as ondas a refulgirem de ouro.
Daqui, Augusto César a comandar os Itálicos no combate,
com os pais e o povo, com os Penates e os grandes deuses,
de pé, no alto da popa; duas chamas irrompem de suas têmporas
plenas de júbilo, e a estrela paterna mostra-se no cume da cabeça.
De outro lado, com ventos e deuses propícios, Agripa
a comandar com bravura o exército; insígnia altiva de guerra,
refulgem suas têmporas com os rostros da coroa naval.
Do outro lado, com tropas bárbaras e variadas armas, António,
que triunfara sobre os povos da Aurora e nas rubras praias,
o Egipto e as forças do Oriente e os remotos Bactros
é o que consigo arrasta, e segue-o — crime nefando! — uma esposa egípcia.
Avançam em linha cerrada e espuma o mar inteiro revolvido pelo bater
dos remos e pelos rostros de três dentes.
Buscam o largo; crer-se-ia que que vogam no mar, arrancadas ao fundo,
as Cíclades, ou que contra montes montes se arremessam,
tamanha é a grandeza de torreões e popas com que os guerreiros atacam.
Espalham por suas mãos estopa em chamas e dardos e setas velozes;
os campos de Neptuno, da nova chacina, vão ficando vermelhos.
A rainha, ao centro, chama seus esquadrões ao som do pátrio sistro,
sem reparar, ainda, nas duas serpentes atrás de si.[133]
Deuses monstruosos de toda a espécie e Anúbis, que muito ladra,
é contra Neptuno e Vénus e contra Minerva
que desferem seus dardos. Arde de raiva no meio do combate Marte,
cinzelado em ferro, e as tristes Fúrias a descer do céu,
e passeia-se, satisfeita, a Discórdia, de manto rasgado,
e segue atrás dela Belona, com seu chicote a escorrer sangue.
Apolo de Áccio, ao ver tudo isto, retesa o arco

[133] A rainha é Cleópatra. E as duas serpentes são o instrumento que usou para pôr fim à vida, depois da derrota de Áccio.

lá do alto; com medo, todo o Egipto e os Indos,
todos os Árabes, todos os Sabeus voltavam as costas em fuga.
A própria rainha se via a chamar os ventos
e a soltar velas e a soltar, mais e mais, o cordame já frouxo.
Em meio da mortandade, moldara-a, pálida no sentimento da morte
que se avizinha, o senhor do fogo e a ser arrastada pelas ondas e pelo Iápige;
mesmo em frente, na imensidão de seu corpo, o Nilo a chorar
e a estender suas pregas e a chamar com todo o seu manto,
para dentro do regaço azul e para as trevas de seus caudais, os vencidos.

Mas César, levado, em triplo triunfo, para dentro dos muros de Roma,
consagrava aos deuses de Itália — voto imorredoiro —
trezentos templos enormes, por toda a cidade.
De alegria e jogos e aplausos as ruas fervilhavam;
em todos os templos, coros de mães, em todos altares;
diante dos altares jaziam por terra os bezerros do sacrifício.
Ele mesmo, sentado nos limiares cor de neve do esplendoroso Febo,
aprecia as dádivas dos povos e prende-as aos portais
esplêndidos; avançam em longo cortejo os povos vencidos,
tão variados em seus falares quanto no trajo e nas armas.
Aqui era a raça dos Nómadas e os Africanos desnudos,
ali os Léleges e os Cares e os Gelonos armados de setas,
que Múlciber tinha gravado; seguia Eufrates, já de águas mais mansas
e os mais remotos dos homens, os Mórinos, e Reno de duplos chifres
e os indomáveis Dáas e, indignado com a ponte, Araxes.

Tais são as cenas que admira no escudo de Vulcano, prenda materna,
e, sem conhecer a realidade, alegra-se com a sua imagem,
carregando aos ombros a glória e os fados da sua descendência.

Livro IX

Enquanto isto se passa em lugar bem distante,
a satúrnia Juno envia do céu Íris
até junto do valoroso Turno; estanciava, então, Turno, por acaso,
num bosque de seu antepassado Pilumno, em vale sagrado.
Assim lhe falou a filha de Taumante, com seu rosto rosado:
«Turno, aquilo que, a pedido teu, nenhum de entre os deuses ousaria
prometer-te, eis que o volver dos dias se adiantou e to trouxe.
Eneias deixou a cidade e os companheiros e a frota
e partiu para os domínios do Palatino e morada de Evandro.
E não lhe bastou isso: avançou até às cidades mais remotas de Córito
e armou um punhado de Lídios, uns campónios que arregimentou.
Porque hesitas? Agora é tempo de mandar vir os cavalos, agora de mandar vir o carro.
Pára com as delongas, colhe-os de surpresa e apodera-te do campo.»
Falou e elevou-se céu dentro com suas asas alongadas
e, em seu voo, traçou sob as nuvens um arco imenso.
Reconheceu-a o jovem e elevou as duas mãos
em direcção às estrelas e com tais palavras perseguiu aquela que partia:
«Íris, encanto dos céus, quem das nuvens te fez descer até mim
e te trouxe à terra? De onde vem, de súbito, este tão luminoso
tempo? Vejo romper-se o meio do céu
e vogarem no firmamento as estrelas. Vou respeitar prodígios tamanhos,

quem quer que sejas que às armas me convocas.» E, falando assim, avançou
para a água e da crista da onda sorveu um golo,
por entre preces múltiplas aos deuses, e encheu os ares de seus votos.

E já todo o exército marchava em campo aberto,
com aparato de cavalos, com aparato de vestes bordadas e de ouro;
Messapo comanda as linhas avançadas, as da rectaguarda
os filhos de Tirro, as tropas do meio tinham por chefe Turno:
vai deambulando de armas em punho e sobressai, de penacho inteiro,
qual Ganges profundo que se alevanta em meio do silêncio
e sossego de seus sete braços ou qual Nilo de águas abundantes,
quando se recolhe dos campos e logo se resguarda em seu leito.
Então, avistam os Teucros a formar-se uma súbita nuvem
de poeira negra e trevas a cobrirem os campos.
O primeiro a gritar, do alto de uma colina ali defronte, é Caíco:
«Que bola é aquela, ó cidadãos, que vem rolando com fumo negro?
Trazei as espadas a toda a pressa, preparai os dardos, subi às muralhas!
O inimigo está a chegar! Eia!» Com enorme gritaria, os Troianos
distribuem-se por todas as portas e ocupam as muralhas.
De facto, ao partir, assim determinara, com sua mestria na guerra,
Eneias: se, entretanto, algo de imprevisto viesse a suceder,
não se atrevessem a formar linhas de combate nem a fiar-se no campo;
que se limitassem a preservar com uma barricada campo e muralhas.
Ainda que honra e fúria, portanto, os impelissem ao combate,
reforçam, no entanto, as portas e obedecem às ordens
e aguardam, armados, no bojo das torres, o inimigo.

Turno, porque voara à frente e precedera os esquadrões mais pesados,
aparece, de súbito, diante da cidade, acompanhado
de vinte cavaleiros escolhidos; transporta-o um cavalo trácio,
com manchas brancas, e enverga na cabeça um elmo de ouro, com rubro penacho.

«Quem vai comigo, ó guerreiros, quem é o primeiro a enfrentar o inimigo?
Vamos!» — diz ele e, brandindo o dardo, lança-o pelos ares
a dar início ao combate, e avança, destemido, campo adentro.
Acolhem-no com um brado os companheiros e seguem-no com fragor
horrendo; criam neles espanto os corações impassíveis dos Teucros:
que se não lancem em campo aberto, que não venham contra eles,
de armas na mão, os guerreiros, mas que protejam o acampamento. Entre uma
e outra banda das muralhas
volteia ele, desvairado, em seu cavalo, e busca uma ínvia entrada.
E qual lobo a rondar um redil cheio de ovelhas,
quando uiva junto à cerca, resistindo a ventos e chuvas,
para lá do meio da noite, e os cordeiros, confiados à protecção da mãe,
soltam vagidos, e ele, assanhado e tomado de raiva,
encarniça-se contra os que ali não estão (trá-lo exausto e raivoso
a fome de longe acumulada), há secura de sangue em suas fauces;
não de outro modo ao Rútulo, quando avista muralhas e acampamento,
a fúria o põe em fogo, a dor incendeia-lhe os rijos ossos;
de que jeito há-de forçar a entrada, por que banda há-de escorraçar
os Teucros de seu refúgio na paliçada e atirá-los para campo aberto?

A frota, que estava abrigada num dos lados do campo,
rodeada de cabeços de terra e água do rio,
arremeteu contra ela e reclama aos companheiros, entre aplausos, que lhe deitem
fogo,
e, desvairado, empunha em sua mão uma vara em chamas.
E logo, então, avançam, atiça-os a presença de Turno,
e a tropa toda empunha negros varapaus.
Pilham casas, as tochas fumegantes fazem erguer um lume
de pês, misturado com cinza, até aos astros.
Que deus, ó Musas, afastou dos Teucros tão devastador
fogo? Quem desviou dos navios tamanhas chamas?
Contai-o! A crença em tais feitos é antiga, mas a fama perdura para sempre.

Por esse tempo, em que no Ida da Frígia começava Eneias
a organizar a armada e se preparava para rumar ao alto mar,
conta-se que a própria mãe, a Berecíntia, com tais palavras
se dirigiu ao poderoso Júpiter: «Concede, ó meu filho, a meu pedido,
o que tua querida mãe te pede nos teus domínios do Olimpo.
Possuí uma floresta de pinheiros, à qual tive afecto por muitos anos,
um bosque nos cumes mais altos, para onde me levavam oferendas,
repleto de sombras de negros abetos e dos troncos do bordo:
estas árvores, ao jovem Dárdano, quando precisava de uma frota,
eu as dei com satisfação; agora, um pavor ansioso me angustia e inquieta.
Dissipa meus receios e consente que tenham tal poder as preces de tua mãe:
que não sejam vencidas e despedaçadas por turbilhão ou golpe
de vento; que lhes valha terem nascido em minhas montanhas.»
O filho a isto respondeu, ele que faz girar as estrelas do universo:
«Ó mãe, para onde chamas tu os fados? Ou que estás tu a pedir para estas árvores?
Acaso que barcos construídos por mãos mortais possuam imortal
destino e que Eneias, em rumo certo, leve de vencida incertos
perigos? A que deus foi concedido tamanho poder?
Pelo contrário, quando, um dia, tiverem alcançado sua meta e atingido
portos de Itália, todas quantas às vagas tenham escapado
e conduzido o chefe Dardânio aos campos laurentes,
vou libertá-las da sua forma mortal e ordenar que do imenso mar
sejam deusas, quais Doto, filha de Nereu,
e Galateia, a sulcar com seu peito a espuma do oceano.»

Acabou de falar e fez o sinal de como jurava pelas correntes do seu irmão Estígio,
por suas margens torradas de pês e de negros turbilhões[134]
e fez tremer com seu aceno todo o Olimpo.

[134] Jurar pelas águas do Estígio era o único juramento a que os deuses estavam obrigados, sob pena de enfrentarem terrível maldição. Quando uma divindade se preparava para um juramento solene, Júpiter fazia trazer um pouco de água do Estígio, para sobre ela esse juramento ter lugar.

Tinha chegado, portanto, o dia prometido, e as Parcas
haviam completado a conta dos dias, quando a ameaça de Turno
alertou a Mãe para afastar das naus sagradas as tochas.
Então, encandeou, primeiro, o olhar uma luz estranha, e viu-se
atravessar o céu, vinda dos lados da Aurora, uma enorme nuvem
e também os coros do Ida; então, uma voz horrenda estala
ares fora, e toma por inteiro os exércitos de Troianos e Rútulos:
«Não vos inquieteis, ó Teucros, com a defesa de meus navios,
nem pegueis em armas! Hão-de primeiro arder os mares às mãos de Turno
do que este madeirame sagrado. Vós, parti em liberdade,
parti, deusas do mar; a mãe assim ordena.» E, acto contínuo,
cada uma das popas quebra as correntes que a prendem à praia
e, ao jeito dos golfinhos, mergulham os rostros e rumam
ao mar alto. Dali — espantoso prodígio! —
[pois, antes, estavam de proas de bronze voltadas para a praia],
ganham, todas elas, forma de donzelas e avançam para o mar.
Ficaram transidos de espanto os Rútulos, apavorado o próprio
Messapo e os cavalos desorientados; hesita, mesmo, o rio
Tiberino e com surdo rugido torna atrás o passo e recua do alto mar.

Mas não esmoreceu no arrojo de Turno a confiança;
em vez disso, exorta os corações com suas palavras; fustiga-os, em vez disso:
«É contra os Troianos que tais prodígios se voltam; o próprio Júpiter
furtou-lhes o socorro habitual; nem lanças nem chamas
dos Rútulos eles esperam. Estão, pois, vedados os mares aos Teucros
e não têm esperança alguma de fuga; uma parte do mundo foi-lhes subtraída,
e a terra, também, está em nossas mãos, tantos milhares são os povos

O vínculo à palavra assim dada era de tal ordem que, se viesse a ser desrespeitado por perjúrio, tinha como resultado na divindade perjura a privação do sopro divino durante um ano e, mesmo, o afastamento do convívio com os demais deuses e a proibição de participar nos seus conselhos, durante nove anos. Tal fora o poder que Júpiter havia concedido ao Estígio, por o ter apoiado na guerra contra os Gigantes. Este juramento já antes fora mencionado, no livro VI (323-324).

de Itália a pegar em armas! Não me metem medo os pregões dos fados,
mesmo que disso se gabem os Frígios, nem as respostas dos deuses;
basta já o que os fados deram a Vénus, pois que os campos férteis
de Ausónia os alcançaram os Troianos. Mas também eu tenho
os meus fados — passar ao fio da espada esta gente criminosa,
por me terem roubado a esposa. E não é apenas os Atridas que fere
essa dor, e Micenas não é a única a quem é consentido pegar em armas.[135]
— Mas sofrer a perdição uma vez é já bastante. — Ter feito o mal antes
teria sido bastante, se passassem a odiar profundamente quase toda
a raça das mulheres. A confiança na paliçada que temos de permeio
e no estorvo que causam as fossas, fraca fronteira a separar da morte,
é o que lhes dá coragem. Pois não viram eles as muralhas de Tróia,
fabricadas por mão de Neptuno, a ruir em chamas?
Mas vós, guerreiros de eleição, quem está disposto a despedaçar
à espada esta paliçada? Quem invade comigo o campo que treme de pavor?
Não tenho precisão das armas de Vulcano, não tenho precisão
de mil barcos contra os Teucros, ainda que juntem a si, de repente,
todos os Etruscos como aliados; nem trevas nem o roubo à toa
do Paládio, depois de eliminados todos os guardas da cidadela,
não o receiem; e nem vamos esconder-nos no bojo de um cavalo;
é à luz do dia e às claras que está determinado cercar de fogo as muralhas.
Farei com que entendam não ser esta luta com Dánaos
ou com a juventude dos Pelasgos, que Heitor susteve por dez anos.
Mas agora, pois que a melhor parte do dia já lá vai,
para o que falta, satisfeitos com êxito tão bem conseguido,
restaurai os corpos, ó guerreiros, e aprontai-vos e esperai a batalha.»

Entretanto, é confiada a Messapo a missão de bloquear as portas
com um corpo de guardas e de atear fogueiras em volta das muralhas.

[135] Nas palavras de Turno, a culpa do adultério mancha toda a raça troiana. Páris raptou Helena, esposa de Menelau... Eneias «roubou» a noiva a ele próprio, Turno. Culpas a mais para merecerem perdão.

São escolhidos duas vezes sete Rútulos para montarem guarda
às muralhas, com suas tropas, mas a cada um deles seguem-no cem
jovens, com penachos de púrpura e a cintilar de ouro.
Correm a um e outro lado e organizam turnos e, estendidos na relva,
dão largas ao vinho e esvaziam taças de bronze.
Reluzem as fogueiras, os guardas arrastam a noite
no jogo, sem dormir.

Tudo isto observam, do alto da paliçada, os Troianos e ocupam
com armas a posição cimeira e, inquietos e temerosos, examinam
as portas e ligam pontes e bastiões;
carregam armas. Pressionam-nos Mnesteu e o aguerrido Sergesto,
a quem o pai Eneias, no caso de alguma contrariedade os chamar,
tinha confiado a chefia dos guerreiros e o comando das acções.
Toda a legião está de vigia ao longo das muralhas, tiradas à sorte
as tarefas arriscadas, e cada um toma conta de seu turno e do que lhe cabe defender.

Montava guarda a uma porta Niso, de enorme bravura em combate,
filho de Hírtaco, que o Ida das grandes caçadas
enviara por companheiro a Eneias, lesto com o dardo e as setas ligeiras;
e, logo ali, seu companheiro Eurílalo; mais formoso que ele outro
não havia entre os seguidores de Eneias, nem envergou armas troianas,
um rapazinho que evidenciava no rosto os primores de uma juventude ainda imberbe.
Havia entre eles um amor singular e era lado a lado que corriam para o combate;[136]
naquele momento, estavam de guarda a uma porta, em posto partilhado.
Niso diz: «Serão acaso os deuses a pôr este ardor em nossos corações,

[136] Para uma melhor compreensão de todo o passo cuja narrativa começa aqui convém ter presente o episódio das corridas, no livro V (315-361), onde se desenha, pela primeira vez, a relação entre os dois guerreiros.

ó Eurílalo, ou em cada um se torna deus o seu terrível desejo?
Ou um combate ou algo de grandioso há muito o meu coração
me incita a empreendê-lo e não se sente feliz neste quieto sossego.
Bem vês como a confiança toma conta dos Rútulos:
as fogueiras cintilam a espaços; entorpecidos pelo sono e pelo vinho,
estão estendidos por terra; o lugar alonga-se de silêncio. Escuta, então,
o que estou a matutar e o plano que me vai despontando no espírito.
Todos reclamam que se chame Eneias, povo e pais,
e que se enviem emissários a dar-lhe conta do que se passa.
Se prometerem o que peço para ti (pois, a mim, a glória
de meu feito me basta), parece-me poder achar na base daquele outeiro
um caminho até aos muros e à cidade de Palanteu.»
Espantou-se, tocado pelo grande desejo de glória,
Eurílalo e de pronto responde com estas palavras ao ardor do amigo:
«Estás, então, a evitar juntar a minha companhia em tão altos feitos,
ó Niso? É sozinho que tenho de enviar-te para tamanhos perigos?
Não foi assim que o meu pai, Ofeltes, acostumado a guerras,
ao criar-me entre o terror de Argos e os padecimentos de Tróia,
me educou e não foi assim que procedi contigo,
ao seguir o magnânimo Eneias e seus derradeiros fados:
tenho aqui, tenho um coração que despreza a luz e que acredita
que essa glória que ambicionas se pode comprar por bom preço com a vida.»
Niso retorquiu: «Por certo não era isso que de ti receava,
nem seria justo; não seja a tal preço que me traga de volta a ti, triunfante, o grande
Júpiter ou quem quer que olhe esta empresa com olhar propício.
Mas se alguém (tu bem vês quanto importa tal decisão),
se alguém me levar à desventura, seja o acaso, seja um deus,
é meu desejo que sobrevivas; mais merecedora de vida é a tua idade.
Redimido em combate ou resgatado a troco de paga,
haja quem me confie à terra; ou, se o golpe costumeiro da Fortuna o impedir,
me preste, mesmo ausente, honras fúnebres e me conceda sepulcro.

Não seja eu para tua pobre mãe causa de tamanha dor,
ela que foi a única de muitas mães, ó rapaz, que ousou
seguir-te e não deu importância às muralhas de Acestes.»
Mas ele replica: «É em vão que alinhas argumentos inúteis,
e a minha decisão não se altera e permanece firme.
Apressemo-nos.» Ao mesmo tempo, acorda as sentinelas,
que os rendem e assumem as suas vezes; deixa o posto
e caminha na companhia de Niso e dirigem-se à presença do rei.

O resto dos seres vivos, em toda a terra, aliviava no sono
seus cuidados e os corações esquecidos de canseiras;
os principais chefes dos Troianos, guerreiros de eleição,
deliberavam sobre os altos assuntos do reino:
que haviam de fazer, quem deveria levar já a mensagem a Eneias.
Perfilam-se de pé, apoiados em longas lanças e segurando os escudos,
no meio do campo e da parada. Então, Niso e, com ele,
Eurílalo, pedem com insistência para serem recebidos de imediato;
que o assunto era de monta e valia a demora que causava. Primeiro, foi Iulo
que os acolheu, inquietos, e ordenou a Niso que falasse.
Então, assim falou o filho de Hírtaco: «Escutai de coração propício,
ó gente de Eneias, e não seja levado em conta da nossa idade
o que vos trazemos. Os Rútulos, entorpecidos pelo sono e pelo vinho,
emudeceram; nós descobrimos um lugar talhado para surpresas,
que se desdobra na bifurcação da porta que fica junto ao mar;
há ali um intervalo nas fogueiras, e um fumo negro eleva-se
nos ares; se nos permitirdes fazer uso da sorte
para ir em busca de Eneias e da cidade de Palanteu,
em breve haveis de vê-lo aparecer aqui, com despojos
e depois de consumada enorme chacina. E não falta trilho a nosso caminhar:
vimos, do fundo dos vales cobertos de sombras, o começo da cidade,
nas nossas frequentes caçadas, e conhecemos todo o curso do rio.»

Aqui, do peso dos anos e do seu espírito experiente, falou Aletes:
«Deuses pátrios, de cujo poder depende sempre Tróia,
não vos aprontais para arrasar totalmente os Teucros,
quando uma tal coragem nos jovens e uma tal firmeza nos corações
produzistes.» Assim falando, segurava pelos ombros e pelas mãos
a ambos e encharcava de lágrimas rosto e face.
«Que prémios diria eu que vos podem ser concedidos, que prémios
dignos de tais merecimentos? Os mais belos, antes de mais,
os darão os deuses e vossa virtude; então, os restantes os concederá,
sem demora, o piedoso Eneias, e Ascânio, ainda não tocado dos anos,
não se esquecerá jamais de tamanhos méritos.»
«Pelo contrário, eu, que só graças a meu pai pude ser trazido à vida,»
prossegue Ascânio, «pelos grandes Penates, ó Niso,
e pelo Lar de Assáraco e pelo santuário da alva Vesta,
eu o juro: seja qual for a minha fortuna e a minha confiança,
deposito-as em vosso seio; chamai de volta meu pai,
trazei de volta sua presença; nenhuma tristeza haverá depois de o reavermos.
Dar-vos-ei duas taças, todas feitas de prata e gravadas
com altos relevos, que o meu pai recolheu na derrota de Arisba,
e duas trípodes, dois grandes talentos de ouro,
um vaso antigo que ofereceu Dido, de Sídon.
Mas, se conquistar Itália e apoderar-me do ceptro
isso me couber em sorte, como vencedor, e ditar o destino do espólio,
viste o cavalo que Turno montava, as armas com que seguia,
a resplandecer de ouro; esse mesmo, o escudo e o penacho rubro,
vou tirá-los à parte das sortes e serão, desde logo, o teu prémio, ó Niso.
E mais: há-de dar-te meu pai duas vezes seis corpos, de primeira escolha,
de mulheres e prisioneiros, e as respectivas armas com todos eles,
e, mais ainda, o território que o rei Latino em pessoa possui.
E a ti, de quem por minha idade me aproximo com maior vizinhança,
rapaz merecedor de respeito, desde já em todo o meu coração

te acolho e abraço-te como companheiro em todas as circunstâncias.
Em meus feitos, nenhuma glória buscarei sem ti;
quer seja obreiro de paz, quer de guerra, terei a maior confiança em ti,
em actos e em palavras.» Em troca lhe respondeu tais palavras
Euríalo: «A mim, que dia algum me acuse de não estar à altura
de tão destemidas ousadias; basta-me a fortuna que me couber,
propícia ou adversa. Mas a ti, acima de todas as recompensas,
uma somente eu peço: tenho minha mãe, da antiga família de Príamo,
pobre dela, que não conseguiu retê-la Ílion,
quando eu partia, nem as muralhas do rei Acestes.
A ela, deixo-a eu, agora, na ignorância deste risco, qualquer que ele seja,
e sem dela me despedir — a noite é minha testemunha
e a tua mão — por não ser capaz de suportar o pranto de uma mãe.
Mas tu, eu te peço, conforta-a na sua fragilidade e acode-lhe no seu abandono.
Consente-me que tal esperança leve de ti: partirei com maior ousadia
rumo a todos os desfechos.» Tocados no coração, caíram em pranto
os Dardânidas, acima de todos o formoso Iulo,
e angustia-lhe o coração a imagem do amor do pai.
Então, assim ele fala:
"Promete quanto for digno da grandeza do empreendimento,
pois eu a terei na conta de minha mãe, e só o nome de Creúsa
lhe há-de faltar, e não é graça pequena que a um parto assim
está guardada, qualquer que seja o desfecho ou o feito que se seguirem;
juro por esta cabeça, pela qual já antes meu pai costumava jurar:
o que te prometo no teu regresso e se as coisas correrem de feição,
tudo isto ficará à tua espera com tua mãe e tua família.»
Assim diz entre lágrimas e logo tira de seu ombro a espada
trabalhada a ouro, que, com arte admirável, tinha feito Licáon,
de Gnossos, e a tinha ajustado na perfeição à bainha de marfim.
A Niso, Mnesteu dá-lhe uma pele e os despojos de um leão
de pelo espetado, troca com ele o elmo o fiel Aletes.

De pronto, munidos de armas, põem-se a caminho; acompanha-os na partida,
até à porta, o grupo dos notáveis, jovens e anciãos,
com seus votos. E também o formoso Iulo,
a dar mostras, antes da idade, de coragem e inquietação de um homem,
confiava-lhes muitas mensagens para levarem a seu pai; mas as brisas
tudo fazem em farrapos e em vão o entregam às nuvens.

Depois de saírem, passam os fossos e, a coberto das sombras da noite,
rumam a campo inimigo, mas, antes, haveriam de ser para muitos
a perdição. Aqui e ali avistam corpos espalhados na erva,
por força do sono e do vinho, carros na praia, de timão espetado,
guerreiros pelo meio de rédeas e rodas, e, caídos por ali, ora armas,
ora odres de vinho. Primeiro, o filho de Hírtaco assim falou:
«Eurílalo, há que ter mão ousada! Agora, é a ocasião que convida!
É por aqui o caminho. Tu, para nenhum braço poder erguer-se contra nós
por detrás, fica de atalaia e vigia à distância;
eu vou fazer aqui razia e guiar-te por espaço de largueza.»
Assim fala e abafa a voz; e logo arremete à espadeirada contra o soberbo
Ramnete, que estava empastelado, por acaso, em cima de um montão
de tapetes e soprava a plenos pulmões o sono,
ele próprio um rei e o áugure mais caro ao rei Turno;
mas não foi capaz, com seus augúrios, de arredar a desgraça.
Logo ao lado, cai sobre três dos seus servos, que dormiam, descuidados, no meio
das armas,
e sobre o escudeiro de Remo e sobre o cocheiro, que surpreendeu
aos pés dos próprios cavalos e corta-lhe com a lâmina o pescoço reclinado;
depois, arranca a cabeça ao próprio amo e deixa-lhe o tronco
a golfar sangue; ficam encharcados e mornos de sangue e negrume
terra e leitos. E, mais ainda, Lámiro e Lamo
e o jovem Serrano, que passara a maior parte da noite
no jogo, homem de especial beleza, jazia-lhe o corpo por terra,

vencido pelo excesso do deus;[137] afortunado seria, se tivesse prosseguido
o jogo, para igualar o tempo da noite, e o levasse até ao romper do dia.

Qual leão esfomeado que lança o alvoroço num redil cheio de ovelhas
(o desatino da fome o assanha) e retalha e arrasta
o rebanho manso e emudecido de medo, e ruge, a boca a escorrer sangue.
E não é menor a chacina feita por Eurílalo; inflamado, também ele
é arrebatado pela fúria e de caminho acomete uma vasta multidão sem nome,
Fado e Herbeso e Reto e Ábaris,
que nem se deram conta; Reto estava alerta e tudo via,
mas, cheio de pavor, escondeu-se atrás de um enorme vaso;
ali mesmo ao pé, enterrou-lhe em pleno peito a espada,
quando ele se erguia, e recolheu-a com a morte bem consumada.
Ele vomita um bafo vermelho e, ao morrer, cospe
vinho misturado com sangue; então, inflamado por este ardil, mais se encarniça.
E caminhava já para os companheiros de Messapo; aí, dava conta
de que o resto das fogueiras se apagava, e os cavalos, presos como era usança,
pastavam a erva, quando Niso disse estas breves palavras
(pois pressentiu estarem a ser levados por excessivo desejo de chacina):
«Paremos por aqui, visto estar a chegar o dia, que nos é adverso.
Já punimos quanto baste; fica aberto caminho pelo meio dos inimigos.»

Deixam para trás obras sem conta de prata maciça,
armas e vasos e também belos tapetes.
Eurílalo deita mão das fáleras de Ramnete e do boldrié
com tachas de ouro, que outrora o riquíssimo Cédico enviou
de presente a Rémulo de Tíbur, quando, na sua ausência, se lhe ligou
por laços de hospitalidade; ele, ao morrer, deu-o ao neto;
depois da sua morte, os Rútulos dele se apoderaram em guerras e combates;

[137] Baco, o deus do vinho.

deita-lhe mão e a seus ombros robustos em vão o ajusta.
Então, o elmo de Messapo, ligeiro e ornado de cristas,
ele o enverga. Deixam o campo e buscam lugar seguro.

Entretanto, cavaleiros mandados adiante e vindos da cidade latina,
enquanto o resto da legião, em formatura, se retarda no campo,
seguiam caminho e levavam ao rei Turno respostas do rei;
trezentos, todos com escudos, sob o comando de Volcente.
Estavam já perto do campo e achegavam-se à muralha,
quando os avistam ao longe a desviarem-se à esquerda,
e o elmo, na sombra mal iluminada da noite, traiu Eurílalo,
que dele se esquecera e, ao ser atingido por raios de luz, reflectia-os.[138]

Não foi à toa que viram. Grita, do meio das tropas, Volcente:
«Alto aí, gente! Qual a razão da jornada? Quem sois vós, com essas armas?
Para onde é o caminho?» Nada eles lhe tornaram de volta,
antes apressaram a fuga para a floresta e confiaram-se à noite.
Chegam-se adiante os cavaleiros, a encruzilhadas que conhecem,
cercam daqui e dali todas as saídas com sentinelas.
Havia uma extensa floresta eriçada de moitas e azinheiras
sombrias, coberta, toda ela, de silvas cerradas;
uma vereda irregular surgia por entre trilhos escusos.
O negrume dos ramos e o peso dos despojos estorvam
Eurílalo, e confunde-lhe o medo rumo e caminho.
Niso afasta-se; e já, sem se dar a cautelas, escapara a inimigos
e aos lugares que, mais tarde, do nome de Alba, se chamaram
Albanos — tinha então ali altas pastagens o rei Latino.
Assim que estancou e em vão olhou para trás em busca do amigo ausente:
«Eurílalo desgraçado, em que sítio te deixei?

[138] Os dois amigos foram traídos pelo reflexo nos despojos de que Eurílalo, na sua ingénua juventude, se apoderou.

Ou por onde hei-de eu seguir?» Torna a fazer em sentido inverso todo o caminho sinuoso
da floresta enganosa, revendo atrás
as suas pegadas e observa-as e vagueia no silêncio dos silvados.
Escuta os cavalos, ouve o ruído e os sinais dos seus perseguidores.
E não há longo tempo de permeio até que aos ouvidos lhe chega
um clamor e vê Eurílalo, que já toda aquela patrulha,
graças à natureza traiçoeira do lugar e da noite, na confusão de súbito tumulto,
capturou e levava preso, a debater-se em vão com denodo.
Que há-de fazer? Com que força ousará resgatar o jovem?
Com que armas? Ou vai lançar-se a morrer no meio dos inimigos
e alcançar em combate uma bela morte?
Num ápice, puxa atrás o braço, a brandir a lança
e a olhar a Lua, lá no alto, assim suplica, com estas palavras:
«Tu, ó deusa, tu acode com teu apoio a meu esforço,
honra das estrelas e guardiã dos bosques, ó filha de Latona.
Se um dia alguma oferenda a teus altares por mim te levou
meu pai Hírtaco, se eu mesmo a acrescentei com minhas caçadas
ou a deixei dependurada na abóbada do templo ou a prendi nos sagrados pináculos,
consente-me desnortear esta gente e conduz minha lança pelos ares.»

Falou; e, com o esforço do corpo inteiro, arremessa
o ferro. A lança em seu voo fende as sombras da noite
e chega directa ao escudo de Sulmão e aí
se crava e pela brecha da madeira atinge-lhe o coração.
Ele revolve-se, vomitando do fundo das entranhas uma golfada quente
e, já enregelado, sacode o corpo em prolongados estremeções.
Olham em volta. Mais aguerrido por este sucesso, eis que ele
sopesava um outro dardo à altura das orelhas.
Enquanto reina a agitação, voa a lança até Tago, a assobiar por ambas as têmporas,
atravessa-lhe o cérebro e fica cravada em morno aconchego.

Arde de fúria o temível Volcente e não vislumbra em parte alguma
o responsável pelo arremesso, nem onde pode descarregar sua raiva.
«Mas tu, entretanto, com teu sangue quente, vais pagar
teu castigo por ambos» — assim diz; e logo desembainha a espada
e volta-se contra Euríalo. Mas nesse momento, apavorado, em desvario,
começa Niso aos gritos e não consegue resguardar-se na penumbra
por mais tempo ou suportar tamanha dor:
«A mim! A mim! Aqui estou eu, o responsável; voltai contra mim vossas espadas,
ó Rútulos! Todo o ardil foi obra minha, e nada esse aí ousou,
nem seria capaz; tomo céu e astros, que bem o sabem, por testemunhas;
esse apenas amou em excesso um amigo desventurado.»
Tais palavras proferia, mas a espada, desferida com força,
atravessa as costas e rasga a alvura do peito.
Revolve-se Euríalo na morte e por seu corpo formoso
escorre o sangue, e o pescoço desfalecido tomba sobre os ombros:
como a flor de púrpura, quando, ceifada pelo arado,
murcha e morre, ou as papoilas, de caule vergado,
deixam tombar a cabeça, quando a chuva, porventura, lhes pesa.
Mas Niso corre para o meio deles e, por entre todos, só
a Volcente procura, só em Volcente se fixa.
Amontoados à volta dele, os inimigos, por um e outro lado o repelem,
corpo a corpo. Não menos se encarniça ele e volteia a espada
a faiscar, até que a enterra bem na boca do Rútulo que berrava
diante dele e, ao morrer, roubou a vida ao inimigo.
Então, sobre o amigo desfalecido ele se lançou,
trespassado, e aí alcançou, enfim, repouso na serenidade da morte.

Bem aventurados ambos! Se algum poder tem meu canto,
dia algum vos apagará da memória dos tempos,
enquanto a mansão de Eneias estiver assente na rocha imóvel
do Capitólio e o pai romano conservar seu poder.

Triunfantes, os Rútulos deitaram mão do troféu e dos despojos
e, entre lágrimas, transportavam para o campo Volcente já sem vida.
E não é menor a dor no campo, ao acharem Ramnete
exangue e tantos notáveis dizimados num mesmo massacre,
Serrano e Numa. Grande é o tropel até junto dos corpos
e dos guerreiros meio mortos e do lugar ainda morno da chacina
acabada de ocorrer e dos rios a espumar do caudal de sangue.
Reconhecem entre eles os despojos, o elmo reluzente
de Messapo e as fáleras recuperadas com tanto suor.

E já o nascer da Aurora espalhava sobre a terra nova luz,
deixando o leito fulvo de Titão;
já o sol tinha irradiado, já a luz tudo pusera a descoberto,
Turno chama às armas os guerreiros, ele próprio carregado de armas,
e os esquadrões revestidos de bronze; cada um reúne os seus
para o combate, e atiçam com rumores variados a raiva.
E mais, levam espetadas na ponta de lanças — coisa triste de ver! —
as cabeças de Niso e Euríalo
e seguem atrás com imensa gritaria.

Os duros homens de Eneias colocaram, na parte esquerda da muralha,
a força de defesa (pois a direita é cercada pelo rio)
e ali possuem enormes fossos e ficam em altas torres,
de semblante carregado; e logo avançavam as cabeças espetadas dos guerreiros,
bem conhecidas daqueles infelizes, e a escorrer um sangue negro.

Entretanto, voando, rápida, pela cidade transida de medo,
corre a Fama, portadora de novas, e chega aos ouvidos da mãe
de Euríalo. E o calor abandonou, súbito, os ossos da pobre mulher,
caiu-lhe das mãos o fuso e embrulhou-se-lhe a lã;
voa a desventurada e, com o gemido próprio das mulheres,

arranca os cabelos e corre, desvairada, para a muralha
e para a linha da frente; não se lembra de suas forças, não se lembra
do perigo e dos dardos, e dali enche o céu com seus queixumes:
«Este que vejo, ó Euríalo, és tu? Tu, o arrimo tardio
de minha velhice, foste capaz de me deixar sozinha,
com crueldade? E a ti, ao seres mandado para tamanho perigo,
não foi dada a tua pobre mãe ocasião de pela derradeira vez te falar?
Ah, em terra estranha tu jazes, oferecido como presa a cães latinos
e a pássaros! E de teus funerais, nem eu, tua mãe,
pude cuidar, nem te cerrei os olhos ou lavei as feridas,
cobrindo-te com o manto que, dia e noite, à pressa
te vinha tecendo e no tear consolava meus cuidados de anciã.
Para onde irei? Ou que terra, agora, possui teu corpo e teus membros retalhados
e teu cadáver estropiado? É isto que a mim, ó meu filho,
de ti me trazes? É isto que por terra e por mar vim buscando?
Alvejai-me, se alguma piedade possuís, contra mim lançai todos os dardos,
ó Rútulos, seja eu a primeira que exterminais à espada;
mas tu, ó grande pai dos deuses, tem compaixão e esta cabeça
que tanto odeias, despenha-a com teu dardo no fundo do Tártaro,
pois de outro modo não sou capaz de pôr fim a tão cruel vida.»
Perante este pranto, estremeceram os corações, e corre por todos
um triste gemido, entorpecem, quebradas para o combate, as forças.
Enquanto dava mais força à dor, Ideu e Áctor,
por ordem de Ilioneu e de Iulo, todo desfeito em pranto,
levam-na e em braços a conduzem de volta a casa.

Mas a tuba faz ouvir ao longe o som terrível de seu timbre de bronze,
responde-lhe um clamor, e o céu solta um rugido.
Apressam-se todos a par, com a tartaruga formada, os Volscos
e preparam-se para encher os fossos e arrasar a paliçada.
Busca uma parte uma entrada e, com escadas, escalar os muros,

lá onde é mais espaçada a guarnição e as linhas de defesa deixam entrever a luz,
por não ser tão grande a espessura de homens. Lançam contra eles
toda a sorte de dardos os Teucros e afundam-nos com varas rijas,
acostumados a defender muralhas em longa guerra.
Faziam também rolar pedras de um peso devastador, a ver se algures
seriam capazes de romper o esquadrão coberto, enquanto, porém,
por sob a densa carapaça, eles folgam e aguentam tudo quanto vai caindo.
Mas não têm força bastante, pois, onde um grupo enorme avança, ameaçador,
os Teucros rolam e fazem despenhar um rochedo descomunal
que esmaga completamente os Rútulos e desfaz a cobertura
das tropas. E não curam de continuar a combater com cego Marte
os valentes Rútulos, mas empenham-se em expulsar da paliçada
o inimigo, à custa de projécteis.
De outra banda, horrendo de ver, brandia um pinheiro etrusco
Mezêncio e lança ali chamas que fazem erguer muito fumo.
Mas Messapo, o domador de cavalos, da estirpe de Neptuno,
racha a paliçada e reclama escadas para as muralhas.

Vós, ó Calíope, eu vos suplico, inspirai a meu canto
que massacre, à força da espada, ali fez Turno, que cadáveres,
quem foi que cada um dos guerreiros enviou para o Orco,
e desenrolai comigo o imenso estendal da guerra.
[Pois bem vos lembrais, ó deusas, e sois capazes de lembrar.]

Havia uma torre, de enorme altura e com pontes altas,
em lugar estratégico, que, com o maior empenho, todos
os Itálicos porfiavam por conquistar e arrasar com a maior força
de tropas, e os Troianos, ao invés, por defendê-la, à custa de pedras,
e por desferir seus dardos através das fundas frestas.
Primeiro, lançou Turno para ali uma tocha acesa
e pegou o fogo a um dos flancos; ele, por causa do vento, com vigor

alastrou à madeira e propagou-se aos portais e consumiu-os.
Instala-se lá dentro a confusão e o tumulto, e em vão procuram
fugir à desgraça. Enquanto se concentram e se instalam atrás,
no lado que está livre do flagelo, a torre cai, de súbito, em escombros,
sob o seu peso, e todo o céu ressoa com o estrondo.
Chegam meio mortos a terra, ao cair sobre eles aquela massa imensa,
e cravejados de seus próprios dardos e de peito trespassado
por madeira rija. A custo, apenas Helenor
e Lico escaparam; o mais jovem deles, Helenor,
que a escrava Licímnia havia concebido do rei de Meónia, às escondidas,
e havia enviado para Tróia, com armas que lhe eram vedadas,
ligeiro, de espada desembainhada, e ainda sem glória, com um escudo branco.
Ele, vendo-se no meio dos milhares de Turno,
e a erguerem-se, a um lado e a outro lado, tropas, e tropas latinas,
como a fera que foi cercada de um círculo cerrado de caçadores
se assanha contra as lanças e, sem ignorar a morte,
salta para a frente e atira-se para cima dos chuços,
não de outro modo o jovem que vai morrer arremete
para o meio dos inimigos e para onde vê as lanças mais densas é que avança.
Mas, bem mais lesto de pés, Lico, por entre inimigos
e por entre armas, alcança na sua fuga a muralha e luta
por atingir o cume e tocar com a mão as mãos dos companheiros.
Persegue-o Turno, lado a lado e de lança em riste,
e fustiga-o, triunfante, com estas palavras: «Louco! Estavas à espera
de poder escapar às minhas mãos?» Ao mesmo tempo, puxou-lhe
o corpo pendurado e arrancou-o com grande parte da muralha,
qual ave escudeira de Júpiter,[139] quando arrebata uma lebre ou um cisne,
de corpo resplandecente, com as garras de suas patas, e voa para o alto,
ou o lobo feroz que rouba do estábulo o cordeiro

[139] A ave escudeira de Júpiter é a águia. O latim diz *armiger*, ou seja, "que carrega as armas"; as armas de Júpiter são os raios.

procurado pela mãe com balidos sem fim. De toda a parte um clamor
se ergue; arremessam-se para diante e enchem os fossos de terra,
os outros lançam tochas a arder contra as cimalhas.

Ilioneu abate, com uma rocha e um enorme pedaço de um monte,
Lucécio, que caminhava para a porta e carregava tochas em fogo,
Líger a Emátion, Asilas a Corineu,
um perito no uso do dardo, o outro na seta que atinge à distância,
Ceneu a Ortígio, Turno a Ceneu, quando acabava de triunfar,
Turno a Ítis e a Clónio, a Dioxipo e Prómolo
e a Ságaris e, enquanto resistia diante das altas torres, Idas;
Cápis a Priverno. A este, já antes a lança ligeira de Temilas
o tinha ferido; ele, desatinado, lançou fora o escudo
e levou a mão à ferida; daí que uma seta alada deslizou
— estava a mão agarrada ao lado esquerdo — e mergulhou bem dentro
e rasgou-lhe os respiradores da vida de um golpe fatal.
Aguentava firme o filho de Arcente, com esplêndidas armas,
clâmide bordada à agulha, a resplandecer de púrpura da Ibéria
e de particular beleza, a quem o pai, Arcente, tinha enviado,
depois de criado no bosque de Marte, em volta das águas
do Simeto, onde fica, a gotejar unto e propício a preces, o altar de Palico;
depois de pousar os dardos, Mezêncio, ele mesmo, rodou por três vezes
uma funda a assobiar em volta da cabeça, de correia esticada,
e, de frente, fendeu-lhe pelo meio em duas as têmporas com chumbo desfeito
e estendeu-o ao comprido no areal sem fim.

Então, dizem que Ascânio, pela primeira vez, disparou para o combate
uma seta ligeira, acostumado que estava a meter medo aos animais
e a pô-los em fuga, e abateu por sua mão o valente Numano,
a quem chamavam também Rémulo e que se tinha há pouco
unido por casamento a uma irmã mais nova de Turno.

Diante da linha da frente, andava ele a bradar coisas que merecem e coisas que não merecem
ser contadas, o coração inchado com a nova autoridade real,
e dava-se ares de imponência com seus gritos:
«Não tendes vergonha de estar sitiados de novo por um cerco e uma paliçada,
ó Frígios duas vezes cativos, e de à morte antepor muralhas?
Eis quem nos pede casamentos por meio de guerras!
Que deus vos trouxe até Itália? Que loucura?
Não há aqui Atridas, nem o manhoso das palavras, Ulisses,
mas uma raça de rija têmpera, desde a raiz: os filhos, começamos
por mergulhá-los no rio e fazemo-los enrijar no gelo e nas ondas;
ficam de vigília à caça, quando crianças, e batem as florestas;
seu divertimento é guiar cavalos e atirar setas com o arco.
Mas, capaz de suportar esforço e acostumada a pouco, a juventude
ou afeiçoa a terra com a gadanha ou alvoroça cidades com guerras.
Todo o tempo é gasto de ferro em punho: o dorso das reses,
aguilhoamo-lo com a ponta da lança; e o peso da velhice
não nos enfraquece a força do ânimo nem traz mudança ao vigor;
as cãs, abafamo-las com o elmo, e em todo o tempo nos apraz
trazer presas recentes e viver do saque.
A vós, roupa tingida de açafrão e refulgente de púrpura,
e moleza é o que apraz ao vosso coração e entregarem-se à dança,
e possuem largas mangas vossas túnicas e fitas os penteados.
Ó Frígias autênticas, porque Frígios não são, passeai-vos nas cumeeiras
dos Díndimos, onde a flauta vos dá a melodia de duplo tubo, a que estais acostumados.
Os tímpanos vos chamam e a flauta de buxo berecíntia, da Mãe
do Ida: deixai as armas aos homens e vergai-vos ao ferro.»

Despejar tais insultos com estas palavras e proferir tais enormidades
não o tolerou Ascânio e, postado de frente para ele, ajustou uma seta

na corda de crina de cavalo e, puxando os braços em sentidos opostos,
firmou a pontaria, implorando antes a Júpiter com preces de suplicante:
«Júpiter omnipotente, favorece a audácia a que me atrevo.
Eu mesmo te hei-de levar a teus templos solenes oferendas
e apresentar diante de teus altares um touro de fronte doirada,
de resplandecente alvura, que já ergue a cabeça par a par com a mãe
e contende já com seus chifres e espalha com seus cascos a areia.»
Escutou-o o pai e, de uma banda calma do céu,
fez ouvir seu trovão, à esquerda; ao mesmo tempo soa o arco fatal.
A seta, puxada atrás, sai com um silvo horrendo
e atinge a cabeça de Rémulo e trespassa com seu ferro as têmporas,
bem no fundo. «Vá, troça da coragem com palavras fanfarronas!
Os Frígios duas vezes cativos é esta a resposta que tornam aos Rútulos.»
Só isto diz Ascânio. Os Teucros acompanham-no com algazarra
e vibram de alegria e erguem os corações para o céu.

De uma planura lá do alto, Apolo de longa cabeleira
observava, então, por acaso, os exércitos de Ausónia e a cidade,
sentado numa nuvem, e com estas palavras fala ao triunfante Iulo:
«Glória à nova valentia, rapaz! Assim se vai até às estrelas,
ó descendente de deuses e que terás deuses na descendência.[140] De direito, todas as guerras
vindouras, sob a raça de Assáraco se apaziguarão, a mando do Fado,
e não ficas cativo de Tróia.» Assim que diz estas palavras, do alto
do céu ele se lança e afasta o sopro dos ventos
e dirige-se a Ascânio. Muda, então, a sua figura
para a do velho Butes; este tinha sido escudeiro
do Dardânio Anquises e guardião fiel de suas portas;
então, o pai o colocou na companhia de Ascânio. Seguia Apolo,

[140] De novo uma subtil divinização de César e de Augusto.

em tudo semelhante ao ancião, a voz e o tom da pele
e os cabelos brancos e o assustador tilintar das armas,
e com estas palavras fala ao fogoso Iulo:
«Que te seja bastante, ó filho de Eneias, ter abatido com tuas setas
Numano, sem nada te suceder; esta primeira glória, o grande Apolo
ta concedeu e não tem inveja de serem iguais às dele as armas;
de ora em diante, ó jovem, aparta-te da guerra.» Assim começando,
deixou Apolo a figura de mortal a meio da conversa,
e longe se desvaneceu do olhar para as brisas inconsistentes.
Reconheceram o deus os chefes dardânidas e as setas divinas
e, na sua retirada, ouviram o tinir da aljava;
e logo, ante as palavras e as ordens de Febo, proíbem a Ascânio
a avidez de combater; eles próprios retornam de novo à refrega
e lançam suas vidas em manifesto perigo.

Corre a gritaria pelos baluartes na muralha inteira,
retesam os arcos implacáveis e fazem girar as correias das lanças.
Fica toda a terra juncada de setas, e logo escudos e elmos,
com suas cavas, entrechocam e atroam, o combate recrudesce, intenso,
tanto quanto, ao vir de Oriente, sob acção dos chuvosos Cabritos,[141]
a tormenta flagela a terra, ou quanto nuvens carregadas de granizo
se abatem sobre o mar, quando Júpiter, encrespado dos Austros,
rodopia a borrasca de águas mil e rasga nuvens cavadas no céu.

Pândaro e Bícias, filhos de Alcanor, do Ida,
que no bosque consagrado a Júpiter criou a silvestre Iera,
jovens com o porte dos abetos de sua pátria ou das montanhas,
reabrem a porta que lhes fora dada a guardar, por ordem do chefe,
confiados em suas armas, e, mais ainda, atraem às muralhas o inimigo.

[141] Estrelas da constelação do Cocheiro.

Eles, no interior, à esquerda e à direita, a fazer a vez de torres, aguentam, de pé firme,
armados de ferro, um penacho a serpentear nas cabeças de gigante,
quais, lá no alto, junto à corrente dos rios,
seja nas margens do Pó, seja ao longo do Ádige ameno,
sobressaem dois carvalhos e erguem até ao céu a cabeça
de ramagem nunca podada e acenam do pico de seus cumes.

Irrompem os Rútulos, assim que viram as portas abertas,
de uma assentada Quercente e Aquícolo, belo de armas em punho,
e Tmaro, de ânimo impetuoso, e o filho de Marte, Hémon,
com seus esquadrões inteiros; ou foram repelidos e voltaram costas
ou deixaram a vida no próprio limiar da porta.
Então, mais se avoluma a fúria nos espíritos já de si divergentes,
e já os Troianos se reúnem e concentram nesse mesmo lugar
e vão ousando ir à luta e avançar mais além.

Ao comandante das tropas, Turno, que dava largas à fúria noutro lugar
e desbaratava guerreiros, é levada a notícia de que o inimigo
se encarniça em nova razia e escancara as portas de par em par.
Deixa o que começara e, inflamado por raiva desmedida,
acorre à porta dardânia e aos dois irmãos altaneiros.
E, em primeiro lugar, Antífates (foi ele o primeiro a avançar),
bastardo de mãe tebana e do enorme Sarpédon,
prostrou-o por terra com um dardo que lançou; voa a lança itálica
pelo ar macio, crava-se no ventre e mergulha até ao fundo
do peito; torna de volta o buraco do negro golpe uma onda
de espuma, e o ferro, no pulmão trespassado, vai ficando morno.
Depois Mérope e Erimanto, ele os abate por sua mão, depois Afidno,
depois Bícias, de olhos em brasa e coração a tremer,
não por obra de um dardo, pois por um dardo não entregaria ele a vida;
mas surgiu uma falárica, a rodar com silvo assustador,

lançada ao jeito de um raio, e nem as duas camadas de pele de boi
nem a fiel armadura enlaçada de dupla malha e de ouro
foi capaz de a suster; desaba e tomba o corpo gigantesco,
a terra solta um gemido e cai-lhe em cima com estrondo o escudo — enorme.
Assim na praia eubeia de Baias cai por vezes
um pilar de pedra que, antes, haviam construído com blocos
e lançado no mar, assim ele se vai inclinando e logo resvala
na queda e por completo se desmorona e mergulha no abismo,
o mar revolve-se em turbilhão, e areias negras vêm ao de cima,
e, então, com o estrondo, tremem a alta Próquita e Inárime,
penoso aposento imposto a Tifeu por mando de Júpiter.

Aqui, Marte, senhor da guerra, revigorou ânimo e forças
nos Latinos, volteou-lhes no fundo do coração seus ferretes aguçados
e entre os Teucros espalhou a Fuga e o Medo sombrio.
Convergem de toda a parte, pois têm ao dispor fartura de combates,
e o deus da guerra se lhes instalou no coração.
Pândaro, quando avista o irmão de corpo prostrado
e vê para onde se encaminha a Fortuna, que desfecho se prepara,
com força enorme faz rodar a porta para trás sobre os gonzos,
firmando nela os vastos ombros, e deixa muitos dos seus
do lado de fora das muralhas em apertado combate,
mas, a outros, fecha-os consigo e acolhe os que vêm correndo;
incauto, que não viu no meio das tropas o rei rútulo
a romper caminho; e mais, encerrou-o na cidade,
como se fora um tigre enorme entre ovelhas indefesas.
De pronto uma luz nova lhe brilhou nos olhos, e as armas
tiniram com som horrendo, estremecem no cimo da cabeça os penachos
cor de sangue, e de seu escudo lança raios cintilantes.
Reconhecem o rosto odioso e o corpo enorme
os homens de Eneias, tomados de súbita convulsão. Então, o gigantesco Pândaro

lança-se para diante e, a arder de fúria pela morte do irmão,
clama: «Não é este o palácio que Amata te prometeu em dote,
nem é o centro de Árdea que envolve, nos muros de seus pais, Turno.
São campos inimigos que vês, nenhum recurso tens para sair daqui.»
A sorrir-lhe de coração tranquilo, responde Turno:
«Começa lá, se algum valor tens no coração, e mede forças comigo!
Aqui também (poderás contá-lo a Príamo) encontraste um Aquiles.»
Acabara de falar. Ele faz girar, com toda a violência,
uma azagaia tosca, cheia de nós e com a casca por tirar:
acolheram-na os ventos; o golpe, a satúrnia Juno
o desviou, quando o atingia, e a azagaia cravou-se numa porta.
«Mas não vais escapar a esta lança que a minha mão faz voltear,
pois não é desse género o senhor desta lança e deste golpe.»
Assim falou e ergueu-se alto de espada em riste
e rachou-lhe ao meio a fronte, com o ferro, entre as duas têmporas
e entre as queixadas imberbes, em golpe descomedido.
Fez-se um estrondo, tremeu, sacudida pelo peso imenso, a terra;
o corpo desfalecido e as armas ensanguentadas no cérebro,
estende-os pelo chão ao morrer, e, em metades iguais,
pende-lhe, daqui e dali, de um e outro ombro, a cabeça.
Fogem para trás, a tremer de medo, os Troianos,
e se logo ali tivesse acorrido ao vencedor a ideia
de quebrar as trancas por suas próprias mãos e meter portas adentro os companheiros,
teria sido aquele o dia derradeiro da guerra e do povo.
Mas a fúria e a sede desatinada de massacre levaram-lhe
o desvario contra quem tinha diante.

Primeiro, abate Fáleris e Giges, cortando-lhes os jarretes;
e logo lhes arranca as lanças e arremessa-as pelas costas,
contra os que fugiam; Juno propicia-lhe forças e ânimo.

Serve-lhes de companhia Hális e Fegeu, trespassando-lhe o escudo,
a seguir, alheios a tudo e a incitar a Marte nas muralhas,
Alcandro e Hálio e Noémon e Prítane.
A Linceu, que se postava contra ele e chamava os companheiros,
toma-lhe a direita do alto de um cabeço e põe toda a força na espada
fulminante — de um só golpe, tão perto, decepou-lhe
a cabeça com o elmo e lançou-os bem longe; então, a Âmico,
dizimador de feras — não havia outro mais hábil do que ele
a untar as setas com sua mão e a armar o ferro de veneno —
e Clício, filho de Éolo, e a Creteu, amigo das Musas,
Creteu, companheiro das Musas, que a todo o tempo
tinha no coração o canto e a cítara e dedilhar ritmos nas cordas
e a todo o tempo cantava cavalos e armas de guerreiros e combates.

Finalmente, os chefes teucros, ao ouvirem o massacre dos seus,
acorrem ali, Mnesteu e o destemido Seresto,
e vêem os companheiros em debandada e o inimigo dentro.
E Mnesteu exclama: «Para onde é essa fuga? Para onde correis?
Que outras muralhas tendes, que outra cidade já mais longe?
Um homem só, ó cidadãos, e cercado a toda a volta
de vossas paliçadas, tamanha destruição pôde consumar, impune,
cidade fora? Tantos dos mais nobres guerreiros pôde enviar para o Orco?
E de uma pátria desventurada e dos antigos deuses
e do grande Eneias, ó mandriões, não tendes pena nem vergonha?»

Inflamados por tais palavras, ganham brio, cerram fileiras
e resistem. Turno, pouco a pouco, afasta-se do combate
e dirige-se para o rio e para o lado rodeado pela água;
com mais vigor se voltam para aqui os Teucros, com enorme gritaria,
e reúnem forças. Qual turba, quando persegue um leão enfurecido
com lanças ameaçadoras, mas ele, acossado,

assanhado e de olhar terrível, recua atrás, mas voltar costas
não lho consentem a raiva e a bravura, nem mesmo avançar
lhe é possível, por muito que o queira, por entre lanças e homens,
não de outro modo, indeciso, torna Turno atrás seus passos,
lentos, e o coração ferve-lhe de raiva.
Mais ainda, por duas vezes se lançara no meio dos inimigos,
por duas vezes fez recuar as tropas em confusa debandada ao longo dos muros;
mas toda a força converge do campo, num atropelo, contra ele apenas,
e nem a satúrnia Juno contra tais forças tem ousadia
que baste; é que Júpiter mandou descer do céu a aérea Íris,[142]
a levar a sua irmã[143] ordens nada brandas,
se Turno não deixasse as altas muralhas dos Teucros.
Portanto, não consegue o guerreiro resistir apenas com o escudo
e com sua mão, de tal forma é acossado de todo o lado com setas
que contra ele disparam. Ressoa o tinir constante do elmo
em volta das fundas têmporas e o bronze rijo faísca ao bater das pedras,
é-lhe arrancado o penacho da cabeça, já não lhe basta o escudo
face aos golpes. Dobram os Troianos os golpes das lanças,
e o próprio Mnesteu, fulminante; então, escorre-lhe suor
por todo o corpo, e torna-se um rio de pez (já nem respirar pode),
um halo penoso sacode-lhe o corpo cansado.

Então, por fim, com um salto em frente, atirou-se com todas as armas
ao rio. Ele acolheu em seu loiro turbilhão
aquele que lhe chegava e ergueu-o na mansidão de suas águas
e a seus companheiros, feliz e lavado do massacre, o devolveu.

---

[142] Não deixa de ser interessante que Íris, uma das habituais mensageiras de Juno, na *Eneida*, seja, aqui, a mensageira de Júpiter, para levar a Juno as suas ordens.

[143] Juno era esposa, mas também irmã de Júpiter.

Livro X

Abre-se, entretanto, a mansão do todo poderoso Olimpo,
e chama a conselho o pai dos deuses e rei dos homens,
na morada dos astros, de onde contempla, lá do alto, todas as regiões
da terra e o campo dos Dardânidas e os povos latinos.
Tomam assento na sala de duplos portais, e ele dá início:
«Poderosos habitantes do céu, mas porque tornastes atrás
vossa disposição e combateis apenas com ódio no coração?
Tinha eu enjeitado que Itália se coligasse em guerra contra os Teucros.
Que discordância é essa, contra o que foi proibido? Que temor induziu
seja uns, seja outros a seguir a via das armas e a empunhar as espadas?
Há-de chegar o tempo justo para a guerra — não queirais antecipá-lo —
quando a feroz Cartago sobre os baluartes romanos lançar, um dia,
imensa razia e sobre os Alpes devassados:[144]
então, combater com ódio, então, saquear haveres, isso será consentido.
Agora, parai e ponde de pé, com gosto, o pacto que me aprouve.»

Júpiter assim disse em breves palavras; mas Vénus, da cor do oiro,
não com breves palavras retorquiu:
«Ó pai, ó poder eterno sobre homens e coisas
(pois que outro poder haverá que possamos já implorar?),

---

[144] Referência profética às guerras púnicas e à campanha cartaginesa em solo itálico. Sublinhe-se a confirmação, por voz do pai dos deuses, da maldição de Dido, no momento derradeiro.

vês bem como nos afrontam os Rútulos, e Turno, vistoso
em seus cavalos, se passeia pelo meio das tropas e, inchado dos favores
de Marte, vai avançando? A protecção das muralhas não é já segurança para os Troianos:
mais ainda, é portas adentro e nos próprios torreões das muralhas
que se enredam os combates e inundam de sangue os fossos.
Eneias, sem nada saber, está longe. Será que nunca vais consentir
que se levante o cerco? Uma vez mais um inimigo acomete as muralhas
de uma Tróia nascente e também um outro exército,
e uma vez mais se levanta contra os Teucros, vindo de Arpos da Etólia,
o filho de Tideu.[145] Por certo, creio, mais feridas me esperam,
e eu, que sou tua filha, vou aguardando golpes vindos de mortais.
Se, sem o teu favor e contra tua vontade, os Troianos
rumaram a Itália, que paguem o seu crime e não mais
os protejas com teu auxílio; se, ao invés, cumpriram tantas respostas
que lhes iam dando deuses do alto e manes, porquê, agora, pode alguém
inverter tuas ordens ou porquê determinar novos fados?
Para quê relembrar a frota incendiada nas praias do monte Érix,
para quê o rei das tormentas e os ventos em fúria
desencadeados da Eólia ou Íris posta em acção entre as nuvens?
Agora, até os manes põe em campo (este o lance da história que restava
por tentar) e, invadindo, de súbito, regiões do mundo superior,
Alecto instalou o desatino pelo meio das cidades de Itália.
Em nada me movem razões de poder; tivemos essa esperança,
enquanto a fortuna se manteve; que vença quem tu preferes que vença.
Se região alguma existe que queira dar aos Teucros tua esposa,
na sua malvadez, pelas ruínas fumegantes da destruição de Tróia, ó pai,

[145] Diomedes. Combatera em Tróia, do lado grego, e pretendem os Latinos que volte a estar entre a coligação itálica, contra Eneias.

eu te suplico: que seja consentido livrar, incólume, dos combates
Ascânio, que seja consentido que sobreviva meu neto.
Eneias há-de, sem dúvida, vir a jazer em águas desconhecidas
e, seja qual for o rumo que a Fortuna lhe determinar, há-de segui-lo;
àquele, possa eu protegê-lo e arrancá-lo aos tenebrosos combates.
Possuo eu Amatunte, possuo a alta Pafos e Citera
e a casa de Idália; depostas as armas sem glória,
que ele passe aí a vida. Determina que, com enorme poderio,
Cartago esmague a Ausónia; daí, nenhum obstáculo virá
às cidades tírias. De que serviu escapar ao flagelo da guerra
e escapar por entre as chamas argólicas
e consumir até ao fim tantos perigos do mar e da terra imensa,
enquanto o Lácio e a repetição de Pérgamo os Teucros os vão buscando?
Não teria sido melhor quedarem-se nas derradeiras cinzas da pátria
e no solo onde existiu Tróia? O Xanto e o Simoente,
devolve-lhos, eu te suplico, e aos desventurados Teucros, concede-lhes
reviverem os infortúnios ilíacos.» Então a régia Juno,
tomada de fúria desmedida: «Porquê meu fundo silêncio me obrigas
a romper e a tornar pública uma dor que mantinha resguardada?
Eneias, alguém de entre homens ou deuses o forçou
a seguir o caminho da guerra ou a lançar-se, hostil, contra o rei Latino?
Rumou a Itália por obra dos fados — pois que seja —
impelido pelos delírios de Cassandra; acaso fomos nós que o exortámos
a deixar a guarnição ou a entregar a vida aos ventos?
Acaso a confiar a um rapazinho o encargo da guerra? Acaso as muralhas?
E a desassossegar a boa fé tirrena e povos pacíficos?
Que deus, que poder cruel de nossa parte o levaram a esse engano?
Onde está Juno nessa trama ou Íris, mandada descer das nuvens?
É uma vilania que os Itálicos cerquem de chamas uma Tróia
a nascer e que estabeleça morada em sua terra pátria Turno,
que tem por avô Pilumno, que tem a divina Venília por mãe!

Então e que os Troianos, com tochas de negrume, lancem a violência contra os Latinos
e dominem campos alheios com seu jugo e saqueiem à vontade?
Então e escolherem sogros e arrancarem ao seio dos seus mulheres prometidas,
pedirem a paz, de mão estendida, e espetarem, na frente das popas, armas?
Tu podes subtrair Eneias às mãos dos Gregos
e, no lugar do guerreiro, apresentar uma nuvem e ventos que nada são[146]
e podes converter a frota em outras tantas ninfas;
mas eu, pelo contrário, levar algum socorro aos Rútulos, isso é crime?
Eneias de nada sabe e está longe; pois que de nada saiba e continue longe.
Tu possuis Pafo e Idálio, possuis a alta Citera;
porque atacas uma cidade prenhe de guerras e corações rudes?
Nós, afundar a pique a sorte frouxa da Frígia, acaso somos nós
que o tramamos? Nós ou aquele que pôs os desgraçados Troianos
à mercê dos Aqueus?[147] Qual a razão por que se levantaram em guerra
Europa e Ásia e se romperam alianças por obra de um rapto?
Foi às minhas ordens que um Dardânio adúltero tomou de assalto Esparta
ou fui eu que lhe dei armas e aticei a guerra com as de Cupido?
Nesse momento, ficava-te bem temeres pelos teus; agora, acordas tarde
com queixas injustas e são inúteis as acusações que lanças.»

Com tais palavras argumentava Juno e murmuravam todos
os moradores do céu em sentidos vários, como os primeiros sopros de vento,
quando murmuram, presos nos bosques, e fazem voltear surdos
sussurros, a anunciar aos marinheiros que estão para vir vendavais.

Então, o pai omnipotente, que sobre o mundo detém o mais alto poder,
começa (enquanto ele fala, guarda silêncio a alta morada dos deuses,
e treme no solo a terra, emudece o ar escarpado,

[146] Alusão a episódios da *Ilíada*.
[147] Páris.

nesse momento amainam-se os Zéfiros, refreia em sossego as marés o Oceano):
«Acolhei, pois, em vossos corações e registai estas minhas palavras.
Pois que unirem-se em aliança os Ausónios aos Teucros
isso não foi consentido, e nem a vossa desavença alcança um fim,
seja qual for a fortuna que hoje caiba a cada um, seja qual for a esperança que cada um trace,
seja ele troiano ou rútulo, nenhuma distinção vou fazer,
quer seja por obra dos fados dos Itálicos que o campo é sitiado,
quer devido a um erro funesto de Tróia e a augúrios nefastos.
E também não livro os Rútulos; o que lhes couber em sorte de trabalhos
e fortuna, que o suportem; o rei Júpiter é para todos o mesmo.
Os fados encontrarão o seu caminho.» Pelos rios de seu irmão do Estígio,
pelas margens a transbordar de pez e de negros turbilhões,
acenou de assentimento;[148] e com o aceno fez tremer o Olimpo inteiro.
Este foi o fim da discussão. Então, ergueu-se Júpiter de seu trono
de ouro, os moradores do céu acompanham-no à sua mansão.

Entretanto, os Rútulos porfiam em volta de todas as portas
por abater e massacrar os soldados e cercar as muralhas de chamas.
A tropa dos companheiros de Eneias fica bloqueada nas trincheiras
e nenhuma esperança de fuga tem. Os desventurados permanecem, a pé firme, nas altas torres,
em vão, e em cercadura pouco apertada abraçaram as muralhas:
Ásio, filho de Ímbraso, e o filho de Hicetáon, Timetes,
e os dois Assáracos e o mais velho Timbre, com Castor,
são a primeira linha; acompanham-nos ambos os irmãos de Sarpédon
e Claro e Témon, originários da alta Lícia.
Carrega, com esforço do corpo inteiro, um enorme rochedo,
pedaço não pequeno de um monte, Ácmnon de Lirnesso,

[148] Uma vez mais, o terrível e inquebrável juramento dos deuses pelas águas do Estígio. Veja-se a nota a 9.104-105.

em nada menos forte que seu pai Clício, nem que seu irmão, Mnesteu.
Uns com dardos, outros com pedras, encarniçam-se na defesa
e na produção de fogos e na preparação das setas para os arcos.
Ele mesmo, no meio dos outros, aflição bem justificada de Vénus,
o jovem Dardânio, ei-lo ali, a nobre cabeça a descoberto,
qual gema a cintilar, engastada no meio de ouro fulvo,
ornato do pescoço ou da cabeça, ou qual marfim a reluzir,
entalhado com arte em buxo ou em terebinto de Órico;
os cabelos soltos, a nuca da cor do leite
os acolhe, um laço suave de ouro a segurá-los por baixo.
E também a ti te viram, ó Ísmaro, as gentes magnânimas,
a desferir golpes e a armar pontas de dardos de veneno,
nobre descendente da casa Meónia, onde os homens trabalham
férteis culturas e o Pactolo as rega de ouro.
E também ali estava Mnesteu, a quem a glória anterior
de ter expulsado Turno do recinto das muralhas ergue bem alto,
e Cápis; deste vem o nome à cidade de Campânia.

Eles tinham travado combates de uma dura batalha
entre si. Pelo meio da noite, Eneias ia fendendo as ondas.
Depois que, vindo de junto de Evandro, entrou no campo etrusco,
dirigiu-se ao rei e ao rei refere seu nome e sua linhagem,
o que vem pedir e o que traz, dá-lhe conta das tropas que Mezêncio
contra si ajunta e da violência do coração de Turno,
avisa-o da confiança que deve haver nas relações humanas
e deixa preces à mistura; e, sem delongas, Tarconte
junta as suas forças e celebra um pacto; então, liberta do fado,
sobe a bordo da armada, a mando dos deuses, a gente lídia,
sob o comando de um chefe estrangeiro. A popa de Eneias
assume a dianteira, leões frígios atrelados no rostro;
em cima sobressai o Ida, tão caro aos Teucros no desterro.

Aqui ocupa seu lugar o grande Eneias e revolve consigo
os lances vários da guerra; e Palante, colado à sua esquerda,
questiona ora as estrelas, caminho
da noite escura, ora o que padeceu por terra e por mar.

Franqueai agora, ó deusas, o Hélicon, e inspirai este canto:
que forças, entretanto, acompanham desde praias etruscas
Eneias e armam seus navios e com ele seguem mar fora.

Mássico é o primeiro a fender as águas do mar, com seu Tigre de bronze;
sob as suas ordens, uma força de mil homens — os que deixaram as muralhas
de Clúsio,
os que deixaram a cidade de Cosas, que têm por armas setas
e ligeiras aljavas aos ombros e um arco mortífero;
com eles, Abante, ameaçador; segue-o, com armas vistosas, todo
um exército, e refulgia-lhe a popa com um Apolo de ouro;
seiscentos jovens lhe tinha dispensado Populónia, sua mãe,
experimentados na guerra, e mais trezentos Ilva,
a ilha pródiga nas minas inesgotáveis dos Cálibes.
Aquele terceiro, intérprete entre homens e deuses, é Asilas,
a quem se revelam as entranhas dos animais, a quem se revelam as estrelas do céu
e as linguagens das aves e as chamas pressagas dos raios;
são mil os que leva consigo em esquadrão cerrado e eriçados de lanças.
A esses, determina-lhes obediência Pisas, de origem alfeia,
mas etrusca em razão do território. Segue-se o mui formoso Ástur,
Ástur, confiado em seu cavalo e nas armas de mil cores;
trezentos se lhe juntam (em todos uma só é a vontade de o seguir),
os que têm morada em Ceres, os que moram nos campos do Mínio
e a antiga Pirgos e a insalubre Graviscas.
Não iria passar-te em claro a ti, comandante dos Lígures, tão valoroso em combate,
ó Cíniro, nem a ti, Cupavo, de poucos acompanhado,

de cujo elmo sobressaem penas de cisne,
crime de vossa lavra, Amor, e marcas da figura do pai.[149]
Dizem, é verdade, que Cicno, enlutado da perda de seu amado Faetonte,
enquanto, entre a folhagem dos choupos e a sombra das irmãs,
entoa seu canto e com sua musa consola um triste amor,
levou na doçura das plumas a velhice embranquecida,
deixou a terra e com sua voz seguiu o rumo das estrelas.
O filho, ao acompanhar na frota um punhado de gente de sua idade,
faz avançar, à força de remos, um enorme Centauro; este
cresce, imponente, sobre a água e ameaça a prumo com enorme rochedo
as ondas e sulca o mar profundo com longa quilha.
E ainda aqueloutro, Ocno, comanda um esquadrão vindo da terra pátria,
filho de Manto, a adivinha, e do rio etrusco,
que te deu as muralhas, ó Mântua, e o nome de sua mãe,
Mântua, rica por seus avós, mas nem todos de uma mesma linhagem:
possui ela tripla estirpe, sob cada uma dessas estirpes quatro povos,
ela própria cabeça de tais povos, as forças com raiz em sangue etrusco.
Daqui também faz Mezêncio erguer quinhentos homens em armas contra si,
os quais Míncio, que tinha Benaco por pai, guiava para o mar,
sob uma abóbada de canas esverdeadas, em madeiro ameaçador.
Segue, imponente, Aulestes e com cem traves de madeira faz fustigar,
de pé no convés, as ondas e espumam as águas no mármore revolto.
Puxa-o um enorme Tritão, a meter medo ao mar,
numa concha azulada; enquanto navegava, o busto eriçado exibe
até ao tronco um homem, o ventre termina em baleia,
debaixo do peito, meio animal murmura a espuma das ondas.
Tantos eram os cidadãos distintos que seguiam em três vezes dez navios
a socorrer Tróia e a rasgar planuras de sal com o bronze das quilhas.

[149] Na versão da lenda adoptada por Virgílio, Cupavo seria filho de Cicno, que foi metamorfoseado em cisne, em resultado da profunda dor que sofreu com a morte de Faetonte. Culpa imputada, portanto, ao Amor. O episódio mítico é descrito nos versos seguintes.

E já o dia havia deixado o céu, e em seu carro benigno,
andarilho da noite, tocava Febe[150] o meio do Olimpo.

Eneias (pois o cuidado nem descanso lhe dá ao corpo),
no seu posto, dirige, ele mesmo, o leme e orienta as velas.
E eis que, a meio do caminho, lhe sai ao encontro um coro
de companheiras: as ninfas, que Cíbele, em sua bondade materna,
havia ordenado que fossem divindades do mar e de barcos em ninfas
se convertessem, navegavam lado a lado e sulcavam as ondas,
tantas quantas antes se perfilavam rente à praia, em proas de bronze.
Reconhecem ao longe o rei e cercam-no de danças.
De entre elas, a mais hábil no falar, Cimodoceia,
segue no encalço dele, segura-lhe com a mão direita a popa e faz alçar
à superfície o peito e rema com a esquerda por sob o silêncio das ondas.
Então, assim lhe fala, a ele que de nada sabe: «Estás alerta, filho de deuses,
Eneias? Fica alerta e solta o cordame das velas.
Nós, madeiros do pinho do cume sagrado do Ida,
agora ninfas do mar, somos a tua armada. Porque a malvadez
do Rútulo ameaçava a nossa destruição a ferro e fogo,
quebrámos, contra vontade, as tuas amarras e fomos em busca de ti,
mar fora. Estas feições, a mãe, com pena de nós, no-las refez
e concedeu que fôssemos deusas e gastássemos o tempo mergulhadas nas águas.
Mas o jovem Ascânio está sitiado dentro das muralhas e dos fossos,
no meio de lanças e dos Latinos crispados de Marte.
As posições indicadas ocupam-nas já os cavaleiros árcades, à mistura
com os valentes etruscos; fazer-lhes frente com suas tropas,
para não atingirem o campo, essa é a decisão firme de Turno.
Ergue-te! Vamos! E, ao nascer da Aurora, começa por chamar às armas
os aliados e empunha o escudo invencível que te deu o próprio
deus do fogo e cuja cercadura envolveu de ouro.

[150] Febe ou Diana: a Lua.

A luz de amanhã, se não deres por vãs estas minhas palavras,
há-de ver imensa mortandade na chacina dos Rútulos.»

Acabara de falar e, ao afastar-se, empurrou com a mão a alta
popa, em nada inconsciente de seu gesto; ela avança ondas fora,
mais rápida que um dardo e que uma seta a rivalizar com o vento.
A partir daí, as demais aceleram o passo. Espanta-se, sem perceber,
o troiano filho de Anquises; eleva, porém, o ânimo, por força de tal augúrio.
Então, olhando a abóbada do alto, faz uma breve súplica:
«Mãe benigna dos deuses, que vens do Ida, que guardas no coração Díndimos
e as cidades rodeadas de torres e os leões atrelados a um freio,
tu, que és agora a guia de minha luta, torna prestes, com tua mercê,
a profecia e acode aos Frígios, ó deusa, com passo favorável.»
Só isto disse, e, entretanto, vinha correndo de volta o dia,
já com luz inteira, e punha em fuga a noite;
logo exorta os companheiros a seguirem os estandartes
e a aprontarem o ânimo para as armas e a prepararem-se para o combate.

E tem já à vista os Teucros e seu campo,
de pé no alto da popa e, logo depois, com a esquerda,
ergue o escudo de fogo. Fazem subir aos astros um clamor
os Dardânidas, do interior das muralhas, uma acrescida esperança reacende-lhes a fúria,
lançam com seus braços os dardos, quais grous do Estrímon,
sob o negrume das nuvens, dão sinal e atravessam a nado os ares
com imenso alarido, e fogem aos Notos com gritos de satisfação.
Mas, ao rei rútulo e aos chefes ausónios, tudo isso parece espantoso,
até que avistam as proas apontadas para a praia
e o mar inteiro a deslizar com a frota.
Arde-lhe[151] em fogo na cabeça o penacho, e uma chama se vai espalhando

[151] Refere-se a Eneias, claro.

desde o cimo do elmo, e o escudo de ouro vomita enormes labaredas;
não são diferentes os cometas quando, em noite límpida,
brilham de um vermelho lúgubre, cor de sangue, ou o ardor de Sírio,
aquele que traz sede e peçonha aos tristes mortais
e, quando aparece, enche de tristeza o céu, com sua luz sinistra.[152]

A ousadia de Turno não dissipou, contudo, a confiança
de ser o primeiro a ocupar a praia e a expulsar da terra os forasteiros.
[Aqui arrebata corações com palavras e ali encarniça-os aos gritos.]
«O que tanto pedistes em vossos desejos aí está: despedaçá-los com vossas mãos.
Nas mãos têm os homens o próprio Marte. Agora, lembre-se
cada um de sua mulher e de sua casa, agora façam reviver grandes
façanhas, glórias de seus avós. Adiantemo-nos e corramos para a água,
enquanto eles hesitam e, no desembarque, vacilam os primeiros passos.
Aos audazes a Fortuna os protege. [O madraço é a si mesmo que estorva].»
Assim fala e revolve no seu espírito quem há-de comandar no ataque
e a quem pode confiar o cerco das muralhas.

Eneias, entretanto, faz desembarcar os companheiros por pontes
lançadas do alto das popas. Muitos estão atentos ao refluxo
do mar esmorecido e fiam-se no salto ante a pequenez das ondas,
outros desembarcam pelos remos. Observando a praia, Tarconte,
onde os baixios não respiram, onde não murmura o quebrar das ondas,
antes o mar desliza sem sobressalto com o inchar da maré,
para aí volta rápido as proas e chama pelos companheiros:
«Agora, ó tropas de eleição, metei mãos aos remos robustos;
empinai e levai os navios, abri com vossos rostros esta terra inimiga,
e que nela deixe a marca de seu sulco o vosso barco.
E nem enjeito despedaçar uma popa em tal atracagem,

[152] Cometas e Sírio: presságio, os primeiros, de calamidades e desgraças, e a segunda, a estrela Sírio, que costumava anunciar a canícula abrasadora.

ao tomar de assalto por uma vez esta terra.» Depois de tais palavras
ter proferido Tarconte, erguem-se os companheiros nos remos
e apontam os navios cobertos de espuma contra os campos latinos,
até que os rostros tocam terra enxuta e os navios acostam,
todos eles ilesos. Mas não a tua nau, Tarconte,
pois, por ter encalhado nos baixios, enquanto está presa em banco saliente,
em equilíbrio instável, e longo tempo a fustigam as ondas,
despedaça-se e lança os soldados no meio das vagas;
os estilhaços dos remos e os destroços dos bancos dos remadores bóiam,
estorvam-lhes a passagem, e suga-lhes os pés, ao mesmo tempo, o refluxo da onda.

A Turno, não o entravam vagarosas tardanças, mas arrasta com vigor
o exército inteiro contra os Teucros e posta-o frente a eles, na praia.
Dão sinal as trombetas. Eneias começou por atacar as tropas de camponeses,
bom augúrio para a batalha, e deixou prostrados os Latinos
com a morte de Téron, o mais corpulento dos soldados e que, em especial,
perseguia Eneias. Com a espada, através das costuras do bronze,
através da túnica escamada de ouro, trespassou-lhe o flanco desprotegido.
Então, golpeou Licas, arrancado ao ventre de mãe já finada
e consagrado a ti, ó Febo, pois lhe foi consentido em pequeno
escapar ao golpe fatal da espada. Não longe, ao vigoroso Cisseu
e ao enorme Gias, que chacinavam tropas a golpes de clava,
afundou-os na morte; de nada lhes serviram as armas de Hércules
nem a robustez dos braços ou seu pai Melampo,
companheiro do filho de Alceu enquanto a terra lhe determinou
pesados trabalhos. E eis que a Faro, enquanto dispara atoardas inúteis,
faz girar um dardo e crava-lho na boca que berrava.
E também tu, ó Cídon, enquanto perseguias — pobre de ti! — Clício,
que vinha tingindo de oiro o rosto com os primeiros pelos, teu novo prazer,
também tu, abatido por mão dardânia, sem mais cuidares do amor
por rapazinhos, que sempre cultivavas, irias jazer ali, desventurado,

se um pelotão cerrado de irmãos se não metesse de permeio, os filhos
de Forco, em número de sete, e a lançarem sete dardos;
parte ressalta no elmo e no escudo,
sem sucesso, e desvia a outra parte, que passava rente ao corpo,
a mãe Vénus. Eneias dirige-se ao fiel Acates:
«Passa-me os dardos; nenhum há-de a minha mão lançar em vão
contra os Rútulos, tal como os que ficaram cravados em corpos de Gregos
nos campos de Tróia.» Então, agarrou uma enorme lança
e arremessou-a; ela, em seu voo, trespassa o bronze do escudo
de Méon e rasga-lhe de um golpe a couraça e o peito.
Acorre a este Alcanor, seu irmão, e segura com o braço
o irmão que tombava; uma nova lança, de pronto arremessada,
trespassa-lhe o braço e segue adiante e mantém seu rumo, banhada em sangue,
e fica preso ao ombro por tendões o braço moribundo.
Então, Númitor arranca o dardo do corpo do irmão
e aponta contra Eneias; mas atingi-lo, mesmo de frente,
também a ele lhe não foi consentido e tocou de raspão a coxa do grande Acates.
Neste momento, confiante em seu corpo moço, chega Clauso, de Cures,
e golpeia, de longe, Dríope, com sua lança rija,
que o atinge com violência por baixo do queixo e, enquanto ele fala,
arrebata-lhe, por igual, voz e alma, trespassando-lhe a garganta; e ele
golpeia com sua fronte a terra e vomita da boca sangue espesso.
E mais três guerreiros da Trácia, da mais alta estirpe de Bóreas,
e três enviados por Ida, seu pai, e Ísmaros, sua pátria,
a todos abate em momentos vários. Acode Haleso
e a legião de Aurunca, avançam também os filhos de Neptuno,
Messapo, vistoso por seus cavalos. Porfiam por expulsar o inimigo,
ora uns, ora outros; combate-se mesmo às portas
de Ausónia. Assim, no céu imenso, ventos contrários
se encarniçam em combate com ânimos e forças iguais,
não dão tréguas entre si nem as nuvens nem o mar,

permanece indecisa largo tempo a batalha, tudo assanhado na contenda,
não de outro modo as tropas troianas e as tropas latinas
se enfrentam, em formação cerrada, um pé noutro pé, um homem noutro homem.

Mas de outra parte, por onde uma enxurrada fizera rolar até longe
pedregulhos e arbustos arrancados às margens,
assim que Palante viu os Árcades, pouco acostumados a avançar
em formação apeada, virarem as costas em fuga aos perseguidores do Lácio,
pois que a natureza irregular do solo os levou
a descer dos cavalos, única solução que lhes resta em tal aperto,
ora com súplicas, ora com palavras azedas, espevita-lhes a coragem:
«Para onde fugis, companheiros? Por vós mesmos e vossos feitos valorosos,
pelo nome de vosso rei Evandro e pelas guerras vitoriosas
e pela minha esperança que hoje cresce no desejo de igualar a glória de meu pai,
não vos fieis em vossos pés. Romper à espada pelo meio do inimigo,
esse é o caminho! Por onde mais cerrado vos afronta o ajuntamento de guerreiros,
é aí mesmo que a vós e a vosso chefe Palante a pátria altiva reclama.
Não é qualquer divindade que sobre nós carrega; somos acossados por inimigo mortal,
nós, também mortais; possuímos outras tantas vidas, outros tantos braços.
Eis que com a enorme barreira do mar nos trava o caminho o oceano;
só a terra resta já à nossa fuga: é para o mar ou para Tróia que nos voltamos?»
Assim falou e precipitou-se no meio da cerração de inimigos.
O primeiro a surgir-lhe diante, levado por fados injustos,
é Lago; enquanto ele ergue um pedregulho de peso enorme,
faz girar o dardo e crava-lho no ponto onde a espinha dorsal
divide a meio as costas e toma de volta a arma,
enterrada nos ossos. Não logra surpreendê-lo Hísbon,
decerto por estar ele à espera, pois primeiro o colhe Palante, na corrida,
enquanto dava largas à fúria, desatento em razão da morte cruel
do companheiro, e mergulha-lhe a espada no peito inchado.

Daqui parte em busca de Esténio e desse outro da velha família de Reto,
Anquémolo, que ousou conspurcar com o incesto o leito da madrasta.
E também vós, ó gémeos, caístes em campo rútulo,
Larido e Timbro, filhos de Dauco, em tudo semelhantes,
indistintos, confusão tão grata a seus pais;
mas agora, bem dura distinção fez entre vós Palante,
pois a ti, ó Timbro, a espada de Evandro te decepou a cabeça,
e a ti, ó Larido, o braço amputado busca o seu dono,
e os dedos meio vivos padecem de tremuras e vão tacteando a espada.
Aos Árcades, inflamados pelas exortações e de olhos nas notáveis façanhas
do herói, um misto de dor e vergonha dá-lhes armas contra o inimigo.
Então, Palante, a Reteu que fugia em seu carro,
trespassa-o. Isto foi para Ilo um adiamento, uma delonga apenas;
era contra Ilo, de facto, que lançara de longe a potente lança
que de permeio Reteu interceptou, ó valoroso Teutras,
quando de ti fugia e de teu irmão Tires, e, rolando do cimo de seu carro,
golpeia, meio morto, com os tacões o campo dos Rútulos.
E como, em tempo de Verão, conforme seu desejo, os ventos se levantam
e o pastor ateia dispersas fogueiras nos bosques,
e, de súbito, ao atingirem o centro, um só avança
campos fora — a legião de Vulcano eriçada de pontas —,
e ele, sentado, olha do alto, com ar vitorioso, as chamas triunfantes,
não de outro modo a coragem congrega todos os companheiros num só
em tua ajuda, ó Palante. Mas Haleso, destemido no combate,
corre para os inimigos e resguarda-se em suas armas.

Aqui mata Ládon e Feres e Demódoco;
arranca a Estrimónio, com a espada refulgente, o braço,
erguido até à garganta; com um pedregulho atinge o rosto de Toante
e espalha-lhe os ossos, misturados com o cérebro ensanguentado.
Seu pai, que anunciava os fados, havia escondido Haleso na floresta;

quando o ancião dissolveu na morte os olhos já esbranquiçados,
deitaram-lhe a mão as Parcas e consagraram-no aos dardos
de Evandro. Assim o procura Palante, depois de uma prece:
«Concede agora, ó pai Tibre, ao ferro que balanço para o lançar,
fortuna e rota peito adentro do implacável Haleso.
Estas armas e os despojos de tal guerreiro teu carvalho os há-de possuir.»
Escutou tais palavras o deus; enquanto Haleso protege Imáon,
oferece o desgraçado ao dardo arcádico o peito desguarnecido.
Mas Lauso, guerreiro destacado, não consente que por tão relevante perda
se deixem aterrorizar as tropas; primeiro, a Abante
que lhe surge pela frente, abate-o, ele que era o trinco e o estorvo do combate.
Tombam filhos da Arcádia, tombam Etruscos
e vós, corpos escapados aos Gregos, ó Teucros.
Enfrentam-se os exércitos, com chefes e soldados de igual valia.
Os últimos cerram fileiras, e o tropel não permite
que se mexam dardos ou braços. Aqui ameaça e carrega Palante,
ali faz-lhe frente Lauso, e não se distinguem muito na idade,
notáveis por sua beleza; mas a Fortuna lhes negara
o regresso à pátria. Enfrentarem-se eles entre si, no entanto,
não o permitiu o rei do grande Olimpo;
breve seu destino os aguarda às mãos de mais grandioso inimigo.

Entretanto, a irmã protectora aconselha Turno a voltar-se
para Lauso, que, em seu carro veloz, rompe pelo meio do exército.
Assim que viu os companheiros: «É hora de abandonar o combate;
só eu me ocuparei de Palante; só a mim Palante
cabe em sorte; desejaria eu que o próprio pai estivesse a assistir.»
Assim falou, e os companheiros deixaram o terreno, conforme as ordens.
Mas, à partida dos Rútulos, o jovem, atónito, face à altivez da ordem,
pasma de espanto diante de Turno e revolve o olhar
pelo corpo enorme e tudo percorre de longe com ar ameaçador

e com tais palavras avança contra as palavras do tirano:
«Ou pela riqueza dos despojos arrebatados vou eu já alcançar a glória
ou por morte ilustre; meu pai é a favor de ambos os desfechos;
desiste das ameaças.» Falou e caminhou para o meio do terreno.
Enregelado, recolheu ao coração dos Árcades o sangue.
Saltou Turno do carro, apronta-se para avançar a pé,
para o corpo a corpo; tal como o leão, quando avista, de lugar elevado,
um touro, a firmar-se ao longe no campo e a planear o combate,
voa, não diferente é a imagem de Turno na sua marcha.

Quando o julgou ao alcance de uma lança,
avança primeiro Palante, para o caso de a sorte ajudar a audácia
em tão desiguais forças, e assim fala para o céu imenso:
«Pela hospitalidade que te deu meu pai e pela mesa onde tomaste lugar, como hóspede,
eu te suplico, filho de Alceu, assiste-me em tão grande empresa.
Que ele me veja arrancar-lhe, já meio morto, as armas cheias de sangue
e levem o retrato do vencedor, ao morrerem, os olhos de Turno.»
Ouviu o filho de Alceu o jovem e no fundo do coração conteve
um enorme gemido e derramou suas lágrimas — vãs.
Então o pai dirige-se ao filho com palavras amigas:
«A cada um está determinado o seu dia; é breve para todos e irreparável
o tempo da vida; mas levar longe a fama por força dos feitos,
esta é a tarefa da bravura. Sob as altas muralhas de Tróia,
tantos filhos de deuses tombaram. Mais: caiu com eles
Sarpédon, meu filho. Também a Turno
seus fados o chamam e atingiu a meta do tempo que lhe foi dado.»
Assim falou e volta de novo o olhar para o campo dos Rútulos.
Mas Palante arremessa a sua lança com o maior vigor
e tira da bainha a espada faiscante.
Aquela, no seu voo, cai no ponto onde sobressaem as altas ombreiras
e faz caminho pelas bordas do escudo

e, no fim, ainda passa a rasar no gigantesco corpo de Turno.
Então, Turno, brandindo devagar um prumo de carvalho
com uma aguçada ponta de ferro, arremessa-o e diz estas palavras:
«Vê bem se não penetra mais o meu dardo».
Assim fala; e o escudo, que tantas camadas de ferro, tantas de bronze,
que tantas voltas de pele de touro reforçavam,
a ponta da lança o trespassa pelo meio com um golpe vibrante
e fura a barreira da couraça e o peito enorme.
Ele em vão arranca da ferida a lança ainda quente;
uma única e mesma via seguem sangue e vida.

Tomba sobre a própria ferida, sobre ele soa o fragor das armas,
e é terra inimiga o seu rumo, ao morrer, com a boca a sangrar.
Turno põe-se de pé em cima dele e assim fala:
«Árcades,» diz ele, «guardai na memória as minhas palavras e levai-as
a Evandro: tal qual o mereceu, assim lhe devolvo Palante.
Toda a homenagem de um túmulo, todo o conforto de sepultura,
eu lhos concedo. Não lhe sairá barata a hospitalidade
concedida a Eneias.» E, ao dizer tais palavras, pisou com o pé esquerdo
o jovem sem vida, arrancando dele o peso desmedido do boldrié
e o crime nele gravado: na própria noite de suas núpcias,
um punhado de jovens chacinado de forma horrenda e seus leitos encharcados de sangue,
que Clono, filho de Êurito, tinha cinzelado com profusão de ouro;[153]
com tal despojo festeja agora Turno o triunfo e rejubila de o possuir.

Ah, mente humana que ignora o Fado e a sorte que há-de vir
e não guarda recato, no seu desvario, nos momentos de sucesso!

[153] A cena cinzelada no escudo de Palante era de mau presságio; era para ele e sê-lo-á, também, para Turno: o episódio das Danaides, as cinquenta noivas forçadas a desposar, contra vontade, os cinquenta primos e que, na noite de núpcias, a todos assassinaram.

A Turno chegará a hora em que teria preferido pagar alto preço
por um intacto Palante e em que tais despojos e tal dia
virá a odiar. Mas os companheiros, com largueza de gemidos e pranto,
depõem Palante sobre o escudo e levam-no em numeroso cortejo.
Ó tu, que, feito dor e glória, vais retornar a teu pai,
este primeiro dia que à guerra te entregou, este mesmo te leva,
ainda que deixes atrás imensa montanha de Rútulos!
E nem é já a fama de tamanha desgraça, mas um mensageiro seguro
voa até Eneias, com novas de que uma escassa linha separa da morte
os seus, de que é tempo de acudir aos Teucros destroçados.
Tudo quanto está à sua volta ele ceifa à espada e pelo meio das tropas
abre caminho, de coração em fogo, em busca de ti, ó Turno,
com seu ferro, orgulhoso que estás por nova chacina. Palante, Evandro,
tudo ele tem diante dos olhos, a primeira mesa onde, como hóspede,
teve lugar, as mãos que se estreitaram. Então os filhos de Sulmão,
quatro jovens, outros tantos que criou Ufente,
captura-os com vida, para os imolar como vítimas aos manes
e com o sangue dos cativos regar as chamas da pira.[154]
Depois, arremessa contra Mago uma lança assassina;
ele escapa por baixo com engenho, mas a lança voa-lhe por cima a abanar,
e ele, abraçando-lhe os joelhos, dirige-lhe, suplicante, estas palavras:
«Pelos manes de teu pai e pela esperança em Iulo, que está a crescer,
eu te suplico, preserva esta vida para meu filho e para meu pai.
Possuo uma alta mansão, ali estão arrecadados em fundo coval
talentos de prata cinzelada; possuo quantidades de ouro, trabalhado
e em bruto. A vitória dos Teucros não se altera aqui,
e uma vida, apenas, não fará assim tanta diferença.»

[154] Costume bárbaro, dir-se-á, mas que evoca uma prática já usada por Aquiles, na *Ilíada*. A verdade é que Octávio, na guerra de Perugia, em 40 a.C, adoptou idêntica atitude, quando sacrificou os filhos da nobreza perugina. Também nas práticas de crueldade se identificam as duas figuras, o mito e o seu descendente.

Acabara de falar; Eneias tais palavras lhe tornou em resposta:
«Todos esses talentos de prata e ouro de que falas,
poupa-os para os teus filhos. Esses negócios de guerra, já Turno
os aboliu primeiro, ao abater Palante.
Isto é o que sentem os manes de meu pai Anquises, isto o que sente Iulo.»
Enquanto assim fala, segura o elmo com a mão esquerda, inclina-lhe para trás
o pescoço e, em meio das súplicas, enterra-lhe a espada até ao punho.
Não longe dali, o filho de Hémon, sacerdote de Febo e da Trívia,
a quem a faixa de uma fita sagrada coroava a cabeça,
todo ele reluzente na roupa e na alvura das insígnias;
enfrenta-o, persegue-o campo fora e, quando ele cai, coloca-se em cima,
imola-o e cobre-o de enorme sombra; as armas, Seresto
as recolhe e carrega aos ombros, como um troféu para ti, ó rei Gradivo.

Põem ordem nas fileiras o que nasceu da estirpe de Vulcano,
Céculo, e o que vem dos montes dos Marsos, Umbro.
O Dardânida fica enfurecido; a mão esquerda de Ânxur, com a espada
ele a decepara e com o mesmo ferro o disco do escudo;
acabara Ânxur de pronunciar alguma coisa imponente, e haveria força em tal palavra,
acreditava ele, e talvez erguesse ao céu o espírito
e a si mesmo havia prometido alvas cãs e longos anos;
Tárquito exulta a fazer-lhe frente com armas refulgentes,
ele que a ninfa Dríope gerara de Fauno, habitante da floresta;
coloca-se diante da sua raiva; puxa atrás
a lança e fura, de uma vez, a armadura e a massa enorme do escudo;
então, a cabeça do que em vão clamava e se aprontava
para muito falar, derruba-a por terra, e, fazendo rolar o corpo
ainda morno, diz com ódio no coração:
«Fica-te para aí, agora, gabarola. Nem mãe extremada
há-de enterrar-te nem cobrir teu corpo com túmulo na terra de teus pais;

serás entregue às aves de rapina ou levar-te-á submerso em seu turbilhão
a água, e os peixes famintos hão-de lamber-te as feridas.»
Sem detença, persegue Anteu e Luca, da linha da frente de Turno,
e o valente Numa e o loiro Camerte,
filho do magnânimo Volcente, que foi o mais rico em terrenos
de entre os Ausónios e reinou sobre a silenciosa Amiclas.

Qual Egéon, que dizem possuir cem braços
e centenas de mãos e por cinquenta bocas lançar chamas
do fogo a arder em seu peito, quando contra os raios de Júpiter
faz estrondo com outros tantos escudos e outras tantas espadas desembainha,
assim Eneias, triunfante, dá largas à sua fúria no campo,
depois que a ponta da espada foi ficando morna. Mais ainda, eis que se vira
contra os cavalos da quadriga de Nifeu e contra o seu peito que tinha diante;
e eles, assim que o avistaram ao longe a avançar e a estremecer
de raiva, de medo inverteram a marcha e recuam a galope
e derrubam por terra o condutor e levam para a praia o carro.

Entretanto, Lúcago, em sua biga de cavalos brancos,
mete-se no meio, com Líger, seu irmão; mas o irmão dirige os cavalos
com as rédeas, e Lúcago, cheio de furor, volteia a espada desnuda.
Não suportou Eneias quem com tamanho ardor se enfurecia:
correu para eles e surgiu-lhes diante, enorme, a sua lança.
Diz-lhe Líger:
«Não são os cavalos de Diomedes que avistas nem o carro de Aquiles
ou os campos da Frígia; agora, o fim da guerra e de teus dias
nesta terra te será dado.» Insensato! Longe voam a Líger
tais palavras. Mas o herói troiano não são palavras
que contra ele torna, pois é o dardo que desfere contra os inimigos.
Porque Lúcago, inclinado para diante, fustigava com uma lança
os dois cavalos, enquanto, com o pé esquerdo esticado,

se preparava para o combate, atravessa-lhe a lança a borda inferior
do escudo refulgente e trespassa-lhe, então, a virilha esquerda;
projectado para fora do carro, revolve-se, moribundo, nos campos.
O piedoso Eneias invectiva-o com palavras sarcásticas:
«Lúcago, não foi o passo ronceiro de teus cavalos que traiu
teu carro, nem o viraram sombras ilusórias de inimigos;
és tu, ao saltares de cima das rodas, que abandonas a parelha.» Falando assim,
deitou mão da biga; o irmão estendia, desventurado,
as mãos inofensivas, por se ter despenhado do mesmo carro:
«Por ti, pelos pais que te geraram, tal como és,
ó guerreiro troiano, consente-me viver e tem piedade de quem suplica.»
Mais ele pedia, e Eneias: «Não eram tais palavras que, mesmo há pouco,
dizias. Morre e não abandones o teu irmão.»
Então, esventra-lhe com a ponta da lança o peito, entranhas da vida.
Tais mortes semeava pelos campos o chefe
dardânio, desvairado, como se fora enxurrada de água
ou negro turbilhão. Por fim, rompem cerco e deixam os campos
o jovem Ascânio e a juventude, em vão sitiados.

Juno, entretanto, toma Júpiter a iniciativa de a interpelar:
«Ó minha irmã e também esposa tão querida,
tal como pensavas (e a tua crença não te engana), Vénus
apoia as tropas troianas — não têm os seus homens o vigor do braço
em combate e ânimo aguerrido e capaz de suportar o perigo.»
Responde-lhe Juno, com humildade: «Porquê, ó formoso esposo,
atormentas quem sofre e teme tuas penosas palavras?
Se o teu amor tivesse a força que outrora tinha e que me devias ter,
não me recusarias por certo,
ó todo poderoso, a possibilidade de retirar Turno da batalha
e de o conservar incólume para seu pai Dauno;
em vez disso, que morra e pague com sangue piedoso os males feitos aos Troianos.

Ele, todavia, é de minha linhagem que recebe o nome;
Pilumno é o seu quarto pai e encheu, com mão pródiga
e dádivas sem conta, teus templos.»
Em breves palavras lhe torna o rei do Olimpo celeste:
«Se o que pedes é retardar a morte que tem diante e mais tempo
para o guerreiro destinado a perecer, e sentes que isto assim determino,
arranca dali Turno numa fuga e furta-o aos fados que o ameaçam;
apenas até aí há espaço de clemência.[155] Se, pelo contrário, perdão
mais alto se esconde sob tais preces, e julgas poder virar-se
a guerra inteira e alterá-la, a esperança que alimentas é vã.»

E Juno, por entre lágrimas: «Ah, se o que com a voz penosa dizes
com teu coração o concedesses, e Turno pudesse esperar a garantia da sua vida!...
Mas agora, o que espera este inocente é um desfecho penoso — ou eu
estou arredada da verdade. Oh, oxalá estivesse eu, antes, iludida
por falsos receios, e tu, que tens poder para tanto, revertesses o que empreendeste.»

Quando terminou estas palavras, lançou-se do alto do céu,
provocando um temporal e envolta por uma nuvem, ares fora,
e rumou às tropas ilíacas e aos campos laurentes.
Então, a deusa, de uma nuvem oca forma uma sombra inconsistente, sem forças,
à imagem de Eneias — prodígio espantoso de se ver! —,
equipa-a com as lanças dardânias, modela o escudo e o penacho
da cabeça divina, dá-lhe palavras vazias,
dá-lhe uma voz sem emoção e finge nela a passada dele a caminhar,
como dizem serem, depois da morte, as formas que esvoaçam
ou os sonhos que iludem os sentidos adormecidos.

[155] "Os fados encontrarão o seu caminho" — é frase esclarecedora, na sua concisão. Assim tinha dito Júpiter no concílio dos deuses, neste mesmo livro (10.113). Não tem o senhor dos deuses poder para alterar o rumo do destino, que os fados determinaram; somente lhe cabe o papel de gestor desse mesmo destino. O desfecho está traçado, e não há forma de o alterar; apenas é concedido, até mesmo aos deuses, retardá-lo, introduzir-lhe delongas.

Mas a figura agita-se com satisfação diante do exército,
exaspera o guerreiro com seus dardos e provoca-o aos gritos.
Persegue-a Turno e lança contra ela, de longe, a sua lança,
a assobiar, e a figura volta-lhe as costas e inverte o seu rumo.
Então, quando Turno acreditou de verdade que Eneias recuou e desiste
e quando em seu íntimo desvairado sorveu esta esperança vã:
«Para onde foges, Eneias? Não abandones o casamento que foi acordado;
por meu braço te vai ser dada esta terra que buscaste mares fora.»
Com tal gritaria, vai no seu encalço e faz cintilar a espada
desembainhada e não vê que o contentamento lho levam os ventos.

Havia, por acaso, um navio encostado à base de um alto rochedo,
com escadas a postos e o passadiço lançado,
no qual se fizera transportar das margens de Clúsio o rei Osínio.
Aqui se lança o simulacro temeroso de um Eneias em fuga,
em busca de refúgio, e não é Turno mais mole a persegui-lo;
salta por cima do que o atrasa e atravessa os altos passadiços.
Tão depressa atingira a proa, a Satúrnia rompe as amarras
e o navio, assim à deriva, leva-o por sobre as ondas revoltas.

Eneias, entretanto, chama a combate o guerreiro ausente
e, a muitos homens que lhe surgem defronte, envia-lhes os corpos para a morte;
então, na sua leveza, não busca mais refúgio o simulacro,
mas, voando para as alturas, mistura-se numa nuvem escura,
no momento em que um vendaval leva Turno para o meio do mar.
Olha para trás, sem saber o que se passa e sem gratidão por estar salvo,
e dirige as duas mãos e as palavras para os astros:
«Pai todo poderoso, julgaste-me, porventura, merecedor de tamanha acusação
e tal castigo quiseste que eu sofresse?
Para onde sou eu levado? De onde parti? Que fuga me leva de volta e a que identidade?

Será que as muralhas e o campo dos Laurentes eu voltarei a vê-los?
Então e aquele punhado de homens que me seguiram, a mim e minhas armas,
e que deixei, todos eles — crime horrendo! — à mercê de morte nefanda,
e vejo agora dispersos e oiço o gemido dos que vão tombando?
Que faço eu agora? Ou que terra existe com profundeza bastante
para me engolir? Vós, antes de mais, ó ventos, tende piedade de mim!
Contra a penedia, contra rochedos (eu, Turno, de vontade inteira vos suplico)
lançai este navio e afundai-o nos terríveis abismos dos penhascos,
onde nem os Rútulos nem a notícia de minha infâmia me persigam.»
Enquanto dizia tais palavras, o coração balançava, ora a um lado, ora a outro lado:
se, desvairado por força de tamanha desonra, havia de lançar-se
sobre a ponta da lâmina e mergulhar nas costas a espada coberta de sangue,
se havia de atirar-se para o meio das ondas e nadar rumo à praia
recurva e retornar de novo ao combate contra o exército dos Troianos.
Três vezes tentou um e outro caminho, três vezes a poderosa Juno
o susteve e, de coração compadecido, travou o guerreiro.
Vai vogando e cortando as ondas do mar alto, com maré e corrente propícias,
e é levado até à antiga cidade de seu pai Dauno.

Mas, entretanto, o inflamado Mezêncio, por indicação de Júpiter,
entra em combate e acomete os Teucros cheios de entusiasmo.
Convergem as tropas tirrenas e com todos os soldados sobre ele, apenas,
carregam, sobre ele apenas, com ódio e cerração de dardos.
Ele, como um penedo que avança para dentro de água,
a enfrentar a fúria do vendaval e à mercê das marés,
aguenta toda a violência e a ameaça de céu e mar,
imóvel e firme; deita por terra Hebro,
filho de Dolicáon, e com ele Látago e Palmo, que se esgueirava;
mas a Látago é com um pedregulho e um enorme pedaço de um monte
que lhe atinge, em cheio e de frente, cabeça e rosto, e a Palmo,
depois de lhe quebrar os joelhos, deixa-o a rolar, impotente, e dá a Lauso

as armas, para as usar nos ombros, e o penacho, para o espetar no elmo.
E também o frígio Evantes e Mimante, da idade de Páris
e seu companheiro, que Teano dera à luz, de seu pai Âmico,
na mesma noite em que, prenhe de uma tocha,
a rainha filha de Cisseu deu Páris;[156] Páris é na cidade de seus pais
que repousa, a terra dos Laurentes possui o desconhecido Mimante.

E, como aquele javali escorraçado do alto das montanhas pelas dentadas
dos cães e que o Vésulo, coberto de pinheiros, largos anos
protegeu, e largos anos, também, os pântanos dos Laurentes,
sustentando-se nos canaviais, depois de cair nas malhas das redes
estanca o passo e solta ferozes latidos e firma as espáduas,
e ninguém tem coragem de o enfurecer e chegar-se mais perto,
mas é com lanças e gritaria segura de longe que o acossam,
não de outra forma, dos que alimentam justa raiva contra Mezêncio,
nenhum tem ânimo para o acometer de espada em riste,
antes é com setas de longe e com brados sem fim que o massacram;
ele, porém, impávido, acorre a toda a parte,
a ranger os dentes, e repele com as costas da armadura as lanças.
Tinha vindo das velhas terras de Córito Ácron,
um homem grego, e, ao partir, deixara por consumar o casamento;
quando o avista, de longe, a lançar a confusão no meio das tropas,
rubro do penacho e do manto de púrpura, oferta da prometida esposa,
qual leão faminto às voltas sem parança em altas tapadas
(pois a fome desvairada o atiça), se acaso vislumbra em fuga
uma cabra ou um veado a surgir com suas hastes,
ele rejubila, de enormes goelas escancaradas, e eriça a crina e ali fica grudado,
espojado sobre as entranhas, e é negrume de sangue que lhe lava
o focinho monstruoso,
assim corre em alvoroço Mezêncio para onde se concentram os inimigos.

[156] Cf. nota ao v. 7.320.

É derrubado por terra o pobre Ácron e bate com os calcanhares
na terra negra, ao morrer, e encharca de sangue as setas quebradas.
E a Orodes, que fugia, não julgou ele digno
derrubá-lo por terra e atingi-lo com a lança sem ele ver;
correu ao encontro dele e de frente, homem contra homem,
com ele se bateu, a superá-lo, não pela surpresa, mas pela força das armas.
Então, a calcar com o pé e a lança o homem estendido por terra:
«Parte não desprezível da guerra, soldados, jaz por terra: o grande Orodes.»
Gritam em uníssono os companheiros, prosseguindo um alegre péan.
Mas ele, por seu lado, enquanto expirava: «Não ficarei sem vingança, sejas quem fores,
tu que me venceste, nem vai durar tua alegria; também a ti, fados
iguais te espreitam; e em breve vais habitar a mesma terra.»
Sorri para ele Mezêncio, com raiva à mistura:
«Agora, morre tu! Já no meu caso, o pai dos deuses e rei dos homens
julgará.» Dizendo isto, retirou-lhe do corpo o dardo.
Cai-lhe sobre os olhos um pesado repouso e um sono
de ferro, cerra-se-lhe o olhar para noite eterna.
Cédico degola Alcátoo, Sacrátor Hidaspes
Rapo Parténio e o de forças mais robustas, Orses,
Messapo Clónio e Eriquetes de Licáon,
aquele estendido por terra, caído de um cavalo desenfreado,
este soldado apeado. Também a pé avançara o lício Ágis,
e, entretanto, Valero, não desprovido do valor de seus avós,
abate-o; mas a Trónio, liquida-o Sálio, e a Sálio Nealces,
à traição, com um dardo e uma seta a surpreendê-lo de longe.

Já equilibrava Marte o peso do luto e a mortandade
de ambos os lados; matavam por igual e por igual corriam,
vencedores e vencidos, e nem conheciam a fuga uns nem outros.
Os deuses, no palácio de Júpiter, têm compaixão desta fúria vã

de ambos os lados e de tantos padecimentos passarem os mortais;
de um lado Vénus, do lado contrário a satúrnia Juno observam.
A pálida Tisífone dá largas à chacina entre milhares de soldados.

Mas Mezêncio, em especial, brandindo uma enorme lança,
entra desvairado em campo. Como o grande Oríon,
quando dirige os seus passos pelos imensos lagos do meio do Nereu,
a rasgar aí seu caminho, sobressai com seus ombros acima das ondas
ou quando carrega do cimo das montanhas um freixo pesado de anos
e caminha no solo e mergulha a cabeça no meio das nuvens,
assim se desloca Mezêncio, com suas armas enormes.
Eneias, que o observava em meio do longo exército, prepara-se
para ir ao seu encontro e enfrentá-lo. Permanece ele imperturbável,
a aguardar o corajoso adversário, e aguenta firme na sua estatura
e a medir com o olhar o espaço que será bastante para o alcance da lança:
«Meu braço, que é o meu deus, e minha lança, que balanço e arremesso,
me assistam! Eu te prometo, ó Lauso, que, revestido dos despojos
arrancados ao corpo desse malvado, te hei-de dedicar como troféu
Eneias.» Falou e arremessou longe a sua lança,
a assobiar; mas ela, em seu voo, foi rechaçada pelo escudo e, depois,
atingiu o ilustre Antores, entre o flanco e o ventre,
Antores, companheiro de Hércules, que fora enviado de Argos
e se tinha ligado a Evandro e estabelecera morada na cidade itálica.
É abatido o desventurado por golpe destinado a outro e contempla
o céu e, ao morrer, é a doce Argos que tem na lembrança.
Então, o piedoso Eneias arremessa a lança; ela atravessa o bojo
côncavo revestido de triplo bronze, as camadas de tela e o entrançado
de couro de três touros e crava-se no fundo
da virilha, mas não foi além na sua força. Eneias, mais rápido,
satisfeito por ver o sangue do Tirreno, desembainha da anca
a espada e carrega com violência sobre o inimigo desnorteado.

Soltou um fundo gemido, vindo do amor por seu amado pai,
Lauso, quando isto viu, e as lágrimas rolaram-lhe rosto abaixo.

Aqui, o desfecho de tão dura morte e teu feito de grande nobreza,
se os anos trouxerem a crença em tamanha proeza,
e a ti, jovem digno de memória, não irei, acredita, deixá-los em silêncio.[157]
Mezêncio, tornando atrás os passos e impotente e paralisado,
recuava e carregava a lança do inimigo, cravada no escudo.
Correu adiante o jovem e misturou-se no meio do combate
e, quando Eneias erguia já o braço e desferia o golpe,
coloca-se-lhe diante da lâmina e enfrenta-o,
a impedi-lo; os companheiros apoiam-no com grandes brados,
até que o pai, protegido pelo escudo do filho, se afaste,
e lançam os seus dardos e atrapalham de longe o inimigo
com seus arremessos. Fica Eneias furioso e mantém-se resguardado.

E, tal como, no momento em que desabam as nuvens
e cai o granizo, todos os lavradores fogem dos campos
e todos os camponeses, e o viandante se esconde, seguro, a bom recato,
ou nas margens de um rio ou sob a arcada de um penedo,
enquanto a chuva cai sobre a terra, para poderem, depois de o sol tornar,
retomar o dia-a-dia, assim, acossado de dardos vindos de toda a parte,
Eneias aguenta a bátega de guerra, até toda ela amainar,
e fustiga Lauso e ameaça Lauso:
«Para onde corres tu para morrer e onde te atreves a feitos maiores que tuas forças?
A tua piedade trai a tua imprudência.» Mas não diminui ele o entusiasmo,
em seu desvario; e logo se ergue mais alto a fúria inclemente
do chefe dardânio e tecem as Parcas os derradeiros fios

[157] Parece estranha esta simpatia do narrador (habitualmente identificado com o outro lado da contenda) por um guerreiro do exército inimigo. Mas não é caso isolado na *Eneida*. Camila é um mais um exemplo, entre outros.

a Lauso, pois Eneias desfere a força do golpe da sua espada
no meio do corpo do jovem e nele a mergulha por inteiro.
Atravessou a ponta da lâmina o escudo, fraca arma contra tal ameaça,
e a túnica que a mãe lhe havia tecido de ouro fino,
e o sangue encharcou-lhe as pregas; então, a vida partiu
brisas fora, com tristeza, rumo aos manes, e deixou o corpo.
Mas a verdade é que, quando vê a figura e o rosto do que se finava,
um rosto empalidecido de uma forma espantosa, o filho de Anquises
soltou um gemido de profundo pesar e estendeu-lhe a mão
e tocou-lhe o coração a imagem do amor paternal:
«Que há-de dar-te agora, jovem desventurado, por tal feito de glória,
que há-de dar-te o piedoso Eneias que seja digno de tamanha nobreza?
As tuas armas, que eram o teu deleite, guarda-as! E a ti, aos manes
e às cinzas de teus avós, se algum cuidado isso te dá, eu te envio.
Mas que isto, ó desventurado, te sirva de consolo na tristeza da morte:
é às mãos do grande Eneias que tombas.» Vai mais longe e incita
os companheiros que hesitavam e ergue da terra o próprio corpo
que manchava de sangue a cabeleira bem penteada.

Entretanto, o pai, junto à corrente do rio Tibre,
estancava as feridas com água e dava repouso ao corpo,
apoiado no tronco de uma árvore. Mais além, o elmo de bronze
está pendurado nos ramos, e, no prado, as armas pesadas repousam.
Estão de pé, à volta dele, os mais distintos soldados; ele, debilitado e ofegante,
relaxa o pescoço, espalhando sobre o peito a longa barba;
muito vai indagando sobre Lauso e muito se cansa de enviar
a que o chamem de volta e que lhe levem novas da tristeza de seu pai.
Mas Lauso, os companheiros o traziam sem vida em cima de suas armas,
banhados em pranto, grande e vencido por grande golpe.
Reconheceu de longe os gemidos o coração, pressago da desgraça;
desfigura as cãs com camadas de poeira e para o céu

estende ambas as mãos e agarra-se ao cadáver.
«Tamanho prazer de viver, ó meu filho, de mim se apoderou,
a ponto de suportar que em meu lugar sucumbas às mãos do inimigo, tu,
a quem eu gerei? Será graças aos golpes que sofreste que eu, teu pai, me salvo,
vivendo da tua morte? Ah, é justamente agora — pobre de mim! —
que vivo um triste exílio! Agora que foi bem fundo desferido o golpe!
Eu próprio, ó meu filho, manchei com minha culpa o teu nome,
expulso que fui, por inveja, do trono e do ceptro de nossos avós.
Era eu merecedor de castigo por parte da pátria e do ódio dos meus;
antes por todas as mortes tivesse eu dado a minha vida de culpado!
Agora, estou vivo e não me aparto ainda dos homens e da luz.
Mas vou partir.» Ao mesmo tempo que diz tais palavras, ergue-se
sobre a perna ferida e, posto que as forças, devido ao golpe profundo, o retardem,
sem se deixar abater manda trazer o cavalo. Era este o seu orgulho,
este o seu consolo; com ele saía triunfante de todas as batalhas.
Dirige-se à sua tristeza e com tais palavras começa:
«Rebo,[158] longo tempo, se é que algo para os mortais é longo tempo,
eu vivi. Ou ainda hoje carregarás, triunfante, os despojos e a cabeça
do sanguinário Eneias e comigo vingarás
as dores de Lauso, ou, se força alguma nos abrir tal caminho,
tombarás a meu lado; pois não creio eu, ó meu bravo,
que ordens estranhas tu as toleres e aceites por senhores os Teucros.»
Falou e, colocando-se na armadura, acomodou, como é usual,
o corpo e carregou ambas as mãos de dardos aguçados,
a cabeça a refulgir do bronze, e, alçado, um penacho de crina de cavalo.
Assim rumou a toda a pressa para o meio dos combates. Fervem-lhe
no coração, à uma, enorme vergonha e desvario, à mistura com dor
[e amor reforçado pela fúria e coragem, de tudo cúmplice.]
E, então, três vezes chamou Eneias em altos brados.

[158] O cavalo de Mezêncio.

Eneias apercebeu-se dele e, cheio de alegria, pede-lhe:
«Assim o queira o pai dos deuses, assim o grande Apolo:
dá tu início ao combate.»
Só isto disse e acorre ao seu encontro, de lança em riste.
Mas ele: «Julgas tu que me causas algum medo, ó homem tão cruel,
depois de me arrebatares o filho? Esta era a única via para me liquidares;
não tenho pavor à morte nem tenho respeito por nenhum dos deuses.[159]
Desiste, pois venho pronto a morrer, mas trago-te, antes,
estes presentes.» Falou e desferiu um dardo contra o inimigo;
depois um outro ainda e um outro se aponta, e voa ele
em curva enorme, mas sustém-nos o escudo de ouro.
Três vezes em volta do outro, que aguentava a pé firme, cavalgou ele, rodando pela esquerda,
a arremessar os dardos com seu braço, três vezes o herói troiano
faz rodopiar sobre si, com o escudo de bronze, a imensa floresta.
Depois, quando está exausto de tantas demoras arrastar, de tantos dardos
arrancar, e se sente encurralado por combate desigual,
muitas coisas revolve em seu espírito e logo arremete, por fim,
e assesta entre as têmporas rasas do cavalo de guerra a lança.
Estira-se no ar o animal, nas quatro patas, e fustiga o ar
com os cascos e, sobre o cavaleiro que assim derruba, ele mesmo
com ele se embrulha e vai atrás dele e cai a pique, de ombro derreado.
Incendeiam de gritos o céu troianos e latinos.
Voa Eneias e arranca a espada da bainha
e grita do alto: «Onde pára agora o terrível Mezêncio e a famosa
força bruta de seu coração?» Do outro lado, o Tirreno, quando,
ao cobrar fôlego, sorveu o céu com o olhar e recuperou a razão:
«Inimigo amargo, porque barafustas e fazes ameaças de morte?

[159] Vale a pena recordar que Mezêncio fora apresentado, quando da enumeração da lista de chefes, como *contemptor deum*, isto é, "aquele que tem desprezo pelos deuses".

Não é crime algum matares-me; nem com tal disposição vim para o combate,
nem tal pacto fez contigo em meu favor o meu Lauso.
Uma só coisa, se alguma indulgência há para com inimigos derrotados, eu suplico:
consente que meu corpo seja coberto de terra. Sei que ódios terríveis
dos meus me vão fazer cerco; sustém, eu te peço, uma tal raiva
e concede-me partilhar com meu filho o sepulcro.»

Assim fala e é sem surpresa que recebe na garganta o golpe da espada
e a golfar sangue esvazia a vida sobre as armas.

Livro XI

Aurora, entretanto, ao despontar, deixa para trás o Oceano;
Eneias, ainda que o afã de dar um tempo para sepultar os companheiros
o aflija e tenha o coração em tumulto por tal mortandade,
cumpria, vitorioso, ao romper da Aurora, os votos devidos aos deuses.
Sobre um cabeço, fez erguer um carvalho enorme,
com os ramos desbastados a toda a volta, e revestiu-o de armas refulgentes,
despojos de Mezêncio, o comandante, e troféu em tua honra, ó poderoso
senhor da guerra; coloca nele os penachos a pingar sangue
e os dardos, partidos em pedaços, do guerreiro e a armadura golpeada
e trespassada em duas vezes seis lugares; e o escudo de bronze, prende-lho
à esquerda e pendura-lhe no tronco a espada de marfim.[160]
Então aos companheiros eufóricos (já que se adensava em volta dele
toda a tropa dos chefes), começa por exortá-los:
«O mais difícil está feito, ó guerreiros! Fique o medo arredado
do que falta! Estes são os despojos de um rei altivo
e suas primícias; por obra de minhas mãos, aqui está Mezêncio.
Agora, temos caminho franqueado para o rei e para as muralhas dos Latinos.
Afinai as armas em vossos corações e antecipai com esperança a batalha,
por forma a que, tão cedo os deuses do alto nos dêem sinal

[160] É visível a caricatura: uma espécie de fantoche do grande Mezêncio na figura de um carvalho decepado e reduzido a nada, revestido das armas do horrendo chefe inimigo, morto em combate por Eneias.

para levantar estandartes e conduzir as tropas para fora do campo,
tardança alguma nos empate por falta de tino, ou frouxas conversas nos retardem
por receio.

Entretanto, companheiros e corpos sem sepultura, à terra
os confiemos, honra única que existe nas profundas do Aqueronte.
Ide!» diz ele, «As almas ilustres que com seu sangue
conquistaram para nós esta pátria, honrai-as com a mais alta
homenagem, e, antes de mais, à enlutada cidade de Evandro
seja Palante enviado; ele que, não por falta de valentia,
um negro dia arrebatou e afundou em morte prematura.»
Assim diz, entre lágrimas, e torna atrás o passo, ao abrigo
onde ao corpo deposto de Palante, já sem vida, fazia guarda
o velho Acetes, que fora antes escudeiro de Evandro,
de Parrásia, e depois, sob auspícios não tão venturosos,
fora entregue e seguia como companheiro ao querido discípulo.
Em volta, toda a criadagem e um amontoado de Troianos
e as mulheres de Ílion de cabelos caídos, segundo o costume, em sinal de luto.
Mas, no momento em que Eneias entrou para lá das altas portas,
batem no peito, fazem subir nos ares um imenso gemido,
e a mansão real ressoa num murmúrio de tristeza e luto.
Quando ele viu em repouso a cabeça e o rosto de Palante,
lívido como a neve, e a exibir em seu peito delicado o golpe
da lança da Ausónia, assim fala, com torrente de lágrimas:
«Ó jovem desventurado,» diz ele, «quando vinha, aprazível, ao meu encontro,
amaldiçoou-te a Fortuna, para não chegares a ver os meus reinos
e não seres levado de volta, em triunfo, à casa paterna!
Não foi essa a promessa que a teu respeito fiz a teu pai Evandro,
na hora da partida, quando, ao abraçar-me, na despedida,
me enviava rumo a um imenso poder e me advertia, temeroso,
de que eram implacáveis os guerreiros, e seriam combates com um povo feroz.
E ele, agora, por certo, preso de uma esperança vã,

talvez formule votos e encha os altares de oferendas;
e nós, ao jovem sem vida e que nada aos deuses do céu
fica a dever, com tristeza o acompanhamos, em homenagem vã.
Pobre de ti, são as cruéis exéquias de teu filho que vais ver!
Era este o regresso, eram estes os triunfos esperados,
era esta a minha promessa solene? Mas, ó Evandro, não é alguém
abatido por golpes desonrosos que vais contemplar nem irás desejar
morte terrível, por ter escapado ileso teu filho.[161] Ah! Que protector
tu perdes, Ausónia, que protector tu perdes, Iulo!»

Quando tais queixumes acabou de prantear, manda levar
o desventurado corpo e envia mil guerreiros, escolhidos do exército
inteiro, para acompanharem as últimas homenagens
e se associarem às lágrimas do pai — parco consolo
para tamanha dor, mas o que era devido a um triste pai.

Sem demora, outros cobrem bandejas e o delicado esquife
de ramos de medronheiro e vergas de carvalho
e ao palanque erguido dão-lhe por sombra uma cobertura de folhas.
Aqui depõem o jovem no cimo de leito campesino,
qual flor derrubada por dedo viriginal,
seja de delicada violeta, seja de lânguido jacinto,
a que se não esvaiu ainda nem fulgor nem beleza,
mas não a alimenta já a terra mãe nem lhe dá alento às forças.
Então, retira Eneias dois mantos recamados de ouro
e de púrpura, que, com alegria por tal trabalho, lhe fizera,
outrora, por suas próprias mãos, Dido de Sídon,
e enrijecera o tecido com fios de ouro.

[161] Entenda-se o sentido da frase: caso Palante tivesse sido atingido por golpes que o envergonhassem (em fuga, por exemplo), ou tivesse escapado ileso da guerra, mas à custa de uma conduta vergonhosa e marcada pela cobardia, o pai desejaria, antes, a morte. Não é essa situação; Palante não escapou, mas por ter tido um comportamento heróico.

Com um deles, em derradeira homenagem de sua dor, cobre
o jovem e, à cabeleira destinada às chamas, cinge-a com um véu,
e, mais ainda, muitos despojos de guerra dos Laurentes,
amontoa-os e manda levar em longa fila o produto do saque;
junta cavalos e dardos, de que espoliara o inimigo.
E fizera acorrentar, mãos atrás das costas, aqueles que iria enviar para as sombras
dos infernos, para aspergir com o sangue de sua morte as chamas,
e determina que carreguem troncos de árvore, recobertos das armas inimigas,
os próprios chefes e tenham gravados os nomes desses adversários.

Trazem o pobre Acetes, alquebrado dos anos,
ora a flagelar o peito com os punhos, ora o rosto com as unhas,
e ele prostra por terra toda a linha de seu corpo;
e trazem também o carro, encharcado do sangue dos Rútulos.
No fim, o cavalo de combate, despido das insígnias, Éton,
vai trotando a chorar e banha de lágrimas enormes seu rosto.
Outros trazem a lança e o elmo, pois o resto é Turno,
como vencedor, que o possui.[162] A seguir, vem uma legião enlutada, Teucros
e Tirrenos, todos, e Árcades, de armas apontadas para baixo.
Depois de toda a longa fila de companheiros ter começado a avançar,
susteve o passo Eneias e tais palavras ajuntou, com profundo gemido:
«Daqui para outras lágrimas nos chamam os mesmos fados horrendos
da guerra: eu te saúdo para sempre, ó grande Palante,
para sempre adeus!» E, sem mais dizer, para as altas muralhas
se encaminhava e para o campo dirigia seus passos.

E já embaixadores se apresentavam, vindos da cidade latina,
cobertos de ramos de oliveira e a pedir uma mercê:
que os corpos, que jaziam campos fora, abatidos pelas armas,
lhos entregasse e que lhes consentisse dar-lhes sepultura;

[162] Recorde-se que Turno se apoderou do boldrié de Palante, como despojo de guerra, depois de o liquidar.

não há disputa alguma com os vencidos e privados de céu;
que poupasse aqueles a quem um dia chamara hóspedes e sogros.
A quem lhe dirigia tal súplica, não recusável, o bom Eneias
acolhe-os com bom trato e acrescenta mais estas palavras:
«Que fortuna tão imerecida, ó Latinos, vos envolveu
em tamanha guerra, a ponto de enjeitardes a nossa amizade?
É paz para os mortos e arrebatados pela sina de Marte
que me pedis? Pois também aos vivos desejaria eu concedê-la!
Nem vim, sem que os fados me tivessem apontado lugar e morada,
nem faço guerra contra o povo; o rei pôs de lado a hospitalidade
que nos concedera e confiou-se, antes, às armas de Turno.
Mais justo seria que Turno enfrentasse, ele mesmo, esta morte.
Se é terminar a guerra à força das armas, se é expulsar os Teucros
que ele tem em vista, era com estas armas que deveria enfrentar-me;
ficaria com vida aquele a quem deus ou a sua mão lho concedesse.
Agora, ide e debaixo destes desventurados cidadãos ateai as chamas.»
Eneias acabara de falar. Eles quedaram-se de espanto em silêncio
e voltavam uns para os outros olhares e rostos.

Então, o velho Drances, que, à força de ódio e acusações,
sempre se opunha ao jovem Turno, começa, por sua vez,
a responder-lhe: «Ó homem grande pela fama, maior ainda pelas armas,
ó guerreiro troiano, por que glórias te hei-de eu igualar aos céus?
É a justiça que, primeiro, te hei-de admirar ou os trabalhos da guerra?
Podes crer que com prazer levaremos tais palavras à cidade pátria
e que a ti, se algures nos abrir caminho a Fortuna, ao rei Latino
havemos de unir-te. Busque para si outras alianças Turno.
Mais ainda, erguer o bloco de muralhas prometidas dos fados
e carregar aos ombros as pedras troianas, isso será um prazer.»
Acabara de falar e todos, a uma só voz, murmuravam o mesmo.
Duas vezes seis dias assim se empenharam e, com a paz por árbitro,

pelo meio dos bosques vaguearam, sem perigo, nas montanhas,
Teucros misturados com Latinos. Ressoa o alto freixo aos golpes
do machado de ferro; derrubam pinheiros apontados aos astros;
e não se cansam de com cavilhas rachar carvalhos e o cheiroso cedro
nem de carregar em carroças a chiar os freixos.

Mas já a Fama, em seu voo, mensageira de tamanho luto,
enche de novas Evandro e o palácio de Evandro e os muros,
ela que, há bem pouco, anunciava ao Lácio os triunfos de Palante.
Os Árcades acorreram às portas e, segundo o rito antigo,
empunharam tochas fúnebres; brilha a estrada da longa
fila de fachos e marca até longe um traço nos campos.
Vindo ao seu encontro, a leva de Frígios une-se à multidão
em pranto. Depois que as mães os avistaram a aproximar-se
das casas, incendeiam de gritos a cidade enlutada.
Mas força alguma é capaz de conter Evandro,
antes vem para o meio deles; estende-se sobre o esquife pousado
no solo e agarra-se a ele, entre lágrimas e gemidos,
e, por fim, a custo a dor deixou caminho aberto à voz:
«Não era esta, ó Palante, a promessa que fizeste a teu pai,
pois com mais cautela querias confiar-te à sanha de Marte.
Não desconhecia eu de quanto uma nova glória em feitos de guerra
e o doce esplendor de um primeiro combate são capazes.
Tristes primícias de juventude e dura aprendizagem
de uma guerra tão próxima! E votos e preces que fiz,
e que nenhum dos deuses escutou! E tu, ó minha veneranda esposa,
feliz tu és por tua morte e por não estares guardada para tal dor![163]
Ao contrário de mim: vivendo, contemplei eu os meus fados, para ficar

[163] Evandro era já viúvo.

e ser o pai a sobreviver. As armas dos aliados troianos, tivesse eu seguido com elas,
e abatessem-me os Rútulos com seus dardos! Fosse eu a entregar a vida,
e fosse a mim que trouxesse a casa este cortejo e não a Palante.
E não vou acusar-vos, ó Teucros, nem à nossa aliança, nem às mãos
que nos demos segundo as leis da hospitalidade; esta era a sorte
reservada à nossa velhice. E, se morte prematura estava à espera
de meu filho, servir-me-á de conforto que tenha tombado quando conduzia
os Teucros para o Lácio, depois de terem caído, antes, milhares de Volscos.
Mais ainda, eu não te honraria com mais dignas exéquias, ó Palante,
do que o piedoso Eneias e do que os grandes Frígios e do que
os chefes tirrenos, todo o exército tirreno.
Grandiosos troféus trazem eles, que teu braço entregou à morte;
também tu estarias agora assim, um tronco monstruoso com armas,
se igual fora a vossa idade e o mesmo o vigor que vem dos anos,
ó Turno. Mas porquê, pobre de mim, atraso eu a ida dos Teucros para o combate?
Ide! E lembrai-vos de levar esta mensagem a vosso rei:
se prolongo uma vida odiosa, depois de Palante me ter sido arrebatado,
a causa é o teu braço — Turno, ao filho e ao pai,
bem vês como o deves. Em teus méritos, só esse espaço tens vago,
e em tua fortuna; não busco tal prazer para me dar vida,
nem tal é lícito, mas para a meu filho o levar nos manes profundos.»[164]

A Aurora, entretanto, levara para longe dos pobres mortais
a luz benfazeja, trazendo-lhes de volta trabalhos e padecimentos;
já o pai Eneias, já na baía da praia Tarconte
haviam erguido as piras. Para aqui trouxe cada um os corpos dos seus,
segundo o costume dos avoengos, e, à medida que se elevavam chamas de negrume,

[164] Vida por vida (como dente por dente) — um princípio que amiúde se repete na *Eneida*, seja na boca dos deuses (Miseno, Palinuro), seja na de homens horrendos (Mezêncio, Turno), seja na do próprio Eneias ou, como aqui, de Evandro, por natureza bondoso. É uma das manifestações do lado mais sombrio e menos luminoso do poema.

as sombras mergulham em trevas o alto céu.
Três vezes, revestidos de armas refulgentes, correram em volta
das piras em chamas, três vezes contornaram o triste fogo,
em cima dos cavalos e soltaram ruidosos queixumes.
E fica a terra coberta de lágrimas e ficam cobertas as armas,
sobe ao céu o clamor dos guerreiros e o soar das tubas.
Aqui, lançam uns às chamas os despojos arrebatados
aos Latinos abatidos, elmos e espadas cheias de enfeites
e freios e rodas em brasa; outros, dádivas que bem conheciam,
os seus próprios escudos e os dardos de pouca sorte.
Em volta, são sacrificados e mortos inúmeros corpos de bois;
e porcos de pelo espetado e ovelhas roubadas por toda a parte
nos campos são degolados e entregues às chamas. Então, em toda a praia,
contemplam os companheiros a arder e vigiam as fogueiras meio ardidas,
e não são capazes de sair dali até que a noite húmida
faça inverter o céu enfeitado com o lume das estrelas.
Não menos que eles, do outro lado, os pobres Latinos
ergueram piras sem conta e parte dos inúmeros corpos,
enterram-nos no solo e outra parte carregam-nos
e transportam-nos para os campos da vizinhança ou devolvem-nos à cidade;
os demais, um enorme monte de uma chacina caótica,
queimam-nos sem conta nem honras; então, por todo o lado,
a vastidão dos campos reluz por toda a parte com fogueiras compactas.[165]

A luz do terceiro dia expulsara do céu as sombras enregeladas;
sob o peso do luto, desfaziam a montanha de cinzas
nas fogueiras e cobriam os ossos de montes de terra morna.
Mas era já no interior das casas, na cidade do riquíssimo Latino,

[165] O curto tempo de tréguas exibe uma imagem de desolação. Era assim, por certo, que Virgílio via a guerra: cruel, desumana, sem vencidos nem vencedores.

que havia a mais intensa gritaria e a parte maior de um luto sem fim.
Aqui, mães e tristes noras, corações dilectos de irmãs
enlutadas e crianças órfãs de pais
amaldiçoam a terrível guerra e o noivado de Turno;
é a ele que mandam pegar em armas, a ele que decida à espada,
que seja ele a ir reclamar o reino de Itália e mais altas honrarias.
Mais agrava tudo isto o implacável Drances e afiança
ser só a ele que chamam, só a Turno que reclamam para o combate.
São muitas, ao mesmo tempo, e variadas as opiniões contrárias,
em favor de Turno; protege-o o nome poderoso da rainha,
e uma imensa fama suporta o guerreiro com o mérito de seus troféus.

Entre tais convulsões, no meio de tão aceso tumulto,
eis, para mais, que da poderosa cidade de Diomedes
emissários entristecidos trazem a resposta: nada conseguiu
todo o investimento em tamanho esforço, de nada valeram
ofertas nem ouro nem grandes súplicas; outras armas
devem os Latinos procurar ou pedir a paz ao rei troiano.[166]

Desfalece, prostrado pelo peso da dor, o grande rei Latino:
Eneias, instrumento dos fados, é trazido por vontade divina;
assim o anunciam a fúria dos deuses e os túmulos recentes que têm diante dos olhos.
Portanto, reúne o grande conselho e os mais notáveis dos seus,
convocados a seu mando ao interior de seus altos pórticos.
Eles ali convergem e acorrem ao palácio real
por ruas apinhadas. Senta-se no meio, com todo o peso dos anos,
mas também primeiro em razão do ceptro, com semblante não alegre, Latino.

[166] Lembremos que, em 8.9-17, fora enviada uma embaixada, liderada por Vénulo, a Diomedes, com vista a obter da sua parte uma aliança e reforços para a guerra, ao mesmo tempo que Eneias buscava o mesmo tipo de aliança junto de Evandro.

E, então, aos emissários retornados da cidade da Etólia,
ordena-lhes que contem o que lhes responderam e exige respostas
por inteiro e ponto por ponto. Então, fazem silêncio as línguas,
e Vénulo, em obediência às ordens, assim começa a falar:

«Vimos, ó cidadãos, Diomedes e os campos argivos
e, no decurso da jornada, levámos de vencida todos os percalços
e tocámos a mão por obra da qual caiu a terra de Ílion.
Ele fundou a cidade de Argíripa, do nome do povo de sua pátria,
ao sair vitorioso dos campos do Gargano Iápix.
Depois de entrarmos e de na sua presença nos ser permitido falar,
oferecemos nossos presentes e esclarecemos nosso nome e pátria,
quem nos trouxe a guerra, o motivo que nos levou a Arpos.
Depois de nos escutar, assim nos tornou ele, de semblante sereno:
"Ó gentes afortunadas, reinos de Saturno,
antigos Ausónios, que fortuna inquieta o vosso sossego
e vos convence a desencadear guerras de desfecho não sabido?
Todos quantos profanámos à espada os campos de Ílion
(passo adiante quanto sofremos no combate junto aos muros,
os guerreiros a quem o Simoente dá sepultura), suplícios indescritíveis
e toda a sorte de punições de nossos crimes padecemos mundo fora,
uma gente que até a Príamo faria compaixão; sabe-o a sinistra
estrela de Minerva, e os recifes de Eubeia e Cafereu vingador.
Ao cabo de tal expedição, rechaçados para destinos vários,
o Atrida Menelau padece exílio lá para as bandas das colunas de Proteu;
avistou Ulisses os Ciclopes do Etna.
Hei-de eu mencionar os reinos de Neoptólemo e dos penates arrasados
de Idomeneu? E dos que habitam praias da Líbia, os Locros?
O próprio rei de Micenas, comandante dos poderosos Aqueus,
ele mesmo tombou às mãos de uma esposa infanda, ao entrar em casa;

sobre a Ásia vencida é um adúltero quem ocupa o trono.[167]
Diria que não quiseram os deuses, ao ser devolvido aos altares da pátria,
que avistasse eu a saudosa esposa e a bela Cálidon.
Agora, ainda, perseguem-me monstros de aspecto horrendo,
e os companheiros perdidos rumaram aos céus, cobertos de penas,
e vagueiam por sobre os rios volvidos em aves — ah!, terrível suplício
o dos meus homens! — e inundam a penedia de gritos de queixume.[168]
Tudo isso, sem dúvida, eu houvera de esperar, desde aquele dia
em que, com minha lança, alvejei, desvairado, corpos celestes
e profanei com um golpe a mão de Vénus.[169]
Mas não, não me empurreis para tais combates.
Nem mantenho com os Teucros guerra alguma, depois da ruína
de Pérgamo, nem me lembram ou me alegram velhos males.
As oferendas que das terras de vossos pais me trazeis,
encaminhai-as para Eneias. Fizemos frente a dardos inclementes
e desencadeámos guerras; fazei fé em quem sabe como ele é grande,
quando se ergue de escudo em punho, com que força faz vibrar a lança.
Se outros dois guerreiros como ele tivesse gerado
a terra de Ida, teria tomado a dianteira e vindo às cidades de Ínaco
o Dardânio e a Grécia choraria por obra da inversão de fados.
Em todas as delongas vividas junto às muralhas da robusta Tróia,
foi graças ao braço de Heitor e de Eneias que a vitória dos Gregos
esteve suspensa e fez adiar seus passos até ao décimo ano.
Ambos se destacavam pela coragem, ambos pela destreza nas armas;

---

[167] Em poucas palavras, Diomedes descreve parte do longo rol de agruras que atingiu os Gregos, durante ou após o seu regresso da vitoriosa expedição a Tróia. Venceram, sim, mas não lhes foi consentido celebrar essa vitória, cada um deles vítima de desgraças horrendas. Mais uma vez, depreende-se, subtil, o mesmo princípio: na guerra, não há vencedores nem vencidos. Ou talvez só haja vencidos. Estranha lição, para uma epopeia.

[168] Cruzam-se aqui várias narrativas lendárias, sobre a desventura que atingiu os companheiros de Diomedes.

[169] Diomedes, em meio de um combate, em Tróia, atingiu e feriu Vénus.

o último era o primeiro em piedade. Juntem-se em aliança as mãos,
como é concedido; mas as armas enfrentarem as armas... cuidado!"

Escutaste, por inteiro, ó rei excelente, quais as respostas do rei
e qual a sua opinião quanto à nossa grande guerra.»
Mal terminaram os emissários, perpassa nos rostos toldados
dos filhos de Ausónia um sussurro incerto, como quando os penhascos
retardam a força da corrente, e cresce no passo estreito um murmurar,
e estremecem as margens no rebentar das ondas.[170]

Assim que os ânimos sossegaram e os rostos inquietos serenaram,
invoca, primeiro, os deuses o rei e começa do alto de seu trono:
«Que mais cedo tivéssemos decidido de tão subido assunto, ó Latinos,
bem o queria eu e melhor fora, e não reunir o conselho
em tais circunstâncias, quando nossos muros os cerca o inimigo.
É uma guerra ingrata, ó cidadãos, que contra um povo dos deuses
nós travamos e contra guerreiros imbatíveis, a quem batalha alguma
dá canseira e que nem mesmo vencidos conseguem renunciar às armas.
Se alguma esperança tivestes numa aliança com as tropas dos Etólios,
desisti; a esperança de cada um reside em si mesmo. Mas, como estamos aqui
encurralados, bem o vedes,
e como o que resta de nossas forças jaz prostrado por terra, em escombros:
tudo tendes diante dos olhos e entre vossas mãos.
E não culpo ninguém; toda a coragem que era possível,
nós a tivemos em largueza; batalhou-se com toda a inteireza do reino.

[170] A recusa de Diomedes (um grego, dos que combateram, vitoriosos, em Tróia) representava um golpe inesperado para Latino e, também, para Turno. Inesperado e sério, seja pelo peso simbólico do nome de Diomedes, seja por aquilo que representava esta recusa vinda de um dos antigos inimigos dos Troianos. Acresce uma nota de grande poder simbólico no contexto da narrativa: tanto Diomedes como Evandro são gregos. O primeiro recusa apoiar Turno e combater contra os Troianos; o segundo alia-se a Eneias. Digamos que é uma nova ordem que se anuncia, baseada na concórdia entre povos outrora inimigos.

Agora, enfim, o que planeio em meu espírito hesitante,
é o que vou expor e em poucas palavras — prestai atenção — vou transmitir.

Possuo um terreno antigo, perto do rio etrusco,
que se alonga em direcção ao poente, em cima de território sicano;
Aruncos e Rútulos semeiam-no e desbastam com o arado a secura
das colinas, e os lugares mais áridos de todos, fazem deles pastagem.
Toda esta região e a floresta de pinho no cume da montanha
sejam cedidas à amizade dos Teucros, e estabeleçamos as regras
de um pacto justo e chamemo-los para dentro do reino, como aliados;
que se instalem, se tamanho é o seu desejo, e consolidem muralhas.
Mas, se buscar outras terras e outro povo
é o que têm em mente, e é possível deixarem o nosso território,
construamos para eles, com carvalho da Itália, duas vezes dez navios
ou mais, se forem capazes de os aparelhar; está arrumada junto ao mar
toda a madeira; o número e o tipo de embarcações, sejam eles
a determiná-los; nós fornecemos o bronze, o trabalho, os estaleiros.
Além disso, para transmitirem estas palavras e firmarem o pacto,
apraz-me que se ponham a caminho cem emissários
das mais ilustres famílias, e que exibam em suas mãos os ramos da paz,
e levem presentes e talentos de ouro e marfim
e o assento e a trábea, nossas insígnias da realeza.
Deliberai entre vós e trazei socorro a tão extremas condições.»

Então Drances, furioso, o mesmo a quem a glória de Turno
punha em alvoroço por tortuosa inveja e ferroadas amargas,
farto em riqueza e mais apurado na língua, mas de braço de gelo
no tocante ao combate,[171] tido, em conselhos, por autoridade não desprezível,

[171] Drances é, sem dúvida, o principal aliado de Eneias dentro do campo latino. Mas nem por isso o narrador, sempre tendencioso em relação a Eneias, o favorece. O retrato que dele é traçado, em boa verdade, não é nada abonador, como se vê.

poderoso obreiro de cisões (a nobreza, por parte da mãe, dava-lhe
altivez de estirpe, da parte do pai era incerto donde vinha),
põe-se em pé, e com estas palavras agrava e adensa a fúria:
«Não é matéria obscura para ninguém nem carece de nossa opinião
aquela sobre a qual nos sondas, ó bom rei; todos reconhecem saber
o que reclama a fortuna do povo, mas hesitam dizê-lo.
Que nos dê a liberdade de falar e deixe cair a arrogância
aquele, graças a cujos desditosos auspícios e sinistro feitio
(eu o afianço, sim, ainda que me ameace com armas e morte),
vemos ter tombado o esplendor de tantos generais e a cidade inteira
estar paralisada pelo luto, enquanto provoca o campo troiano,
fiado na fuga, e aterroriza os céus com suas armas.
A esses presentes que com largueza ordenas sejam enviados
e atribuídos aos Dardânidas, mais um ainda, um só, ó melhor dos reis,
ajunta; e não te leve de vencida a violência de ninguém,
a ponto de não dares a tua filha a um genro ilustre em digno matrimónio,
tu, que és seu pai, e de não envolveres esta paz em aliança duradoura.
E se tamanho é o terror que domina nossos espíritos e corações,
supliquemos-lhe a ele mesmo[172] e a ele peçamos essa graça:
que ceda e devolva ao rei e à pátria o direito que lhe pertence.
Porque tantas vezes lanças os desventurados concidadãos em tão apertados riscos,
tu, que és a fonte e causa de tais males para o Lácio?
Nenhuma salvação nos vem da guerra; é a paz que te suplicamos todos,
ó Turno, e, ao mesmo tempo, o único penhor inviolável da paz.
Eu, antes de mais, de quem tu fazes objecto de ódio (e de sê-lo
não me importo), aqui me tens; venho como suplicante. Tem compaixão dos teus,
despe essa arrogância e, pois foste derrotado, vai-te embora. Desbaratados,
já vimos mortes quanto baste e despovoámos a imensidão dos campos.
Ou, se é a fama que te move, se tamanha é a firmeza que no coração

[172] Cf. nota ao v. 7.320.

alimentas, e se teu coração quer mesmo receber por dote o trono real,
mostra ousadia e avança, confiante, de peito firme, contra o inimigo.
Ou será que, para que a Turno seja concedida a régia esposa,
nós, as vidas da escumalha, nós, ralé que ninguém enterra nem chora,
havemos de juncar os campos de batalha? Mas tu, se alguma coragem tens,
se um pedaço do Marte de teus pais possuis, olha-o de frente, àquele
que por ti chama.»

Ante tal discurso, incendiou-se a violência de Turno;
solta um urro e arranca do fundo do peito estas palavras:
«É bem certo, ó Drances, que tens sempre larga fartura de conversa,
quando o combate reclama braços, e, convocados os patrícios,
és o primeiro a comparecer; mas não tem precisão a cúria das palavras
que no sossego pões no ar com imponência, quando o inimigo
os bastiões das muralhas o seguram e não se enchem de sangue os fossos.
Pois bem, troveja aí a tua retórica — é teu costume — e acusa-me
de ter medo, tu, ó Drances, pois tantas pilhas de Troianos chacinados
amontoou teu braço e por toda a parte semeaste de troféus
os campos. Do que é capaz uma verdadeira coragem,
é possível fazer disso prova; os inimigos, nem sequer é longe
que temos de procurá-los: estão a toda a volta de nossos muros.
Vamos ao encontro deles? Porque hesitas? Ou porventura o teu Marte
mora sempre na língua de vento e nos pés
fugidios? Não serve de nada. É com armas que assustamos o inimigo.
Derrotado, eu? Quem poderá acusar-me com razão de estar derrotado,
meu sem-vergonha, depois de ter visto engrossar-se de sangue
o Tibre e a casa inteira de Evandro, com a sua linhagem
estendida por terra e os Árcades despidos de suas armas?
Não foi assim que me experimentaram Bícias e o enorme Pândaro
e todos os mil que, no meu triunfo, num dia mandei para o Tártaro,
mesmo encurralado dentro de muralhas e cercado em campo inimigo.

Não há salvação na guerra? Vai cantar isso, ó idiota, ao teu capitão
dardânio e aos teus interesses. E então não deixes
de tudo desassossegar com teu medo enorme e de enaltecer as forças
de um povo duas vezes vencido[173], e de, ao invés, rebaixar as armas de Latino.
Agora, até os chefes dos Mirmidões tremem diante das tropas frígias,
agora, até o filho de Tideu e Aquiles de Larissa,
até o Áufido torna atrás as águas diante das correntes adriáticas.
Ou, então, quando finge ter pavor a meus desmandos,
em manhosa malvadez, está a encher de veneno a acusação;
nunca uma tal alma tu a perderás — deixa de te inquietar —
às minhas mãos: que fique a morar contigo e continue nesse peito.
Agora, ó pai,[174] torno a ti e à importância das tuas propostas.
Se nenhuma esperança mais depositas em nossas armas,
se tão abandonados estamos e por as nossas tropas sofrerem uma vez um revés,
caímos fundo, e a Fortuna nos deixa sem remissão,
supliquemos a paz e estendamos as mãos já sem préstimo;
posto que — ah, se um pouco da costumeira valentia tivéssemos ainda! —
seja para mim afortunado por seus trabalhos, à frente dos demais,
e ilustre por seu ânimo, aquele que, para tal não ver,
tombou, ao morrer e, nessa hora, mordeu com sua boca a terra.
Mas, se temos ainda recursos e uma juventude ilesa,
e subsiste a ajuda de cidades e povos de Itália;
mas, se a glória que sobreveio aos Troianos vem carregada
de sangue (eles têm os seus mortos e a todos tocou por igual
a tormenta), porquê desistimos, sem dignidade,
no primeiro patamar? Porquê, antes de soar a tuba, as tremuras nos tomam
conta do corpo?

[173] Verdade seja que os Troianos só haviam sido vencidos uma vez. Tal como sucedera em igual exclamação de Numano (9.599), quem assim fala dá por adquirida, por antecipação, a derrota de Eneias.

[174] Latino.

O passar dos dias e o oscilar dos trabalhos do tempo, sempre vário,
muitas melhorias trouxeram; a muitos a Fortuna, voltando a olhar,
fez novos lances e de novo os colocou em terreno firme.
Não contaremos com a ajuda do Etólio e dos Arpos;
mas contaremos com Messapo e o rico Tolúmnio e os comandantes
que tantos povos enviaram, e não será pequena a glória
que seguirá esta elite no Lácio e nos campos laurentes.
E há ainda, da raça famosa dos Volscos, Camila,
à frente de uma força de cavalaria e de uma legião a reluzir de bronze.
Mas se é só a mim que os Teucros chamam ao combate,
e isso vos apraz, e só eu sou obstáculo ao bem comum,
não há-de a vitória odiar-nos tanto e fugir a nossas mãos,
a ponto de recusar, por mor de tamanha esperança, ousar seja o que for.
Avançarei contra ele com ânimo, ainda que supere o grande Aquiles
e venha revestido de iguais armas, trabalhadas pelas mãos de Vulcano.
A vós e ao meu sogro Latino,
eu, Turno, que em coragem não fico atrás de nenhum dos antigos,
devotei esta alma. Só a mim Eneias reclama? Pois que reclame, peço eu.
E não há-de ser Drances, se tal é a fúria dos deuses,
a pagar com sua morte e, se valor e glória existem, a triunfar.»[175]

Tais argumentos, em tão duvidosa contenda, trocavam eles entre si,
encarniçados; Eneias punha em marcha o campo e as tropas.
Eis que um mensageiro, com enorme agitação, irrompe
palácio dentro e enche de grande pavor a cidade:
os Teucros, em esquadrões alinhados, e as forças tirrenas,
descem a partir do rio Tibre e por toda a vastidão dos campos.

[175] Discurso de um guerreiro autêntico, de um herói, cuja *uirtus* (valentia) em nada fica aquém da que era apontada, aos Romanos do tempo de Virgílio, como ideal a atingir. Lido com atenção, não é um discurso de um herói maldito ou de um guerreiro horrendo, mas de um herói de verdade, merecedor de respeito e admiração.

E logo se inquietam os espíritos e desassossegam os corações
do povo e por ferrão nada brando é espicaçada a raiva.
Armas é o que reclamam, alarmados, brada por armas a juventude,
choram de tristeza e sussurram os pais. Daqui e dali uma gritaria
enorme, no desencontro de sentimentos, se ergue nos ares;
não de forma diversa solta sua chiadeira um bando de aves
quando pousa, ao acaso, no cume do bosque, ou os cisnes de voz rouca
na corrente cheia de peixes do Padusa, pelos pântanos barulhentos.

«Vamos, ó cidadãos!» diz Turno, aproveitando a ocasião,
«Ide avante com assembleias, ficai aí sentados e fazei o elogio da paz!
Eles, de armas em punho, invadem o reino.» E, sem mais dizer,
agarrou em si e saiu a toda a pressa do alto palácio.
«Tu, ó Vóluso, manda armar os manípulos dos Volscos,»
diz ele, «e comanda também os Rútulos. Messapo,
e Coras, com o irmão, espalhai a cavalaria a toda a largueza do campo.
Uma parte guarde bem as entradas da cidade e ocupe as torres;
o resto leve reforços comigo aonde eu mandar.»
De pronto da cidade inteira se acode às muralhas.

A assembleia, o próprio pai Latino a deixa e aos grandes projectos
e, perturbado pela tristeza do momento, tudo adia
e a si mesmo duramente se censura, por não ter logo acolhido
o dardânio Eneias e como genro o ter recebido na cidade.
Outros cavam fossos frente às portas ou carregam pedras
e estacas. Dá o sinal horrendo de guerra a trombeta,
de voz rouca. Então, as muralhas, em variada grinalda, as abraçam
mulheres e crianças; a todos convoca o derradeiro esforço.
E também a rainha, com grande comitiva de mulheres,
segue em direcção ao templo e ao cimo da cidadela de Palas,
a levar oferendas, e, em companhia dela, a jovem Lavínia,

a causa de tamanha desgraça, de formosos olhos em baixo.
Vêm as mães atrás e enchem o templo de fumo de incenso
e desde os altos pórticos espalham vozes de tristeza:
«Guerreira poderosa, patrona da guerra, ó virgem tritónia,[176]
quebra com tua mão a lança do pirata frígio e, a ele,
estende-o de cabeça no chão e esmaga-o ao pé dos altos portais.»

Desvairado, cinge armas para o combate, por seu lado, o próprio Turno.
E já, revestido da couraça resplandecente, se enrijecia
de escamas de bronze e acabara de encerrar as pernas dentro de ouro,
as têmporas desguarnecidas ainda, e cingira à ilharga a espada;
e refulgia de ouro, ao descer da alta cidadela,
e exulta em seu coração e já a esperança lhe faz antever o inimigo;
qual cavalo fugido do estábulo, depois de rompidas as amarras,
finalmente em liberdade e senhor de si em campo aberto,
ou corre para as pastagens e para a manada das éguas,
ou, acostumado a banhar-se em conhecida corrente de água,
galopa e sacode no alto a garimpa empinada
com pompa, e bamboleiam as crinas pelo pescoço, pelas espáduas.
Ao encontro dele, na companhia de um punhado de Volscos, acorre
Camila; a rainha apeia-se do cavalo junto aos portões,
e todo o esquadrão a imitou e, deixando as montadas,
desce para o chão. Então, tais palavras pronuncia:
«Turno, se alguma confiança tem em si um guerreiro de coragem,
ouso eu e prometo arremeter contra as tropas de Eneias
e, sozinha, avançar ao encontro dos cavaleiros tirrenos.
Deixa-me ser a primeira a enfrentar os perigos do combate;
tu, com a tropa apeada, defende as muralhas e protege a cidade.»
Turno, a tais palavras, de olhos fixos na temível donzela:

[176] Minerva. Cf. nota a 2.171.

«Ó virgem, honra de Itália, que graças posso eu dar-te,
com que graças te retribuir? Mas agora, pois que teu ânimo
a tudo supera, reparte comigo a empresa.
Eneias, tanto quanto me relatam as notícias e os batedores
que enviei, mandou à frente, o malvado, uma força ligeira
de cavaleiros, a bater a campina; ele, pelas escarpas desertas
da montanha, sobe acima das cumeadas e aproxima-se da cidade.
Preparo-lhe uma cilada nas sendas escusas da floresta,
por forma a bloquear-lhe com soldados armados as duas saídas.
Tu junta estandartes e apanha os cavaleiros tirrenos;
contigo vão estar o feroz Messapo e as legiões latinas
e as tropas de Tiburto; e tu toma conta do comando.»
Assim falou e, com semelhantes palavras, exorta ao combate
Messapo e os chefes aliados e avança contra o inimigo.

Existe um vale, com tortuosos meandros, ao jeito de uma cilada
e das manhas da guerra; adensa-o de negrume espessa folhagem,
de um e outro lado; levam até ele uma estreita vereda
e gargantas apertadas e arriscados acessos.
Nas grutas por cima dele e no alto cume da montanha,
estende-se um planalto despercebido e abrigos seguros,
quer se pretenda pela esquerda e pela direita entrar a pelejar,
quer atacar do alto e fazer rolar enormes penhascos.
Ali se posta o jovem, em ponto do percurso que bem conhece,
apossa-se do lugar e fica emboscado no bosque traiçoeiro.

Entretanto, na morada dos deuses, à rápida Ópis,
única de entre as virgens suas companheiras e de seu sagrado séquito,
chamava por ela a filha de Latona[177] e tais queixumes de tristeza

[177] Diana. As Amazonas, como Camila, virgens devotadas à guerra, eram servas de Diana, a deusa casta, e por ela protegidas.

ia soltando de sua boca: «Caminha para uma cruel batalha Camila,
ó virgem, e é em vão que cinge nossas armas,
ela, que mais que as outras me é cara. E não é novo este amor
que sobrevém a Diana e de súbita doçura lhe move o coração.
Expulso do reino pela inveja e pela força da arrogância,
Métabo, ao sair da antiga cidade de Priverno,
enquanto fugia pelo meio de combates e batalhas,
levou consigo a filha, ainda menina, e, do nome da mãe,
Casmila, chamou-lhe, mudando-lhe uma parte, Camila.[178]
Levando-a ele mesmo ao colo, buscava os longos cumes
de bosques solitários: setas sem piedade de todos os lados o acossavam,
e voltejavam, com soldados espalhados a todo o redor, os Volscos.
Eis que, em meio da fuga, o Amaseno, de águas abundantes,
espumava ao rés das margens, tamanho era o caudal de chuva que das nuvens
desabara. Quando se preparava para se pôr a nado, é retido
pelo amor pela criança e receia pelo fardo que lhe era caro. Tudo revolvendo
no seu íntimo, esta súbita decisão nele ganha forma:
uma lança enorme, que com a força de seu braço manejava,
quando guerreiro, de nós robustos e de carvalho temperado ao lume,
a ela ata a filha, envolta em cortiça de sobreiro silvestre,
e prende-a bem a meio da lança;
balança-a com a sua enorme mão direita e assim brada aos céus:
"A ti, ó bondosa guardiã dos bosques, ó virgem filha de Latona,
eu mesmo, seu pai, te confio esta serva; é a primeira que, com tuas armas,
foge, suplicante, pelos ares ao inimigo. Aceita-a, eu te peço,

[178] Assim começa a longa descrição da história de Camila, desde o seu nascimento. É rara na *Eneida* tamanha atenção dada a uma só personagem; neste aspecto, apenas Eneias, Turno e Dido se lhe equiparam; mas esses três são peças importantes da narrativa e fundamentais para a sua evolução; já Camila, por seu lado, não pode dizer-se que tenha um papel tão determinante quanto esses três protagonistas. A atenção que lhe é dedicada, por isso, é reveladora da enorme importância que, apesar disso, lhe é atribuída, não na organização da epopeia, mas na hierarquia dos seus valores. Dir-se-ia que Virgílio nutre pela virgem guerreira especial simpatia e, mesmo, afecto, que mais nenhuma mulher lhe merece.

como tua, ó deusa, ela que segue agora, entregue à incerteza das brisas."
Falou e, puxando atrás o braço, arremessa a lança a vibrar;
ressoaram as águas, por sobre a corrente veloz
foge, num dardo a assobiar, a desventurada Camila.
Mas Métabo, já com uma força grande a acossá-lo bem de perto,
atira-se ao rio e, triunfante, arranca de um tufo de relva a lança
com a menina, dádiva da Trívia.[179]

Não o acolheu em seus tectos cidade alguma, nem em seus muros,
nem ele se daria por vencido, em razão de sua aspereza:
e foi vida de pastores que na solidão dos montes passou a viver.
Aqui, alimentava a filha nas moitas e entre agrestes matagais,
nas tetas de uma égua de seu rebanho e com leite selvagem,
que lhe espremia sobre os lábios delicados.
E, quando a criança acabara de firmar os primeiros passos
nas plantas dos pés, armou-lhe as mãos com um dardo pontiagudo
e pendurou, no ombro da pequena, setas e um arco.
No lugar de cabeleira de ouro, no lugar da cobertura de longo manto,
despojos de pele de tigre lhe pendem corpo fora, desde o cimo.
Setas de criança desde logo ela as desferia com mão delicada
e uma funda era o que girava em volta da cabeça com correia retorcida
e abatia um grou de Estrímon ou um cisne branco.
Muitas mães nas cidades tirrenas em vão a cobiçaram
para nora; satisfeita, apenas, com Diana,
cultiva um amor infindo por setas e virgindade,
e sempre casta. Queria eu que não tivesse sido envolvida
em tal campanha, forçada a combater os Teucros,
ela que tão cara me é, e que fosse agora uma de minhas companheiras.
Mas vamos! Pois que é acossada pelos fados,

[179] A Trívia era Diana, deusa das encruzilhadas (*Tri+uia*: "três caminhos").

desce, ó ninfa, do céu e visita território latino,
onde, sob pressagos auspícios, se desencadeia um triste combate.
Toma isto e tira de minha aljava uma seta vingadora;
com ela, seja quem for que profanar com um golpe o corpo sagrado,
troiano ou itálico, sofra de minha parte com sangue o devido castigo.
Depois, no abrigo de uma nuvem, hei-de eu trazer o corpo da desventurada
e as armas intocadas e depositá-los em túmulo na pátria.»
Assim falou, e ela, deslizando, ligeira, pelas brisas do céu,
fez silvar o corpo, envolta em negro turbilhão.

Mas, entretanto, aproximam-se das muralhas as forças troianas
e os chefes etruscos e toda a cavalaria,
divididos por quantidades em grupos. Ressoam na planura inteira
os cascos inquietos dos cavalos, que lutam contra as rédeas
e balançam para um e outro lado; então, eriça-se de lanças
o vasto campo de ferro e arde a campina com as armas espetadas ao alto.
E também, do lado oposto, Messapo e os velozes Latinos
e Coras com o irmão e a ala da donzela Camila
aparecem postados no campo em frente e estendem, ao longe, as lanças,
braços puxados atrás, e fazem vibrar os dardos,
e a aproximação dos guerreiros e o ruído dos cavalos põe tudo em chamas.
E já o avanço de uma e outra parte tudo deixava
à distância de uma flecha; de súbito, irrompem num brado
e atiçam os cavalos excitados, de toda a parte disparam, ao mesmo tempo,
nuvens de setas, densas como tempestade de neve, e o céu fica coberto de sombra.
Logo depois, Tirreno e o bruto Aconteu arremetem com toda a força,
lança contra lança, e são os primeiros a desabar,
com enorme estrondo, e rompem e despedaçam peito
contra peito de seus cavalos; Aconteu, projectado,
como se fora um raio ou pedra arremessada por uma besta,
voa para longe e perde a vida nos ares.

De imediato, as tropas em desordem e os Latinos a recuar
lançam para trás os escudos e dirigem os cavalos para as muralhas.
Os Troianos avançam; à frente deles comanda as tropas Asilas.
Já se aproximavam das portas, e os Latinos, uma vez mais,
soltam brados e voltam para trás a cabeça ligeira;
fogem outros e retiram-se para bem longe, de rédeas soltas,
qual mar, quando irrompe no vai-e-vem das marés,
ora corre para terra e lança por sobre as rochas a espuma
das ondas e inunda com suas golfadas a areia mais distante,
ora, num ápice, a engolir no turbilhão as pedras que vão rolando,
recua de novo e deixa a praia no refluxo das águas.

Duas vezes os Etruscos atacaram os Rútulos a caminho das muralhas,
duas vezes, rechaçados pelas armas, olham para trás, protegendo as costas com os escudos.
Mas, depois de se enfrentarem num terceiro assalto e se misturarem
por inteiro os exércitos entre si e escolher cada homem o seu homem,
então, sim, são os gemidos dos que vão morrendo e armas e corpos
numa maré de sangue e, embrulhados na matança dos homens,
cavalos a rolar desfalecidos, é a batalha acesa que recrudesce.

Orsíloco, por recear enfrentá-lo directamente,
arremessou uma lança contra o cavalo de Rémulo e cravou-lhe o ferro debaixo da orelha;
com tal golpe, fica furioso o cavalo e empina-se a pique,
enlouquecido com a ferida, e lança alto as patas, de peito empertigado:
ele rola por terra, atingido. Catilo abate Iolas,
abate Hermínio, grande de coragem, grande de corpo e armas,
de ruiva cabeleira na cabeça descoberta,
os ombros descobertos; nenhum golpe lhe mete medo,
tamanho é o destemor diante das armas. Uma lança atinge-o entre os largos ombros,

estremece e parte em dois o guerreiro, trespassando-o com dor.
Escorre por toda a parte negrume de sangue; quem combate
leva destruição à força da espada e busca à custa de golpes uma bela morte.

Mas, em meio de tal chacina, sobressai uma Amazona,
um dos lados desnudo para poder combater, Camila, com sua aljava;
e ora com sua mão espalha setas ligeiras e delas faz densas nuvens,
ora, sem descanso, empunha em sua mão o machado robusto;
tilintam no ombro o arco doirado e as armas de Diana.
Mais ainda, até quando perseguida e obrigada a recuar,
ela volta-se e dispara setas para trás, enquanto foge.
Em volta dela, companheiras escolhidas, a donzela Larina
e Tula e Tarpeia, a brandir um machado de bronze,
filhas de Itália, que a divina Camila, ela mesma, escolheu
para sua guarda de honra, para bem a servirem na paz e na guerra;
quais Amazonas trácias, quando agitam os rios do Termodonte
e se entregam à guerra com armas pintadas,
quer em volta de Hipólita, quer quando a filha de Marte, Pentesileia,
se faz transportar de volta em seu carro e, por entre um ulular de imenso tumulto,
o exército das mulheres exulta com os escudos em forma de lua.

Qual o primeiro, qual o último que com o dardo, ó virgem sem piedade,
tu abates? Ou quantos corpos moribundos tu lanças por terra?

O primeiro é Euneu, cujo pai era Clício; quando avançava sobre ela,
ela trespassa-lhe com a longa lança o peito desguarnecido.
Ele, a vomitar rios de sangue, tomba e é terra ensanguentada
que morde e, ao morrer, rebola sobre suas próprias feridas.
Logo depois, sobre ele, Líris e Págaso; um deles quando apanha,
apeado, as rédeas do cavalo que escorregara, o outro
ao aproximar-se e estender a mão desarmada para o que estava caído;

abatidos, tombam, lado a lado. A estes junta Amastro,
filho de Hípotes, e persegue de longe, de lança em riste,
Tereu e Harpálico e Demofoonte e Crómis;
quantas setas desferiu, saídas de sua mão, a donzela,
tantos guerreiros frígios tombaram. Ao longe cavalga Órnito,
um caçador, com armas desconhecidas e num cavalo iápige;
uma pele arrancada a um touro vela-lhe os largos ombros
enquanto combate, a cabeça cobre-a uma enorme bocarra
e as queixadas de um lobo, de dentes brancos,
e arma-lhe as mãos um espigão rústico; ele passeia-se
no meio das tropas e a cabeça inteira sobressai acima delas.
Dele se apercebeu ela (sem grande esforço, ao contornar as tropas),
trespassa-o e acrescenta tais palavras, de coração implacável:
«Pensavas tu, ó Tirreno, que andavas à caça de feras na floresta?
Chegou o dia em que à vossa conversa fazem frente
armas de mulheres. Mas não é modesto este nome
que vais levar aos manes de teus pais; tombaste à lança de Camila.»
Acto contínuo abate Orsíloco e Butes, dois dos mais imponentes
dos Teucros; mas a Butes trespassou-o com a lança de frente,
entre a couraça e o elmo, no ponto onde reluz o pescoço do cavaleiro,
e fica suspenso, no braço esquerdo, o escudo;
a Orsíloco, enquanto lhe fugia e era perseguida numa grande volta,
aperta o círculo e passa a perseguir o perseguidor;
então, erguendo-se bem acima daquele homem que lhe implorava
e muito clamava, por armas e por ossos lhe dobra o golpe
do machado poderoso; a ferida banha-lhe o rosto, o cérebro ainda morno.
Chega-lhe próximo, e fica transido de medo da sua súbita aparição,
um outro combatente, filho de Auno, do Apenino,
não o último dos Lígures, assim os fados lhe consentissem a arte do engano.
Ele, ao ver que não conseguia já escapar ao confronto
por caminho algum, nem evitar a rainha mesmo em cima dele,

põe-se a congeminar uma conversa manhosa e assim fala,
com astúcia: «Que coisa espantosa, ó mulher, fiares-te
na força de um cavalo! Para de fugir e, aqui mesmo, frente a frente
e de igual para igual, fia-te neste chão e combate comigo em duelo apeado:
logo saberás a quem a glória feita de vento anda a enganar.»
Assim falou; e ela, desvairada e a arder de fúria desmedida,
entrega o cavalo a uma companheira e apresenta-se de armas iguais,
apeada, de espada nua, destemida com seu escudo sem enfeites.
Mas o jovem, a pensar que triunfara com suas manhas, voa,
sem perder tempo, volta as rédeas e põe-se em fuga
e pica o cavalo veloz com o ferro das esporas:
«Ó Lígure pateta e que em vão te deixas levar por essa prosápia,
debalde, para escapares, deitaste mão das artes de teu pai,
mas esse ardil não vai levar-te, incólume, ao trapaceiro Auno.»
Assim fala a donzela e, com pés ligeiros, como uma chama,
passa o cavalo em corrida, volta-se e segura-o pelo freio,
ataca e colhe sua vingança no sangue do inimigo,
com a facilidade com que o falcão, ave sagrada, alcança,
do alto de um penhasco, uma pomba a voar alto, numa nuvem,
e segura-a bem presa, e com suas garras afiadas a despedaça,
e logo caem sangue e penas soltas do alto.

Mas não é sem olhar atento que o pai dos homens e dos deuses
isto observa, sentado em seu trono no alto do Olimpo.
O pai incita o tirreno Tarconte à dureza do combate
e atiça-lhe a raiva com aguilhão nada brando.

Assim, no meio do massacre e do exército em retirada, Tarconte
segue em seu cavalo e encoraja com brados vários as tropas,
chamando cada um pelo nome, e traz de novo a combate os vencidos.
«Que pavor é esse, ó gente nunca pronta a padecer, ó Tirrenos

sempre preguiçosos? Que tamanha moleza acudiu a vossos corações?
Uma mulher põe-vos em debandada e destroça estas tropas!
De que nos serve a espada, que dardos inúteis empunhamos nas mãos?
Mas para o serviço de Vénus e combates da noite não sois moles,
ou quando a flauta curva convida às festas de Baco!...
Esperai por banquetes e taças de vinho em mesas repletas
(é este o vosso desejo, este o vosso cuidado), até um áugure propício
anunciar o sacrifício e a vítima pingue de gordura vos chamar para os bosques profundos.»

Dizendo tais palavras, lança o cavalo na refrega, disposto a morrer
ele mesmo, e atira-se, como um turbilhão, contra Vénulo
e arranca do cavalo o inimigo e estrangula-o com o braço
e arrasta-o diante de si com toda a força e a galope.
Ergue-se ao céu um brado e todos os Latinos
voltam os olhos. Voa campo fora, como um raio, Tarconte,
carregando armas e homem; então, quebra-lhe a ponta de ferro
do alto da lança e sonda a couraça rasgada,
por onde possa desferir-lhe o golpe final; mas ele resiste
e sustém-lhe a mão na garganta e afasta força com força.
Como uma águia em alto voo arrasta o dragão que arrebatou
e ao qual enlaçou as patas e prendeu com as garras,
mas o réptil ferido retorce os anéis do corpo ondulante
e eriça-se na sua crosta de escamas e solta silvos de sua boca,
esticando-se bem alto, mas a águia, com seu bico recurvo,
não o estrangula menos enquanto resiste, vai batendo as asas ares fora;
não é diferente Tarconte, a carregar, triunfante, a sua presa
para longe do exército dos Tiburtinos. Seguindo o exemplo e o sucesso do chefe,
os Meónidas lançam-se ao ataque. Então Arrunte, por ordem dos fados,
com seu dardo e com bem melhor arte, rodeia
a veloz Camila e procura a ocasião de mais fácil fortuna.
Aonde quer que fosse a donzela enfurecida no meio das tropas,

aí acorre Arrunte e, em silêncio, segue-lhe as passadas;
aonde ela retorna, vitoriosa, e afasta os passos do inimigo,
para aí o jovem furtivo desvia, a toda a pressa, as rédeas.
A um lugar e a outro lugar, pelo terreno inteiro vagueia,
por toda a parte, e vai brandindo a lança com perfídia.

Quis o acaso que Cloreu, em tempos sacerdote consagrado a Cíbele,
desse nas vistas de longe, a cintilar nas suas armas frígias;
montava ele um cavalo a espumar, coberto de uma pele
em jeito de plumagem com escamas de bronze, costurada a ouro;
ele próprio, com um exótico brilho sombrio de púrpura,
desferia setas gortínias de um arco lício;
era de oiro o arco pendurado no ombro e de ouro o elmo
do sacerdote; e também o manto de açafrão e as pregas de linho
roçagante, prendera-as num laço de fulvo ouro,
a túnica era bordada e bárbara a protecção das pernas.
A donzela, fosse para lhe pendurar no templo as armas
vindas de Tróia, fosse para se adornar do ouro que capturasse,
feita caçadora, só a ele, de todos os recontros da batalha,
ela perseguia, na sua cegueira, e, sem cautela, por entre o exército inteiro,
ardia em desejos de mulher pela presa e seus despojos.[180]
É então, finalmente, que capta a ocasião Arrunte e do esconderijo
agita o dardo e com estas palavras suplica aos deuses:
«Tu, o mais elevado dos deuses, Apolo, guardião do Soracte sagrado,
de quem sou o primeiro dos devotos, em honra de quem a chama de pinho
lavra em nossas fogueiras, e pelo meio do fogo, fiados em nossa piedade,
nós, teus devotos, deixamos nossas pisadas sobre o imenso brasido,

[180] Não fora inocente, nos versos anteriores, a longa descrição dos ornamentos do sacerdote Cloreu. Por eles se deixara atrair Camila, a ponto de desguarnecer a atenção, distracção que lhe será fatal. Camila, amazona, virgem guerreira, mulher, sucumbiu quando cedeu, se assim pode dizer-se, ao seu lado feminino. Cada um de seu jeito, foi, afinal, o que levou à perdição Dido, vítima do amor, Euríalo, vítima da vaidade e — porque não? — também do amor.

concede-me, ó pai, apagar esta desonra com nossas armas,
tu, que tudo podes. Não são despojos ou um troféu da donzela liquidada
ou um qualquer espólio que peço; a mim, os demais feitos
hão-de trazer-me a glória; desde que caia abatida por golpe meu
esta peste tremenda, retornarei sem glória à cidade pátria.»

Ouviu-o Febo e uma parte de seu voto aceitou acolhê-la,
a outra parte deixou-a esvair-se pelas brisas ligeiras:
prostrar com morte súbita a desvairada Camila,
ele o consentiu ao suplicante; a sua alta pátria vê-lo retornar
não lho concedeu, e nos Notos lançou suas palavras a borrasca.
Então, quando a lança arremessada por sua mão silvou nos ares,
todos os Volscos voltaram os corações angustiados
e dirigiram os olhares para a rainha. Mas ela, de nada, nem do sopro
nem do silvo se apercebeu, nem do dardo que vinha pelos ares,
até que a lança, ao atingir o seio desnudo,
se cravou e bebeu, mergulhando fundo, o sangue virginal.
Acorrem as companheiras pressurosas e sustêm a rainha
em sua queda. Foge, apavorado, mais do que todos, Arrunte,
tomado de alegria à mistura com medo e não ousa já fiar-se mais
em sua lança nem enfrentar os dardos da rainha.
E, assim como um lobo, antes que os dardos inimigos o persigam,
foge, rápido, a esconder-se longe nas altas montanhas
depois de matar um pastor ou um enorme vitelo,
consciente da ousadia de seu feito, e, a enrolar a cauda de medo,
mete-a sob o ventre e procura esconderijo na floresta,
não de outro modo se furta, temeroso, aos olhares Arrunte
e, satisfeito na fuga, mistura-se no meio do exército.

Ela, ao morrer, puxa a seta com a mão, mas a ponta de ferro
permanece cravada entre os ossos das costas, em golpe profundo.

Desfalece, exangue, desfalecem no frio da morte
os olhos, a cor, outrora de púrpura, esvai-se-lhe do rosto.
Então, ao expirar assim, dirige-se a Aca, uma das da sua idade,
especialmente fiel a Camila, acima das demais,
e com quem partilhava cuidados, e assim lhe fala:
«Até aqui, ó Aca, minha irmã, eu consegui! Agora, esta ferida terrível
está a finar-me, e tudo são trevas e negrume à minha volta.
Foge e leva a Turno esta mensagem derradeira:
avance para o combate e afaste os Troianos da cidade.
Agora, adeus!» Enquanto dizia tais palavras, soltava as rédeas,
deslizando sem vontade para o chão; então, enregelada,
separou-se, aos poucos, do corpo todo e reclinou o pescoço,
já sem força, e a cabeça tomada pela morte, deixando as armas;
e a vida, com um gemido, se esvai, revoltada, para o mundo das sombras.[181]

E logo, então, um imenso clamor se levanta e atinge os astros
de oiro: os combates recrudescem com a morte de Camila;
acorrem, ao mesmo tempo, em nuvens cerradas, toda a tropa de Teucros
e os chefes tirrenos e as legiões árcades de Evandro.
Mas a guardiã às ordens da Trívia, Ópis, há já muito que está de vigia
no cimo da montanha e observa, impávida, a batalha.
E assim que, ao longe, no meio do clamor dos guerreiros em fúria,
viu Camila atingida pelas sombras da morte,

[181] Com estas mesmas palavras, sem qualquer alteração, será narrada, no final, a morte de Turno. Ou seja, este mesmo verso, escolhido para encerrar a vida de Camila e, neste caso, o episódio em que se destaca como protagonista de proezas de guerra (*aristeia*), será o verso escolhido para encerrar a epopeia. Não por acaso, decerto. Turno e Camila são duas personagens de grandeza ímpar. Mas Camila, nunca o herói, Eneias, a encontrou, nunca com ela se cruzou, nunca com ela terçou armas. Estranhamente, sucumbe, dir-se-ia de forma inglória, às mãos de um soldado quase anónimo, um cobarde que a atingiu à traição, escondido, emboscado, e que logo se pôs em fuga, incapaz, mesmo, de assumir o seu feito. Estranha morte para uma heroína com a grandeza de Camila, também neste aspecto uma personagem singular. Uma mais, entre as tantas contradições em que é fértil a epopeia virgiliana.

soltou um queixume e tais palavras arrancou do fundo do peito:
«Ah, cruel demais, ó virgem, cruel demais é o suplício
que padeceste, ao ousares enfrentar em guerra os Troianos!
Nem te valeu teres cultivado Diana na solidão das florestas,
ou teres carregado aos ombros nossas aljavas.
Mas não te abandonou sem honra tua rainha,
já na hora derradeira da morte, nem ficará sem glória entre as nações
este fim nem padecerás da fama de não seres vingada;
pois quem quer que seja que profanou teu corpo com uma ferida
há-de pagar com morte merecida.» Havia no sopé da alta montanha,
num socalco do terreno, o grande túmulo do rei Derceno,
um antigo laurente, coberto por um frondoso carvalho;
aqui, com toda a sua formosura, começa por postar-se a deusa,
em voo rápido, e espreita Arrunte do alto do túmulo.

Quando o viu refulgente em suas armas e inchado de glória oca,
disse: «Porque partes em fuga? Volta para aqui teus passos,
achega-te aqui, tu que vais morrer, para receberes o justo prémio
por Camila. Tu, podes crer, vais sucumbir às setas de Diana!»
Assim falou a Trácia e tirou uma seta ligeira
da aljava dourada e retesou, furiosa, o arco
e repuxou bem, até as pontas recurvadas se juntarem
uma à outra e, com as mãos alinhadas, tocar,
com a esquerda, a ponta do ferro e, com a direita na corda, o seio.
Num instante, ouviu Arrunte, à uma, o silvo da flecha
e um sopro no ar, e o ferro cravou-se-lhe no corpo.
Ao expirar e soltar o último gemido, os companheiros
o abandonam, dele esquecidos, na poeira desconhecida dos campos;
Ópis, com suas asas, ergue-se ares fora para o alto do Olimpo.
Começa por fugir, perdida a rainha, a divisão de Camila,
fogem os Rútulos, foge o implacável Atinas,

e os chefes em debandada e os manípulos, entregues a si mesmos,
buscam refúgio seguro, invertem a marcha e dirigem-se a cavalo para as muralhas.
E ninguém consegue suster a ameaça dos Teucros
portadores de morte ou fazer-lhes frente com setas,
antes carregam nos ombros estafados os arcos já frouxos
e em seu galope sacodem os cascos dos cavalos o chão amolecido.

Volteia junto às muralhas um turbilhão de pó numa nuvem negra,
e, das rochas cavadas, as mães, a baterem no peito,
erguem seus gritos de mulheres até aos astros do céu.
Os primeiros a irromper em sua corrida pelas portas escancaradas,
a esses acomete-os um punhado de inimigos, na confusão das tropas,
e não escapam a uma triste morte, antes nos próprios portais
e já dentro dos muros da pátria e em meio da segurança de suas casas,
exalam, trespassados, a alma. Uma parte cerra as portas
e não ousa abrir caminho aos companheiros nem acolher muros dentro
quem suplica, e é bem triste o massacre que se desencadeia
entre quem com armas defende a entrada e quem para as armas corre.

Rechaçados diante do olhar e do rosto em pranto de seus pais,
uma parte lança-se no abismo dos fossos, ante a ameaça da ruína,
outra parte, na cegueira do desvario, rédeas desenfreadas,
arremete contra os portais de rijas traves.
As próprias mães, do alto dos muros, em esforço derradeiro
(o autêntico amor da pátria assim ensina), como viram fazer a Camila,
lançam, destemidas, setas com suas mãos e com rijos cacetes de carvalho
e bastões e estacas queimadas a imitar ferro
e lançam-se abaixo e ardem por ser as primeiras a morrer pela cidade.

Entretanto, um bem funesto mensageiro chega a Turno,
dentro da floresta, e Aca relata ao jovem a grandeza do desastre:

o exército dos Volscos foi liquidado, Camila tombou,
os inimigos atacam sem piedade e, com a ajuda de Marte,
apoderam-se de tudo, o medo chegou já às muralhas.
Ele, desvairado — assim o reclama o poder cruel de Júpiter —,
abandona a colina que ocupava, deixa os bosques agrestes.
Mal acabara de sair do seu posto de vigia e seguia em campo aberto,
quando o pai Eneias entra no desfiladeiro desguarnecido
e transpõe os montes e sai das sombras da floresta.

Assim seguem ambos a grande pressa para as muralhas,
com todas as suas tropas e não muito distantes entre si;
e, ao mesmo tempo, Eneias viu ao longe os campos
cobertos de uma nuvem de pó e as tropas dos Laurentes,
e Turno reconheceu o temível Eneias por suas armas
e ouviu a marcha dos soldados apeados e o respirar dos cavalos.

Logo dariam largas ao combate e tentariam a batalha,
se Febo rosado não mergulhasse já os cavalos exaustos
nos mares da Ibéria e não trouxesse a noite, no findar do dia.
Assentam campo diante da cidade e reforçam as trincheiras.

Livro XII

Turno, quando vê que os Latinos, quebrados por Marte adverso,
fraquejaram, que se reclama agora o que prometera,
que ele é alvo de todos os olhares, vai mais além no seu furor implacável
e fica de ânimo exaltado. Qual nos campos púnicos
o leão, atingido no peito por rude golpe de caçadores,
só para a luta avança e exulta a abanar o pescoço musculado,
de juba farta, e o dardo do agressor que traz cravado,
parte-o com destemor e ruge de fauces ensanguentadas,
não de outro modo cresce a violência em Turno, a arder de fúria.[182]

Então, assim fala ao rei e com tal ardor começa:
«Não há tardanças da parte de Turno; e não há razão para a reles gente de Eneias
voltar com a palavra atrás nem para enjeitar o que prometeu.
Vou combater. Traz os instrumentos rituais, ó pai, e prepara o pacto.
Ou enviarei com este braço o Dardânio para o fundo do Tártaro,
a esse desertor da Ásia — tomem lugar os Latinos e observem —
e, sozinho, à força da espada, vou repelir essa ofensa a todos nós,
ou que a todos nos vença e se lhe entregue Lavínia por esposa.»

---

[182] Significativo (e simbólico) o símile do leão, ao qual se compara Turno, rei e senhor na sua grandeza e força, à entrada do último livro do poema. É essa a imagem que dele se irá construindo, pouco ao pouco, ao longe desta etapa derradeira. Como quem acentua ser imerecido, ante tamanha grandeza, o fim que o aguarda. Mas, ao mesmo tempo, importa reconhecer que esta sucessão de retratos de Turno mais engrandece a figura de Eneias.

Responde-lhe, de coração sereno, Latino:
«Ó guerreiro de coração valente, quanto mais tu te excedes em furor
e coragem, com tanto mais ponderação devo eu reflectir
e pesar, com temor a todos os desfechos.
Possuis tu o reino de teu pai Dauno, possuis cidades sem conta
conquistadas por teu braço, e Latino possui ainda ouro e grande coração;
possuem outras noivas por casar as terras do Lácio e dos Laurentes,
e de não menos nobre estirpe. Consente-me deixar claras, sem manhas escondidas,
estas coisas que não são brandas de dizer e também acolhe isto em teu espírito:
unir a minha filha a qualquer dos antigos pretendentes,
isso não me era consentido, e todos, deuses e homens, o anunciavam.
Vencido pelo amor por ti, vencido pelo parentesco de sangue
e pelas lágrimas de minha triste esposa, rompi todas as juras,
roubei a meu genro a que lhe fora prometida, empunhei armas sacrílegas.
De tal gesto, que desfechos, ó Turno, que guerras me sobrevieram,
tu bem vês, que tamanhos padecimentos, que és o primeiro a suportar.
Duas vezes vencidos em grandiosas batalhas, a custo conseguimos manter
as esperanças de Itália; estão quentes as correntes do Tibre
de nosso sangue e cobre-se a campina sem fim do branco das ossadas.
Para quê voltar atrás tantas vezes? Que desvario me muda o pensar?
Se, com a morte de Turno, estou pronto a recebê-los por aliados,
porque não suspendo, antes, os combates, com ele a salvo?
Que dirão os Rútulos, do meu sangue, que dirá o resto
de Itália, se à morte (desminta a sorte tais palavras!)
eu te entregar, quando era a minha filha e esponsais connosco que buscavas?
Atenta nos rumos incertos da guerra, compadece-te de teu pai
já velho, que a vossa pátria Árdea mantém, agora, entristecido,
longe de ti.» Mas de jeito algum a fúria de Turno se verga
diante de palavras; mais se acrescenta e desatina com tal cura.
Logo que lhe foi possível falar, assim insistiu neste discurso:
«O cuidado que comigo manifestas, ó pai bondoso, desiste dele,

eu te peço, e consente-me que eu compre a morte a troco da glória.
E eu, ó pai, setas e espada, não é com mão frouxa
que as manejo, e dos golpes que faço jorra também sangue;
longe dele andará a deusa, sua mãe, que lhe proteja a fuga
em nuvem própria de mulheres, e em vãs sombras vá ele esconder-se.»[183]

Mas a rainha, temerosa da nova sorte da batalha,
chorava e, destinada a morrer, sustinha a fúria do genro:
«Turno, por este pranto, pela honra de Amata, se um pouco dela
te toca o coração (tu és agora a única esperança, tu o repouso
de minha triste velhice, a majestade e o poder de Latino
estão em tuas mãos, em ti toda a casa, prestes a ruir, assenta),
só a ti suplico: desiste de dar combate aos Teucros.
Qualquer que seja o desfecho que te espera em tal duelo,
é a mim, ó Turno, que espera; deixarei ao mesmo tempo esta luz
que odeio e não há-de ser como cativa que verei Eneias por genro.»[184]

Acolheu Lavínia, por entre lágrimas, as palavras da mãe,
inundando as faces em brasa; um rubor intenso fez subir nela
um fogo e invadiu-lhe o rosto de calor.[185]
Como se alguém tingisse marfim da Índia com púrpura
cor de sangue, ou lírios brancos enrubescem misturados
em ramos de rosas, assim punha a donzela cores em seu rosto;

---

[183] Alusão ao episódio narrado em 10.636-660, quando Juno criou um simulacro de Eneias, fazendo com que Turno o perseguisse e, dessa forma, não tivesse de enfrentar o guerreiro real, e depois o fez desaparecer.

[184] Amata é, desde o começo, a maior aliada de Turno no campo latino. Mas não deixa de ser estranho este empenho e a forma intensa e plena de emoção, levada verdadeiramente ao extremo, como se manifesta.

[185] Ao longo de todo o poema, Lavínia jamais profere uma palavra, exprime uma opinião, manifesta uma atitude. Mas não pode dizer-se que seja uma não presença, na medida em que o seu papel, posto que silencioso, é determinante nesta segunda metade da narrativa. Aqui, a despeito do silêncio, o seu rubor diz mais que muitas palavras. É o único momento em todo o poema em que isso acontece.

o amor deixa-o perturbado, e firma o olhar na donzela.
Mais se inflama por combater e breves palavras dirige a Amata:
«Não, eu te peço, não me sigas com lágrimas, não com presságio
tão terrível, quando parto para os combates do duro Marte,
ó mãe; nem cabe a Turno a liberdade de adiar a morte.
E tu, ó Ídmon, leva por mensagem ao tirano frígio estas palavras
nada aprazíveis: assim que, amanhã, tingir de rubro o céu
a Aurora, trazida em seu carro vermelho,
não serão Teucros que vai levar contra Rútulos; repousem as armas
de Teucros e de Rútulos; decidamos com nosso sangue a guerra;
é em tal campo que tem de ser disputada a mão de Lavínia.»

Quando proferiu tais palavras e regressou, à pressa, à sua morada,
pede os cavalos e delicia-se a vê-los diante de si, impacientes;
a própria Oritia os dera a Pilumno, em gesto de homenagem,
por forma a superarem em alvura as neves e na corrida as brisas.
Circulam, solícitos, à volta deles, os aurigas e com as mãos em concha
dão-lhes batidas no peito e penteiam-lhes no pescoço as crinas.

Ele mesmo, a seguir, lança sobre os ombros a armadura
com nós de ouro e de oricalco branco, e logo ajeita
a espada e o escudo e as pontas do rubro elmo,
espada que o próprio deus senhor do fogo fabricara para Dauno,
seu pai, e temperara em brasa nas águas do Estígio.
De seguida, segura com força uma lança robusta que estava
no meio da casa, encostada a uma enorme coluna,
despojo do aurunco Áctor, e agita-a e sacode-a,
bradando: «Agora, ó lança, que nunca frustraste o meu chamado,
agora é chegado o tempo; a ti te manejou o grande Áctor,
a ti te maneja agora a mão de Turno; concede-me deitar por terra
o corpo do frígio meio mulher e arrancar-lhe a couraça e

com mão robusta despedaçá-la e chafurdar-lhe no pó a cabeleira
frisada com ferro em brasa e encharcada em mirra.»
Tal é a fúria que o agita, e faúlhas em fogo chispam-lhe
de todo o rosto, nos olhos cheios de ódio faísca lume,
assim como, no começo da lide, solta urros tremendos
o touro ou tenta pôr toda a fúria nos chifres
e investe contra o tronco de uma árvore e é vento que provoca
com suas marradas ou treina para o combate espalhando areia.

Não menos temível, entretanto, com as armas de sua mãe,
Eneias espicaça Marte e faz crescer a sua raiva,
satisfeito por a guerra se resolver com o pacto que lhe foi proposto.
Então, reconforta os companheiros e a tristeza e receio de Iulo,
dando-lhes a conhecer os fados, e envia emissários ao rei Latino
com a resposta segura e a transmitir-lhe as condições da paz.
Na manhã seguinte, mal o nascer do dia inundava de luz
o cume das montanhas, quando do fundo do abismo começam a subir
os cavalos do sol e soltam bafos de luz das narinas esticadas,
junto às muralhas da grande cidade mediam o campo para o duelo
e preparavam-no guerreiros rútulos e teucros;
no meio, fogueiras e altares de relva erguidos aos deuses
comuns. Outros traziam água e fogo,
cobertos de linho, as têmporas cingidas de grinaldas de verbena.
Avança a legião dos homens da Ausónia e, armadas de lanças,
as tropas espalham-se ao longo das portas; daqui, todo o exército
troiano e o tirreno acorrem, com armas variadas,
armados de ferro, não de modo diferente do que se a duros combates de Marte
fossem chamados. E também, no meio desses milhares, os próprios
comandantes volteiam, ornados de ouro e púrpura,
Mnesteu, da estirpe de Assáraco, e o valente Asilas
e Messapo, domador de cavalos, filho de Neptuno.

Assim que foi dado o sinal, cada um retira-se para o seu lugar,
firmam lanças no chão e encostam os escudos.
Então, movidas pela ânsia, as mães e o povo indefeso
e os anciãos inválidos ocupam torres e telhados de casas,
outros ficam de pé por cima dos portais.

Mas Juno, do cimo de uma colina, que agora se chama Alba
(então não possuía nome esse monte, nem honra ou fama),
observava, com um olhar sobre o terreiro, o campo e ambos
os exércitos, de Laurentes e Troianos, e a cidade de Latino.
De repente, assim falou à irmã de Turno,
uma deusa a uma deusa, aquela que preside aos lagos e aos rios
marulhantes (o sublime rei do alto, Júpiter, tal honra
lhe tinha conferido, em paga da virgindade que lhe roubara):[186]
«Ninfa, glória dos rios, tão grata a meu coração,
bem sabes como a ti, apenas, entre todas as mulheres latinas
que subiram um dia ao ingrato leito de Júpiter,
eu te preferi e de vontade te dei um lugar num ponto do céu;
fica a saber, ó Juturna — e disso não me culpes —, a tua desgraça.
Até onde a Fortuna pareceu suportar e as Parcas consentiam
que as coisas se conformassem ao Lácio, protegi Turno e teus muros;
agora, vejo que o jovem contende contra fados desiguais,
e o dia das Parcas e forças inimigas está próximo.
Não sou capaz de ficar a ver com meus olhos este combate e este pacto.
Tu, se és capaz, por teu irmão, de atrever-te a algo mais ousado,
segue adiante; tens liberdade. Talvez aos desventurados melhor sorte acuda.»
Mal proferiu estas palavras, Juturna banhou de lágrimas os olhos
e três e quatro vezes flagelou com sua mão o peito formoso.

[186] Trata-se de Juturna. Era filha de Dauno e, portanto, irmã de Turno e foi uma das muitas aventuras amorosas de Júpiter. Em paga por lhe ter dado a sua virgindade, Júpiter fez dela imortal, ninfa com poder sobre rios e fontes.

«Não é para lágrimas este tempo!» diz a satúrnia Juno;
«Despacha-te e, se jeito existe, furta teu irmão à morte
ou ateia a guerra e deita por terra o pacto que firmaram.
Serei o garante do que ousares.»[187] Assim a incitou e deixou-a
sem norte e de coração angustiado por tão triste golpe.

Entretanto, os reis: Latino, com imponente aparato,
fazia-se transportar numa quadriga; cingem-lhe as têmporas,
refulgentes, duas vezes seis raios de ouro,
emblema do Sol, seu avô; segue Turno numa biga branca,
a brandir na mão duas lanças de ferro largo;
do outro lado, o pai Eneias, origem da raça romana,
flamejante em seu escudo com o brilho de uma estrela e armas de fabrico celeste,
e, logo ao pé, Ascânio, segunda esperança da grande Roma,
avançam desde o campo; e um sacerdote, de túnica imaculada,
traz um filhote de porco de pelo eriçado e uma ovelha por tosquiar
e chega tais animais aos altares de chamas a arder.
Eles, olhos voltados para o sol que se erguia no céu,
ofertam com suas mãos pães salgados e marcam com o ferro
o cimo das têmporas dos animais e fazem libações aos altares com taças.

Então, o piedoso Eneias, de espada desembainhada, faz esta prece:
«Seja agora minha testemunha o sol e esta terra que invoco,
pela qual tamanhos padecimentos fui capaz de suportar,
e o pai todo poderoso e tu, ó Satúrnia, sua esposa,
(agora mais propícia, agora, ó deusa, eu te peço), e tu, ó ínclito Marte,
tu, ó pai, que todas as guerras pões em marcha com teu poder;
invoco fontes e rios e todas as divindades do alto céu

[187] Uma vez mais se manifestam os caminhos tortuosos de Juno. Em boa verdade, a preocupação da deusa em relação à sorte de Turno é nula. O rei rútulo é, apenas, um instrumento mais no combate sem tréguas que a rainha dos deuses leva a cabo contra Eneias.

e todas as potestades que há no mar sombrio;
se acaso a vitória couber em sorte ao ausónio Turno,
está acordado que os vencidos partam para a cidade de Evandro,
Iulo abandonará estes campos e não pegarão depois em armas,
feitos rebeldes, os homens de Eneias nem à espada atacarão estes reinos.
Se, pelo contrário, a vitória nos confirmar que Marte está connosco,
como antes acredito (e antes o confirmem os deuses com sua vontade),
eu não vou ordenar que Itálicos se sujeitem a Teucros,
nem reclamo o reino para mim; com leis iguais, ambos os povos,
sem derrotas, se hão-de entregar a uma aliança para sempre.[188]
Rituais e deuses lhes darei; meu sogro, Latino, conservará suas tropas,
conservará o poder soberano; os Teucros hão-de construir
muralhas para mim e Lavínia dará à cidade o nome.»

Assim começou Eneias; assim prossegue, depois, Latino,
olhos postos no céu, e estende para os astros as mãos:
«Por tudo isto, também, ó Eneias, por terra, mar e astros, eu juro,
pelos dois filhos de Latona[189] e por Jano, de dupla fronte,
e pelo poder dos deuses dos infernos e pelos santuários da terrível Dite;
escute estas palavras o pai que de seu raio aprova os pactos.[190]
Eu toco os altares, tomo por testemunhas os fogos que temos entre nós e as divindades;
dia algum há-de romper esta paz, por obra de itálicos, ou este pacto,
suceda o que suceder! Nem a mim força alguma mudará
minha vontade, nem que se afunde a terra no meio das águas,
revolvendo-as num dilúvio, e dissolva o céu no fundo do Tártaro,
do mesmo modo que deste ceptro» (pois erguia então na mão o ceptro)

[188] Este foi o conselho final dado por Anquises, quando de Eneias se despediu nos Infernos (6.850-853): «poupar os que se submetem e abater os soberbos.» Lição que o herói tomará e que deveria nortear Roma (e, portanto, Augusto).
[189] Apolo e Diana.
[190] Júpiter.

«jamais ligeira folhagem há-de rebentar em ramos e sombras,
depois que, ceifado de sua linhagem nas profunduras da selva,
ficou privado de mãe e depôs cabeleira e braços aos golpes do ferro;
em tempos árvore, agora a mão do artesão o encerrou num ornato
de bronze e o deu a transportar aos pais latinos.»

Com tais palavras formavam entre si o pacto
no meio do olhar dos companheiros. Então, conforme os rituais,
degolam animais para dentro das chamas e tiram-lhes, ainda vivos,
as vísceras e enchem de bandejas assim fartas os altares.

Mas, em verdade, aquele combate já há muito parecia aos Rútulos
injusto e em seus corações se confundiam sentimentos opostos,
mais ainda por verem com maior clareza que não combatem com forças iguais.
Confirma-o o jeito de Turno avançar em passo silencioso
e venerar em sua prece o altar, de olhos em baixo,
e as faces lívidas e uma palidez no corpo ainda jovem.
Quando sua irmã Juturna viu crescer esse murmurar
e o coração flutuante do povo a mudar de sentimentos,
no meio das tropas, assumindo a figura de Camerte,
que tinha por avós uma família nobre e o nome ilustre
do pai e era dos mais aguerridos e corajosos em combate,
no meio das tropas ela se posta, sem desconhecer o que se passava,
e semeia rumores vários e tais coisas vai dizendo:
«Não tendes vergonha, ó Rútulos, de por todos, e tão valentes,
lançarmos para a frente a vida de um só? Então não somos iguais
em número e forças? Eis aqui todos, Troianos e Árcades,
e a força dos fados, a Etrúria, inimiga de Turno.
A custo, se avançássemos um contra um, teria cada um um inimigo.
Por certo, há-de ele elevar-se até aos deuses do alto,[191] a cujos altares

[191] Eneias.

agora se consagra, e a sua glória há-de perpassar na boca dos vivos;
nós, ao perdermos a pátria, seremos forçados à obediência a amos
arrogantes, nós que, por preguiça, ficámos agora sentados nos campos.»

Com tais palavras se incendiou, cada vez mais,
a opinião dos guerreiros, e por entre as tropas um murmúrio serpenteia;
mudam os próprios Laurentes, mudam os próprios Latinos.
Os que para si esperavam já repouso do combate e salvação
em tal estado, agora desejam armas e reclamam que seja rasgado
o pacto e lamentam a sorte injusta de Turno.
A tudo isto algo mais grandioso Juturna ajunta e do alto
do céu envia um sinal; nenhum outro foi mais eficiente que ele
a lançar a perturbação nos corações dos Itálicos; com um prodígio os enganou.

A águia fulva de Júpiter, ao voar no vermelho do céu,
perseguia as aves costeiras e o bando barulhento
dessa horda de asas, quando, de súbito, mergulhando nas águas,
arrebatou, cruel, um cisne de ímpar beleza nas garras de suas patas.
Arrepiam-se os corações dos itálicos, e todos os pássaros
invertem a fuga numa algazarra (coisa espantosa de ver!)
e escurecem os céus com suas asas e perseguem o inimigo ares fora,
numa densa nuvem, até que, vencida de tal violência e do próprio
peso, a águia libertou a presa das garras
e lançou-a ao rio e escapou-se para as profundezas das nuvens.
Então, enfim, os Rútulos saúdam o augúrio com um brado
e preparam as forças e falou, primeiro, o áugure Tolúmnio:
«Era isto, era isto que sempre pedi em minhas preces.
Acolho o sinal e reconheço os deuses; sob o meu comando, o meu,
empunhai a espada, ó desgraçados que com guerras um bandido estrangeiro
vem aterrorizando, como se fossem aves indefesas, e vossas costas
devastando. Há-de pôr-se em fuga e para profundezas longínquas

soltar velas; vós, unidos num só coração, cerrai fileiras
e defendei em combate o rei que vos foi arrebatado.»
Disse e brandiu um dardo contra os inimigos,
enquanto corria para diante; a arma estridente silva e corta
com firmeza os ares. E logo, logo soa clamor imenso,
e todos os esquadrões se alvoroçam, e os corações fervem em tumulto.
O dardo, em seu voo, por se alinharem, por acaso, no seu caminho
os corpos de nove formosos irmãos, que havia gerado, todos eles,
a fidelidade de uma mesma esposa tirrena ao arcádio Gilipo,
a um deles, bem no meio, onde as costuras do escudo
roçam o ventre, e onde uma fivela prende as juntas dos flancos,
um jovem notável por sua beleza e de armas cintilantes,
trespassa-lhe as costas e prostra-o na areia doirada.
Mas os irmãos, um grupo enérgico e inflamado pela dor,
uns empunham a espada, outros deitam mão de armas
de arremesso e correm, desvairados. Ao encontro deles avançam
as tropas dos Laurentes; daqui irrompem de novo fileiras cerradas
de Troianos e Agilinos e Árcades, de armas pintadas;
assim, um só desejo a todos move, resolver tudo à força da espada.

Saquearam os altares, corre pelo céu inteiro uma tempestade
alevantada de dardos e desaba uma chuva de ferro
e levam vasos e fogueiras. Foge o próprio Latino,
protestando que o romper do pacto foi um insulto aos deuses.
Atrelam outros os carros ou içam, de um salto, os corpos
para cima dos cavalos e aprontam-se, de espada em riste.

Messapo, a um rei e que trazia as insígnias de rei,
o tirreno Auleste, desejoso de romper o pacto,
persegue-o, lançando contra ele o cavalo; ele recua e cai
e rebola para trás, o pobre, de cabeça e ombros

de encontro aos altares. Mas Messapo, a espumar, voa
e, com uma lança que parecia uma trave, às suas repetidas súplicas
atira-se sobre ele com toda a força do alto do cavalo e assim fala:
«Isto já ele tem; esta é vítima bem mais preciosa que se oferece aos grandes deuses.»
Acorrem os Itálicos e esquartejam-lhe o corpo ainda morno.
Surge-lhes ao caminho Corineu e agarra um tição em brasa do altar
e a Ébiso, que ali acudia a desferir seu golpe,
põe-lhe o rosto em chamas; ateia-se-lhe a longa barba
e, ao queimar-se, deita um odor a chamuscado; caindo sobre ele,
agarra com a mão esquerda a cabeleira do inimigo desnorteado,
pisa-o com força com o joelho e deita-o por terra;
e assim lhe golpeia o flanco com a rija espada. Podalírio, ao pastor
Also, que na linha da frente corria por entre flechas,
persegue-o, de espada desembainhada, e ameaça-o; ele
puxa atrás o machado e rasga a meio a fronte e o queixo do inimigo
e encharca as armas do sangue que corre em abundância.
A ele, é um duro repouso e um sono de ferro que lhe cerram
os olhos, e as pálpebras fecham-se adentro da noite eterna.

Mas o piedoso Eneias estendia a mão desarmada,
de cabeça descoberta, e chamava os seus com grandes brados:
«Para onde vos precipitais? Que súbita discórdia é esta que desponta?
Ah!, ponde freio à fúria! Está já firmado o pacto e todas
as cláusulas definidas; a mim, só, assiste o direito de combater;
consenti-o e expulsai vossos medos; sou eu que vou selar o pacto
com mão firme; Turno, devem-mo já tais sagrados juramentos.»

Em meio de tais brados, em meio de tais palavras,
eis que uma seta, a silvar em suas asas, atinge o guerreiro;
é incerto que mão a desferiu, que turbilhão lhe deu força,
quem, fosse um acaso, fosse um deus, tamanha glória levou

aos Rútulos; ficou sepultada a fama de tão ilustre feito,
e ninguém se vangloriou da ferida feita a Eneias.[192]

Turno, quando viu Eneias a retirar-se do combate
e a desorientação dos chefes, incendeia-se de súbita esperança;
pede cavalos e também armas e com altivez avança,
de um pulo, para dentro do carro e toma em suas mãos as rédeas.
Muitos corpos robustos de guerreiros ele entrega, em seu voo, à morte,
muitos deixa a rolar meio mortos ou esmaga esquadrões com seu carro
ou crava nos que fogem lanças que vai arrebatando.
Qual Marte, quando, junto à corrente gelada do Hebro,
sangrando, furioso, bate com o escudo e lança a galope os cavalos
enfurecidos, a desencadear a guerra, e eles voam em campo aberto,
adiante de Notos e Zéfiro, gemem os confins da Trácia
ao bater dos cascos e em volta os rostos do Pavor sombrio
e da Ira e da Insídia, companhia do deus, estão em alvoroço,
assim Turno fustiga, desenfreado, os cavalos a bufar de suor
no meio da peleja, galopando sobre inimigos barbaramente
massacrados, os cascos velozes espalham salpicos
de sangue e espezinham, de mistura com sangue, a areia.
E entregou já à morte Esténelo e Tâmiro e Folo,
este e aquele corpo a corpo, o terceiro de longe; de longe, ambos,
os filhos de Ímbraso, Glauco e Lades, que o próprio Ímbraso
tinha criado em sua Lícia natal e provido de iguais armas,
fosse a combater de perto, fosse a vencer os ventos a galope.

Da outra banda, Eumedes lança-se no meio da peleja,
filho ilustre do antigo Dólon e ilustre na guerra,
que tem o nome de seu avô e no coração e no braço seu pai,

---

[192] Sublinhe-se o paralelo com o golpe que atingiu Camila. A semelhança de situações aproxima as duas personagens.

que, um dia, por ir espiar o campo dos Dánaos,
ousou reclamar como paga o carro do Pelida;
o filho de Tideu, em lugar de tal atrevimento,
outra paga lhe determinou e deixa de aspirar aos cavalos de Aquiles.
Quando Turno o avistou ao longe em campo aberto,
seguindo-o, primeiro, por largo espaço, com um dardo ligeiro,
susteve os cavalos atrelados e desceu do carro
e caiu sobre ele, prostrado por terra e meio vivo e, com o pé a calcar-lhe
o pescoço, arrebata-lhe da mão a espada refulgente e enterra-lha
no fundo da garganta e mais estas palavras ajunta:
«Eis os campos e a Hespéria que, à força de guerra, tanto buscaste,
ó Troiano, e mede-a, estendido no chão; estes os prémios
que alcançam os que me desafiaram; é assim que fundam a cidade.»
Enviou-lhe em companhia Asbites, com o arremesso de uma lança,
e Cloreu e Síbaris e Dares e Tersíloco
e Timetes, que caiu da garupa do cavalo empinado.
E, como quando o sopro do Bóreas do Édon ruge
sobre o profundo Egeu e persegue as vagas até à praia,
por onde os ventos desabam e se lançam as nuvens em fuga no céu,
assim a Turno, onde quer que vá rasgando caminho, cedem as tropas
e as fileiras recuam, e é a derrocada; move-o a fúria,
e a força do vento contra o carro sacode-lhe o penacho e fá-lo voar.
Não suportou Fegeu tão cerrado ataque e, de coração em brasa,
lançou-se para diante do carro, e as ventas dos cavalos, a espumarem
da pressão dos freios, em rápido galope, com a mão as desviou.
Enquanto é arrastado e está pendurado no jugo, uma lança comprida
o alcança e, ao cravar-se, rasga-lhe a couraça de dupla malha
e toma-lhe o gosto ao corpo com um golpe.
Mas ele, pondo o escudo de permeio, avançava de frente para o inimigo
e procurava apoiar-se na espada que empunhava já,
quando uma roda com o eixo a rodar vertiginoso o faz cair

e o atira ao chão, e Turno, perseguindo-o,
entre a base do elmo e a parte de cima da couraça,
decepou-lhe a cabeça com a espada e deixou-lhe o tronco na areia.

E enquanto no terreno Turno fazia, triunfante, tal massacre,
entretanto, a Eneias, Mnesteu e o fiel Acates,
com Ascânio por companhia, puseram-no a recato no campo, a sangrar,
apoiando na longa lança o passo coxo.
Fica furioso e a flecha, de cana partida, esforça-se por arrancá-la
e reclama a ajuda dos meios que há mais à mão:
que com a espada lhe rasguem a ferida no flanco e esventrem fundo
o esconderijo da flecha e o mandem de novo para o combate.

Estava logo ali Iápix, filho de Iaso, querido, mais que todos,
a Febo, a quem um dia, cativo de um amor intenso,
o próprio Apolo, com satisfação, lhe dera de presente suas artes,
seu mester, o dom de adivinhar e a cítara e as setas velozes.
Ele, para prolongar a vida do pai moribundo,
preferiu conhecer o poder das ervas e a prática da medicina
e exercer sem glória as artes silenciosas.

Permanecia de pé Eneias, a murmurar com azedume, apoiado
numa enorme lança, com ajuda de muitos soldados e de Iulo,
cheio de tristeza; e ele impávido perante as lágrimas. O ancião,
o manto retorcido arregaçado para cima, à maneira peónia,
muito se esforça com mão de médico e as poderosas ervas de Febo,
mas em vão, em vão puxa com a mão a ponta da flecha
e a aperta com a força de uma pinça.
Nenhuma via lhe aponta a fortuna, de nada lhe vale
a ajuda de Apolo, e cresce mais e mais nos campos um horror
desmesurado, e está iminente a desgraça. Vêem já o céu

denso de poeira, avançam os cavaleiros, e nuvens cerradas de setas
caem no meio do campo. Sobe até aos astros um clamor de tristeza
dos jovens que combatem e tombam à crueldade de Marte.

Aqui, Vénus, que era mãe, tocada da dor imerecida de seu filho,
colhe, no monte do Ida, de Creta, ditamno,
um pé com folhas novas e uma ramagem de flores
cor de púrpura (não é desconhecida tal planta das cabras silvestres,
quando se lhes cravam no dorso flechas ligeiras);
foi este remédio que Vénus, o rosto envolvido por escura neblina,
lhe trouxe, nele derrama um líquido que despejara num vaso
resplandecente, a dar-lhe secretas qualidades curativas, e borrifa-o
com sucos medicinais de ambrósia e odorífera panaceia.
Banhou a ferida com tal poção o velho Iápix,
sem saber, e de súbito toda a dor lhe desapareceu do corpo,
isso é certo, e todo o sangue ficou estancado no fundo da ferida.
E logo, vindo atrás da mão, sem alguém a forçar, a seta
caiu, e forças frescas retornaram ao que antes eram.
«Trazei depressa as armas ao guerreiro! Estais à espera de quê?» grita
Iápix, e é o primeiro a reacender-lhe o ânimo contra o inimigo.
«Não vem tal resultado de humano poder, nem de minha arte e mestria,
e não é a minha mão, ó Eneias, que te salva;
maior é o deus aqui em acção e a maiores feitos te envia.»
Ele, ávido por combater, havia resguardado as pernas dentro de ouro,
uma e outra; detesta que estejam a atrasá-lo e põe-se a brandir a lança.
Depois de ajustado com perfeição o escudo ao flanco e a armadura às costas,
abraça Ascânio, carregado de armas a toda a volta,
e, beijando-o ao de leve na testa, através do elmo, assim fala:
«De mim aprende, meu rapaz, o destemor e a inteireza do trabalho;
a fortuna... de outros. Agora, é o meu braço que te dará protecção
na guerra e te guiará por entre prémios e grandeza.

Tu, tão depressa a idade madura te tiver feito crescer, faz
por te lembrares, e, ao recordares no coração os exemplos dos teus,
que te dêem força teu pai Eneias e teu tio Heitor.»

Assim que disse tais palavras, saiu portas fora, enorme,
a agitar na mão um pesado dardo; ao mesmo tempo, em formação cerrada,
correm Anteu e Mnesteu, e toda a turba deixa o campo
e para ali vai fluindo. Então, cobre-se o terreno de poeira densa
e, sacudida pelo bater dos pés, treme a terra.

Avistou-os a virem, da trincheira em frente, Turno,
avistaram-nos os Ausónios, e um gélido tremor lhes perpassou
o mais íntimo dos ossos; antes de todos os Latinos, ouviu Juturna
e reconheceu o barulho e recuou, temerosa.
Ele voa e arrasta o exército sombrio em campo aberto.
Qual nuvem, quando, depois de engolir a luz, avança para terra
por sobre o mar (ao pressentirem-na de longe, ah!, tremem
de horror os corações dos pobres camponeses — ela vai trazer destruição
às árvores e ruína às colheitas e em tudo causar enorme devastação),
voam à frente os ventos e levam o seu rugido até às praias,
assim o chefe reteio[193] comanda contra os inimigos
as suas tropas, e todos se juntam, a cerrar fileiras
em cunha. Timbreu atinge com a espada o robusto Osíris,
Arcécio, degola-o Mnesteu, a Epulão, Acates,
a Ufente, Gias; tomba o próprio áugure Tolúmnio,
que fora o primeiro a lançar seu dardo contra os inimigos.
Ergue-se aos céus um brado, e, desbaratados, agora, por seu lado,
os Rútulos voltam as costas em fuga, campos fora.
Ele nem se digna abater e matar quem lhe surge diante,
nem os que o enfrentam a pé firme, nem persegue os que contra ele

[193] Reteio ou troiano; Eneias, portanto.

disparam seus dardos; esquadrinhando na bruma cerrada,
só a Turno procura, só a ele reclama para o duelo.

De coração a estremecer por tal pavor, a varonil Juturna[194]
derruba entre as rédeas o auriga de Turno, Metisco,
e deixa-o caído para trás, longe do timão;
ela sobe para o carro e com suas mãos maneja as rédeas soltas,
assumindo por inteiro a voz e o corpo e as armas de Metisco.
Como a negra andorinha, quando esvoaça no palácio enorme
de rico senhor e, a bater as asas, volteia nos altos salões
em busca de pequenas presas, alimento para os gárrulos ninhos,
e ora no vazio dos portais, ora em volta dos tanques húmidos,
ela se faz ouvir, semelhante a ela, Juturna, por entre os inimigos,
segue nos cavalos e, a voar no carro veloz, passa em todo o lado;
e, agora aqui, agora ali, exibe o irmão triunfante,
mas não lhe consente pôr mãos no combate; voa transviada e longe.
Eneias não traça rotas menos sinuosas ao encontro dele,
e procura o guerreiro e, por entre o exército destroçado, grita por ele
em altos brados. Quantas vezes lançou o olhar sobre o inimigo
e com o galope de seus cavalos tentou alcançar a fuga dos cavalos alados dele,
todas essas vezes Juturna inverteu a marcha do carro.

Pobre dele, que havia de fazer? Em vão flutua em maré desencontrada,
e cuidados variados lhe chamam o espírito a rumos entre si contrários.
Messapo, ligeiro na corrida, que levava, por acaso, na mão esquerda
dois dardos pesados, com ponta de ferro,
fez girar um deles e contra ele o arremessou em golpe certeiro.
Eneias estancou o passo e protege-se atrás das armas,
joelho dobrado; o dardo assim lançado, porém, levou
o cimo do elmo e arrancou-lhe o cimo do penacho.

[194] Juturna, robusta e musculada, tinha feições masculinas.

E cresce então a fúria e, enraivecido pelo ataque traiçoeiro,
vendo os cavalos e o carro a darem a volta e escaparem,
tomando por sérias testemunhas Júpiter e os altares do pacto violado,
em ritmo terrível dá largas a tremenda chacina,
sem qualquer distinção, e dá rédeas soltas à sua fúria.

Que deus há-de narrar agora tanta atrocidade, que deus dirá em verso
os massacres sem conta e as mortes de chefes que, no terreno inteiro,
cada um de sua vez, ora Turno, ora o Troiano cometeram?
Era, porventura, tua vontade, ó Júpiter, que em tamanho turbilhão
se confrontassem povos que viriam a viver em paz duradoura?

Eneias, ao rútulo Sucrão (foi esse o primeiro recontro a pôr em ordem
os Teucros em fuga), sem muito o fazer esperar,
apanha-o pelo flanco e, por onde a morte é mais rápida, com a espada
impiedosa lhe trespassa as costas e as arcadas do peito.
Turno avança apeado em direcção a Âmico, que caíra do cavalo,
e a seu irmão Diores, atinge com a longa lança o primeiro deles,
que se aproximava, e o segundo com a espada e pendura-lhes no carro
as cabeças decepadas e transporta-as a salpicarem sangue.
Eneias envia para o reino da morte Tálon e Tánais e o valente Cetego,
os três de uma assentada, e o triste Onites,
de nome equiónio e filho de Perídia, sua mãe.
Turno, aos irmãos enviados da Lícia e dos campos de Apolo
e ao jovem que em vão tinha ódio à guerra, Menetes,
um Árcade, cujo trabalho fora em torno do rio Lerna,
abundante em peixes, e habitara uma pobre casa e não conhecia a vida
dos poderosos e seu pai cultivava uma terra arrendada.

E, tal como chamas ateadas em partes várias
numa árida floresta e em bosques a crepitar de louro,

ou quando, em queda vertiginosa do cimo das montanhas,
atroam nos ares torrentes de espuma e correm para o mar,
a devastar cada uma o caminho por onde passa, com não menos força
ambos, Eneias e Turno, irrompem pela batalha; agora, agora
ondeia no seu íntimo a raiva, rebenta, por não saber ser vencido,
o peito, agora, na inteireza de suas forças, é por golpes que correm.

A Murrano, que bradava alto antepassados e nomes de seus avós
e toda a sua linhagem que se alongava por reis latinos,
Eneias atira-o de uma rocha abaixo e, com uma pedra enorme,
que arremessa a girar, lança-o por terra; debaixo de rédeas e jugo
voltearam-no as rodas, espezinha-o por cima o bater apressado
dos velozes cascos dos cavalos, deslembrados de seu dono.

O outro corre a fazer frente a Hilo, em fuga e de coração em fogo,
e arremessa um dardo contra suas têmporas cobertas de ouro;
a azagaia atravessou-lhe o elmo e ficou-lhe cravada nos miolos.
E nem a ti o teu braço, ó Creteu, o mais valente dos Gregos,
te livrou de Turno, e nem os deuses que venerava protegeram Cupenco,
à aproximação de Eneias; ofereceu o peito à espada, de frente,
e de nada serviu ao desventurado pôr-lhe diante o escudo de bronze.
E também a ti, ó Éolo, viram os campos laurentes
baquear e cobrir a terra com teu corpo imenso:
sucumbes, tu, a quem não foram capazes as falanges argivas
de abater, nem aquele que devastou o reino de Príamo, Aquiles;
era aqui que tinhas a meta de tua morte; o alto palácio no sopé do Ida,
o alto palácio em Lirneso, em solo laurente o sepulcro.

Por inteiro, então, se empenham os exércitos, todos os Latinos,
todos os Dardânidas, Mnesteu e o implacável Seresto
e Messapo, domador de cavalos, e o valente Asilas,

a falange dos Etruscos e as alas árcades de Evandro,
cada um por seu lado, investem com o máximo das suas forças;
sem paragem nem descanso, entregam-se a uma batalha sem limites.

Aqui, a formosíssima mãe de Eneias meteu-lhe em mente
avançar contra as muralhas e lançar o exército sobre a cidade,
sem demora, e, com este golpe súbito, desorientar os Latinos.
Ele, enquanto, no afã de buscar Turno em meio das tropas dispersas,
fazia girar o olhar por aqui e por ali, avistou a cidade
imune a tamanha guerra e num sossego impune.
De pronto o incendiou a imagem de bem mais aceso combate,
e chama Mnesteu e Sergesto e o valente Seresto,
todos chefes, e ocupa um outeiro aonde acorrem as demais legiões
dos Teucros, sem pousarem escudos nem os dardos cerrados.
De pé, no meio daquele outeiro elevado, diz:
«Não façais delongas às minhas palavras! Júpiter está deste lado.
E que ninguém, por ser súbita a empresa, seja mole a seguir-me.
Hoje, esta cidade, que é causa da guerra, e o próprio reino de Latino,
se não declararem aceitar o jugo e submeter-se, vencidos,
eu hei-de devastá-los e arrasar por terra os tectos agora a fumegar.
Porventura ficaria eu à espera de que aprouvesse a Turno enfrentar
o duelo comigo e quisesse de novo combater, ele, que foi já vencido?
É este o cume, ó cidadãos, é este o ponto alto da guerra nefanda.
Trazei tochas sem demora e reclamai o pacto à força de fogo.»

Acabara de falar; e todos, os corações a bater por igual,
formam cunha e avançam em fileiras cerradas contra as muralhas.
Improvisam escadas, e apareceu, súbito, o fogo.
Correm outros às várias portas e trucidam os primeiros que surgem;
outros brandem o ferro e escurecem os ares com nuvens de dardos.
Ele mesmo, na linha da frente, Eneias, estende a mão

em direcção às muralhas e acusa com voz sonora Latino
e toma por testemunhas os deuses de que de novo é forçado a combater,
de que já duas vezes os Itálicos são inimigos, segunda vez o pacto é violado.
Nasce a discórdia entre os cidadãos assustados:
alguns mandam desguarnecer a cidade e abrir as portas
aos Dardânidas e trazer para dentro das muralhas o próprio rei deles,
outros carregam armas e porfiam por defender os muros;
assim como quando um pastor descobriu abelhas
numa rocha esburacada e a encheu de um fumo amargo,
elas, assustadas lá dentro com tudo isso, pelos campos de cera
esvoaçam e aguçam a fúria em silvos estridentes,
volteia sob os tectos um cheiro de negrume, e ressoa o fundo da rocha
com invisível sussurro, eleva-se nos ares vazios o fumo.

Acresceu, ainda, aos Latinos já exaustos esta fortuna
que abalou de fundo luto a cidade inteira:
a rainha, quando vê o inimigo a chegar-se às casas,
as muralhas a serem assaltadas, as chamas a voarem para os telhados,
sem oposição de quaisquer tropas rútulas, sem o exército de Turno,
acredita, na sua desgraça, que o guerreiro caíra em combate
e, de coração desorientado pela súbita dor,
grita ser ela a causa e a culpa e a responsável das desgraças
e bradando, desvairada, coisas sem conta, em meio da sua loucura,
disposta a morrer, rasga com a mão o manto de púrpura
e prende o laço de uma morte horrenda numa alta trave.[195]

Depois de tal desgraça a terem sabido as tristes mulheres latinas,
a primeira foi a filha, Lavínia, a dilacerar com sua mão a loira cabeleira

[195] A atitude, de força dramática e dimensão trágica, tira a Turno a derradeira aliada que lhe restava dentro da corte de Latino. O rei, de facto, sempre dera mostras de um carácter oscilante e pouco propenso a decisões. Só Amata defendia a causa do rei dos Rútulos. A morte de Amata abre, finalmente, as portas ao desenlace.

e o rosto rosado, e logo o demais povo em volta
desatina, ressoam os palácios de queixumes sem fim.
Dali se espalha a triste notícia pela cidade inteira;
desfalecem os ânimos, avança, o manto rasgado, Latino,
transtornado pelos fados da esposa e pela desgraça da cidade,
manchando a branca cabeleira da poeira imunda que nela espalhava;
[muito se recrimina por não ter recebido antes
o dardânio Eneias e o ter aceitado, de livre vontade, por genro].

Entretanto, no extremo do campo de batalha, Turno, encarniçado,
persegue uns poucos guerreiros dispersos, já com maior quebranto,
já cada vez menos satisfeito do sucesso de seus cavalos.
Levou-lhe, misturado de terrores sinistros, o vento
este clamor, e atingiu-lhe as orelhas atentas
o ruído da cidade em convulsão e o sinistro murmurar.
«Ai de mim! Porque se alvoroçam as muralhas com tamanha dor?
Que clamor tamanho é este que vem da cidade distante?»
Assim fala e, fora de si, puxa as rédeas e pára.
Mas a irmã, pois tinha assumido o rosto de Metisco,
o cocheiro, e guiava-lhe o carro e os cavalos e as rédeas,
com tais palavras tomou a dianteira: «Por aqui, ó Turno, persigamos
os filhos de Tróia, por onde a vitória começa a abrir-nos caminho;
há outros capazes de defender com seu braço as casas.
Eneias cai sobre os Itálicos e atiça os combates;
e nós, com braço inclemente, levemos morte aos Teucros.
Nem em número nem na glória da batalha ficarás abaixo dele.»
Turno retorquiu:
«Ó minha irmã, já há tempo te reconheci, quando começaste, com tuas artes,
a embrulhar este pacto e a envolver-te nesta contenda,
e agora em vão tentas enganar-me, deusa que és. Mas quem quis
que descesses do Olimpo e tantos trabalhos passasses?

Porventura para veres a morte cruel de teu pobre irmão?
Pois que hei-de fazer? Ou que fortuna me vai garantir a salvação?
Eu mesmo vi diante de meus olhos, a clamar por mim,
Murrano — ninguém mais caro do que ele me resta —,
a tombar, enorme, e prostrado por golpe enorme.
Morreu, para não contemplar a minha desonra,
Ufente; os Teucros possuem seu corpo e suas armas.
Que nos sejam arrasadas as casas, pois só isso nesta hora nos falta,
é o que tenho de suportar? E não vou com meu braço desmentir as palavras de Drances?
Hei-de eu virar costas, e há-de ver esta terra Turno a fugir?
Será assim uma desgraça tão grande morrer? Vós, ó Manes,
sede bons para mim, já que a vontade dos deuses do alto é adversa.
Seja de alma pura e sem consciência de tal culpa que até vós
eu desça, sem nunca ter sido indigno de meus antepassados.»

Mal acabara de falar, eis que voa por entre os inimigos,
montado num cavalo a espumar, Saces, ferido em pleno rosto
por uma seta, e corre a implorar pelo nome de Turno:
«Turno, em ti reside a salvação derradeira! Tem piedade dos teus!
Tudo fulmina Eneias com suas tropas e ameaça arrasar
as torres altaneiras dos Itálicos e levar-lhes a destruição,
e já as tochas voam em direcção às casas. Para ti os Latinos
voltam o rosto, para ti voltam os olhos; hesita o próprio rei Latino
que genro há-de escolher ou para que aliança se inclinar.
Além disso, a rainha, que te era tão fiel, a suas próprias mãos
morreu e, apavorada, fugiu da luz.
Sozinhos diante dos portões, Messapo e o incansável Atinas
fazem frente aos atacantes. À volta deles, de todos os lados, as legiões
se adensam e uma seara de ferro, de espadas em riste;
tu, é sobre um prado deserto que fazes rodar teu carro.»

Pasmou, atordoado por esta imagem cambiante da realidade,
Turno e quedou-se, olhar silencioso; tumultuam, em um só coração,
a vergonha e, de mistura com a dor, o desvario
e o amor turvado pelas Fúrias e a consciência do seu valor.
Tão depressa as sombras se desvaneceram e a luz lhe tornou ao espírito,
voltou as pupilas dos olhos em fogo para as muralhas,
alvoroçado, e, do seu carro, olhou atrás a enorme cidade.
E eis então que, pelo meio dos andares, um cone de chamas
ondeava, em espiral, em direcção ao céu e tomava conta do torreão,
do torreão que com traves robustas ele mesmo construíra
e montara sobre rodas e guarnecera de altas pontes.
«Já, já, ó minha irmã, os fados levam a melhor; desiste de os retardar;
aonde um deus e a Fortuna cruel me chamam, tratemos de os seguir.
Está assente que vou terçar armas com Eneias, está assente que padeça
todo o amargor da morte; cobarde, minha irmã, não me verás,
nunca mais. Consente-me, eu te peço, ficar desvairado, diante de tal desvario.»

Falou e, de pronto, deu um pulo do carro para o campo
e lança-se por entre inimigos e por entre dardos e deixa a irmã,
entristecida, e em corrida veloz rompe pelo meio das tropas.
E, como um penedo, quando se despenha e cai do alto do monte,
arrancado pelo vento, ou a fúria da chuva
o arrasta, ou a idade, no passar dos anos, o corrói por baixo,
e é levado para o abismo, como se fora monte enorme, em louco movimento,
e salta no solo, revolvendo consigo bosques e rebanhos
e homens, assim, pelo meio das tropas desordenadas,
corre Turno em direcção aos muros da cidade, onde se encharca
a terra de sangue sem fim, e silva nos ares o arremesso das armas,
e faz um sinal com a mão e logo começa em altos brados:
«Poupai-vos desde já, ó Rútulos! E vós, travai os dardos, ó Latinos!
Qualquer que seja a Fortuna, a mim respeita; só a mim, em verdade,

cabe cumprir por vós este pacto e decidi-lo à espada.»
Todos de permeio se afastaram e deram alas.

Mas o pai Eneias, ao escutar o nome de Turno,
deixa os muros e deixa os altos torreões
e apressa quanto o atrasava, interrompe todos os combates
e, exultante de satisfação, faz soar o tinir horrendo de suas armas,
com a força de Atos ou com a força de Érix ou mesmo
com a força do pai Apenino, quando faz rugir os carvalhos a baloiçar
e rejubila, alongando-se nos ares, de cumes cobertos de neve.
E logo ali, à uma, Rútulos e Troianos e todos os Itálicos
que defendiam as altas muralhas voltaram o olhar
e também os que, a golpes de aríete, carregavam sobre os muros,
e as armas depuseram dos ombros. Pasmou o próprio Latino,
ao ver os grandes guerreiros, criados em partes distintas do mundo,
a enfrentarem-se e a tudo decidirem à espada.
E eles, quando os campos ficaram desimpedidos em terreno aberto,
depois de, em lance rápido, arremessarem de longe as lanças,
entram nas lides de Marte, com o fragor de escudos e de bronze.
Solta um gemido a terra; então, redobram à espada a cadência
dos golpes, sorte e valentia misturam-se numa só.
E, tal como na Sila imensa ou nos cumes do Taburno,
quando dois touros arremetem um contra o outro, cabeças baixas,
em combate aceso, recuam, assustados, os donos,
queda-se toda a manada de um medo emudecido, e interrogam-se as bezerras
quem vai mandar no bosque, a quem o rebanho inteiro vai seguir,
e eles, com força descomunal, desferem golpes entre si
e no calor da luta cravam os chifres e num banho de sangue
encharcam pescoço e espáduas, ruge em gemidos toda a floresta;
não de outro modo o troiano Eneias e o herói Dáunio
investem com os escudos, um imenso estrondo enche os ares.

Júpiter, em pessoa, segura na mão, em julgamento justo,
os dois pratos da balança, e neles depõe os fados distintos dos dois:
a quem vai esta prova condenar, e para qual vai a morte fazer inclinar o seu peso.[196]
Então, empertiga-se, com desprezo do risco, Turno e ergue-se alto,
de corpo inteiro, de espada em punho,
e desfere o golpe; gritam Troianos e Latinos, receosos,
paralisadas as tropas de ambos os lados. Mas a espada traiçoeira
quebra-se e abandona o ardor do guerreiro a meio do golpe,
se lhe não restasse a fuga como refúgio. Fugiu, mais rápido que o Euro,
quando viu o punho desconhecido[197] e a mão indefesa.

Corre a fama de que, na pressa, quando subia a bordo da biga
de cavalos para iniciar a batalha, deixara a espada de seu pai,
por precipitação, e deitara mão da arma do cocheiro Metisco;
e ela largo tempo lhe bastou, enquanto os Troianos viravam costas
em debandada; depois de chegar às armas divinas de Vulcano,
a espada de mortal desfez-se no golpe, qual gelo sem consistência,
os pedaços aloirados ficam a refulgir na areia.
Então, busca Turno, em fuga desvairada, caminhos vários
e, ora a um lado, ora a outro, cruza voltas sem rumo certo,
pois em redor os Teucros os tinham fechado em malha cerrada,
e cercam-nos, de um lado, o imenso pântano, do outro a barreira das muralhas.

Eneias, posto que o estorvem, por vezes, os joelhos,
travados por uma seta, e lhe emperrem a corrida, nem por isso
menos o persegue, e, a ferver, os passos do homem apavorado com seus passos
ameaça;
como um cão de caça, se depara, um dia, com um veado encurralado

[196] Inútil e desnecessária, nesta fase, a pesagem. Os fados encontraram já o seu caminho, para citar a profecia de Heleno. Pressentem-no os dois contendores; pressentem-no guerreiros e cidadãos que assistem, angustiados; pressente-o o leitor.

[197] O punho da espada; desconhecido, porque aquela não era a sua espada.

por um rio ou apanhado num espantalho de penas cor de púrpura,
ameaça-o a correr e a ladrar,
e ele, com medo da ratoeira e das margens altas,
foge adiante e foge atrás por mil carreiros, mas o umbro[198]
não arreda, de boca escancarada, e já, já o tem preso e, por achar que o tem preso,
fecha as mandíbulas e sofre a frustração de morder no vazio,
e, então, solta um uivo a valer, e margens e lago
em volta respondem, e todo o céu ressoa com o alarido,
ele,[199] enquanto foge, grita contra todos os Rútulos,
chamando cada um pelo nome, e reclama a espada que bem conhecia.
Eneias, do outro lado, ameaça com a morte e imediata liquidação
quem quer que se achegue e aterroriza quem treme já de pavor,
e garante que destruirá a cidade e, mesmo ferido, carrega sobre eles.
Cinco voltas perfazem em corrida e outras tantas desfazem,
num e noutro sentido, pois não é ligeiro o prémio que buscam
nem é um jugo, mas é pela vida e sangue de Turno que pelejam.

Existia ali um zambujeiro, consagrado a Fauno, de folhas amargas,
outrora madeiro venerando aos olhos dos marinheiros,
onde, ao saírem ilesos das águas, costumavam colocar oferendas
ao deus laurente[200] e pendurar, em cumprimento de votos, a roupa;
mas os Teucros, sem qualquer respeito, haviam arrancado
o tronco sagrado, para poderem combater em campo desimpedido.
Ali estava a lança de Eneias, ali um arremesso mais forte
a lançara e cravara, e ficou presa numa raiz teimosa.
Reclinou-se e quis arrancar com sua mão o ferro
o Dardânida e perseguir com a lança aquele que não conseguia
alcançar na corrida. Mas logo Turno, tomado de medo e desvario:
«Fauno, eu te peço, tem piedade de mim,» diz ele, «e tu, ó Terra bondosa,

[198] Raça de cães de caça.
[199] Turno.
[200] Fauno, pai de Latino.

segura aquele ferro, se sempre te devotei o culto que te é devido,
e que as gentes de Eneias, ao contrário, profanaram e combateram.»
Assim falou e a ajuda do deus não foi com votos vãos que a invocou,
pois, tardando em longa porfia no tronco teimoso,
com força alguma foi capaz Eneias de fazer soltar a pressão
do carvalho. Enquanto se esforça e insiste com teimosia,
convertida, uma vez mais, na figura do cocheiro Metisco,
acudiu a deusa dáunia[201] e devolveu ao irmão a espada.
Vénus, indignada por a uma ninfa ser consentida tal audácia,
acudiu e arrancou a lança do fundo da raiz.
Eles, majestosos, recompostos de armas e ânimo,
um fiado na espada, outro aguerrido e altivo com a lança,
postam-se frente a frente, ofegantes, para os combates de Marte.

A Juno fala, entretanto, o rei do todo poderoso Olimpo,
que observava, de uma nuvem sombria, os combates:
«Qual vai ser, agora, o fim disto, ó minha esposa? Que te resta, afinal?
Eneias vai ser uma divindade,[202] tu bem o sabes e reconheces sabê-lo
e está prometido aos céus e os fados o hão-de elevar às estrelas.
O que andas a tramar? A que esperanças te agarras nas nuvens geladas?
Acaso seria certo um mortal ofender ou ferir um deus
ou restituir a Turno a espada perdida (pois como o conseguiria
Juturna, sem a tua ajuda?) e assim aumentar as forças dos vencidos?
Desiste — já é tempo! — e deixa-te vergar pelos meus rogos,
para que te não corroa o silêncio tamanha dor, nem me visitem
vezes sem conta amargos cuidados, vindos de teu doce semblante.[203]
Chegou-se ao instante derradeiro. Acossar por terra e por mar

[201] Juturna.
[202] *Indiges*, diz o texto latino, ou seja, deus de âmbito local, divindade tutelar da pátria. É a primeira vez que tal atributo é conferido a Eneias.
[203] É visível, nestas palavras, o paternalismo de Júpiter, mas enlaçado, ao mesmo tempo, em linguagem de esposo.

os Troianos, isso te foi possível, atear uma guerra infanda,
desfigurar uma casa e contaminar de luto um casamento:
ousar mais além, isso eu te proíbo!»[204] Assim Júpiter falou.
Assim a deusa satúrnia lhe replicou, baixando o olhar:
«Essa tua vontade, eu bem a conhecia, ó poderoso
Júpiter, e Turno e a terra, por isso, foi contrariada que os abandonei;
e nem me estarias a ver, solitária, neste pouso nos ares,
a sofrer afrontas e desafrontas, mas, cingida de chamas, estaria eu
lá em baixo, entre as tropas, e a funestos combates arrastaria os Teucros.
Juturna, confesso, eu a convenci a acudir ao pobre irmão
e, por mor da vida dele, maiores audácias lhe aprovei,
mas não que lançasse dardos, não que retesasse um arco,
eu o juro, pela nascente, que não perdoa, da fonte Estígia,
único temor religioso que aos deuses é imposto.[205]
E, agora, por mim, afasto-me e deixo com horror esta peleja.
Mas há uma coisa, à qual lei alguma do Fado se opõe,
que eu te suplico, a bem do Lácio, a bem da grandeza dos teus:
quando concertarem já a paz em auspiciosos enlaces
— pois que assim seja —, quando já associarem leis e alianças,
não ordenes que os Latinos nativos desta terra mudem
seu nome antigo nem que se tornem Troianos nem que passem a chamar-se Teucros
nem que mudem sua língua ou troquem seu vestuário.
Que perdure o Lácio, que perdurem, tempos fora, os reis albanos,
que perdure a raça romana, fortalecida pelo valor de Itália;
morreu, e consente que tenha morrido, com seu nome, Tróia.»[206]

[204] As últimas palavras de Júpiter são uma expressão clara de poder, da parte de quem tem de gerir o cumprimento dos fados. Tal como as palavras que ordenou a Mercúrio que transmitisse a Eneias, no livro IV, em Cartago — a ordem para se fazer ao mar.

[205] Uma vez mais o juramento mais solene que um deus podia fazer, o juramento pelas águas do Estígio. Veja-se a nota a 9.105.

[206] Pedido derradeiro de Juno, que é, em si mesmo, a sentença de morte de Tróia (que não de Eneias). Nascerá Roma, sim, das cinzas do passado. Mas jamais poderá renascer Tróia.

Sorri-lhe o criador dos homens e das coisas:
«És irmã de Júpiter e a filha segunda de Saturno;
e deixas que em teu coração fervam ondas tamanhas de despeito?
Vamos! Essa vesânia em que em vão te meteste, desiste dela!
Concedo o que pretendes[207] e dou-me por vencido e de bom grado me rendo.
Língua pátria e teor de vida, os Ausónios os manterão,
e, tal qual está, o seu nome ficará; ao unirem os corpos,
os Teucros somente os reforçarão; instituições e rituais sagrados,
eu os vou fixar e fazer a todos, em consenso, Latinos.
Daqui, a raça que vai nascer, mista de sangue ausónio,
tu a verás exceder em piedade homens e deuses,
e povo algum há-de igualá-la na celebração de tuas honras.»
Assentiu a tais promessas Juno e mudou, satisfeita, seus propósitos.
E nestas disposições se retira do céu e deixa a nuvem.

Feito isto, outro plano o próprio pai revolve em seu íntimo
e dispõe-se a enviar Juturna para longe da contenda de seu irmão.
Há dois terríveis seres pestilentos a que dão o nome de Diras;[208]
a elas e à Megera do Tártaro, gerou-as a noite sinistra
num só e mesmo parto e por igual as envolveu
de serpentes em espiral e ajuntou-lhes asas feitas de vento.
Elas estão postadas junto ao trono de Júpiter e nos pórticos do rei
implacável e atormentam de terror os desgraçados mortais,
de cada vez que o rei dos deuses planeia a morte horrenda
e doenças ou aterroriza com guerras cidades que as merecem.
Júpiter faz descer uma delas, rápida, do alto do céu
e manda-a surgir diante de Juturna, em modo de presságio;

[207] *Do quod uis* — «concedo o que pretendes». A decisão está tomada, a sentença é definitiva. Juno cede, a condição foi aceite; os deuses negociam entre si o destino dos mortais.

[208] O mesmo que Fúrias, as Erínias dos Gregos.

ela voa e em rápido turbilhão chega à terra.
Não de outro modo, voa, desferida por um arco por entre as nuvens, a seta
que um Parto armou de fel de um terrível veneno,
um Parto ou um Cídon, uma flecha sem remédio,
e atravessa, com um silvo e despercebida, as sombras rápidas;
tal se lançou a filha da Noite e rumou à terra.
Depois de ver as fileiras ilíacas e as tropas de Turno,
ela se recolhe de repente à forma da pequena ave
que, às vezes, pousada em túmulos ou telhados abandonados,
entoa, penosa, seu canto, a horas tardias e por entre as sombras;
volvida em tal figura, o mostrengo, diante do rosto de Turno,
esvoaça, ruidoso, para trás e para a frente e vergasta o escudo com as asas;
um torpor desconhecido tolhe-lhe o corpo de temor,
e espetam-se-lhe os cabelos de horror e a voz fica presa na garganta.
Mas quando reconheceu de longe o ruído e as asas da Fúria,
a pobre Juturna arrepela os cabelos desgrenhados,
irmã que era, a flagelar o rosto com as unhas e o peito com os punhos:
«Que pode, agora, ó Turno, fazer tua irmã para te valer?
Ou que me resta já, em minha desgraça? Com que artes posso
fazer perdurar a luz? Acaso sou capaz de enfrentar tal monstro?
Vou já, já, deixar o combate. Não crieis mais pavor ao meu medo,
ó aves sinistras: conheço o bater das asas
e o som da morte, e não me escapa que são ordens do alto,
do magnânimo Júpiter. É esta a paga que me dá pela virgindade?
Para quê me deu ele uma vida eterna? Porquê me foi furtada
a condição de mortal? Pudesse eu pôr fim a tamanho sofrimento,
agora, ao menos, e seguir com meu pobre irmão para o reino das sombras.
Imortal, eu? Haverá algo que possa dar-me prazer
sem ti, ó meu irmão? Oh, que terra pode abrir-se, funda quanto baste,
para mim e me lançar, a mim, que sou deusa, nos manes profundos?»

Mal disse isto, cobriu a cabeça de um manto esverdeado,
num longo gemido, e mergulhou, deusa que era, no fundo do rio.[209]

Eneias persiste no ataque e faz vibrar a lança,
enorme, como um tronco, e de coração enfurecido assim fala:
«Que nova delonga é essa agora? Ou que estás já a tramar, ó Turno?
Não é na corrida, é na crueza das armas que há que lutar, corpo a corpo.
Transforma-te em todas as figuras e junta tudo o que puderes,
seja por esforço, seja por arte; opta por seguir com asas
as estrelas do alto e esconder-te, encerrado nas profundas da terra.»

Ele, abanando a cabeça: «Não me assustam as tuas palavras insolentes,
ó valentão; são os deuses que me assustam e a hostilidade de Júpiter.»
Sem mais dizer, vê perto uma pedra enorme,
uma pedra antiga, enorme, que, por acaso, estava ali no terreno,
marco pousado na terra para distinguir a extrema dos campos.
A custo a tomariam em seus ombros duas vezes seis daqueles homens
especialmente escolhidos, dos corpos que a terra hoje produz.
Ele, o herói, com mão trémula pegou nela e lançava-a contra o inimigo,
erguendo-se mais alto e balanceado em corrida.
Mas nem a correr nem a andar ele se reconhece
nem a erguer com a mão e a mover a pedra descomunal;
os joelhos fraquejavam, enregelado, ficou paralisado de frio o sangue.
Então, a própria pedra, rolando da mão do guerreiro sobre o imenso vazio,
nem venceu o espaço nem consumou por inteiro o golpe.
E, como num sonho, quando o frouxo torpor da noite nos pesa
sobre os olhos, em vão parecemos querer alongar

[209] Identificou Juturna a mensageira, a mensagem e o mandante. De pouco lhe vale a indignação, ante a atitude de Júpiter, o amante de um dia, no passado, que assim lhe paga a virgindade. Retira-se de cena, que a ordem é inapelável. Turno fica, enfim, sozinho, entregue a si mesmo e aos ditames dos fados. É na solidão de herói que enfrentará o destino.

uma ávida corrida e, em meio do esforço, desfalecemos,
enfraquecidos, não nos acode a língua, não são bastantes no corpo
as forças de nós sabidas, nem voz nem palavras nos obedecem;
assim a Turno, seja qual for a coragem com que busque um rumo,
a deusa terrível lhe nega o sucesso.[210] Então, em seu coração se revolvem
sentimentos desencontrados; olha os Rútulos e a cidade
e hesita com medo e treme de receio de que caia sobre ele o dardo,
e não vê como possa furtar-se, nem com que forças avance
sobre o inimigo, nem carro algum ou sua irmã volvida cocheira.

Ante a hesitação dele, Eneias brande o dardo fatal,
fisga a ocasião com o olhar e, num esforço de todo o corpo,
lança-o de longe. Nunca pedras arremessadas por tormento
atroam deste jeito nem no cair do raio se fazem ouvir
estrondos tamanhos. Voa com a força de um negro turbilhão
a lança, portadora da terrível ruína, e rompe as orlas
da couraça e a última camada do escudo de sete crostas;
pelo meio, trespassa com um silvo o fémur. Cai, atingido,
por terra, enorme, joelhos vergados, Turno.
Erguem-se num gemido os Rútulos e sussurra o monte inteiro
em volta, e devolvem, de longe, o clamor as profundezas da floresta.
Ele, humilde, a implorar e a estender as mãos suplicantes,
diz: «Pois bem, mereci e não o contesto;
usa a sorte que te coube. Mas, se os cuidados de um pobre pai
algo podem tocar-te, eu te peço (também tiveste em Anquises
um tal pai), tem piedade da velhice de Dauno
e a mim, ou, se o preferires, os despojos do meu corpo privado da luz,
devolve-os aos meus. Venceste; e o vencido, os Ausónios o viram
estender as mãos; Lavínia é tua esposa,

[210] A Fúria.

não leves mais longe o teu ódio.»[211] Ali ficou, desvairado, de armas na mão,
Eneias, a revolver os olhos, e foi sustendo o braço;[212]
e já, já, começara o discurso a vergar-lhe cada vez mais
a hesitação, quando se lhe mostrou, por cima do ombro, o triste
boldrié, e cintilou o cinturão, com as tachas que bem conhecia
do jovem Palante, a quem Turno derrotara e com um golpe
abatera; e nos ombros ostentava agora o troféu do inimigo.

Ele, depois de em seus olhos absorver o testemunho da cruel dor
e os despojos, inflamado pelas Fúrias e pela raiva,
e terrível: «Então tu, revestido dos despojos dos meus,
hás-de escapar aqui, às minhas mãos? É Palante, com este golpe, é Palante
que te imola e se vinga do teu sangue amaldiçoado.»
E, dizendo estas palavras, mergulha o ferro no peito do inimigo,
a arder em fúria; e logo o corpo se regela e desfaz,
e a vida, com um gemido, se esvai, revoltada, para o mundo das sombras.[213]

[211] Inesperada rendição, dir-se-ia, da parte de um herói que, convicto da sua razão, prometera lutar até ao derradeiro suspiro. Rendição necessária, em todo o caso, para mais espantoso tornar o gesto de Eneias, na sua reacção.

[212] Sublime suspensão, que encerra, em si mesma, o desenlace da narrativa, o destino de Turno e de Eneias e, também, afinal, o destino de Roma.

[213] Gesto final, absurdo, desumano, bárbaro, mesmo, de Eneias, que, toldado pelas Fúrias, mata, dir-se-ia a sangue frio, o homem que a seus pés estava prostrado, rendido, impotente e suplicante. Uma morte desnecessária e inútil, além do mais. Mas nesse gesto bárbaro e cruel se fundou o futuro de Roma e a sua epopeia.

Acabou de imprimir-se
em Junho de 2020
na Rainho & Neves, Lda.

DEPÓSITO LEGAL 470188/20